**LUCIANA FRANCISCO**

# OS DEBATES SOBRE O MODERNISMO NOS PERIÓDICOS *A REVISTA* (BELO HORIZONTE, 1925-1926) E *VERDE* (CATAGUASES, 1927-1928;1929)

**ASSIS**
**2021**

**LUCIANA FRANCISCO**

# OS DEBATES SOBRE O MODERNISMO NOS PERIÓDICOS *A REVISTA* (BELO HORIZONTE, 1925-1926) E *VERDE* (CATAGUASES, 1927-1928;1929)

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras de Assis (FCL-Assis), para a obtenção do título de Mestra em História (Área de Conhecimento: História e Sociedade).

Orientadora: Profª Dr.ª Tania Regina de Luca.

Bolsista: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp, Processo nº 2018/14554-1).

**ASSIS**
**2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ana Cláudia Inocente Garcia - CRB 8/6887

F819d

Francisco, Luciana
Os debates sobre o modernismo nos periódicos A Revista (Belo Horizonte, 1925-1926) e Verde (Cataguases, 1927-1928;1929) / Luciana Francisco. Assis, 2021.
189 f. : il.

Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientadora: Profa. Dra. Tania Regina de Luca

1. Imprensa - História. 2. Modernismo. 3. Intelectuais. 4. Verde (Revista) - Periódicos. 5. A Revista - Periódicos. I. Título.

CDD 869.909

## CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: **OS DEBATES SOBRE O MODERNISMO NOS PERIÓDICOS *A REVISTA* (BELO HORIZONTE, 1925-1926) E *VERDE* (CATAGUASES, 1927-1928;1929)**

**AUTORA: LUCIANA FRANCISCO**

**ORIENTADORA: TANIA REGINA DE LUCA**

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em HISTÓRIA, área: História e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. TANIA REGINA DE LUCA (Participaçao Virtual)
Departamento de História / UNESP/FCL-Assis

Prof. Dr. GILBERTO FIGUEIREDO MARTINS (Participaçao Virtual)
Departamento de Estudos Linguísticos, Literários e da Educação / UNESP/FCL-Assis

Profa. Dra. ELIANA REGINA DE FREITAS DUTRA (Participaçao Virtual)
Departamento de História / UFMG/Belo Horizonte

Assis, 11 de fevereiro de 2021

*Ao amor de meus pais*

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho é fruto de um esforço coletivo de pessoas e instituições que tornaram a trajetória de pesquisa menos solitária e possível, a elas, cabe meu agradecimento.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo financiamento desta pesquisa (processo 2018/14554-1). Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa concedida (163082/2018-9) nos meses iniciais da pesquisa. Respaldo financeiro que me permitiu dedicação integral a minha formação e possibilitou a participação em eventos e atividades acadêmicas.

À Professora Tania Regina de Luca, por quem devo os meus mais sinceros agradecimentos pela orientação segura e sempre tão generosa.

À Professora Eliana Regina de Freitas Dutra e ao Professor Gilberto Figueiredo Martins, membros da banca examinadora, cujas sugestões e críticas contribuíram para o desenvolvimento desta dissertação.

À equipe de pesquisadores que integram o projeto *Portal Revistas de Ideias e Cultura – Revistas Modernistas Brasileiras*, em especial, ao Professor Luís Manuel Crespo Andrade e Pedro Lisboa pela orientação e suporte.

Ao Conselho Editorial da revista *Faces da História* (2018-2020) por dividir a tarefa de editar um periódico acadêmico com bom humor e responsabilidade. A vocês agradeço o amadurecimento profissional e amizade.

Aos integrantes do *Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares de Cultura, Política e Sociedade* (Gepicps) pela troca de leituras e discussões. Da mesma forma, agradeço aos colegas de orientação por partilhar o interesse nos estudos de periódicos e pelos tantos gestos de gentileza e parceria; definitivamente formamos um grupo, capaz de dividir as angústias e conquistas.

Aos funcionários e funcionárias da Unesp de Assis, que, dentro de suas mais diversas funções, contribuíram para minha formação. Cabe mencionar aqueles que trabalham na Biblioteca, na Seção de Pós-Graduação, no CEDAP e STAEPE pela atenção e presteza. De modo especial, aos professores que se fizeram presentes ao longo da minha formação no Departamento de História e, também, dos Departamentos de Literatura e Letras Modernas, por onde sempre transitei com o apoio das professoras da área de francês.

O afeto foi fundamental nesta jornada. Aos amigos e amigas que Assis me deu, sou grata pelos tantos cafés e conversas que permitiram aliviar os momentos de cansaço dos estudos. Aos

lá de casa, sobretudo ao apoio e incentivo que meus pais sempre fizeram questão de demonstrar, e à Mariana, por seu sorriso.

Por fim, agradeço à educação pública da qual pude contar ao longo de toda minha formação. Registro aqui minha defesa pelo ensino público de qualidade com incentivo e fomento de pesquisas. Ciência e educação são os pilares capazes de sustentar uma sociedade sã, em todos os seus sentidos.

FRANCISCO, Luciana. Os debates sobre o modernismo nos periódicos *A Revista* (Belo Horizonte, 1925-1926) e *Verde* (Cataguases, 1927-1928;1929). 2021. 189 f. Dissertação (Mestrado em História. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2021.

## RESUMO

O movimento modernista brasileiro foi construído coletivamente na sucessão de ideais, grupos e periódicos que surgiram ao longo da década de 1920, caminho pelo qual o icônico evento paulista de 1922 desdobrou-se e firmou raízes em outras partes do país. Por ser um meio de divulgação ágil e capaz de acompanhar a mutabilidade das ideias modernistas, as revistas tornaram-se as porta-vozes por excelência do movimento, sendo uma importante fonte para seu estudo. Deste quadro de revistas modernistas, há uma pluralidade de projetos que responderam às questões e aos desafios próprios de seu tempo e espaço na conjunção construtiva do movimento, e, neste sentido, o estado de Minas Gerais foi cenário de dois importantes periódicos: *A Revista* (Belo Horizonte, 1925-1926) e *Verde* (Cataguases, 1927-1928;1929) que, em conjunto, desenharam as experiências plurais do modernismo mineiro. Estas iniciativas foram analisadas de maneira sistemática com o objetivo de esclarecer suas particularidades sem perder de vista o diálogo mais amplo que mantiveram com as revistas congêneres de seu período, tarefa que permitiu redimensionar a atuação destas publicações mineiras no interior do movimento modernista. Articulados na rede intelectual modernista, os mineiros se envolveram no complexo jogo de aproximações, tensões e trocas que marcaram o projeto amplo de (re)construção da cultura e literatura nacional: o modernismo.

**Palavras-chave**: Modernismo; História da Imprensa; Revistas; Intelectuais; *A Revista*; *Verde*.

FRANCISCO, Luciana. The discussions about Modernism in the periodicals *A Revista* (Belo Horizonte, 1925-1926) and *Verde* (Cataguases, 1927- 1928;1929). 2021. 189 p. Thesis (Masters in History). School of Sciences, Humanities and Languages, São Paulo State University, Assis, 2021.

## ABSTRACT

The Brazilian modernist movement was built collectively on the succession of ideals, groups and periodicals that emerged throughout the 1920s, a path through which the iconic São Paulo event in 1922 unfolded and took roots in other parts of the country. As a means of agile dissemination and capable of accompanying the mutability of modernist ideas, the periodicals have become the spokesmen par excellence of the movement, being an important source for their study. Within this framework of modernist periodicals, there are a plurality of projects that answered the questions and challenges of their time and space in the constructive conjunction of the movement, and, therefore, the state of Minas Gerais was the scene of two important periodicals: *A Revista* (Belo Horizonte, 1925-1926) and *Verde* (Cataguases, 1927-1928;1929), that, together, drew the plural experiences of Minas Gerais modernism. These initiatives were systematically analyzed in order to clarify their particularities without losing sight of the broader dialogue they maintained with similar periodicals of their period, assignment that allowed to resize the performance of these publications from Minas Gerais within the modernist movement. Articulated in the modernist intellectual network, the groups were involved in the complex game of approximations, tensions and exchanges that marked the broad (re)construction project of national culture and literature: the Brazilian Modernism.

**Keywords:** Brazilian Modernism; Press' History; Periodicals; Intellectuals; *A Revista*; *Verde*.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Planta da Confeitaria Estrela em três dimensões, desenhada por Pedro Nava.....35
Figura 2 – Exemplar do jornal *Jaz-Band*, ago. de 1927.....43
Figura 3 – Capa da primeira edição de *A Revista*.....48
Figura 4 – Capa da revista *Klaxon*.....49
Figura 5 – Capa da revista *Estética*.....49
Figura 6 – Capa da *Revista do Brasil*.....49
Figura 7 – Exemplo de diagramação em *A Revista*.....50
Figura 8 – Expediente publicado nos dois primeiros números de *A Revista*.....51
Figura 9 – Anúncio publicado em *A Revista*, Confeitaria Estrela.....52
Figura 10 – Anúncio publicado em *A Revista*, Corona.....53
Figura 11 – Anúncios publicados em *A Revista*, serviços e comércio.....53
Figura 12 – Capa da primeira edição de *Verde*.....59
Figura 13 – Alterações da capa de *Verde* no terceiro número.....60
Figura 14 – Novas alterações da capa no quarto número de *Verde*.....61
Figura 15 – Chamada para anúncios em *Verde*.....63
Figura 16 – Anúncios de livros em *Verde*.....67
Figura 17 – Desenho de Rosário Fusco.....73
Figura 18 – Desenho de Maria Clemencia.....73
Figura 19 – Desenho de Norah Borges.....73
Figura 20 – Desenho de Pedro Nava para publicidade em *Estética*.....131
Figura 21 – Cabeçalho de lançamento do "Mês Modernista" em *A Noite*.....139
Figura 22 – Carlos Drummond retratado por Pedro Nava para o "Mês Modernista".....141

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Trabalhos desenvolvidos no Projeto de Estudos de Periódicos do IEB-USP.....21
Tabela 2 – Colaboradores de *A Revista* por número de contribuições e porcentagem.....55
Tabela 3 – Quantidade de anúncios publicados em *Verde* por edição.....63
Tabela 4 – Lista dos "Livros que os leitores de Verde devem ler" por local e data de publicação .....65
Tabela 5 – Livros e periódicos divulgados em *Verde* por local e data de publicação.....66
Tabela 6 – Seções publicadas em *Verde*.....69
Tabela 7 – Colaboradores de *Verde* por número de contribuições e porcentagem.....69
Tabela 8 – Periódicos mais citados em *Verde*.....126

## SUMÁRIO

**INTRODUÇÃO** ..... 12
**CAPÍTULO 1 - *A Revista* e *Verde*: uma leitura entre temporalidades** ..... 16
1.1 Revistas modernistas como objeto de pesquisa ..... 18
1.1.1 O caso das revistas mineiras ..... 25
1.2 Gênese dos grupos: o Estrela e os Verdes ..... 31
**CAPÍTULO 2 - *A Revista* e *Verde*: caracterização material** ..... 46
2.1 *A Revista* ..... 47
2.2 *Verde* ..... 58
**CAPÍTULO 3 - O modernismo em *A Revista* e *Verde*: diálogos possíveis** ..... 77
3.1 Conteúdo programático ..... 78
3.1.1 *A Revista* ..... 79
3.1.2 *Verde* ..... 83
3.2 Os modernismos de *A Revista* e *Verde* ..... 89
3.2.1 Tradição, nacionalismo e regionalismo ..... 89
3.2.2 Literatura e crítica ..... 102
**CAPÍTULO 4 - Revistas mineiras e suas contemporâneas em perspectiva sincrônica** ..... 128
4.1. O grupo Estrela entre as experiências de *Estética e Novíssima* ..... 130
4.2 Para além de Minas ..... 138
4.3 *Verde* no campo de disputas ..... 150
4.4 "Literatura será questão de amizade?" ..... 163
**CONCLUSÃO** ..... 175
**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS** ..... 178
**ANEXOS** ..... 187
I. Nomes mais citados em *A Revista* ..... 187
II. Nomes mais citados em *Verde* ..... 187
III. Obras mais citadas em *A Revista* ..... 188
IV. Livros mais citados em *Verde* ..... 188
V. Geográficos mais citados nas revistas ..... 189

*Com esses mineiros a gente nunca sabe. São extremamente ricos de vida interior e a cada nova leitura descobre-se mais um pouquinho deles. Quando tudo parece claro a gente percebe que está apenas no começo.*

Sérgio Milliet, *Diário Crítico I*, 1981, p. 267.

## INTRODUÇÃO

Modernismo[1] é um termo polissêmico e remete para um movimento artístico-literário específico. Movimento, por sua vez, alude para relações entre espaço e tempo e implica na ação de caminhar rumo a um objetivo comum, mesmo que este comporte múltiplas trajetórias possíveis. É justamente o caminho percorrido por poetas, escritores, artistas plásticos e músicos, as ideias que defenderam e os valores pelos quais lutaram que constituem o modernismo. Mais do que um conjunto fixo de ideais, tratou-se da reunião de indivíduos em torno de propostas, que comportavam diferentes compreensões, idas e vindas, num caleidoscópio complexo, configurando as "vanguardas em movimento",[2] cujo veículo privilegiado foram as revistas, publicações ágeis e capazes de dar conta das rápidas mutações que particularizavam o modernismo, fenômeno que não se restringiu ao Brasil.

A partir desta perspectiva, o modernismo não se resume a um determinado evento, grupo ou periódico, mas exige olhar atento de maior amplitude, levando em conta que a construção do movimento se fez na sucessão de pequenas revistas, surgidas em diferentes cidades do país, que compõem, na feliz expressão de Cecília de Lara, "elos de uma cadeia".[3] Assim, se a primeira revista foi lançada em 1922, após a emblemática Semana de Arte,[4] outras publicações surgiram no Rio de Janeiro e depois em cidades de Minas Gerais, desenhando um modernismo que se manifesta em cenário provinciano, mas que se projeta em direção à cena nacional, participando da construção coletiva do modernismo brasileiro.

A formação do quadro de revistas surgidas na primeira década do movimento modernista brasileiro permite visualizar "As coincidências entre o fim de uma publicação e o início de outra assinalam a continuidade, que não se quebra, da vigência do veículo que se erige

---

[1] "Modernismo", no dicionário de termos literários de Massaud Moisés, é definido como "vocábulo de precária extensão semântica" na medida em que o conceito apresenta vários sentidos ao longo da historiografia literária, em especial a partir do século XIX. No Brasil tem seu uso iniciado com a semana de 1922 e se desenrola em várias correntes ao longo do século XX. Cf. MOISÉS, Massaud. Modernismo. *Dicionário de termos literários.* São Paulo: Cultrix, 1988.

[2] Cf. MARQUES, Ivan. *Modernismo em revista:* estética e ideologia nos periódicos dos anos 1920. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013, p. 12.

[3] LARA, Cecília de. *A Revista*: um novo elo na cadeia de periódicos modernistas, prefácio à edição fac-símile. In: *A Revista.* São Paulo: Metal Leve S/A, 1978.

[4] A imagem da Semana de Arte Moderna de 1922 envolve um contínuo debate sobre seu caráter fundador do movimento. Para uma análise sobre as diversas visões do evento ao longo das décadas e grupos que (re)pensaram o moderno no Brasil ao longo do século XX ver ALAMBERT, Francisco. A fantasmagoria da Semana. In: FREITAS, Artur; KAMINSKI, Rosane (Orgs). *História e Arte:* encontros interdisciplinares. São Paulo: Intermeios, 2013, p. 177-200.

como porta-voz do Modernismo: o periódico".[5] Desta maneira, a aparente efemeridade das publicações precisa ser relativizada, pois os periódicos trabalharam na configuração de um projeto maior: a renovação e construção de uma literatura, cultura e intelectualidade brasileiras. Espelhando um conjunto de desafios próprios do momento e local em que surgem, cada revista apresentou sua especificidade de propostas e ideias, o que evidencia a existência plural de modernismos[6] que compõe um mesmo movimento em processo de construção.

A produção modernista mobilizou o periodismo na divulgação de seus ideais, apoiando-se também na imprensa jornalística, sobretudo na comunicação de seus manifestos, porém são as revistas que melhor permitem visualizar a formação de grupos e propostas de renovação do movimento.[7] Desse modo, o suporte revista não pode ser entendido como mero receptáculo de textos, mas, sim, como necessário exercício de compreender as particularidades da literatura pensada e produzida nesta imprensa.[8]

*Klaxon* (SP, 1922-1923) foi a primeira revista a abraçar a estética modernista e, apesar de sua curta duração, distinguiu-se pela irreverência combativa, ecoando suas buzinas pelo país afora. A publicação materializou o projeto modernista, liderado por Mário e Oswald de Andrade, constituindo-se em um espaço de livre manifestação de suas ideias e propostas, semente que se desdobrou no conjunto de impressos periódicos que atravessou toda a década de 1920. Com *Estética* (Rio de Janeiro, 1924-1925) o movimento modernista chegou à capital, adquirindo novas feições com a preocupação de repensar a cultura nacional, além do empenho crítico sobre o próprio movimento. Após a publicação do Manifesto da Poesia Pau Brasil (1924), o modernismo acrescentou uma nova questão à sua pauta: a pesquisa da brasilidade; neste sentido, o projeto modernista caminhou em direção à outras partes do país, com a criação de *A Revista* (Belo Horizonte, 1925-1926), primeiro periódico do modernismo mineiro. *A Revista* foi sucedida por *Terra Roxa e outras terras* (São Paulo, 1926) que teve o intuito de difundir o projeto modernista, incorporando a proposta do Manifesto de 1924. Na sequência, surgiu numa pequena cidade do interior mineiro a revista *Verde* (Cataguases, 1927-1928; 1929) que, com sua festividade jovem, relembrava os passos iniciais do movimento e evocava o espírito que motivou *Klaxon*. Entre *Terra Roxa* e a *Revista de Antropofagia* (São Paulo, 1928-

[5] LARA, Cecília de. *Op. cit.*, 1978, s/p.
[6] Sobre o uso plural do termo "modernismos" ver: MARQUES, Ivan. *Op. cit.*, p. 09.; VELLOSO, Monica Pimenta. *História e Modernismo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 29.
[7] É complexa a definição de revistas para estes periódicos, uma vez que alguns grupos publicaram suas ideias em formato de jornal, como é o caso de *Terra Roxa e outras terras* e a 2ª dentição da *Revista de Antropofagia*, ou ainda o suplemento literário *leite criôlo.*
[8] THÉRENTY, Marie-Éve. Pour une poétique historique du support. *Romantisme*, 2009/1 (n° 143), p. 109-115. DOI 10.3917/rom.143.0109.

1929), o periódico dos jovens de Cataguases atuou como "elo de transição"[9] da corrente pau-brasil para a antropofagia, difundida por um novo manifesto de irrequieto Oswald de Andrade.

Forma-se assim a imagem da onda modernista, bem exemplificada por Cecília de Lara,[10] que evocou a movimentação do mar que arrasta e conflui poetas e intelectuais mergulhados no objetivo comum de dar sequência ao projeto de (re)construção do nacional e do qual "surge o painel da construção coletiva do movimento, como uma onda crescente, que reúne modernistas do grupo inicial, incorpora os mais recentes, incentiva o aparecimento de novos". Nesse sentido, como também observou Lara, *Verde* foi a única revista modernista em circulação em 1927, tanto que polarizou colaboradores de grupos anteriores e abriu espaço para os novos que surgiam em outras partes do país. Isto se evidencia, também, por meio das correspondências[11] trocadas entre os participantes, em especial de Mário de Andrade que, a cada nova revista surgida, empenhava-se em colaborar e divulgar a nova voz do movimento, com constantes conselhos e orientações.[12]

Com *A Revista* e *Verde* consolidava-se a participação de Minas no movimento modernista, marcando a primeira presença do movimento para além do eixo São Paulo/Rio de Janeiro. A concepção de um modernismo mineiro não possui significado único e nem se resumiu ao mero provincianismo, tendo em vista a diversidade de projetos desenvolvidos neste cenário. Neste sentido, a adoção do plural contribui para que não haja uma definição simplista desta experiência modernista. Para a compreensão de como articulam estes modernismos mineiros é necessário buscar suas singularidades, ou seja, o envolvimento destes grupos com o ambiente em que se inserem e, também, a forma como cada um dos grupos reinterpreta sua tradição e a revela na cena nacional. Como proposto por Ivan Marques,[13] em seus estudos a respeito do modernismo belorizontino, é preciso ir além da visão predominante sobre o modernismo mineiro como um desdobramento do movimento paulista, e tampouco pode-se considerá-la uma simples reivindicação regionalista de sua existência como iniciativa isolada, sendo assim, é preciso um olhar atento às singularidades do modernismo provinciano em sua autonomia e limitações.

---

[9] Segundo Cecília de Lara: "Após *Verde*, a *Revista de Antropofagia* desferirá o último golpe na face passadista da região centro-sul [...]". Cf. LARA, Cecília de. A "alegre e paradoxal" revista *Verde* de Cataguases, prefácio à edição fac-símile. In: *Verde.* São Paulo: Metal Leve S/A, 1978, s/p.

[10] *Ibid*, s/p.

[11] As cartas configuram um espaço privilegiado de debates e trocas intelectuais no modernismo brasileiro. Para uma análise das revistas modernistas e da correspondência ligada a cada uma delas, ver: LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1926-1944)*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

[12] Sobre a característica pedagógica na epistolografia de Mário de Andrade ver: MORAES, Marcos Antonio. *Orgulho de jamais aconselhar:* a epistolografia de Mário de Andrade. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2007.

[13] MARQUES, Ivan. *Cenas de um modernismo de província:* Drummond e os rapazes de Belo Horizonte. São Paulo: Ed. 34, 2011.

Vale ressaltar a legitimidade dos projetos mineiros pela via do reconhecimento obtido junto aos principais intelectuais da Semana de 1922, enquanto outras iniciativas foram vistas como "dissidentes"[14] do modernismo. A validação de alguns projetos e periódicos em contraposição ao esquecimento e a deslegitimação de outros pode ser atribuída por três motivos combinados: a consagração pela crítica literária, que elege e hierarquiza nomes; os posicionamentos políticos destes intelectuais nas décadas seguintes, sobretudo durante o Estado Novo; e, até mesmo, por intermédio que se expressa nos pontos anteriores, os projetos editoriais fac-símiles que selecionam e investem em títulos que merecem voltar à circulação.

É justamente por entender uma publicação periódica como agente do seu tempo que pesquisadores sempre encontram renovado interesse nesse material e lhes colocam novos questionamentos. Mais do que apenas receptáculo de textos, o suporte revista dinamiza uma série de questões que envolvem a sua produção material e também a rede de amizades que ligam, a partir de contribuições, diferentes regiões do país, grupos intelectuais, leituras estéticas e políticas, nem sempre em harmonia. Trabalhar com revistas literárias, em especial as modernistas da primeira década, pressupõe sensibilidade para compreender que elas são mais do que produtos comerciais, são a expressão do envolvimento destes grupos e de ideais compartilhados (ou não) num dado momento. Ler estas revistas requer esforço para cruzar cartas e memórias que reconstruam, ainda que restem aspectos opacos, o ambiente e as pessoas envolvidas na composição destes periódicos e projetos que tinham em vista construir um dado futuro para a literatura e a cultura nacionais.

Com vista a responder as questões que concernem a participação mineira no movimento modernista com as publicações *A Revista* e *Verde*, a pesquisa dispôs a elaboração de 4 capítulos. O primeiro deles tem como proposta a leitura entre as temporalidades destas revistas ao acompanhar os grupos em dois momentos: o primeiro, anterior à produção destes periódicos, visando compreender a gênese dos grupos de ambos os projetos, o cenário em que surgem, a formação das ideias e as redes de sociabilidade; o segundo, décadas após estas publicações deixarem de circular, entender como estas revistas modernistas, em especial as mineiras, ganharam (re)interesse e foram tomadas como objetos de estudo em pesquisas acadêmicas, adquirindo novas perspectivas ao longo do tempo.

[14] Ao analisar o movimento modernista, Prado estuda a relação de autores e grupos que se distanciaram dos ideais vanguardistas ao se comprometerem com ideologias da direita e, nesta contraposição, configuraram-se como "falsa vanguarda" no modernismo. Ver PRADO, Antonio Arnoni. *1922 – Itinerário de uma falsa vanguarda*: os dissidentes, a Semana e o Integralismo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

Constituída a trajetória de formação dos grupos e a consagração destes periódicos na história literária, cabe apresentá-las. Neste sentido, no segundo capítulo foi desempenhada a descrição sistemática de ambas as revistas em seus aspectos materiais, bem como a organização do conteúdo e seus colaboradores, uma vez que estes periódicos são tomados como objetos de pesquisa; a materialidade deste suporte colocou-se como uma questão de investigação. Entendendo o movimento modernista enquanto construção coletiva, competirá a reflexão sobre a atuação das revistas mineiras neste processo.

O terceiro capítulo concentrou-se na análise das propostas destes grupos em seus manifestos e programas de abertura para compreender, num primeiro momento, o projeto no qual se orientavam e planejavam contribuir nos rumos do movimento. Dedicando-se sobretudo às propostas comuns de renovação estética e cultural em perspectiva da tradição face ao nacionalismo e regionalismo, um segundo momento de investigação acompanhou o desenvolvimento destas questões no conteúdo publicado em *A Revista* e *Verde*, avaliando tensões e disputas que se revelam nestes textos.

Em vista às cisões e aos embates que envolveram o movimento modernista, o quarto capítulo volta-se a uma visão sincrônica das revistas mineiras, afim de investigar o desenvolvimento de polêmicas que atingiram nomes centrais do movimento, como Mário de Andrade, e as formas que *A Revista* e *Verde* encontraram para enfrentar os problemas de seu tempo, sem deixar de lado a defesa pela manutenção de suas posições no modernismo brasileiro. Tal perspectiva permitirá (re)colocar questões a este quadro de periódicos da década de 1920, assim como compreender a atuação dos grupos mineiros no modernismo, revelando alianças, tensões e disputas presentes no movimento.

# CAPÍTULO 1

## *A Revista* e *Verde*: uma leitura entre temporalidades

A pesquisa pautou-se, neste primeiro momento, na leitura entre temporalidades sobre estas revistas e seus grupos. Décadas após o fim destas publicações, empreendimentos editoriais fac-símiles da década de 1970 deram novo destaque e circulação às revistas modernistas, fato que recolocou em debate a importância destes periódicos para a história do modernismo e, consequentemente, motivaram pesquisas acadêmicas, tal como o projeto pioneiro desenvolvido no IEB. Neste mesmo período, entrevistas foram concedidas e as memórias revisitadas apresentaram impressões contrastantes destes personagens, então maduros e com carreiras consolidadas, a respeito dos projetos modernistas que os animaram em juventude.

Num salto temporal, acompanhamos a trajetória de formação dos grupos responsáveis por *A Revista* e *Verde*, bem como os aspectos das cidades que lhes serviram de cenário. Na capital mineira, antes mesmo de se aliarem à estética modernista, o chamado "Grupo do Estrela" reuniu jovens universitários que debatiam literatura nas mesas do bar que lhes deu nome; foi ali que aos poucos a carreira literária e intelectual começou a se formar e textos experimentais modernistas foram publicados no jornal *Diário de Minas*, onde eram colaboradores. A chegada da "Caravana Paulista" na cidade, em 1924, acentuou a vinculação modernista destes jovens do Estrela e, motivados pelo contato e amizade firmada com nomes como Mário de Andrade, lançaram *A Revista* no ano seguinte, fato que marcou a primeira presença do modernismo para além dos centros SP-RJ. Anos depois, a iniciativa de criar uma revista modernista na pequena Cataguases surgiu de jovens que, em sua maioria, cursavam o ensino secundário. Após lançarem seu primeiro número, que contou com a presença de alguns escritores do grupo do Estrela, entraram em contato com os modernistas paulistas, como Mário de Andrade e Alcântara Machado, que não mediram esforços para dar continuidade ao projeto, com incentivo e orientações.

## 1.1 Revistas modernistas como objeto de pesquisa

As revistas modernistas continuam a despertar o interesse de pesquisadores do tema assim como também de um público mais amplo, e esta tendência pode ser observada pelos projetos editoriais fac-símiles, que as recolocaram em circulação e, consequentemente, incentivaram a leitura e as revisões destes periódicos expressivos do modernismo mineiro. Em 2014, foram selecionados alguns títulos para integrar a coleção *Revistas do Modernismo: 1922-1929* entre eles *Klaxon*, *Estética*, *A Revista*, *Terra Roxa e outras terras*, *Verde* e a *Revista de Antropofagia*. Organizada pelos professores Pedro Puntoni e Samuel Titan Jr., o conjunto foi publicado pela Imprensa Oficial de São Paulo e contou com apoio de outras instituições

paulistas, a saber: a Biblioteca Mário de Andrade, Biblioteca Brasiliana José e Guita Mindlin, Fundação Perceu Abramo, Universidade de São Paulo (USP), Prefeitura Municipal de São Paulo e Governo do Estado. Um cuidadoso projeto gráfico que procurou reproduzir com fidelidade aspectos materiais e gráficos, enriquecido com textos de apresentação assinados por pesquisadores do tema.[15]

Anteriormente, projetos fac-símiles da década de 1970 já haviam publicado uma primeira edição destes mesmos títulos. Motivados pela comemoração do cinquentenário do movimento, algumas editoras relançaram as coleções completas destas revistas modernistas, que, naquele momento, eram tidas como raridades bibliográficas. Além de recolocá-las em circulação, os projetos eram acompanhados por prefácios que buscavam apresentar as respectivas publicações e esclarecer o papel destas revistas no desenvolvimento do modernismo brasileiro. Neste período, os títulos escolhidos e publicados foram: *Estética* (1974),[16] *Revista de Antropofagia* (1975),[17] *Klaxon* (1976),[18] *Terra roxa e outras terras* (1977),[19] *A Revista* (1978),[20] *Verde* (1978)[21] e *Festa* (1980).[22] Essas edições, esgotadas há muito tempo, podem ser facilmente acessadas na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e no acervo digital da Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin da USP.

A respeito das edições fac-símiles das revistas modernistas da década de 1970, pode-se observar certa predileção aos títulos paulistas associados à vanguarda paulista de 1922; em contrapartida, a ausência de alguns títulos também se faz notar. [23] Se acrescentada a esta lista a

---

[15] Respectivamente, os textos de apresentação que acompanham as revistas: Gênese Andrade "*Klaxon*: uma revista gritante", Eduardo Coelho "*Estética*: uma afirmação construtiva do modernismo", Ivan Marques "Modernismo à mineira", Antonio Arnoni Prado "*Terra roxa e outras terras*", Júlio Castañon Guimarães "*Verde* – uma revista e arredores" e Eucanaã Ferraz "Notícia (quase) filológica".

[16] *Estética* (Rio de Janeiro, 1924-1925). Edição fac-similar comemorativa. Rio de Janeiro: Gernasa/Prolivro, 1974. Texto complementares: "Vida da Estética e não Estética da Vida" por Pedro Dantas e "Glossário de Homens e coisas da Estética" por Mario Camarinha.

[17] *Revista de Antropofagia* (São Paulo, primeira dentição, 1928-1929; São Paulo, segunda dentição, 1929). Edição fac-similar. São Paulo: Abril Cultural/Metal Leve S/A, 1975. Texto de apresentação: "Revistas re-vistas: os antropófagos" por Augusto de Campos.

[18] *Klaxon* (São Paulo, 1922-1923). Edição fac-similar de *Klaxon*. São Paulo: Martins/ Secretaria da Cultura Ciência e Tecnologia, 1976. Texto de apresentação: "O Alegre combate de *Klaxon*" por Mário da Silva Brito.

[19] *Terra Roxa e outras terras* (São Paulo, 1926). Edição fac-similar. São Paulo: Martins/ Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977. Texto de apresentação: "*Terra roxa...e outras terras*: um periódico Pau-Brasil" por Cecília de Lara.

[20] *A Revista* (Belo Horizonte, 1925-1926). Edição fac-similar. São Paulo: Metal Leve S/A, 1978. Texto de apresentação: "*A Revista*: um novo elo na cadeia de periódicos modernistas" por Cecília de Lara.

[21] *Verde* (Cataguases, primeira fase, 1927-1928; Cataguases, segunda fase, 1929). Edição fac-similar. São Paulo: Metal Leve S/A, 1978. Texto de apresentação: "A 'alegre e paradoxal' revista *Verde* de Cataguases" por Cecília de Lara.

[22] *Festa* (Rio de Janeiro, primeira fase, 1927-1929). Edição fac-similar. Rio de Janeiro: PLG-Comunicações/Inelivro, 1980. A edição não trouxe textos complementares.

[23] Tania Regina de Luca realizou o levantamento das edições fac-símiles das revistas modernistas publicadas ao longo da década de 1970. Cf. LUCA, Tania R. de. A construção do ideal modernista: o lugar das revistas. In:

coleção fac-símile de 2014, tal tendência pode ser novamente observada, visto que a escolha se deu pelos mesmos títulos, com exceção da revista *Festa* (Rio de Janeiro, 1927-1928; 1934-1935) e de outras revistas do período, como *Novíssima* (São Paulo, 1924-1926).[24]

Além destas iniciativas já consagradas no meio editorial, outras buscaram despertar o interesse e o reconhecimento de experiências modernistas diversas. Em 1978, o governo estadual da Bahia apoiou a realização do projeto de edição fac-símile da revista *Arco e Flexa* (1928-1929), representante do modernismo baiano.[25] Em Porto Alegre, a revista *Madrugada* (Porto Alegre, 1926)teve sua edição fac-similar organizada por Paula Ramos e publicada pela Editora UniRitter em 2006.[26] Outro exemplo entre as experiências do modernismo em Minas, a edição fac-similar da revista *leite criôlo* (Belo Horizonte, 1929)[27] veio a público em 2012 por iniciativa de instituições governamentais e do Instituto Cultural Amilcar Martins. É evidente, portanto, que os projetos editoriais partem sempre de uma escolha, seja entre grupos, localidade ou aproximação estética, fato que, sem sombra de dúvidas, influencia na valorização e/ou esquecimento de alguns títulos na história literária.

Em paralelo ao trabalho de publicação fac-símile das revistas do modernismo brasileiro, pode-se citar, no campo acadêmico, pesquisas desenvolvidas no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP); atividades simultâneas que colaboraram por valorizar o papel singular dos periódicos na consagração dos ideais modernistas. O projeto pioneiro de estudos de periódicos literários no Brasil foi idealizado pelo Prof° José Aderaldo Castello quando, em 1950, apontou a necessidade de uma análise detalhada de jornais e revistas para a compreensão deste período e dos movimentos literários como um todo enquanto realizava seu doutoramento a respeito do romantismo brasileiro. Desta ideia, Castello empenhou-se no levantamento de periódicos literários relevantes desde 1808, com a criação da Imprensa Régia no Brasil. Os acervos paulistas foram fundamentais para a realização deste amplo projeto, dado o grande número de revistas e jornais constantes no IEB, sobretudo na

---

FLORES, Maria Bernadete Ramos; PIAZZA, Maria de Fátima Fontes. (Orgs.) *História e Arte:* movimentos artísticos e correntes intelectuais. Campinas: Mercado de Letras, 2011, p. 221-235.

[24] Entre outras questões, a falta de publicações fac-símile da revista *Novíssima* pode ser explicada pela dificuldade de acesso à coleção, e mesmo alguns de seus números não foram encontrados. A pesquisadora Maria Lúcia Fernandes Guelfi relata este obstáculo em seu livro. Cf. GUELFI, Maria Lúcia F. *Novíssima*: Contribuição para o estudo do Modernismo. São Paulo: IEB/USP, 1987. p. 16-17.

[25] *Arco e Flexa* (Salvador, 1928-1929). Edição fac-similar. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978.

[26] RAMOS, Paula (Org.) A Madrugada da Modernidade (1926). Porto Alegre: Editora UniRitter, 2006.

[27] *leite criôlo* (Belo Horizonte, 1929). Edição fac-similar. MARTINS FILHO, Amilcar Vianna; CABRAL, Cleber Araújo (Orgs.). Belo Horizonte: Instituto Cultural Amílcar Martins, 2012. Prefácio de Fernando Correia Dias e estudo crítico de Miguel de Ávila Duarte.

Coleção Mário de Andrade, o que possibilitou o início desta jornada num período anterior às hemerotecas digitais.

Com meta do estudo sistemático de periódicos e grupos representativos de movimentos literários, o projeto incluía, portanto, as revistas do modernismo brasileiro. Mobilizada por esta proposta, já na década de 1970, a Professora Cecília de Lara assumiu a coordenação do grupo de estudos coletivos ligado ao Programa de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo, orientando trabalhos em que cada pesquisador se encarregou do estudo sistemático de uma única revista, o que assinalava, por sua vez, um dos elos dessa cadeia de periódicos modernistas. Neste projeto, dentre as revistas literárias da década de 1920 surgidas a partir da Semana de Arte Moderna, foram desenvolvidos os seguintes trabalhos:[28]

**Tabela 1.** Trabalhos desenvolvidos no Projeto de Estudos de Periódicos do IEB-USP

| Periódico | Título do trabalho | Nível | Pesquisador | Orientador |
|---|---|---|---|---|
| *Klaxon* (SP, 1922-1923) | *Klaxon & Terra Roxa e outras terras:* dois periódicos modernistas de São Paulo | Doutorado | Cecília de Lara | Prof. Dr. José Aderaldo Castello |
| *Revista do Brasil* (São Paulo, 1922-1924) | A *Revista do Brasil* e a formação de uma consciência nacional | Mestrado | Martha Lívia Volpe Orlov | Profa. Dra. Cecília de Lara |
| *O Mundo Literário* (RJ, 1922-1926) | *O Mundo Literário*: um periódico da década de 20 no Rio de Janeiro | Mestrado | Eneida Maria Chaves | Profa. Dra. Cecília de Lara |
| *Novíssima* (São Paulo, 1923-1926) | *Novíssima*: contribuição para o estudo do modernismo | Mestrado | Maria Lúcia Fernandes Guelfi | Profa. Dra. Cecília de Lara |
| *Estética* (RJ, 1924-1925) | A revista *Estética*: contribuição para o estudo do modernismo | Mestrado | Maria Célia de Moraes Leonel | Profa. Dra. Cecília de Lara |
| *A Revista* (BH, 1925-1926) | *A Revista*: contribuição para o estudo do modernismo | Mestrado | Margaret Abdulmassih Wood da Silva | Profa. Dra. Cecília de Lara |
| *Terra Roxa e outras terras* (SP, 1926) | *Klaxon & Terra Roxa e outras terras:* dois periódicos modernistas de São Paulo | Doutorado | Cecília de Lara | Prof. Dr. José Aderaldo Castello |
| *Revista do Brasil* (RJ, 1926-1927) | *Revista do Brasil* – 2ª fase: contribuição para o estudo do modernismo | Mestrado | Marilda Aguiar Balieiro Ikeda | Prof. Dr. José Aderaldo Castello |

[28]A listagem completa dos trabalhos desenvolvidos no projeto pode ser conferida em: SILVA, Margaret Abdulmassih Wood. O Projeto de Estudos de Periódicos do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. *Revista do IEB*, n. 21, 1979, p. 117-122.

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| *Festa* (RJ, 1927-1928; 1934-1935) | *Festa*: contribuição para o estudo do modernismo | Mestrado | Neusa Pinsard Caccese | Prof. Dr. José Aderaldo Castello |
| *Verde* (Cataguases, 1927-1928;1929) | *Verde*: contribuição para o estudo do modernismo | Mestrado | Kátia Bueno Romanelli | Profa. Dra. Cecília de Lara |
| *Revista de Antropofagia* (SP, 1928) | Vanguarda antropofágica | Doutorado | Maria Eugênia da Gama Alves Boaventura | Prof. Dr. José Aderaldo Castello |
| *Arco e Flexa* (Salvador, 1928-1929) | *Arco e Flexa*: contribuição para o estudo do modernismo | Mestrado | Ívia Iracema Duarte Alves | Prof. Dr. José Aderaldo Castello |
| *Movimento Brasileiro* (RJ, 1929-1930) | *Movimento Brasileiro*: contribuição para o estudo do modernismo | Mestrado | Maria Eugênia da Gama Alves Boaventura | Prof. Dr. José Aderaldo Castello |

**Fonte:** SILVA, Margaret Abdulmassih Wood. O Projeto de Estudos de Periódicos do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. *Revista do IEB*, n. 21, 1979, p. 117-122. Elaboração da autora.

Como se pode notar na recorrência entre os títulos – contribuição para o estudo do modernismo – o sentido das pesquisas era de iluminar um periódico de cada vez, com o pressuposto de que, em conjunto, esclareceriam a importância destas revistas como fontes primárias do movimento modernista no Brasil. Estas dissertações e teses possuem a mesma estrutura, já que seguiram rigorosamente o roteiro de pesquisa elaborado e estipulado pelo Professor Castello; um estudo guiado por orientação esquemática e desenvolvido coletivamente.

No prefácio ao livro de Roselis Oliveira de Nápoli a respeito do periódico *Lanterna Verde* (Rio de Janeiro, 1934-1938; 1943-1944), Castello apresenta o roteiro completo, discriminando cada etapa a qual o pesquisador deveria seguir, composto por dois planos:[29] o primeiro, "Roteiro de pesquisa para o estudo de um periódico como expressão de 'grupo' ou de Movimento", era composto por seis etapas: 1. Levantamento bibliográfico; 2. Leitura e fichamento da bibliografia; 3. Elaboração das fichas de leitura; 4. Leitura e fichamento do periódico; 5. Leitura e fichamento das obras dos integrantes do grupo ou de autor; 6. Esquema básico para o desenvolvimento da monografia sobre o periódico. Este último ponto discrimina e prevê a estruturação dos trabalhos em cinco capítulos, mais os apêndices, o que explica a organização análoga das dissertações e teses.

[29] Cf. CASTELLO, José Aderaldo. A pesquisa de periódicos na literatura brasileira. *In*: NAPOLI, Roselis Oliveira de. *Lanterna Verde e o Modernismo*. São Paulo: IEB, 1970. p. 3-7.

Levando em conta que a proximidade temporal permitia que muitos dos integrantes daqueles periódicos ainda estivessem vivos e dispostos a falar sobre suas experiências, o segundo roteiro estabelecia parâmetros para a realização de entrevistas, em três etapas: 1. Levantamento bibliográfico do escritor a ser entrevistado; 2. Entrevista preliminar com o autor; 3. Roteiro de entrevista com remanescentes do grupo. As entrevistas realizadas por estes pesquisadores constituem fontes indispensáveis para aqueles interessados em estudar o modernismo, seja pelos autores, grupos ou periódicos, visto que as perguntas foram bem direcionadas, esclarecem pontas soltas desta produção literária, e demonstram a repercussão desta atividade em juventude revista pela memória destes participantes.

O roteiro de pesquisa proposto pelo Prof. Castello traz as marcas de seu tempo. Todavia, hoje com o auxílio da tecnologia, acesso aos acervos virtuais, bancos de dados ou o desenvolvimento no campo transdisciplinar das chamadas "humanidades digitais".[30] Não somente em questões práticas de pesquisa o projeto do IEB pode ser atualizado, mas toda a historiografia que as sucedeu possibilitou pensar os estudos de periódicos por novas perspectivas e metodologias de pesquisa. Contudo, ainda que passível de revisão, são inegáveis o pioneirismo e a relevância deste projeto para todos os estudos que partem do periodismo na pesquisa literária realizada no Brasil.

Com ênfase na metodologia de indexação, o projeto "Poéticas contemporâneas" desenvolvido pelo Núcleo de Estudos Literários e Culturais (NELIC) na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) parte de uma outra leitura de periódico e arquivo que difere dos trabalhos realizados junto ao IEB. Coordenado pela Professora Maria Lúcia de Barros Camargo, os pesquisadores envolvidos no projeto Poéticas Contemporâneas partem da noção de arquivo desenvolvida por Jacques Derrida em *Mal de arquivo*[31] e, levando em consideração os avanços da informatização na pesquisa com periódicos, desenvolveram uma ficha de leitura que possibilita gerar um banco de dados.

As diferenças entre metodologias aplicadas no "Projeto de estudos de periódicos literários" do IEB/USP em comparação ao "Poéticas contemporâneas" do NELIC/UFSC foram apresentadas por Fernando Floriani Petry (integrante do grupo catarinense) no artigo

[30] As "humanidades digitais" estão se constituindo como campo de pesquisa transdisciplinar que leva em consideração o uso de recursos tecnológicos e digitais em pesquisas na área das ciências humanas. Ver mais em: MARQUES, Fabrício. A realidade que emerge da avalanche de dados. *Pesquisa Fapesp*, São Paulo, edição 255, mai.2017. Disponível em: https://revistapesquisa.fapesp.br/2017/05/23/a-realidade-que-emerge-da-avalanche-de-dados/. Acesso em: 22 out. 2019.

[31] DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo.* Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

"Arquivando conceitos: metodologias em revista",[32] fruto de sua dissertação de mestrado intitulada "*O cão e o frasco, o perfume e a cruz*: arquivo *Rosa-Cruz* revisitado"[33] defendida pelo programa de Pós-graduação em Literatura da UFSC. Em sua dissertação, Petry discute as diferentes leituras que um mesmo periódico pode apresentar diante do pesquisador a partir da metodologia de indexação por ele aplicada; é o caso da revista simbolista *Rosa Cruz* (Rio de Janeiro, 1901-1904), anteriormente estudada por Prof. Antonio Dimas em sua dissertação de mestrado defendida na USP no contexto de pesquisas do IEB. Ambos os pesquisadores constroem leituras diferentes, o que não significa que uma deslegitime outra, no entanto, esta distinção atenta ao processo de indexação disponível nos estudos de periódicos. Da mesma forma, não cabe desconsiderar a metodologia proposta por Castello, tampouco segui-la rigorosamente hoje, em um momento muito diverso daquele em que foi elaborada:

> Repetir hoje o trabalho do IEB seria ignorar os 40 anos de pesquisa em periódicos no Brasil; ignorar novas abordagens e concepções de noções fundamentais para a pesquisa; seria ignorar, sobretudo, o próprio trabalho do IEB, que, embora datado, ainda deixa vestígios em nossos trabalhos posteriores.[34]

Novas visões metodológicas abrem perspectivas diversas para o estudo de impressos periódicos enquanto fonte e objeto ao historiador. [35] Para além da sistematização diacrônica – a publicação vista em seu percurso de tempo –, é possível traçar outras problemáticas quando determinados periódicos são inseridos numa análise sincrônica com as demais publicações que circularam num mesmo período e o possível diálogo mantido entre elas.[36]

Tal ponto de vista pode alargar e redimensionar o pesquisador a certa perspectiva interligada de periódicos numa rede de projetos em diálogo e/ou disputas pela sua legitimidade e posicionamento no interior do movimento modernista. Seguindo esta metodologia, é necessário promover o confronto entre as informações provenientes da própria fonte e aquelas

---

[32] PETRY, Fernando Floriani. Arquivando conceitos: metodologias em revista. *Patrimônio e Memória*, Cedap – Unesp/Assis, v.7, n.2, p. 250-275, dez. 2011.
[33] PETRY, Fernando Floriani. *O cão e o frasco, o perfume e a cruz*: arquivo *Rosa-Cruz* revisitado. 2011. 229 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.
[34] PETRY, Fernando Floriani. *Op. cit.*, 2011, p. 251.
[35] A trajetória de pesquisa da historiadora Tania Regina de Luca apresenta algumas possibilidades metodológicas no trabalho de periódicos impressos enquanto fonte e objeto, bem como as perspectivas que abrem novas problemáticas. Cf. LUCA, Tania Regina de. Impressos periódicos: percursos de pesquisa. *In:* ISAIA, Artur César; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes (Orgs.). *Memória e identidade*: entre oralidade e escrita. Canoas: Editora Unisalle, 2018. p. 08-25.
[36] A historiadora traçou nova problemática aos pesquisadores quando inseriu a *Revista do Brasil* (RJ, 1916-1944) numa análise sincrônica que abarcou as revistas modernistas e os diálogos mantidos entre as publicações. Cf. LUCA, Tania Regina de. *Leituras projetos e (re)vista(s) do Brasil*. *Op. cit.*, 2011.

que surgirem da pesquisa dos atores envolvidos na produção e colaboração destas revistas contemporâneas, auxiliando o estabelecimento da rede de sociabilidades, o que pode revelar uma estrutura complexa da história dos periódicos modernistas no Brasil e do contexto no qual estão inseridos.

Diante desta proposta metodológica, torna-se possível a retomada dos estudos sobre periódicos modernistas iniciados com o projeto do IEB, sobretudo para revisão de uma leitura abrandada e institucionalizada das histórias literárias que consagram alguns títulos em detrimento de outros. Neste sentido, reitera-se sobre: "[...] a importância de se colocar as revistas em confronto, num movimento que não se detém no estudo isolado de um título, mas o confronta com seus contemporâneos. É mais do que tempo de se retomar, ainda que em outros termos, o fecundo e pioneiro projeto de José Aderaldo Castello".[37]

### 1.1.1 O caso das revistas mineiras

A participação mineira no modernismo com *A Revista* e *Verde*, marcando a primeira presença do movimento para além do eixo São Paulo/Rio de Janeiro, foi composta de experiências que não permaneceram restritas em seus centros, alcançando repercussão nacional, tanto em seus períodos, como também em seus projetos reconhecidos pela história literária, contando ainda com estudos acadêmicos que tomaram estas revistas como objeto de pesquisa.

A primeira edição fac-símile das revistas mineiras *A Revista* e *Verde*, ambas de 1978, contou com o patrocínio da Metal Leve, empresa paulista presidida pelo bibliófilo José Mindlin, responsável pela empreitada de reedição de alguns títulos do início do século XX. Como dito, o projeto também trouxe importantes textos de apresentação, assinados, respectivamente, pela pesquisadora Cecília de Lara e o bibliófilo Plínio Doyle,[38] acrescido de depoimentos de integrantes dos grupos, Pedro Nava,[39] de *A Revista*, e Guilhermino César,[40] de *Verde*.

Para os que estiveram envolvidos com a publicação desses periódicos, atividade que remete à juventude, inevitavelmente evocou memórias e convidou os integrantes a reavaliar sua participação muito tempo depois, ora tomada na chave do saudosismo, das emoções e das amizades, ora pelo constrangimento de produções imaturas ou por opiniões ali expressas. Vale

[37] LUCA, Tania Regina de. A construção do ideal modernista: o lugar das revistas. *Op. cit.*, 2011. p. 233.
[38] A edição trazia os índices das respectivas revistas constantes na obra: DOYLE, Plínio. *História de revistas e jornais literários*. Rio de Janeiro: MEC/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1976, vol. I.
[39] NAVA, Pedro. Recado de uma geração. *A Revista*. São Paulo: Metal Leve S/A, 1978, s/p.
[40] CÉSAR, Guilhermino. Os Verdes da *Verde*, depoimento à edição fac-simile. In: *Verde*. São Paulo: Metal Leve, 1978, s/p.

apontar algumas destas sensações provocadas pelas reedições fac-similares das revistas mineiras ou por pesquisadores que desenvolveram trabalhos no âmbito da pós-graduação.

Impressões díspares sobre a contribuição destes periódicos para o modernismo brasileiro eram expressas nas memórias dos integrantes de *Verde*. No depoimento para a reedição de 1978, Guilhermino César rememorou com entusiasmo e saudosismo os passos iniciais desta aventura modernista e as repercussões que a revista teve em seu período; com júbilo recebia os estudos que estavam sendo realizados em torno dela. Assim, deixando "de lado qualquer juízo de valor" revivia os momentos de juventude quando, à época, já era professor de Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Opinião diversa teve Francisco Inácio Peixoto, que não contribuiu com seu depoimento para o projeto de José Mindlin. A divergência foi comentada em carta trocada entre os amigos, quando Guilhermino o questionou sobre o desinteresse com o projeto do grupo verde e o ambiente da Cataguases dos anos 1920:

> V. precisa acabar com esse pessimismo. Verde é coisa séria, meu caro senhor. Estou aqui cheio de perguntas sobre ela, V., Fusco, Ascânio. Em São Paulo, da última vez, a gente do Instituto de Letras da USP queria saber tudo sobre nossas verdices. Paulo Emílio escreveu sobre a Phebo e Humberto uma tese. Uma sirigaita da Bahia anda me atropelando, em busca de informes sobre Meia-pataca. Foi Verde uma coisa séria. Sério é tudo que a gente acha que é (imito a definição de conto dada pelo Mário de Andrade). Qual a revistinha de moços, antes ou depois, que deixou esse rastro? Diga, seu merda. Diga![41]

Em entrevista de 1981,[42] Francisco Inácio Peixoto, que então era um promissor industrial do ramo de tecidos em Cataguases, expressou descrença no projeto que, na juventude, tanto o animara:

> [...] a única observação é o meu pasmo diante do interesse achado por uma coisa que para nós, hoje, pelo menos para mim, não tem importância nenhuma, pelo contrário, é causadora de grandes vergonhas. Eu falo por mim. Já disse que o Guilhermino me censura. Não sei se porque eu estou mais perto do local do crime e que vejo as coisas de um outro ângulo [...]. Eu estou convencido de que tudo não tem nenhuma importância, mas o Guilhermino é uma criatura esplêndida, incapaz de agredir.[43]

---

[41] Guilhermino César a Francisco Inácio Peixoto, 08/01/1974. *Apud*: MENEZES, A. L. G. R. L. *Amizade "carteadeira":* o diálogo epistolar de Mário de Andrade com o Grupo Verde de Cataguases. 2013. 433 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013. p. 304.

[42] Entrevista de Francisco Inácio Peixoto. *Apud* ROMANELLI, Kátia Bueno. *A revista Verde:* contribuição para o estudo do modernismo brasileiro. 1981. 265 f. (Dissertação de Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1981. p. 192-207.

[43] *Ibid*., p. 199-200.

Discordou até mesmo do fato de a revista ser classificada como modernista, qualificando-a como "uma porcaria" dotada de interesse "apenas folclórico". Na mesma entrevista, relembrou conversa com Oswald em 1945, por ocasião do Primeiro Congresso de Escritores realizado em São Paulo, quando declarou ao colega paulista não compreender o interesse em *Verde*. Conforme relatou, a resposta foi contundente: "Vocês nem calculam o quanto representou para nós a *Verde*, de entusiasmo, de vontade de criar".

Em relação à publicação de Belo Horizonte, o depoimento de Pedro Nava, estampado na reedição da Metal Leve, foi atravessado por rememoração positiva e compreensiva da produção tida, por vezes, como imatura, além de ressaltar o grande interesse de *A Revista*, uma vez que nela pode ser encontrada a gênese de pensamento cultural que ganharia projeção nacional nos anos posteriores, especialmente quando alguns de seus integrantes ou pessoas próximas que compuseram a rede de amizades assumiram cargos políticos ou atuaram em projetos que integravam o círculo de Gustavo Capanema, quando este esteve à frente do Ministério da Cultura.

Vale apontar que Drummond, mesmo colocando à disposição seus exemplares para reimpressão, discordou do projeto por considerar que a revista abrigou suas produções iniciais de "pouco valor", protesto que José Mindlin registrou na apresentação.[44] O poeta, então consagrado, explicou o conflito no artigo "*A Revista*, de novo. Interessa?", que se abre com provocativa pergunta: "Serão fantasmas?" para, logo em seguida, reconhecer que, em perspectiva histórica, estas revistas modernistas tinham algo de valor a contar. Confessou o motivo de sua resistência ao projeto de Mindlin:

> [...] eu simplesmente sentia enjoo pelo que escrevera há mais de meio século, e que em verdade não merecia as honras da reimpressão. Mas com isto sacrificava à minha autocrítica, para não dizer o meu egoísmo, um documento modernista de interesse para o estudo da atmosfera intelectual na década de 20. Pois *A Revista*, quer se goste ou não dela, exprime alguma coisa do seu meio e de seu tempo.[45]

Passadas algumas décadas, a ideia de ter marcado seu tempo prevalece em relação aos descontentamentos com a produção de juventude, na compreensão de que estas revistas eram, de fato, documentos de uma época. Em bilhete de 1983, Pedro Nava agradeceu a Francisco

[44] "A reimpressão fac-similar de *A Revista* [...] é feita sob protesto de um de seus fundadores, Carlos Drummond de Andrade, que não considerou válido fazer ressurgir do passado uma produção literária a seu ver de pouco valor [...]". MINDLIN, José. Apresentação. *A Revista* (Belo Horizonte, 1925-1926). Edição fac-similar. São Paulo: Metal Leve S/A, 1978.

[45] ANDRADE. Carlos Drummond de. "*A Revista*, de novo. Interessa?". *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 21 set. 1978.

Inácio Peixoto pelo envio de *Chamada Geral*[46] e, numa aproximação entre os objetos livro e a edição fac-similar das revistas modernistas, revelou este mesmo sentimento de terem deixado marcas do que viveram, acreditaram e construíram:

> muito obrigado pela remessa de *Chamada Geral.* Vai para minha estante ficar juntinho com a edição fac-similada da *Verde* em que tive a honra de me marcar historicamente com um péssimo poema. Não gosto nada do que escrevi em versos durante nossos desvairados tempos de Modernismo. Mas creio que deixamos todos nossa marca e demos o PRESENTE! de Minas ao apelo de São Paulo e do Rio nos anos 22. Quanta saudade! de nossa crença, nossa força, nossa chama. E dentro desta aquela forte labareda verde... Naquela época fomos irreverentes com os mais velhos, mas aprendemos uma coisa importantíssima e que não mais nos deixou - o respeito por tudo que é novo e o apreço pelo valor da mocidade. Nascemos no século e vamos morrer no século - mais deixamos nossa lição. Isto basta. *A Revista*, *Verde*, *leite criolo* são as marcas de passos que valeram a pena ser dados.[47]

Parte desta onda memorialística, é também em 1978 e contemporânea das edições fac-símiles a publicação de *Beira-Mar*, quarto volume das memórias de Pedro Nava que relata justamente a Belo Horizonte de seus tempos de juventude entre os anos de 1921 a 1928.[48] Seguindo a metáfora da "sinfonia mineira", criada por Nava,[49] sua narrativa recompõe com afetividade as amizades formadas, o dia-a-dia entre os pontos de encontro, os debates literários e o movimento modernista ali desempenhado por seu grupo, que resultou na publicação de *A Revista*. Numa outra temporalidade, o médico e então memorialista reconstrói as vivências e atuações de juventude, justamente quando há novo interesse pelo modernismo mineiro.

No caso de pesquisas acadêmicas a respeito das revistas modernistas mineiras, *A Revista* e *Verde*, respectivamente, foram estudadas no âmbito do IEB por Margaret Abdulmassih Wood da Silva e Kátia Bueno Romanelli, que seguiram o roteiro estabelecido pelo projeto. Em sua dissertação de mestrado, intitulada "*A Revista*: contribuição para o estudo do modernismo",[50] Silva analisou sistematicamente o periódico e as proposições do grupo inseridas em seu meio belorizontino. Dividida em cinco capítulos mais apêndice, assim como sugerido pelo roteiro, a

---

[46] Publicado em 1982 pela editora Civilização Brasileira, o livro de contos *Chamada Geral* foi a última obra publicada pelo autor.
[47] Pedro Nava a Francisco Inácio Peixoto, 24/06/1983. *Apud*: MENEZES, A. L. G. R. L. *Op.cit.*, 2013. p. 27.
[48] A obra memorialística de Pedro Nava é composta por *Baú de Ossos* (1972), *Balão Cativo* (1973), *Chão de Ferro* (1976), *Beira-Mar* (1978), *Galo-das-Trevas* (1981), *O Círio Perfeito* (1983) e *Cera das Almas* (2006, obra póstuma e incompleta).
[49] Cf. BOTELHO, André. O modernismo barroco de Pedro Nava. *In*: NAVA, Pedro. *Beira-mar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 13-31.
[50] SILVA, Margaret A. W. *A Revista:* contribuição para o estudo do modernismo em Minas Gerais. 1984. 325 f. (Dissertação de Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Orientação: Profª Drª Cecília de Lara. São Paulo, 1984.

dissertação é composta por: 1. "O periódico *A Revista"*, no qual analisa aspectos da materialidade; 2. "Propósitos iniciais: os manifestos", sobre o conteúdo programático; 3. "*A Revista* e o momento mineiro", que busca reconstituir o cenário literário e cultural de Belo Horizonte no período anterior ao surgimento da revista; 4. "A matéria de *A Revista*", análise do conteúdo publicado; 5. "Considerações finais", a respeito da trajetória do grupo envolvido na publicação e de conceitos abordados na revista como o regionalismo, nacionalismo e modernismo. Na última parte, em apêndice, foram anexados índices de indexação da revista, uma antologia de textos publicados, e uma reunião de "textos que interessam ao estudo de *A Revista*". Não constam entrevistas realizadas com remanescentes do grupo envolvido na publicação, como era de costume em outros trabalhos desempenhados no IEB e previstas já no roteiro estabelecido por Castello.

Em sua dissertação de mestrado, "*A revista Verde:* contribuição para o estudo do modernismo brasileiro", Romanelli[51] segue a mesma estruturação, dividida em quatro partes além do apêndice. A primeira parte apresenta a revista em suas características materiais, o grupo responsável e o meio em que surgiram; a segunda busca definir as linhas ideológicas e estéticas partilhadas pelo periódico, inseridas no movimento em âmbito nacional e internacional; a terceira consiste em análise do conteúdo publicado na revista; a quarta parte, por fim, é de caráter conclusivo. Nos apêndices foram anexados os índices de indexação da revista, transcrição de fragmentos em prosa e poesia publicados em *Verde* e, também, as entrevistas e depoimentos dos integrantes do grupo recolhidos pela autora, como a já citada entrevista de Francisco Inácio Peixoto e o depoimento de Guilhermino César enviado por carta à autora por intermédio de Peixoto.

Reconhecida a contribuição destas dissertações para os estudos das revistas modernistas mineiras, tornam-se possíveis novas leituras sobre estes periódicos ao partimos da visão isolada destas publicações para o confronto com suas contemporâneas. Neste sentido, novas problemáticas se colocam para revisão da contribuição mineira destas revistas no contexto nacional, como a legitimação que estes grupos conquistaram no cenário literário, e os debates e disputas que travaram para defender suas posições no movimento modernista.

Este método de investigação pressupõe o estabelecimento das redes de sociabilidades que ligam estes grupos e esclarecem alguns de seus posicionamentos. Neste sentido, o investimento em publicações e estudos sobre as correspondências trocadas entre autores modernistas é de especial contribuição. Debates teórico-metodológicos foram desenvolvidos

[51] ROMANELLI, Kátia Bueno. *Op. cit.*, 1981.

nos últimos anos a respeito do uso das cartas como fontes na prática historiográfica, reflexões que permitem pensar a escrita da história por meio, também, da escrita si, para citar a obra organizada por Angela de Castro Gomes.[52]

Novamente, o IEB é a instituição responsável por desenvolver o relevante projeto "Correspondência reunida" sob coordenação do Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes que visa reunir, estudar e publicar a correspondência presente no arquivo Mário de Andrade.[53] Alguns volumes destas cartas foram publicados na "Coleção Correspondência de Mário de Andrade", projeto editorial que reúne a Universidade de São Paulo, a Edusp e o IEB. Contribuições significativas para a epistolografia brasileira e, em especial, aos estudos sobre o modernismo brasileiro.

A tese de doutoramento de Ana Lúcia Guimarães Richa Lourega de Menezes[54] defendida no Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo (USP), com a orientação do Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes, além da contribuição própria de suas análises, figura como uma nova fonte para a pesquisa das correspondências trocadas pelos integrantes de *Verde* e Mário de Andrade. Toda a correspondência entre os Verdes e o autor paulista, antes esparsa em arquivos ou sob guarda familiar, foi reunida, transcrita e estudada pela autora. Somada às coletâneas já publicadas de outras personagens que compuseram o quadro de colaboradores dos dois grupos mineiros, permitem-nos visualizar as redes de sociabilidades tecidas entre as revistas e investigar a atuação de Mário de Andrade e outros intelectuais no processo de legitimação, formulação e execução dos projetos modernistas.

A história literária a respeito do modernismo é composta por múltiplas temporalidades que tecem, cruzam e acrescentam visões ao movimento, revelando-se em sua complexidade. Paralelo ao momento da produção literária do grupo na construção de uma revista ou na publicação de obras, estão as cartas que exclamam as ideias no calor da hora; é o tempo da construção prospectiva. Passadas algumas décadas, estas revistas, quase esquecidas, retornaram pelo interesse de projetos fac-símiles e de estudos acadêmicos, o que evocou entrevistas e memórias daqueles participantes; justamente quando as discussões são apaziguadas e trazem novo significado sobre posturas de outrora. A aproximação do centenário da Semana de Arte

[52] GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.
[53] Sobre a correspondência presente no acervo Mário de Andrade no IEB e as propostas do projeto ver: MORAES, Marcos Antonio de. Edição da *Correspondência Reunida* de Mário de Andrade: histórico e alguns pressupostos. *Patrimônio e Memória*, Cedap – Unesp/Assis, v.4, n.2, p. 115-128, jun. 2009.
[54] MENEZES, Ana Lúcia G. R. L.. *Op. cit.*, 2013.

de 1922 marca renovado interesse pelo movimento modernista e seus integrantes, como atesta o sucesso de público que a exposição "Tarsila Popular" alcançou no Museu de Arte de São Paulo (Masp)[55] ou a movimentação do mercado editorial com a publicação de livros de ou sobre Mário de Andrade, uma vez que a obra do autor está em domínio público, ou ainda, vale retomar, o mais recente projeto fac-símiles das revistas modernistas de 2014, que reconsolida sua posição central enquanto suporte de construção do movimento. Este é o tempo de revisões da história literária, de se (re)pensar o impacto e as influências do modernismo na cultura e literatura nacionais e compreendê-lo em suas pluralidades. Para tanto, faz-se necessário entender a formação destes grupos e o ambiente em que surgem e dialogam; o tempo de gênese.

## 1.2 Gênese dos grupos: o Estrela e os Verdes

No início do século XX, Belo Horizonte era uma cidade jovem, a primeira a ser planejada no país seguindo o modelo parisiense, nascida sob o signo da ideia de modernidade, tendo como missão substituir Ouro Preto na condição de capital de Minas, o que se concretizou em 1897. A historiadora Heliana Angotti Salgueiro apresentou a relação de proximidade entre Brasil e França na idealização do projeto urbanístico de Belo Horizonte, com destaque à figura do engenheiro Aarão Reis, que liderou a construção da nova capital mineira seguindo o modelo parisiense pautado nos preceitos de progresso e modernização. [56]

Nos anos de construção de Belo Horizonte, de 1894 a 1897, figurava a expectativa de que essa ocuparia o papel de cidade-capital, uma obra simbólica da república em Minas. De uma maneira geral, seu projeto estava alinhado a todo universo ideológico republicano que sugeria um novo estilo de vida e costumes condizentes com este espaço moderno legitimador do novo poder político, na reconstrução de uma ordem social que respondesse a este planejamento urbano moderno. Contudo, ao ser posto em prática, este projeto esbarrou com inúmeras contradições que podem ser interpretadas com uma experiência de modernidade ambígua, paradoxal e conservadora:

> Concretamente, as possibilidades que se descortinavam para o desenvolvimento material esbarravam, por exemplo, na fronteira de uma economia dependentemente agrária. Do ponto de vista político, a

[55] Exposição de Tarsila do Amaral no Masp bate recorde histórico. *Exame*, São Paulo, 30 jul. 2019. Disponível em: https://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/exposicao-de-tarsila-do-amaral-no-masp-bate-recorde-historico/. Acesso em: 25 out. 2019.

[56] SALGUEIRO, Heliana Angotti. La pensée française dans la fondation de Belo Horizonte : des représentations aux pratiques. *Revue de l'Art*, 1994, n°106. p. 85-96.

> modernização não poderia ser mais conservadora, uma vez que perpetuou as barreiras que alijavam os setores populares da esfera da participação.[57]

O projeto almejava atender a um interesse ideológico mais amplo de conservadorismo político na manutenção do poder, e tinha, entre suas perspectivas de modernização e embelezamento, um incentivo à formação de uma elite cultural: "Belo Horizonte nasce com dupla função: constituir-se no centro político unificador de um estado marcado, no século XIX, pelo espectro do separatismo e, simultaneamente, ser o centro intelectual de onde se irradiaria, como capital, o caldo cultural destinado a ser síntese de toda uma região".[58]

Seguindo esta proposta, a nova capital comportou atividades intelectuais, como convinha a uma cidade que era a sede administrativa de um estado tão importante na federação como Minas. Essa atividade intelectual foi manifesta na fundação de grêmios literários, atividades teatrais, exposições e edição de periódicos e livros. O desafio da intelectualidade mineira, em consonância com o espírito de seu tempo, manifestava-se no anseio de se projetar à cena nacional ao passo que necessitava (re)inventar sua própria tradição, ainda embebida do provincianismo e expressa na coexistência da tradição no ímpeto renovador. É deste cenário repleto de particularidades que parte a modernidade cultural que se desenhou em Belo Horizonte nos anos de 1920.

A inquietude própria do período pós-guerra, de mudanças políticas e culturais, foi o cenário fértil para a adesão de jovens às novas ideias, perspectivas artísticas e literárias. A pintora Zina Aita destacou-se por ser a única mineira a participar da Semana de 1922.[59] Dois anos antes da famosa exposição paulista, Zina havia feito uma exposição em Belo Horizonte patrocinada por Aníbal de Mattos, nome relevante no cenário cultural da época. A exposição, porém, não teve maior repercussão entre artistas locais, ainda não acostumados aos novos conceitos estéticos.[60] Suas telas, inspiradas nas vanguardas artísticas do começo do século XX, foram o primeiro contato significativo que Minas e sua intelectualidade tiveram com o modernismo brasileiro.

---

[57] JULIÃO, Letícia. Belo Horizonte: Itinerários da cidade moderna (1891-1920). *In*: DUTRA, Eliana de Freitas. *BH*: horizontes históricos. Belo Horizonte: C/Arte, 1996. p. 52.

[58] Helena Bomeny faz uma análise detalhada acerca dos projetos que envolveram a idealização, construção e transferência da capital mineira a Belo Horizonte. Cf. BOMENY, Helena. *Guardiães da razão*: modernistas mineiros. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Tempo Brasileiro, 1994. p. 41.

[59] Sobre a participação de Zina Aita na Semana de 22 ver: AMARAL, Aracy A. Pintura: "Tudo era revolucionário, tudo diferente". *Artes plásticas na Semana de 22.* São Paulo: Editora 34, 2010. p. 171-196.

[60] SAMPAIO, Márcio. Arte mineira: raízes e atualidades. *In*: DUTRA, Eliana de Freitas; BOSCHI, Caio C. (Orgs.). *Estudos sobre Belo Horizonte e Minas Gerais nos trinta anos do BDMG Cultural*. Belo Horizonte: Edições BDMG Cultural, 2018. p. 341.

No início dos anos 1920, a cidade contava com um grupo animado de rapazes, universitários em torno dos seus 20 anos, que partilhavam o interesse pela literatura. A roda era composta por Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Milton Campos, Abgar Renault, Francisco Martins de Almeida, Alberto Campos, João Alphonsus e Pedro Nava, para ficar nos nomes mais famosos; alguns dos quais seguiram amigos pela vida afora. Para retomar a gênese desse cenáculo, dois espaços são fundamentais: a redação do jornal *Diário de Minas* (Belo Horizonte, 1899-1931) e o ambiente cultural que fervilhava na Rua da Bahia.

Em meio ao conservadorismo político do jornal *Diário de Minas*, órgão ligado ao Partido Republicano Mineiro (PRM), [61] havia a seção "Crônica Social" que, durante os anos iniciais da década de 1920, abrigou vários jovens literatos que ali inseriram algumas páginas "doidinhas de modernismo".[62] A relação do grupo com o jornal teve como elo principal Carlos Drummond de Andrade, responsável por entremear no periódico as primeiras experiências da nova estética e abrir espaço para a contribuição dos demais colegas, principalmente Emílio Moura e João Alphonsus que se destacam com expressivo número de colaborações.[63]

Há uma estreita relação entre a produção iniciada por estes rapazes no *Diário de Minas* e a projeção vanguardista que alguns anos depois se desenharia com mais clareza nas páginas de *A Revista*. Cabe citar a importância de dois trabalhos que propuseram um retorno às páginas do *Diário de Minas* para analisar o período em que Drummond e seus colegas contribuíram com o jornal, correspondente à primeira metade da década de 1920. Em sua dissertação de mestrado, citada anteriormente, Margaret Abdulmassih Wood da Silva destacou a importância da inovação literária presente nas páginas do jornal como gérmen do que posteriormente foi desenvolvido no periódico modernista. Já Maria Zilda Cury[64] trata o *Diário de Minas* como sua principal fonte, demonstrando a relevância da redação do jornal na coesão grupal e como espaço das manifestações vanguardistas iniciais, com foco na liderança de Carlos Drummond de Andrade. Ambas as produções se situam no quadro de pesquisas sobre periódicos modernistas

[61] Fato semelhante ao que ocorreu no grupo paulista que encontrou apoio inicial no *Correio Paulistano* órgão vinculado ao Partido Republicano Paulista (PRP). Para uma análise sobre a influência do poder político dominante na atividade intelectual dos modernistas, ver: MICELI, Sergio. *Vanguardas em retrocesso:* ensaios de história social e intelectual do modernismo latino-americano. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

[62] Do poema dedicado a Emílio Moura "Poeta Emílio", publicado no livro Versiprosa de 1967. "[...]O Diário de Minas, lembras-te, poeta?/ Duas páginas de Brilhantina Meu Coração e Elixir Nogueira,/ uma página de: Viva o Governo,/outra — doidinha — de modernismo.[...]"

[63] Salvo exceções, o conteúdo produzido nesta seção pelo grupo modernista mineiro permanece inédito. O próprio *Diário de Minas*, em guarda no Arquivo Público Mineiro, ainda não foi disponibilizado para acesso online como já ocorreu com alguns outros periódicos do acervo. Embora a hemeroteca digital da Biblioteca Nacional tenha o periódico em seu acervo, não consta o período correspondente à contribuição do grupo modernista (1921-1925).

[64]CURY, Maria Zilda. *Horizontes Modernistas:* o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

realizadas no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP) sob a coordenação do Prof° José Aderaldo Castello.

O *Diário de Minas,* que era um jornal político e de orientação conservadora, segundo Cury,[65] mostrava-se estruturalmente simples, sem grandes inovações gráficas e com forte teor político. Com suas quatro páginas, o jornal enfatizava notícias de ordem política (sobretudo os atos do PRM), artigos sobre economia e outros assuntos. Manteve algumas seções fixas como "Teatro Nacional", "Crônica Esportiva" e "Crônica Social".

A "Crônica Social" figurava na segunda página e iniciava com breve comentário sobre assunto em voga seguido por prosa ou poesia, crônica ou artigos de crítica literária. A seção trazia ainda subdivisões que atualizavam o leitor acerca dos mais variados assuntos: "Natalícios", "Homenagens", "Viajantes", "Pelos Hotéis", "Pelos Cinemas", "Falecimentos", "Casamentos" etc. Foi nesta seção que os jovens com aspirações literárias publicaram suas colaborações e ensaiaram as inovações de caráter estético. As criações literárias eram estampadas em outras seções do jornal contando com autores mais tradicionais e consagrados, mas Silva[66] destaca que as novidades se concentravam na seção "Crônica Social", na qual se observam experiências em verso livre, publicadas por Drummond, e os debates pontuados pelo grupo do Estrela. É a partir deste material publicado pelo grupo do Estrela no *Diário de Minas* que se pode notar o surgimento de temas caros ao modernismo mineiro, além de possibilitar que se acompanhe o fazer literário deste grupo que, embalado por laços de solidariedade e camaradagem, foram capazes de matizar a face sisuda do *Diário de Minas* e influir na própria vida cultural belo-horizontina.

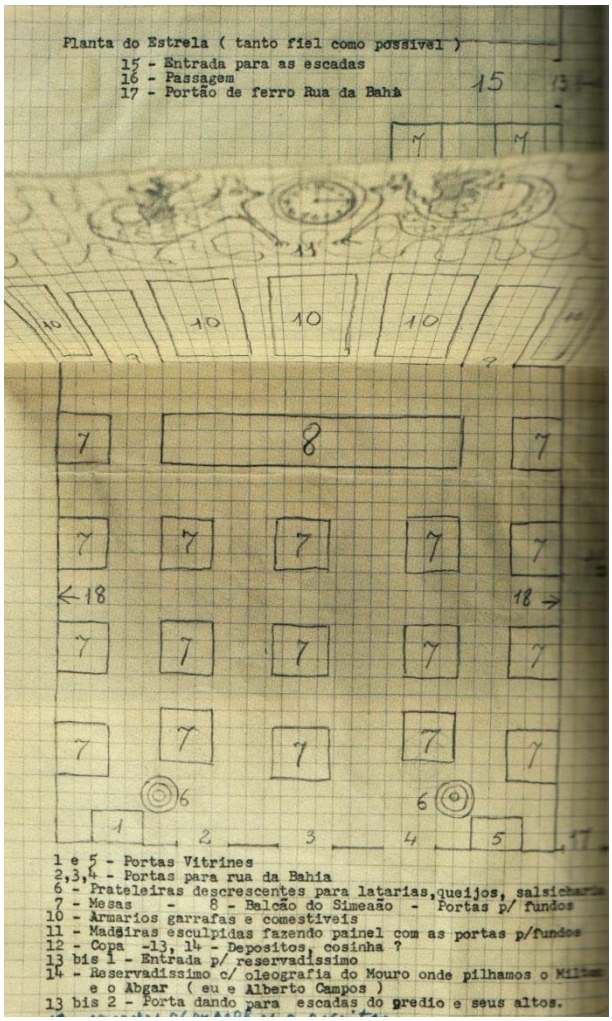
Ao ajustar o foco, é possível observar que a Rua da Bahia foi mais do que um espaço de encontro diário, pois se configurava numa espécie de personagem a mais na composição do grupo, sendo a fonte que movimentava a jovialidade do grupo com suas ideias inquietantes e modernistas. Dois estabelecimentos são de especial atenção: a Livraria Alves que os inteirava das diversas publicações nacionais e internacionais, e o Café Estrela, que dá nome ao grupo, local onde os rapazes se reuniam todas as noites para beber e discutir literatura.

Descrita em detalhes nas memórias de Nava, a Confeitaria do Estrela foi reconstituída quase cinematograficamente, com todo requinte de sua arquitetura, decoração, cardápio e freguesia que ocupavam as mesas. Nas palavras do memorialista: "O salão do *Estrela* era um prodígio de decoração belle époque. Mal comparando, pelo luxo das madeiras entalhadas e

[65] *Ibid*, p. 175.
[66] SILVA, Margaret Abdulmassif Wood da. *Op. cit,* 1984.

pelos espelhos – aquilo era a *Confeitaria Colombo* de Belo Horizonte.”.[67] Esta aproximação vai ao encontro do ideal moderno pensado para Belo-Horizonte, nos quais os cafés representavam espaços centrais de civilização e elegância, à maneira que os cafés parisienses animavam a intelectualidade francesa. Com efeito, o primeiro estabelecimento do gênero foi o Café Mineiro, inaugurado meses antes da própria cidade, em 1897. Nas décadas seguintes, a cidade possuía outros tantos cafés, cada um com sua especificidade na experiência urbana.[68]

**Figura 1.** Planta da Confeitaria Estrela em três dimensões, desenhada por Pedro Nava como parte do processo de construção de suas memórias[69]




**Fonte:** Nava, Pedro. *Beira-mar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

[67] Nava, Pedro. *Beira-mar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 146.

[68] A relação do estabelecimento destes cafés com o projeto de cidade moderna para Belo Horizonte foi objeto de estudo de Anny Jackeline Torres Silveira. Cf. SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. O sonho de uma *petite Paris*: os cafés no cotidiano da capital. *In:* DUTRA, Eliana de Freitas. *BH*: horizontes históricos. Belo Horizonte: C/Arte, 1996. p. 119-182.

[69] O processo de criação de Pedro Nava era composto de um detalhado arquivamento de informações, pesquisa e desenhos ilustrativos para auxiliá-lo no momento de escrita de suas memórias. Cf. PANICHI, Edina. *Processos de construção de formas na criação*: o projeto poético de Pedro Nava. Londrina: Eduel, 2016.

Dentro deste planejamento urbano, a localização dos cafés respondia a uma ordenação social na qual a região central era dedicada à elite mineira. Dessa maneira, o Estrela, com todo o requinte já descrito de seu espaço, localizava-se na movimentada Rua da Bahia. Não por acaso, o Estrela foi o estabelecimento escolhido para o encontro diário destes jovens literatos:

> Aspirantes à intelectualidade, aquela vanguarda se cercara de uma moldura elegante e refinada: os espelhos e as madeiras envernizadas das vitrines e prateleiras do café, mais o movimento e o burburinho da *Rua do Ouvidor* belorizontina, a Rua da Bahia. Além do gosto pela *arte* (da casa) e pela *civilização* (da via), havia outros aspectos a favor da escolha do **Estrela**: a proximidade que este café mantinha das relíquias expostas nas estantes do Alves, a melhor livraria da capital, aberta a apenas alguns passos Bahia acima e, também, algumas redações de revistas que funcionavam nas proximidades do estabelecimento, como a *Tank*, no mesmo sobrado onde estava instalado o café, ou a *Vida de Minas*, na esquina de Bahia com a Avenida Augusto de Lima.[70]

De certa forma, ocupar estes espaços de sociabilidade os legitimavam enquanto poetas, ou melhor, a presença marcada nos debates do Estrela passou a distingui-los como o grupo dos jovens modernistas, diferenciando-os dos outros tantos grupos literários que se formavam neste início de século na capital, especialmente dos simbolistas que frequentavam o Café Paris.[71] Por todos os atrativos e novidades, a Rua da Bahia se configura como o cenário da sociabilização destes jovens, que nutriam e fomentavam a renovação artística:

> Como tudo o mais em Belo Horizonte, a vida daqueles moços se organizava em torno da rua da Bahia: iam ao cinema no Odeon, tentavam a sorte na casa lotérica de Giacomo Aluotto, bebiam no Estrela ou no Trianon, compravam livros na Francisco Alves e, de madrugada, sentam-se para conversar à porta da Caixa Econômica, no cruzamento com a avenida Álvares Cabral. No Grande Hotel, em 1924, tiveram seu primeiro encontro com Mário e Oswald de Andrade, decisivo para a formação de todo o grupo.[72]

A crônica acima citada, de Humberto Werneck, retoma um dos episódios fundadores e que propiciou o encontro dos rapazes mineiros com os modernistas da Semana de 1922, encontro com largas consequências para o movimento: a chegada dos paulistas à cidade de Belo Horizonte. É certo que o famoso evento paulista de fevereiro de 1922 não chegou a repercutir nos jornais mineiros, o próprio *Diário de Minas* não lhe dedicou uma só linha, no entanto,

---

[70] SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. *Op. cit.*, p. 152.
[71] *Ibid*, p. 153.
[72] WERNECK, Humberto. Do alto de um viaduto. *O desatino da rapaziada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 43.

poucos meses depois, obras modernistas como *Paulicéia Desvairada*, de Mário de Andrade, já eram lidas e debatidas entre os integrantes do grupo Estrela.[73]

Drummond, de certa forma, assumiu o papel de interlocutor e divulgador das recentes obras produzidas pelos modernistas paulistas, publicando artigos no jornal, o que contribuía para reduzir o distanciamento entre os literatos e colocava Minas no debate em torno dos novos ideais estéticos. Foi graças a um destes artigos que Drummond travou relações com Oswald de Andrade, que enviou um agradecimento ao poeta mineiro pela menção de seu livro *Os Condenados*. Mais tarde, em visita à capital mineira, o poeta paulista propôs um encontro pessoal.[74]

O convite concretizou-se em 1924, quando da passagem da caravana paulista por Belo Horizonte. Composta por Mário de Andrade, Oswald de Andrade e seu filho, Tarsila do Amaral, Olívia Guedes Penteado, Godofredo Teles e o poeta franco-suíço Blaise Cendrars a viagem tinha por objetivo mostrar o Brasil ao visitante estrangeiro, e neste roteiro estavam incluídas as cidades históricas de Minas Gerais. A propósito do convite enviado ao poeta Drummond, este não dispensou a oportunidade de estreitar laços entre o grupo paulista e seus colegas do Estrela que também compareceram ao Grande Hotel. Este evento não só marcou um novo tempo para os jovens intelectuais mineiros, como alterou os rumos do próprio movimento modernista que, inspirados pela redescoberta da tradição brasileira durante a viagem pelo país, resultou na publicação do Manifesto da Poesia Pau-Brasil de Oswald de Andrade, marco de um novo entendimento sobre o movimento.

Rememorando esse momento já na década de 1950, Drummond referiu-se à importância da passagem da caravana na motivação do grupo mineiro: "[...] as respostas de Mário às nossas inquietações eram ruas que se abriam, perspectivas novas, ideias novas, tudo novo. Uma coisa é a ideia literária no papel, funcionando como abstração; outra coisa é o contato humano, a ideia que move os braços, dá uma pirueta, ri e adquire todos os vestígios da voz".[75] Nas palavras de outro integrante do grupo mineiro, Pedro Nava, a visita dos paulistas foi "o pólen de que resultou a criação de *A Revista*".[76]

Este encontro possibilitou, portanto, uma larga experiência de trocas entre os escritores dos dois estados, sendo a manifestação considerada um marco fundador do modernismo em

---

[73] Cf. CURY, Maria Zilda. *Op. cit.*, p. 74-5.
[74] *Ibid*, p. 82.
[75] DIAS, Fernando Correia. *O Movimento Modernista em Minas:* uma interpretação Sociológica. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1971. p. 37.
[76] NAVA, Pedro. Recado de uma geração, depoimento à edição fac-simile. In: *A Revista*. São Paulo: Metal Leve S/A, 1978, s/p.

Minas, nos moldes do que foi a própria Semana de 1922 no contexto paulista. Mais do que acender a fagulha modernista nestes jovens de Belo Horizonte, o encontro foi significativo por estreitar as relações com Mário de Andrade, do que resultou numa intensa correspondência com Drummond[77] e outros integrantes do grupo Estrela.

Se os jovens mineiros já possuíam coesão e proximidade, como demonstrado, graças à camaradagem em torno das mesas da Confeitaria Estrela e da redação do *Diário de Minas*, o contato com a caravana paulista ampliou a troca de experiências e apropriação de novas ideias ao modernismo em Belo Horizonte e, paralelamente, o incentivo para que se lançassem à cena nacional com a publicação de *A Revista*. Esta relação não deve ser vista de forma unilateral, ao contrário, a viagem à Minas e o encontro com os mineiros tiveram repercussões expressivas na vanguarda paulista e no movimento como um todo. Mário de Andrade deu novos contornos à sua literatura com o interesse suscitado pelo barroco mineiro mesclado com seus estudos sobre o expressionismo alemão, acentuando reflexões sobre o nacionalismo com empréstimos estrangeiros;[78] Tarsila do Amaral teve transformações visíveis em sua obra ao reencontrar as cores que tanto a animavam na infância entre paisagens mineiras e caipiras a partir de 1924;[79] Oswald de Andrade motivado pelo desejo de renovação por meio das tradições brasileiras publicou o Manifesto Pau-brasil, marcando um segundo momento do modernismo, que se volta à questão da nacionalização da cultura brasileira e a expansão do movimento.

As trocas intelectuais e artísticas vivenciadas após a viagem à Minas sugerem outros rumos para o movimento modernista pelo viés das *modernidades tardias*[80] no Brasil:

> A cidade de Belo Horizonte acolhe os paulistas e estes se alimentam da riqueza da arte barroca e das cidades históricas para a complementação do conceito de moderno e de nacional [...] O retrato dessa paisagem marca a reunião de tendências estéticas pertencentes a momentos distintos, uma das maneiras de se admitir o diálogo atemporal aí existente. O caráter de revival

[77] O conjunto completo das correspondências trocadas entre os dois poetas se encontra em FROTA, Lélia Coelho. (Org.). *Carlos & Mário*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi Produções Literárias, 2002.
[78] SOUZA, Eneida Maria de. Nacional por abstração. *In*: MIRANDA, Wander Melo de (org.). *Narrativas da modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 129.
[79] AMARAL, Aracy A. Pau-brasil na pintura de Tarsila. *Tarsila*: sua obra e seu tempo. São Paulo: Editora 34; Edusp, 2010. p. 143-169.
[80] Nos anos 1990, uma equipe interdisciplinar de pesquisadores da UFMG coordenada pelo professor Wander de Melo Miranda, dispostos a repensar e desconstruir certa tendência discursiva que considerava o polo econômico e político do país centrado entre São Paulo e Rio de Janeiro, como norteadores da modernização brasileira. A noção de *modernidades tardias*, elaborada segundo enfoque teórico de leituras pós-modernas e uma metodologia comparativa, permitiu estudos que repensassem a construção do imaginário moderno a partir de uma visão pluralista, na qual as características próprias de determinada região são colocadas numa rede de conexões possíveis entre modernidades distintas. Cf. MIRANDA, Wander de Melo. Linhas de um projeto. *In*: SOUZA, Eneida Maria de (org.). *Modernidades tardias.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. p. 11-18.

> que preside a toda manifestação artística encontra aqui uma brecha para se pensar o conceito de tardio, acepção desprovida de continuidade histórica e voltada para a descontinuidade temporal.[81]

A história e tradição brasileira foi retomada pela produção modernista para construir uma literatura nacional, distanciando-se de valores ufanistas e tampouco apegados à adesão completa aos estrangeirismos. O passado não é retomado, mas reinventado ao abrir-se no presente para construção de um futuro, no cruzamento de temporalidades. Em busca de inovação e estabelecimento de uma literatura autêntica e nacional, digna de exportação, tal qual propunha o manifesto de Oswald, estes modernistas iniciaram o estudo aprofundado das tradições populares antes menosprezadas, e a abertura e diálogo com outras regiões foram firmados a partir deste encontro com a cultura histórica e colonial presente em terras mineiras.

Numa amizade que se consolidou entre tantas cartas trocadas, a iniciativa de criar uma revista modernista em Belo Horizonte foi logo informada a Mário de Andrade, juntamente com o pedido contido de colaboração ao final da missiva.

> O Francisco de Almeida, mais dois amigos e mais eu, está fazendo uma revista cujo número deve sair em junho. Aqui em Belo Horizonte isso de revista não pega. Em todo caso, vamos fazer ainda uma experiência. É claro que contamos com você, se bem que eu seja o primeiro a não querer sacrificar algum trabalho seu, de fôlego, e que por isso mesmo deve aparecer numa revista de circulação realmente grande, peço que nos mande ao menos duas linhas de prosa ou verso, como entender. Perdoe o papel, a tinta, o estilo, o pedido e a amolação do seu
> Carlos.[82]

Em 27 de maio de 1925, apenas uma semana da carta enviada por Drummond, Mário enviou sua colaboração a tempo de ser integrada ao primeiro número da revista, que circulou no mês de julho. Visível na pronta resposta, seguia sua aprovação e incentivo ao projeto, tranquilizando Drummond quanto a seus receios: "Achei esplêndida a ideia de vocês fundarem uma revista aí. Isso de morrer não tem importância, o importante é viver um pouco agitando e encantando a vida."[83] Além das palavras motivadoras, a colaboração enviada foi um capítulo inédito de "Amar, verbo intransitivo",[84] obra inspirada na viagem à Minas, mescla do barroco

---

[81] SOUZA, Eneida Maria de. *Op. cit.*, 1999. p. 130.
[82] Carlos Drummond de Andrade a Mário de Andrade, 20/05/1925. In: FROTA, Lélia Coelho (Org.). *Op. cit.*, p.122.
[83] Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, 27/05/1925. In: FROTA, Lélia Coelho (Org.). *Op. cit.*, p. 125.
[84] Apesar da contribuição inédita marcar um gesto de generosidade e confiança, este capítulo ficou de fora da edição final do livro.

com o expressionismo alemão. Este gesto marca o importante apoio afetivo e efetivo que garantiu a conexão dos mineiros com outros intelectuais dispostos a colaborar e divulgar o trabalho de *A Revista*.

A experiência modernista em cenário não cosmopolita ou ainda provinciano levantou algumas questões aos pesquisadores do grupo belo-horizontino, como as reflexões de Ivan Marques a respeito do "modernismo de província". Para Helena Bomeny, a relação da produção intelectual com o ambiente em que estavam inseridos é uma das chaves interpretativas do grupo modernista surgido na capital mineira, que a autora analisa como "o duplo em confronto":

> [...] A cidade, no entanto, ainda que nascida da ambição de amplitude, acaba se tornando limitada para aqueles cuja experiência intelectual está referida ao universo cosmopolita e libertador. Libertador no sentido em que propicia a autonomia da experiência privada, estabelecendo as condições indispensáveis ao desenvolvimento do indivíduo, na moderna acepção do termo. A tensão entre o anseio cosmopolita e experiência provinciana é o tom da análise ali desenvolvida. E é a marca do que estou chamando o duplo em confronto. [85]

Depois da primeira experiência modernista com *A Revista*, surgiram outros órgãos de vanguarda em Minas Gerais, como é o caso de *Verde* (1927-1928; 1929), da pequena cidade de Cataguases; *Eléctrica* (Itanhandu, 1927), dirigida por Heitor Alves, poeta carioca ligado ao grupo de *Festa*; *Montanha* (Ubá, 1928), com apenas um número, e *leite criôlo* (Belo Horizonte, 1929), idealizada por João Dornas Filho e que também contou com a participação de Aquiles Vivácqua e Guilhermino César. Essa última publicação mesclava aspectos do regionalismo e do antropofagismo, fundando o "criolismo", ou seja, tratou-se do primeiro periódico a levantar a questão do negro no modernismo, embora numa perspectiva freyriana e de valorização do tradicionalismo.[86]

A iniciativa de *Verde* instiga por ter surgido em uma pequena cidade do interior mineiro e atingir repercussão nos grandes centros do país. "O fenômeno Cataguases" gerou debate entre contemporâneos e pesquisadores, visto que a cidade foi palco não só do grupo literário responsável pela criação de um periódico modernista e uma editora também chamada Verde, e ainda do cinema precursor de Humberto Mauro,[87] que levou a todo país cenas da pequena cidade.

---

[85] BOMENY, Helena. *Op. cit.*, 1994, p. 25.

[86] O periódico *leite criôlo* foi analisado por Antonio Sérgio Bueno numa perspectiva comparada ao projeto modernista de *A Revista.* Cf. BUENO, Antonio Sérgio. *O modernismo em Belo Horizonte*: década de 20. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982.

[87] Ver mais em: EMÍLIO, Paulo. *Humberto Mauro, Cataguases, Cinearte.* São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

Sobre este "fenômeno", Rivânia Maria Trotta Sant'Ana explica, com base em jornais locais, que Cataguases possuía uma estrutura bastante desenvolvida para uma cidade que nos anos de 1920 contabilizava cerca de 16 mil habitantes entre a população urbana e rural. Sua economia, baseada no cultivo e exportação do café, sofreu com a crise cafeeira que atingiu toda a Zona da Mata mineira em fins do século XIX. A partir de então, o discurso de progresso e modernidade transferiu-se da apologia do café para o investimento industrial. Na década de 1920, a cidade já desfrutava de uma infraestrutura que contava com uma rede ferroviária ligada à capital do país, serviço telegráfico, água encanada e energia elétrica, possibilitando assim, o desenvolvimento industrial com a implantação das Companhias Força e Luz Cataguases-Leopoldina, e Fiação e Tecelagem Cataguases, ambas no ano de 1905; além de um bom número de periódicos que alimentavam o meio cultural. Todo este cenário contribuía para a vivacidade da vida literária, da qual *Verde* pode ser considerada uma expressão.[88]

Se em Belo Horizonte predominava a tensão entre desenvolvimento urbano moderno e as raízes provincianas, em Cataguases o paradoxo ancorava-se nas experiências entre o ser urbano e rural: Vivia-se a ambiguidade de se estar em uma "cidade-ainda-quase-vila" com uma sociedade tradicional, formada a partir da base escravocrata das lavouras de café, mas tendo como modelo a metrópole e seu discurso de modernidade.[89]

Assente a importância do ambiente urbano para as experiências de modernidade no século XX, cabe o questionamento sobre a idealização que havia a respeito da cidade moderna, fosse São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte ou Cataguases. Afinal, como propõe Aracy Amaral, há que se perguntar "qual o avesso da cidade moderna?".[90] A julgar pela repercussão posterior do modernismo mineiro com os periódicos *A Revista* e *Verde*, o ambiente não foi fator limitante ao desenvolvimento da estética e literatura modernistas, visto que a utopia da modernidade esteve além das experiências do urbano. Nestas revistas, a sintonia com a vanguarda esteve por vezes em tensão com a modernidade que se delineava no território mineiro como "híbrida e oblíqua".[91]

No caso de Cataguases, não só as dimensões físicas da cidade chamam atenção, mas também a pouca idade dos rapazes que formavam o grupo, momento quando estes ainda faziam

---

[88] Cf. SANT'ANA, Rivânia M. T., *O Movimento Modernista Verde, de Cataguases* – MG: 1927-1929. Cataguases: Instituto Francisca Inácio Peixoto, 2008. p. 50-58.
[89] *Ibid.*, p. 55.
[90] AMARAL, Aracy. A imagem da cidade moderna: o cenário e seu avesso. *In*: FABRIS, Annateresa (Org.). *Modernidade e modernismo no Brasil*. Porto Alegre: Zouk, 2010. p. 81-8.
[91] Sobre a modernidade urbana na cidade de Belo Horizonte, ver: BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. Belo Horizonte entre palavras e formas: o que restou da modernidade? DRUTRA, Eliana de Freitas; BOSCHI, Caio C. (Orgs.). *Estudos sobre Belo Horizonte e Minas Gerais nos trinta anos do BDMG Cultural*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2018. p. 21-40.

seus estudos secundaristas; entre eles Rosário Fusco (mais jovem do grupo e, também, principal motivador do projeto), Ascânio Lopes, Guilhermino César, Francisco Inácio Peixoto e outros. Entre os mais experientes, por assim dizer, estavam Martins Mendes que atuava como professor do Ginásio Municipal de Cataguases, e Henrique de Resende, o mais velho do grupo com 28 anos, que já havia publicado livro e seguia carreira como engenheiro.

A gênese do grupo de Cataguases deu-se no âmbito ginasial, que proporcionava encontro diário entre jovens ainda ligados aos bancos escolares, o que faz do "fenômeno" *Verde* um caso único entre as revistas modernistas. O encanto em relação à literatura, conforme rememora Guilhermino César,[92] surgiu graças à figura do professor Cleto Toscano Barreto, principal incentivador de leituras e de ensaios de escrita, e ao Grêmio Literário Machado de Assis, com suas reuniões em finais de semana e feriados. Por meio da leitura dos clássicos, a "inquietação modernista" irrompeu no espírito dos jovens, que passaram a rever a produção literária nacional.

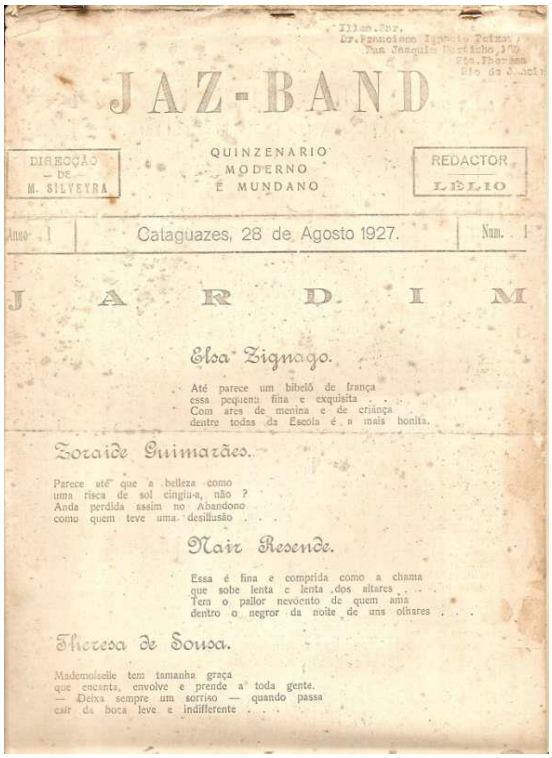
Se o empecilho era o isolamento da cidade, cerca de 300 km de distância da capital,[93] estes jovens encontraram saídas para diminuir fronteiras e se manterem atualizados sobre os rumos da literatura nacional. Uma das pontes a estreitar as distâncias foi João Luís de Almeida, amigo do grupo que cursava Direito no Rio de Janeiro e, sempre que possível, trazia na mala os pedidos das últimas obras por lá publicadas. Assim, os rapazes de Cataguases conheceram e se mantiveram a par das novidades modernistas, rompendo as barreiras geográficas e questionando noções de atraso e segregação. O que levou Guilhermino Cesár, na elaboração da memória, a afirmar: "[...]a revista *Verde* é menos provinciana do que muitas outras que surgiram em grandes cidades brasileiras à época. O nosso insulamento geográfico foi sendo pouco a pouco superado pelos poderes do livro.". [94]

Atuavam como laboratório para as experiências modernistas destes jovens periódicos como *O Estudante*, do Ginásio Municipal, *O Mercúrio*, da Associação Comercial, um pequeno jornal chamado *O Eco* e, principalmente *Jaz-Band* que contava como colaboradores (utilizando de pseudônimos) os rapazes que posteriormente se organizaram na fundação de *Verde*. A

[92] CÉSAR, Guilhermino. Os Verdes da *Verde*, depoimento à edição fac-simile. In: *Verde*. São Paulo: Metal Leve, 1978, s/p.
[93] Que nas palavras de Guilhermino César estava "tão longe da Zona da Mata quanto Berlim, Oslo, Palermo". *Ibid.*, s/p.
[94] *Ibid.*, s/p.

importância de *Jaz-Band* como precursor do movimento *Verde* é reiterada no "Manifesto do Grupo Verde de Cataguases".[95]

**Figura 2**. Exemplar do jornal *Jaz-Band*, Cataguases, ago. de 1927.



JAZ-BAND

QUINZENARIO MODERNO E MUNDANO

DIRECÇÃO — DE — M. SILVEYRA

REDACTOR LÍLIO

Anno I | Cataguazes, 28 de Agosto 1927. | Num. 1

J A R D I M

Eloa Zignago.

Até parece um bibelô de França
essa pequena fina e exquisita . . .
Com ares de menina e de criança
dentre todas da Escola é a mais bonita.

Zoraide Guimarães.

Parece até que a belleza como
uma risca de sol cingiu-a, não ?
Anda perdida assim no Abandono
como quem teve uma desillusão . . .

Nair Resende.

Essa é fina e comprida como a chama
que sobe lenta e lenta dos altares . . .
Tem o pallor nevoento de quem ama
dentro o negror da noite de uns olhares . . .

Thereza de Sousa.

Mademoiselle tem tamanha graça
que encanta, envolve e prende a toda gente.
— Deixa sempre um sorriso — quando passa
cair da boca leve e indifferente . . .

**Fonte:** MENEZES, A. L. G. R. L. *Amizade "carteadeira":* o diálogo epistolar de Mário de Andrade com o Grupo Verde de Cataguases. 2013. 433 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

A influência exercida pelo grupo de Belo Horizonte é inegável na formação intelectual do Grupo Verde desde a leitura do *Diário de Minas* e posteriormente com *A Revista*.[96] De fato, admitem em seu próprio manifesto a importância que o grupo da capital teve ao abrir espaço para uma inovação intelectual em Minas e, inclusive, assume em nota de fim de página que estes "animaram com o exemplo" para o surgimento da revista *Verde*. Porém, é evidente a necessidade do grupo em desvincular seu projeto de outra publicação modernista anterior, sobretudo do grupo responsável por *A Revista*: "Apesar de citarmos os nomes dos rapazes de

[95] "O nosso movimento VERDE nasceu de um simples jornaleco da terra – JAZZ BAND. Um pequeno jornalzinho com tendências modernistas que logo escandalizaram os pacatíssimos habitantes desta Meia-Pataca. Chegou-se mesmo a falar em bengaladas...". *In*: Manifesto do Grupo Verde de Cataguases.

[96] Pedro Nava chega a declarar que o Grupo Estrela estava "vinculado" ao movimento de Cataguases, e também fora a "causa indireta" de *leite criôlo*. Cf. NAVA, Pedro. *Op. cit.*, 1978, s/p.

Belo Horizonte, não temos absolutamente, nenhuma ligação com o estilo e vida literária deles. Somos nós. Somos VERDES".[97]

O tom irreverente e combativo que assume *Verde* foi frequentemente associado a *Klaxon*, o que não era mero acaso. Ao querer se distanciar do modernismo de *A Revista*, o grupo de Cataguases nutria a proximidade de ideias com o grupo paulista, em especial, por meio das trocas de cartas com Mário de Andrade, que mais uma vez se colocou à disposição de uma nova revista modernista.

O início da amizade deu-se com a ousadia de Rosário Fusco, que escreveu ao reconhecido poeta pedindo-lhe amizade e colaboração para o próximo número de *Verde*: "Sou de Cataguases, cidadezinha pacata de Minas Gerais. E venho trazer a notícia de que eu e Henrique de Resende fundamos uma revista moderna aqui. *Verde* é o nome da baita. Espero a tua colaboração pra ela."[98] Prometendo o envio da revista até o final do mês, mandou também alguns de seus versos para o conhecimento e avaliação do renomado poeta paulista.

A sequência das cartas enviadas por Fusco demonstra que Mário de Andrade fez críticas ao "fazer literatura", expressão que à época tinha sentido sobre o excesso de preocupações formais no fazer literário. O jovem procurou esquivar-se das críticas e em resposta afirma: "Você tem razão no que V. disse, Mário. Ainda faço muita literatura mesmo; Mas eu não sou culpado disso. Não sou porque o meio ambiente me auxilia. Senão já tinha me libertado há muito tempo."[99] Na mesma carta manda novos versos, seguindo a "receita" orientada por Carlos Drummond de Andrade, que Fusco faz questão de transcrever: "'use Mário de Andrade / é o melhor remédio e não falha nunca!'" e completa com suas impressões: "Gostei da receita. Embora ela me pareça um tanto irônica. Me explico: esse use aí, a meu ver, parece que quer dizer: copie, decalque etc. Não sei se tou errado. Mas acho que não tou não.".[100]

A partir de então, se desenvolveu uma "amizade carteadeira"[101] entre o autor paulista e os integrantes do grupo verde. Ao longo das cartas, constrói-se uma relação de proximidade e longa orientação intelectual, da qual Mário de Andrade não dispensou esforços para auxiliar a publicação da revista, seja angariando colaboradores, palpitando sobre a edição, ou até mesmo financeiramente.

Entre o início da amizade de Mário com os integrantes do Estrela e a iniciativa de criar um periódico modernista na capital mineira seguiu-se extensa correspondência em que

---

[97] *In*: Manifesto do Grupo Verde de Cataguases.
[98] Rosário Fusco a Mário de Andrade, 25/09/1927. *Apud*: MENEZES, A. L. G. R. L. *Op. cit,* 2013, p. 22.
[99] Rosário Fusco a Mário de Andrade, 04/10/1927. *Apud*: *Ibid,* p. 24.
[100] *Ibid*, p. 25. Grifo no original.
[101] Referência ao título da tese de doutoramento de Ana Lúcia Guimarães Richa Lourega de Menezes.

germinou a semente modernista por mais de um ano, durante o qual o poeta paulista pode orientar, acompanhar e legitimar o projeto dos novos modernistas antes destes se lançarem na cena nacional. Na pequena Cataguases, deu-se o oposto, pois o apoio de Mário de Andrade e dos demais paulistas só foi requisitado após o primeiro número de *Verde* já estar em circulação e seus responsáveis afirmarem-se "modernistas", sem precisar consultar aqueles que iniciaram o movimento.

Da ousadia destes jovens do interior mineiro, seguiram-se algumas críticas e orientações dos "experientes" modernistas, quase sempre apontando o problema da "pouca idade" dos verdes. É comum encontrar, nas críticas publicadas em jornais ou nas cartas trocadas por integrantes das revistas anteriores, apontamentos sobre os "erros" destes moços ou a respeito da necessidade de orientá-los no projeto de *Verde*, como foi o caso da carta de Antônio Alcântara Machado a Prudente de Moraes Neto:

> Soube pelo Tristão que você, o Bandeira e o Rodrigo estavam com a sinistra intenção de publicar um manifesto contra VERDE. Naturalmente vocês ficaram como toda a gente indignados contra a maneira besta com que aquela rapaziada (16 e 17 anos) redigiu o primeiro número; a língua, a preocupação modernista, a ortografia, a agressividade chué as asneiras e o resto. Mas eu adotei outra atitude. Escrevi a eles dizendo: Vocês escrevem pedra, pensam pedra, são modernistas pedra. Não valem um tostão. No fundo o esforço é ótimo. Tratem de melhorar, pois o pensamento é o estilo. Cresçam bem primeiro. Depois apareçam bem devagarzinho.[102]

Mesmo entre críticas e ponderações, *Verde* surgia no cenário intelectual como um novo espaço para alguns intelectuais retomarem o debate modernista articulado ao suporte revista. Longe de rejeitá-los enquanto projeto modernista, autores reconhecidos em seu meio como Mário de Andrade e Antônio Alcântara Machado apoiaram e orientaram os verdes a fazer de sua revista um importante veículo do modernismo em seu período. O incentivo, colaboração e orientação marcam a ideia de coletividade do modernismo, que podem ser observados no apoio aos projetos mineiros de *A Revista* e *Verde*, garantindo o reconhecimento destas iniciativas e a relação de amizade que se firma ao longo do percurso.

[102] *Apud*: ROMANELLI, Kátia Bueno. *Op. cit.*, p. 25.

# CAPÍTULO 2

## *A Revista* e *Verde*: caracterização material

Atento ao suporte, uma vez que estas revistas são fontes e objetos de pesquisa, a descrição sistemática de *A Revista* e *Verde* permitiu tecer considerações a respeito de sua materialidade, ao compreender as modificações em relação às capas, a organização interna do conteúdo, fontes de financiamento e seus principais colaboradores. Sem perder de vista as características de outros periódicos do gênero que circularam no período para efeito de comparação sobre a inovações ou uso de padrões da época, além da rede de sociabilidade reunida em torno destes grupos.

O exame atento destes periódicos contou com a possibilidade de indexação na base de dados RIC (*Revistas de Ideias e Cultura*),[103] metodologia que permitiu, após o preenchimento, verificação e correção das informações, a extração de relatórios que auxiliaram a elaboração de tabelas e, consequentemente, a análise destes primeiros resultados. Além das tabelas inseridas neste capítulo, outras foram construídas e auxiliaram a colocar novas questões sobre estas revistas e assegurar as afirmações dispostas ao longo da pesquisa (ver anexos).

## 2.1 *A Revista*

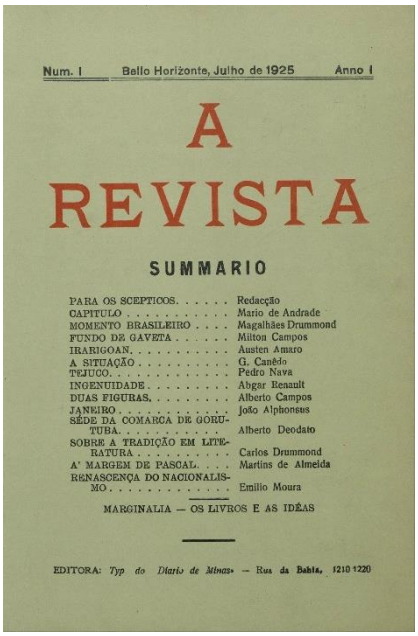
Com três números publicados, o que pode enquadrá-la no "mal" que atingia as revistas literárias de sua época, para retomar a famosa frase de Olavo Bilac, a aparente efemeridade de *A Revista* não implica em desconsiderar o recorrente interesse por compreender sua atuação tanto em relação ao modernismo em Minas, quanto seu papel no movimento nacional de renovação.

Em formato pequeno (14,5 x 22cm) se comparada às outras revistas modernistas publicadas na mesma época – como suas antecessoras *Klaxon* e *Estética* –, e cuja estética visual pautava-se na discrição, desde o projeto gráfico bastante simples ao título enxuto, a revista camuflava o conteúdo irreverente que abrigava em suas páginas. Mesmo que consideradas as limitações que a tipografia poderia oferecer, ainda assim o impresso possuía um projeto gráfico muito modesto, o que fica evidente já na capa. De cor sóbria, apenas com o título em caixa alta destacado na cor vermelha, era composta pelo sumário ao centro que apresentava o conteúdo e as informações editoriais no cabeçalho e rodapé (número, local, data, ano e tipografia). Padrão

[103] Na condição de integrante da equipe de pesquisadores do projeto *Portal Revistas de Cultura e Ideias – Revistas Modernistas Brasileiras*, fui responsável pela indexação das revistas mineiras *A Revista* e *Verde*, objetos de minha pesquisa. Com parceria da Universidade Nova de Lisboa e a Biblioteca Brasiliana Mindlin, o projeto visa a criação de um website destinado à divulgação e pesquisa de revistas do modernismo brasileiro, semelhante ao portal português já disponível. O site tem acesso aberto e possui mais informações sobre o projeto e as revistas portuguesas já disponíveis: http://ric.slhi.pt/ Acesso em: 27/09/2020.

seguido em todos os números, com uma pequena modificação no segundo, quando a palavra "Sumário" também apresentou coloração vermelha.

**Figura 3.** Capa da primeira edição de *A Revista.*


Num. I Bello Horizonte, Julho de 1925 Anno I

A REVISTA

SUMMARIO

PARA OS SCEPTICOS. . . . . Redacção
CAPITULO . . . . . Mario de Andrade
MOMENTO BRASILEIRO . . . . Magalhães Drummond
FUNDO DE GAVETA . . . . . Milton Campos
IRARIGOAN. . . . . Austen Amaro
A SITUAÇÃO . . . . . G. Canêdo
TEJUCO. . . . . Pedro Nava
INGENUIDADE . . . . . Abgar Renault
DUAS FIGURAS. . . . . Alberto Campos
JANEIRO . . . . . João Alphonsus
SÊDE DA COMARCA DE GORUTUBA. . . . . Alberto Deodato
SOBRE A TRADIÇÃO EM LITERATURA . . . . . Carlos Drummond
A' MARGEM DE PASCAL. . . . Martins de Almeida
RENASCENÇA DO NACIONALISMO. . . . . Emilio Moura

MARGINALIA — OS LIVROS E AS IDÉAS

EDITORA: *Typ do Diario de Minas* — Rua da Bahia, 1210 1220

**Fonte:** *A Revista*, Belo Horizonte, ano 1, n. 1. BBM-USP. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7054. Acesso em: 30 jul. 2019.

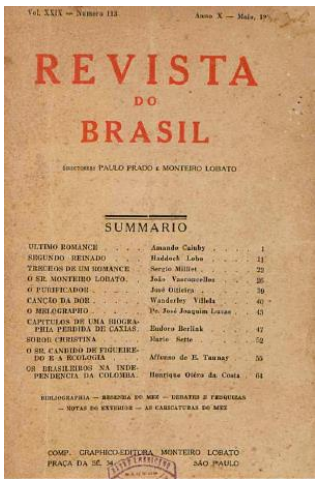
É de se destacar a importância de *Klaxon*, pioneira das revistas modernistas no Brasil, para a história do design gráfico, isso por assumir postura transgressora em seu projeto gráfico que pode ser entendido como manifesto estético.[104] Segundo Ana Luiza Martins, o lançamento de *Klaxon* "sinalizava que a feitura e fatura periódicas vivenciavam um novo momento", em outra estética e censura.[105] Dentro do quadro de revistas nomeadamente modernistas da década de 1920, *Novíssima* investiu no aspecto artístico de suas capas, reunindo colaboração de importantes artistas de seu período, como Lasar Segall, Paim, Belmonte e outros.[106]

Já *A Revista*, aproximava-se visualmente mais de sua antecessora, a carioca *Estética*, visto que ambas optaram por um projeto de capa sem estilismos ousados. Em sua pesquisa, Silva[107] apontou que a relativa originalidade visual de *A Revista* estaria na apresentação do sumário logo na capa, tendência usada por periódicos europeus de vanguarda como *La*

[104] Para uma análise do projeto gráfico da revista *Klaxon*, ver: PAULA, Marcus Vinicius de. *Klaxon*: um percurso de leitura. 2000. 138 f. Dissertação (Mestrado em História e Crítica da Arte) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
[105] MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista*: Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: EDUSP/Fapesp, 2008. p. 18.
[106] GUELFI, Maria Lúcia Fernandes. *Op. cit*, 1987. p. 25.
[107] SILVA, Margaret A. W. *Op. cit.*, 1984. p. 10.

*Révolution Surrealiste* (Paris, 1924-1929). Contudo, tal constatação não parece apropriada pelo menos para o caso brasileiro, como atesta a comparação com a *Revista do Brasil* (SP, 1916-1925),[108] que também optava por apresentar capa quase inteiramente tomada pelo sumário. Neste sentido, a identidade visual adotada na capa de *A Revista* enquadrava-se no padrão observado nas décadas de 1910 e 1920, cujo exemplo mais famoso no cenário editorial brasileiro era a *Revista do Brasil*.[109] Assim, a opção se dá pela aproximação de um modelo de seriedade cultural da qual os leitores já estavam familiarizados.

**Figuras 4,5,6**. Capas das revistas *Klaxon*, *Estética* e *Revista do Brasil*




**Fonte**: *Klaxon*, São Paulo, ano 1, nº1. BBM-USP. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/view/?45000033241&bbm/5455#page/35/mode/1up. Acesso em: 30 jul. 2019. *Estética*, Rio de Janeiro, ano 2, vol.1. BBM-USP. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6516. Acesso em: 30 jul. 2019. *Revista do Brasil*, São Paulo, ano X, vol. XXIX, nº 113. Bibdig Unesp. Disponível em: https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/26338. Acesso em: 30 jul. 2019.

Somada à identidade visual pouco marcante, o título enxuto e nada explicativo não antecipava ao leitor seu conteúdo irreverente, este precisaria estar bem inteirado dos nomes apresentados no sumário para identificar o teor da publicação. No debate sobre o nome a ser dado para a revista, Nava[110] relatou ter dado seus palpites por julgar o título "um tanto seco", sugerindo nomes que remetessem ao conteúdo modernista. Prevaleceu a opinião de Drummond,

[108] A *Revista do Brasil* era uma leitura entre os integrantes do grupo, que pode ser comprovada na citação da publicação logo no artigo de abertura do primeiro número de *A Revista*. Além da aparência, outra coincidência está na seção "Os livros e as ideias", homônima à publicação de São Paulo. Fora estas similaridades, o grupo de *A Revista* não se aliava aos ideais da publicação paulista, ainda que proximidades possam ser visualizadas no período em que Paulo Prado dirigiu a revista.

[109] LUCA, Tania Regina de. *Op. cit.*, 2011. p. 15.

[110] NAVA, Pedro. *Op. cit.*, s/p.

segundo a qual o periódico não deveria ter suas propostas adiantadas na designação. Seja por receio às possíveis críticas à estética inovadora ou por não desejar fornecer pistas sobre a matriz literária e os objetivos da publicação, fato é que permaneceu o título que remetia apenas à sua natureza (revista), sem maiores especificações. Por outro lado, há de se levar em consideração que a escolha deste título anunciava e dialogava com a importância do gênero revista para a condução do movimento, visto que eram nas páginas deste suporte que a vanguarda tentava se consolidar na história literária brasileira.[111]

Levando em consideração que esta se consagrou como o suporte por excelência da vanguarda, a escolha deste título para a publicação anuncia e dialoga com a importância do gênero revista para a condução do movimento, sendo estas páginas responsáveis por modernizar o estilo e as ideias vanguardistas.

Ultrapassada a seriedade da capa que não chocaria o leitor habituado com este aspecto visual, nota-se um trabalho de diagramação um pouco mais despojado, com preocupação frente à composição do texto na página. Tal característica pode ser notada na variação dos tipos (principalmente nos títulos), alternância do uso de caixa alta e caixa baixa, itálico e filetes. Recursos simples de que dispunha a tipografia do *Diário de Minas*, mas que permitiam composição estética com alguma graça, ainda que na maior parte de texto se usasse o mesmo padrão de tipos, em letras miúdas.

**Figura 7.** Exemplo de diagramação da revista

40 A REVISTA

MARGINALIA

A "CIDADE VERDE"

CAPITULOS

Antonio Chrispim

Enterro na rua Pobre

**Fonte:** *A Revista*, Belo Horizonte, ano 1, n. 1. BBM-USP. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7054. Acesso em: 08 mai. 2020.

[111] O fato de a reflexão sobre o título remeter à importância do suporte para a vanguarda foi possibilitado em diálogo com o Professor Gilberto Figueiredo Martins durante a banca de defesa.

Todos os números da revista foram impressos na tipografia do *Diário de Minas*, sendo o primeiro de julho de 1925 e, embora o segundo número de agosto de 1925 afirme a ambição de circulação mensal, o terceiro número só chegou ao público em janeiro do ano seguinte. No expediente constam informações sobre custos da assinatura semestral e anual, o que indica a expectativa da revista de manter-se em circulação. Os números avulsos eram vendidos a 1$000 enquanto a subscrição semestral custava 6$000 e a anual em 12$000. Cabe comparar com *Klaxon* que, três anos antes, era vendida pelo mesmo valor; e a *Revista do Brasil*, que no ano de 1925 cobrava 1$800 por exemplar. No expediente há informações sobre a tiragem.

**Figura 8.** Expediente publicado nos dois primeiros números.

Expediente

"A REVISTA" publi-
ca-se mensalmente

Assignaturas para todo o Brasil:

*Anno* ..... *12$000*
*Semestre* ..... *6$000*
*Numero* ..... *1$000*

Toda e qualquer correspondencia deverá ser dirigida á Redacção e Administração.

*Avenida João Pinheiro, 565*

BELLO HORIZONTE

Encarrega-se de gerir os negocios de «A Revista» o nosso redactor Gregoriano Canêdo

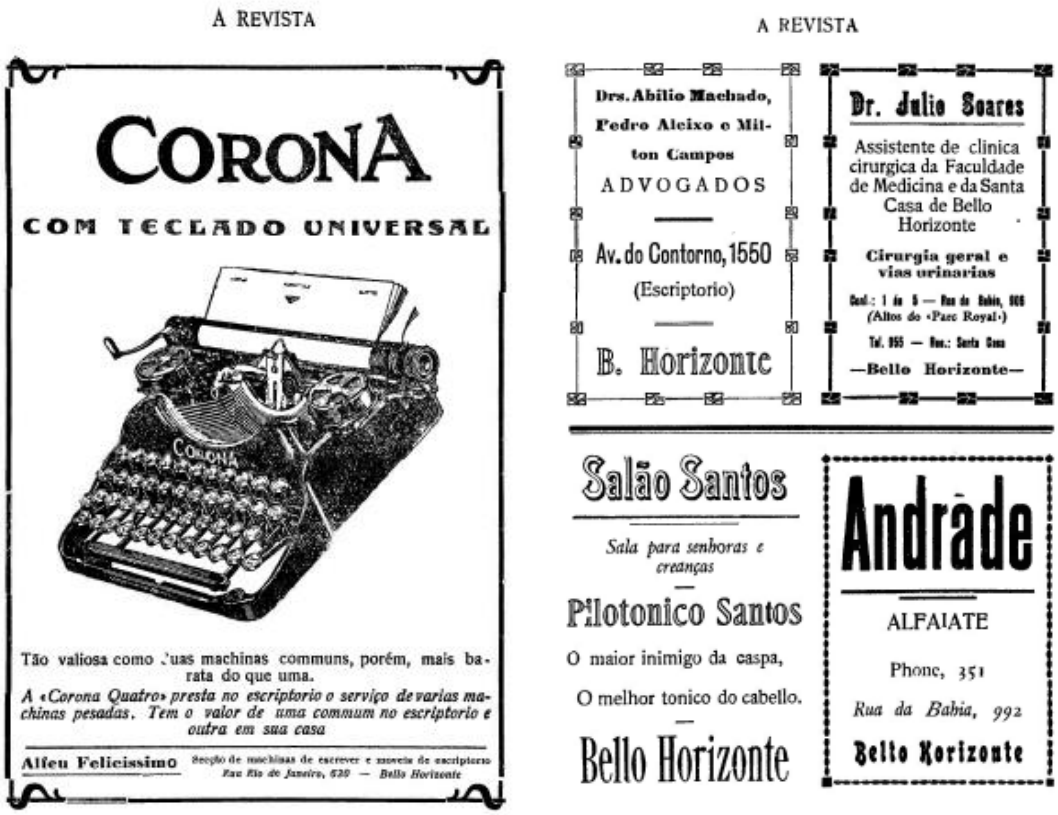
**Fonte:** BBM-USP. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7054. Acesso em: 30 jul. 2019.

Na primeira página dos números, constam os nomes dos responsáveis pela edição, cabendo a Martins de Almeida e Carlos Drummond a direção e a Emílio Moura e Gregoriano Canedo a redação. Graças ao expediente, sabe-se que Canedo assumiu a gestão da *A Revista*. Contudo, em entrevista posterior, Drummond afirmou que "o bom Canedo não participava das intenções estéticas do grupo",[112] ou seja, suas tarefas deveriam restringir-se aos aspectos comerciais.

[112] ANDRADE, Carlos Drummond de. Anúncios, ideias, nomes em *A Revista*. *Folha de S. Paulo*, 23 set. 1978.

Todos os números apresentaram 58 páginas, entre elas oito não numeradas e reservadas aos anúncios, que eram abundantes, ainda que se note discreta redução no decorrer do tempo: 23 no primeiro, 20 no segundo e 17 no terceiro.[113] É na publicidade que se encontra o reduzido material iconográfico publicado, cujos clichês, sempre em formato retangular, como era comum na época, traziam informações e ainda eram pouco criativos. Entre estes anúncios estiveram presentes prestadores de serviços, como médicos, advogados e um bom número de alfaiates; estabelecimentos comerciais, entre eles sapatarias, livrarias, loteria, armazéns, restaurantes, drogarias; e oferta de produtos variados como máquinas de escrever, cigarros e fogões. A publicidade que exibiu particular zelo na composição do texto foi a da Confeitaria Estrela, o que sugere que os jovens podem ter se incumbido da sua redação, pois ali se encontravam diariamente, o que lhes valeu o epíteto de grupo da Estrela. A confeitaria foi anunciada como "a preferida pelos acadêmicos de *linha*", sem perder a oportunidade, o grupo se colocou em lugar de prestígio na propaganda, já que eram eles os acadêmicos em referência.

**Figuras 9, 10, 11.** Exemplos de anúncios publicados em *A Revista*.

[113] Contagem realizada com base na mais recente edição fac-símile de *A Revista,* publicada pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo em 2014.

**Fonte**: BBM – USP. BBM-USP. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7054. Acesso em: 30 jul. 2019.

Segundo testemunho de Drummond, ficava a cargo de Gregoriano Canedo conseguir anunciantes; estes aceitavam contribuir modestamente, muito mais por amizade do que por eventual retorno econômico. Com humor, explicou a situação: "*A Revista* mereceu rodapés excelentes de Tristão de Ataíde, elogios de Agripino Grieco – mas quem iria comprar a máquina de fazer gelo, da Kiessling, de Leipzig, só porque seu representante em Minas deu um anúncio de favor aos rapazes?".[114]

Na crônica "Aqueles rapazes de Belo Horizonte",[115] Drummond afirmou que a *A Revista* só teve três números porque o dinheiro não dava para mais outros, mas logo muda de opinião como quem começa a se recordar da situação "Ou não foi bem isso, porque afinal dinheiro não tínhamos nem para um número e a publicação medrava à custa dos magros anúncios [...]". Ainda que a situação não fosse das melhores, condição recorrente entre periódicos modernistas, não foi decisiva para o fim da publicação, mas sim a chamada "diáspora" de seus integrantes após a conclusão dos cursos universitários, como conta o próprio Drummond: "[...] a *Revista*

[114] ANDRADE, Carlos Drummond de. Anúncios, ideias, nomes em *A Revista*. *Folha de S. Paulo*, 23 set. 1978.
[115] ANDRADE, Carlos Drummond de. Aqueles rapazes de Belo Horizonte. *Correio da Manhã*, 12 jul. 1952.

foi para o beleléu. Martins de Almeida, formado, seguiu de promotor para Oliveira, Emílio Moura tocou-se para Dores do Indaiá, Pedro Nava juizdeforou, outro meteu-se em Itabira".

Em relação ao conteúdo, *A Revista* reuniu significativo número de contribuições em prosa, poesia, artigos e ensaios. A organização do conteúdo não seguia uma ordem rígida, com apenas duas seções fixas: "Marginália" e "Os livros e as ideias". A primeira reuniu, como o próprio título indica, um conjunto de notas e comentários sobre arte, literatura, ou questões referentes à própria revista como seu aparecimento ou colaboradores; por vezes alguma colaboração em prosa como os "Capítulos",[116] assinados por Antonio Chrispim, pseudônimo de Drummond que posteriormente será bastante conhecido. Outros textos presentes nesta seção levantam reflexões a respeito do cenário belo-horizontino, de crítica ao provincianismo, aos costumes moralistas ou ainda debates sobre os aspectos do local na questão nacionalista, temas que expressaram o ponto de vista dos editores e demais envolvidos na revista.

Já a segunda, "Os livros e as ideias" tinha em vista informar o leitor a respeito das mais variadas publicações modernistas, nacionais e estrangeiras. No primeiro número, os redatores alertaram o leitor sobre os propósitos restritos da seção, como se pode ver na seguinte nota:

> O objetivo desta seção é limitado. Não pretendemos fornecer ao leitor uma visão do conjunto de produção literária nacional, e muito menos da estrangeira. Essa tarefa, difícil de ser realizada no Rio ou em S. Paulo, seria impraticável em Minas, que mantém escasso intercâmbio intelectual (?) com outros Estados, e do estrangeiro recebe apenas o que lhe enviam os editores portugueses e franceses. Mesmo dos últimos, muita coisa não chega até as Gerais, ou, se chega, é com um atraso desanimador. Assim, não pretendemos senão aquilo que está em nossas mãos: uma crítica nem sempre justa, porém sempre bem intencionada.[117]

A interrogação inserida após a justificativa de escasso intercâmbio intelectual já coloca em dúvida as possíveis limitações sofridas pelo grupo pois, logo na estreia da revista, foram publicadas críticas dos principais livros modernistas do período, como *Meu*, de Guilherme de Almeida, *Espírito moderno*, de Graça Aranha, *A escrava que não é Isaura*, de Mário de Andrade, e *Memórias sentimentais de João Miramar*, de Oswald de Andrade, todos lançados em 1925. Além de comentário sobre *Feuilles de Route* (1924), de Blaise Cendrars, que buscava aproximar a arte de Tarsila do Amaral da obra do poeta francês. Mesmo que, neste primeiro momento, o intercâmbio tenha se dado numa rota com os paulistas, ficava evidente que os

[116] Compõe os "Capítulos" três textos curtos e diversos: a crônica "Enterro na rua Pobre", comentários filosóficos em "As opiniões de Chuang-Tzú" e "Estrelas" paródico ao soneto de Olavo Bilac. *A Revista*, n°1, ano 1, jul./1925, p. 40-41.
[117] *A Revista*, n. 1, ano 1, jul./1925, p. 56.

mineiros estavam muito bem informados dos debates sobre o movimento. Ao longo dos números, cresceram os títulos de outros países, inclusive destacando o desconhecimento acerca da produção literária latino-americana: "Vamos a Europa com mais facilidade", como se afirmou em comentários sobre os livros do uruguaio Ildefonso Pereda Valdés.[118]

No quadro geral de colaborações, sobressai o fato de que 15% delas não são assinadas e, entre estes textos, alguns expressaram posicionamentos importantes, como os artigos que abrem os dois primeiros números da revista. Em seguida, aparecem entre os principais colaboradores os próprios integrantes do Estrela, o que era característico já que as revistas literárias surgiam como porta-vozes dos ideais propostos pelo grupo responsável. Assim, com o maior número de colaborações estão: Martins de Almeida e Carlos Drummond de Andrade com 11 colaborações cada, e Emílio Moura com 6 colaborações. Se somados os pseudônimos identificáveis de Drummond assinados em *A Revista*, como Antonio Chrispim e Y., totalizam 14 colaborações, sendo o principal colaborador do grupo.

**Tabela 2.** Colaboradores de *A Revista* por número de contribuições e porcentagem

| Autores | Contribuições por autor | Porcentagem por autor |
|---|---|---|
| s/assinatura | 12 | 15% |
| Martins de Almeida; Carlos Drummond de Andrade | 11 | 13,75% |
| Emílio Moura | 6 | 7,50% |
| Pedro Nava | 3 | 3,75% |
| Abgar Renault; Alberto Deodato Barreto; Antonio Chrispim; Godofredo Rangel; Gregoriano Canedo; Iago Pimentel; João Alphonsus; Juscelino Barbosa; Mário de Andrade | 2 | 2,50% |
| A.J. Pereira da Silva; Alberto Campos; Austen Amaro; Carlos Góes; Guilherme de Almeida; I.; J do C.; José de Magalhães Drummond; Manuel Bandeira; Mario Casasanta; Mario Ruiz; Milton Campos; Onestaldo Pennafort; Orosimbo Nonato; Ribeiro Somente; Ronald de Carvalho; Sigmund Freud; Wellington Brandão; Y. | 1 | 1,25% |
| **Total de contribuições** | **78** | |

**Fonte:** *A Revista*, Belo Horizonte, 1925-1926. Dados gerados pela plataforma RIC. Elaboração da autora.

[118] Posteriormente Ildefonso Pereda Valdés terá proximidade com literatos mineiros, colaborando em dois números da revista *Verde*, sendo também importante para intermediar o contato de Rosário Fusco com outros nomes da vanguarda latino-americana.

A presença de alguns colaboradores merece comentários pois, embora os responsáveis pela publicação tivessem a pretensão de inaugurar uma revista modernista em Minas (e contassem com um bom número de escritores adeptos da nova estética), no primeiro número registrou-se a presença de vários poetas tradicionais do meio mineiro, ditos "passadistas", ou seja, que alimentavam a tradicional literatura e pouco ou nada se relacionavam ao vanguardismo dos editores. Em *Beira-Mar*, Pedro Nava listou os que constituíram essa "colaboração conservadora", foram eles: Magalhães Drummond, Alberto Deodato, Iago Pimentel, Godofredo Rangel, Pereira da Silva, Wellington Brandão, Orozimbo Nonato, Carlos Góes e Juscelino Barbosa.[119] Eram estes médicos, advogados, políticos e poetas reconhecidos na sociedade belo-horizontina; nomes que, mesmo que não dialogando com as intenções estéticas do grupo, adicionavam a legitimidade do meio para que a revista pudesse se firmar.

Este fato "inevitável", que mesclava tradicionais e inovadores, incomodava Drummond, que relatou a Mário de Andrade no balanço do primeiro número publicado: "Tem muitíssimos defeitos, a colaboração é o que há de mais arca-de-Noé, a parte material não agrada, mas em Minas é isso mesmo, não se pode fazer muito melhor do que fizemos".[120] Em resposta, Mário de Andrade não considerou, porém, esta justaposição de concepções literárias como um mal, ao contrário, viu nesta opção de não fazer da publicação uma "igrejinha", como teria ocorrido em *Klaxon*, fato que julgava "contraproducente". Para o escritor paulista, espécie de orientador do grupo, nesta mescla poderia estar o êxito do novo periódico:

> Façam uma revista como *A Revista* botem bem misturado o modernismo bonito de vocês com o passadismo dos outros. Misturem o mais possível. É o único meio da gente fazer do público terra-caída amazonense. E isso é que é preciso. Ele pensa que está firme no passadismo e de supetão vai indo de cambulhada, não sabe e está se acostumando com vocês.[121]

Manuel Bandeira reiterou o conselho a Drummond: "O Mário diz de vocês que é o grupo de modernistas mais fortes que o Brasil tem. Aconselho diplomacia nas relações com o passadismo mineiro. Aproximação e sova por meio da prosa raciocinadora. Porrada só como revide".[122]

---

[119] NAVA, Pedro. *Beira-Mar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 282.
[120] Carlos Drummond de Andrade a Mário de Andrade, 19/07/1925. *In*: FROTA, Lélia Coelho (Org.). *Op. cit.*, p. 133.
[121] Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, 23/08/1925. *In*: FROTA, Lélia Coelho (Org.). *Op. cit.*, p. 142.
[122] *Apud*: DOYLE, Plínio. *Op. cit.*, 1976. p. 88.

De fato, estas colaborações heterogêneas poderiam confundir o leitor mais atento às intenções de renovação estética a que a revista se propunha, já que entre o folhear de páginas pode-se notar a dissonância entre essas colaborações. De um lado, tome-se como exemplo o poema "Igreja",[123] de experimentações modernistas em verso livre, no qual a tradição é colocada em jogo; poucas páginas depois da leitura deste poema de Drummond, o leitor de *A Revista* se deparava com contribuições de outro teor, como "O Poema Maior" [124] de Wellington Brandão, com uso das letras maiúsculas e o caráter transcendente que atribui à arte aproxima-se da poesia Simbolista, e tal contribuição poderia compor as páginas das revistas mineiras mais tradicionais. No mesmo número, Drummond escreve uma crítica sobre o livro "Seara de Emoção" publicado por Wellington Brandão em 1925. Levanta pontos que julga positivos no livro de poemas, mas não deixa de investir nas concepções estéticas que partilha, dizendo ao final: "Ah! Como eu gostaria de ver o Sr. Wellington desenvolvendo o seu legítimo temperamento poético num campo mais vasto e mais arejado! A poesia modernista, já o disse alguém, é a poesia do ar livre. Proponho este conceito à sua meditação."[125]. É nesta mediação sutil que o grupo conciliou a colaboração conservadora, e talvez necessária, sem deixar de lado seus ideais vanguardistas, inserindo-se pouco a pouco no meio belo-horizontino.

Por outro lado, alguns destes colaboradores, mesmo partilhando de uma visão mais tradicional, acabaram por trazer um conteúdo inovador, como é o caso do médico Iago Pimentel, que teve duas contribuições em *A Revista* a respeito da psicanálise. É Pimentel quem trouxe a tradução de Freud para o Brasil quando era ainda pouco conhecida e ainda menos compreendida, e foi justamente em *A Revista* que começou a publicar este material inédito.[126] Sua primeira colaboração, "Sobre a psicanálise",[127] buscou apresentar alguns dos principais conceitos e mostrar a trajetória do pensamento freudiano. Na segunda, de mesmo título, foi uma tradução de um texto em que Freud apresenta como se deu o início da psicanálise, quando ainda era aluno do Dr. Josef Breuer no tratamento de sua paciente que apresentava sintomas histéricos.[128] Ao final do artigo há indicação de que continuaria no próximo número, que não foi mais publicado.

---

[123] ANDRADE, Carlos Drummond de. Meus versos. *A Revista*, n°2, ano 1, ago./1925, p. 23-24.
[124] BRANDÃO, Wellington. O poema maior. *A Revista*, n°2, ano 1, ago./1925, p. 34-35.
[125] D. Seara de emoção – Wellington Brandão – Annuário do Brasil – 1925. *A Revista*, n°1, ano 2, ago./1925, p. 50-51.
[126] Sobre a recepção da psicanálise no modernismo mineiro, ver: SANTOS, Rodrigo Afonso Nogueira; KYRILLOS NETO, Fuad. Os primeiros tempos da psicanálise em Minas Gerais: a difusão das ideias freudianas na década de 1920 *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, [S.l.], v. 31, p. 80–106, 2017. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6430. Acesso em: 12 mar. 2021.
[127] PIMENTEL, Iago. Sobre a psicanálise. *A Revista*, n°2, ano 1, ago./1925, p. 14-15.
[128] FREUD, Sigmund. Sobre a psicanálise. Trad. Iago Pimentel. *A Revista*, n°3, ano 1, jan./1926, p. 23-26.

Assim, desde o aspecto gráfico à conciliação de colaborações aparentemente díspares, *A Revista* apresentou-se como publicação modernista, mas não propriamente vanguardista, mesclando moderação e inovação. Noutros termos, não abraçou o ímpeto combativo do vanguardismo paulista da primeira hora, nem procurou chocar ou confrontar o meio intelectual mineiro; foi com sutileza que mesclaram o conteúdo modernista ao cânone dominante.

## 2.2 *Verde*

Na pequena Cataguases surgiu *Verde* nos anos finais da década de 1920, que trouxe novos ares ao movimento modernista, provenientes do interior mineiro. O primeiro número foi publicado em setembro de 1927 e os três números seguintes cumpriram periodicidade mensal. O número 5, que deveria sair em janeiro, só circulou em julho,[129] com a capa em vermelho e uma nota informando tratar-se de "número especial", acompanhado de suplemento literário que fazia referência a números que não chegaram a ser publicados; com este quinto número encerrou-se a primeira fase de *Verde*. A revista retornou em maio de 1929, em nova edição especial para homenagear Ascânio Lopes, falecido em janeiro. Embora a ambição fosse a de dar continuidade à publicação, a segunda fase de *Verde* encerrou-se com este tributo ao "poeta por excelência". De acordo com Henrique de Resende, "Ascânio morreu no dia 10 de janeiro de 1929, e com ele morreu a *Verde*".[130]

Há especulações sobre a escolha do título, porém, para Francisco Inácio Peixoto, a "conotação é evidente", ou seja, simbolizava a própria juventude do grupo, além de ser este o título de um livro não publicado de Rosário Fusco. [131] No entanto, a opção poderia sugerir a ideia de exaltação nacional no sentido do movimento verde-amarelo, quando o grupo de Cataguases estava em vias de afirmação no modernismo. Já o subtítulo, "revista mensal de arte e cultura", constante em todos os números, permite identificar a ambição quanto ao conteúdo, sem especificar a proximidade com a produção literária modernista.

---

[129] Embora não se precise a data de publicação, supõe-se que tenha saído em julho. Entre as páginas da revista estão inscritas "janeiro de 1928". Cf. GUIMARÃES, Júlio Castañon. *Verde* uma revista e arredores, prefácio a edição fac símile. *Verde*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin, 2014. p. 14.

[130] RESENDE, Henrique. *Pequena história sentimental de Cataguases*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1969. p. 112.

[131] "Não sei se a sra. chegou a notar a predominância do verde, vinda do Ronald e de outros poetas. Era tudo verde. O próprio Fusco tinha um livro chamado Verde. Não o publicou. E foi o Fusco que deu nome de Verde à revista projetada pelo Ascânio, por ele, pelo Enrique." Entrevista de Francisco Inácio Peixoto. *Apud*: ROMANELLI, Kátia Bueno. *Op. cit.*, p. 192.

Nos dois primeiros números da revista figuram na capa os nomes de Henrique de Resende como diretor e os redatores Martins Mendes e Rosário Fusco. A partir do terceiro número e até o final da primeira fase, os três nomes citados comparecem como diretores. Já no único volume da segunda fase, a responsabilidade foi assumida por Henrique de Resende, Martins Mendes, Guilhermino César, Francisco Inácio Peixoto e Rosário Fusco.

A revista não possuía aspecto inovador em termos gráficos e deveria estar limitada aos recursos disponíveis na tipografia "A Brasileira", responsável pela impressão dos números, com exceção do nº5, impresso nas oficinas do jornal *O Cataguases.* Medindo 28 cm de comprimento por 21,5cm de largura, era consideravelmente maior que *A Revista*, e, mesmo com um aspecto simples, possuía visual menos sóbrio do que a antecessora mineira. O seu projeto gráfico modificou-se ao longo dos números: no início, possuía maior quantidade de adornos e detalhes, com título e margem na cor verde, que passou por um processo de simplificação, tanto no que concerne à capa quanto no corpo do texto.

A característica cor verde constava nas margens e, também, no título e subtítulo, ambos em caixa alta e centralizados na parte superior da capa. Nota-se a presença de logomarca que identifica o grupo de Cataguases, ao modo do que fizera a vanguarda paulista em *Klaxon*. Os tipos estilizados garantiam verticalidade ao título e certa mobilidade, perceptível na inversão das letras "s" do subtítulo, visual que foi abandonado no volume que compõe a segunda fase. Semelhante à revista de Belo Horizonte, o sumário era apresentado logo na capa, ao centro, iniciado por "NESTE NÚMERO DA *VERDE*"".

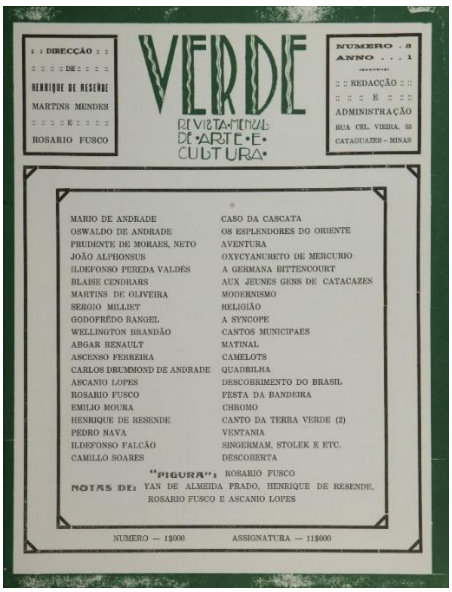
**Figura 12.** Capa da primeira edição de *Verde*.

**Fonte:** *Verde*, Cataguases, ano 1, n. 1. Acervo Digital da Biblioteca Brasiliana. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6935. Acesso em: 03 ago. 2019.

Os primeiros números apresentaram uma série de recursos tipográficos, utilizados para preencher e compor o aspecto visual, como os dois quadrados que delimitam o sumário e os pontos que ocupam os espaços vazios entre as informações técnicas de direção, redação, edição e endereço, que aparecem divididas em dois blocos ao lado do título. Tal prática de adornar com vinhetas ilustrativas e outros recursos, normalmente para completar lacunas, também estavam presentes no corpo da revista.

Entretanto, ao longo dos números, *Verde* simplificou o aspecto gráfico. Estas mudanças podem ser acompanhadas na troca de cartas entre Alcântara Machado e Mário de Andrade. O autor de *Brás, Bexiga e Barra Funda* foi um grande incentivador do grupo Verde e suas preocupações se estendiam à aparência da publicação. Em 11 de novembro de 1927, a respeito do 2º número da *Verde*, Machado apresentou suas opiniões ao jovem Fusco: "O aspecto material não está mau. Não gosto da cercadura – [desenho] – da capa. Tire-a que ficará melhor. O sumário 'Neste número da Verde' é redundante. Não ponha nada. Ou ponha só: Sumário.".[132] Conselho que foi seguido, como se nota nas alterações presentes no número seguinte:

**Figura 13.** Alterações da capa no terceiro número da revista.




**Fonte:** *Verde*, Cataguases, ano 1, n. 3. Acervo Digital da Biblioteca Brasiliana. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6935. Acesso em: 03 ago. 2019.

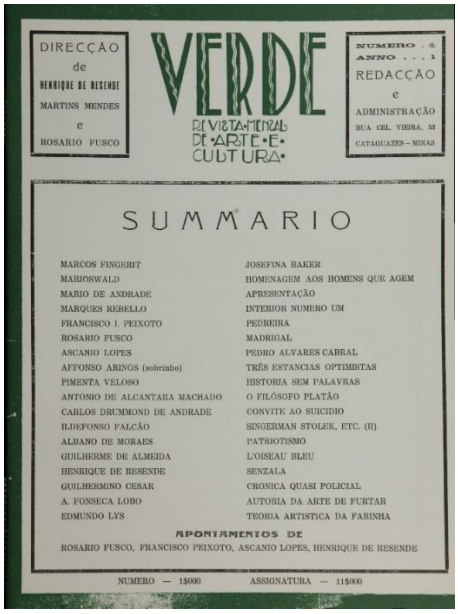
Em carta, Alcântara comenta a nova aparência e dá continuidade a suas orientações:

[132] Alcântara Machado a Rosário Fusco, 11/11/1927. *Apud*: MENEZES, A. L. G. R. L. *Op. cit.*, 2013. p. 369.

> O aspecto material prosperou. Eu se fosse você ainda simplificaria mais um bocado. Enfeia-o muito deseinho tipográfico. Na capa além da margem verde bastaria um quadrado preto encerrando o sumário. Não dois como agora. Nos paralelepípedos que ladeiam o título arranque os pontinhos :: :: ::. As letras bastam. Tire também os traços desenhados que separam os artigos. O que está entre o conto do Alphonsus e a poesia do Camilo (décima página) é horroroso. Para que separação? Para esse fim bastam os títulos. Mas querendo separar ponha um traço e mais nada. Uma linha como se diz em língua tipográfica. // Desculpe a intromissão em cousa com a qual não tenho nada, absolutamente nada que ver. Mas a Verde é tentativa tão gostosa que a gente fica assim com uma vontade louca de ser colaborador dela. [133]

O 4º número da revista apresentou o resultado deste processo, com um aspecto mais limpo, sem os "deseinhos" (sic) tipográficos que carregavam a visualidade da capa. Ao contrapor esta sequência de cartas com as modificações nas capas fica evidente a importância desta sociabilidade que conectava "experientes" e "mocinhos" dispostos a ouvir. Mais do que simplesmente uma ordem hierárquica, sobressaía a troca de interesses, evidente na frase final da missiva de Alcântara; uma tentativa de construção coletiva que parte da iniciativa de alguns jovens, mas que abrigava interesse de modernistas já consagrados em livros, uma vez que *Verde* constituiu-se num novo espaço para circulação das ideias vanguardistas.

**Figura 14.** Novas alterações da capa no quarto número da revista.



DIRECÇÃO de HENRIQUE DE RESENDE MARTINS MENDES e ROSARIO FUSCO

VERDE

REVISTA MENSAL DE ARTE E CULTURA

NUMERO . 4
ANNO . . . 1

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO
RUA CEL. VIEIRA, 53
CATAGUAZES – MINAS

SUMMARIO

| | |
|---|---|
| MARCOS FINGERIT | JOSEFINA BAKER |
| MARIOSWALD | HOMENAGEM AOS HOMENS QUE AGEM |
| MARIO DE ANDRADE | APRESENTAÇÃO |
| MARQUES REBELLO | INTERIOR NUMERO UM |
| FRANCISCO I. PEIXOTO | PEDREIRA |
| ROSARIO FUSCO | MADRIGAL |
| ASCANIO LOPES | PEDRO ALVARES CABRAL |
| AFFONSO ARINOS (sobrinho) | TRÊS ESTANCIAS OPTIMISTAS |
| PIMENTA VELOSO | HISTORIA SEM PALAVRAS |
| ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO | O FILÓSOFO PLATÃO |
| CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE | CONVITE AO SUICIDIO |
| ILDEFONSO FALCÃO | SINGERMAN STOLEK, ETC. (II) |
| ALBANO DE MORAES | PATRIOTISMO |
| GUILHERME DE ALMEIDA | L'OISEAU BLEU |
| HENRIQUE DE RESENDE | SENZALA |
| GUILHERMINO CESAR | CRONICA QUASI POLICIAL |
| A. FONSECA LOBO | AUTORIA DA ARTE DE FURTAR |
| EDMUNDO LYS | TEORIA ARTISTICA DA FARINHA |

APONTAMENTOS DE
ROSARIO FUSCO, FRANCISCO PEIXOTO, ASCANIO LOPES, HENRIQUE DE RESENDE

NUMERO — 1$000 ASSIGNATURA — 11$000

**Fonte:** *Verde*, Cataguases, ano 1, n. 4. Acervo Digital da Biblioteca Brasiliana. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6935. Acesso em: 03 ago. 2019.

[133] Alcântara Machado a Rosário Fusco, 05/12/1927. *Apud*: MENEZES, A. L. G. R. L. *Op. cit.*, 2013. p. 369.

A tiragem de 500 exemplares custava 500$000, com os exemplares vendidos por 700 réis para os revendedores, conforme contou Fusco a Mário, em carta de 24 de janeiro de 1928.[134] A partir do segundo número, a revista trouxe informações de preço: 1$000 o exemplar avulso e 11$ a assinatura anual, valores que se mantiveram durante a primeira fase, com exceção do nº 5, cujo preço avulso passou a 1$500. O único número da segunda fase não trouxe dados sobre assinatura, apenas o valor do exemplar, a 1$200, o que leva a crer que já se presumiam dificuldades para retomar a publicação de modo contínuo. Comparem-se esses montantes com revistas de grande circulação contemporâneas, a exemplo de *Fon-Fon* (Rio de Janeiro, 1907-1958) que, em outubro de 1927, era vendida por 1$000 o exemplar, vale lembrar que cada edição continha, em média, 80 páginas recheadas de ilustrações. No ano seguinte, o primeiro número da revista *Cruzeiro* (Rio de Janeiro, 1928-1985) também circulou com o valor avulso de 1$000.

Na mesma carta acima citada, Fusco comentou sobre a importância dos anúncios para o sustento da revista. Com cerca de 30 páginas, a publicação abrigava reclames diversificados, alocados nas páginas iniciais e finais de cada número e, por vezes, espalhados no corpo da revista. A maioria era simples, mas alguns estampavam iconografia, a exemplo do Vermicida César, acompanhado de foto de uma criança e a descrição dos benefícios do produto, sem dúvida bastante exagerados, comprovados pela imagem do menino: "Com uma dose do **Vermicida César**, que é o melhor de todos os lombrigueiros, expeliu mais de 500 lombrigas, ficando alegresinho, sadio e forte como se vê".

Outro anúncio curioso figurou no quinto número da revista, trata-se do "Bar Capital da Inglaterra de Aris...tides Rocha", que oferecia as seguintes especialidades: "água filtrada, sorvete de carne de porco, balas de canhão, óleo de oliva em pó, bolinhos de cimento armado, bifes de frutas estrangeiras, salada de pasteis, café à milanesa, ovos recheados de frangos, empadas de artigos para fumantes, bozó, fósforos em calda etc.". Para completar a comicidade, o endereço aparece como Praça "Águia de Haia", trocadilho que remete ao epíteto de Rui Barbosa, que tem em Cataguases uma praça em sua homenagem. Este anúncio jocoso, ou mesmo "antianúncio",[135] inserido entre os demais da página, pode ser uma forma divertida que os rapazes encontraram de queixar-se da dificuldade em encontrar anunciantes na comunidade local.

---

[134] Rosário Fusco a Mário de Andrade, 24/01/1928. *Apud*: MENEZES, A. L. G. R. L. *Op. cit.*, 2013. p. 123.
[135] *Klaxon* foi a primeira das publicações modernistas a inserir a blague entre seus anúncios, ver: LIMA, Yone Soares. *A ilustração na produção literária:* São Paulo – década de vinte. São Paulo: IEB/USP, 1985. p. 72.

Reduzidos no decurso dos números da primeira fase, na segunda fase de *Verde* registrou-se apenas um anúncio relativo à editora ligada ao grupo, A Brasileira. Em carta a Guilhermino César, Francisco Inácio Peixoto comentou sobre as dificuldades em encontrar anunciantes na cidade, ainda que animados com a qualidade da produção: "Lutamos alguma dificuldade falta auxílio parte comerciantes. Não dão anúncios. Povo besta ignorante povo Cataguases! / Quarto número Verde supimpa. Vai ver...".[136]

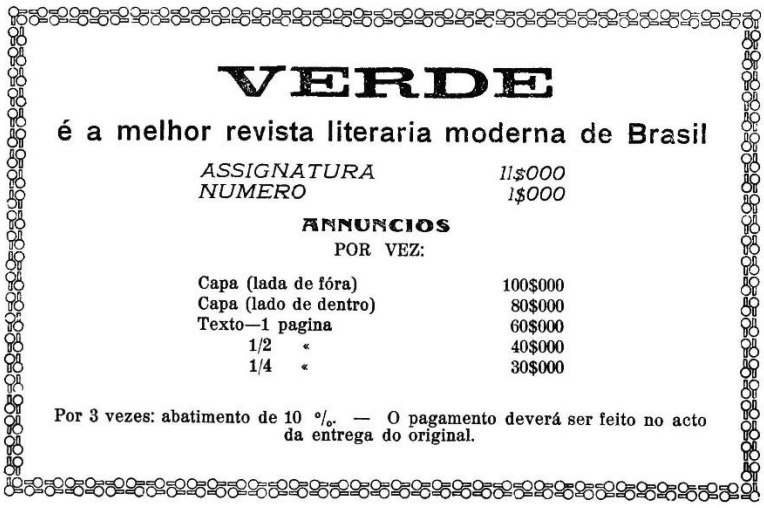
**Tabela 3.** Quantidade de anúncios publicados em *Verde* por edição.

| Anúncios em *Verde* | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Edição | Nº1 | Nº2 | Nº3 | Nº4 | Nº5 | Nº1/2 |
| Total por número | 20 | 24 | 18 | 16 | 19 | 1 |

**Fonte:** *Verde*, Cataguases, 1927-1928; 1929. Elaboração da autora.

Diante desta dificuldade, no expediente do quarto e quinto números de *Verde*, informavam-se os valores cobrados dos anunciantes, que variavam segundo a localização na revista.

**Figura 15.** Chamada para anúncios em *Verde*.



VERDE

é a melhor revista literaria moderna de Brasil

ASSIGNATURA 11$000
NUMERO 1$000

ANNUNCIOS
POR VEZ:

| | |
|---|---|
| Capa (lada de fóra) | 100$000 |
| Capa (lado de dentro) | 80$000 |
| Texto—1 pagina | 60$000 |
| 1/2 « | 40$000 |
| 1/4 « | 30$000 |

Por 3 vezes: abatimento de 10 %. — O pagamento deverá ser feito no acto da entrega do original.

**Fonte:** *Verde*, Cataguases, ano 1, n. 4, p. 28. Acervo Digital da Biblioteca Brasiliana. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6935. Acesso em: 03 ago. 2019.

A preocupação com a manutenção da revista também figurou nas cartas do diretor Henrique de Resende a Mário de Andrade. Na tentativa de ampliar os anunciantes para além da

[136] Carta de Francisco Inácio Peixoto a Guilhermino César, 18/12/1927. *Apud*: MENEZES, A. L. G. R. L. *Op. cit.*, 2013. p. 252.

cidade, escreveu ao poeta paulista: "Olhe uma coisa: se na sua roda, entre os seus amigos, houver algum sócio ou dono de qualquer coisa anunciável, fale a ele pra mandar o anúncio. Já estamos lançando mão do anúncio de fora. A cidade aqui é pequenina – e esgota-se cedo, na sua paciência e condescendência.".[137]

Neste debate sobre o futuro da revista, os rapazes de Cataguases chegaram a propor a entrada de Mário na redação de *Verde*, assumindo ainda a "chefia" do grupo.[138] Não explicaram os motivos deste convite, mas, aliado ao reconhecimento de amizade, certamente estava a força que a figura de Mário traria para a revista e, com isso, maiores possibilidades de manterem a publicação. Mário declinou do convite por entender que esta atitude injustamente ofuscaria o mérito do grupo, também rejeitando a atribuição do papel de orientador.[139] Ainda na mesma missiva, compreendendo a angústia dos rapazes, dispõe-se a manter contribuição financeira e esclareceu que não pediria dinheiro em nome da revista.[140]

Os responsáveis cogitaram em mudar o formato, a fim de conseguir mais assinantes e barateá-la. Esta ideia foi aventada na nota "Gente"[141], publicada no suplemento literário que acompanhou o quinto número. A nota demonstrava o receio dos rapazes com a possível "morte" de *Verde* e justificavam a decisão de que "a nossa revistinha ficasse menor, mais barata pra gente e pra vocês também". Dirigiam-se diretamente ao leitor e alertavam que a revista precisava de assinantes ou "Sem isso ela morrerá NECESSARIAMENTE!". E apresentaram a nova tabela de preços: 500 reis o número avulso, 800 reis para números atrasados e a assinatura anual por 6000 reis. A alteração do formato não ocorreu e este número encerrou a primeira fase de *Verde*.

Nos números 3 e 4, a quarta capa trouxe lista de "Livros que os leitores de VERDE devem ler", na qual constavam obras modernistas recém-publicadas e anunciavam-se aquelas

---

[137] Henrique de Resende a Mário de Andrade, 25/12/1927. *Apud*: MENEZES, A. L. G. R. L. *Op. cit.*, 2013. p. 94.
[138] "Eu tive conversando com o Henrique sobre a reforma *Verde* e ele me disse então que convidasse você pra redação da baita. Se não houver encrencas partidárias de grupos e outras coisas mais que comprometam você como chefe de um grupo – como esse um de S. Paulo." Rosário Fusco a Mário de Andrade, 08/06/1928. *Apud*: MENEZES, A. L. G. R. L. *Op. cit.*, 2013. p. 170.
[139] "A injustiça é clara e não careço esclarecer. Mas me torno inconsequente porque devido ao papel em que me botaram nestas coisas de orientação moderna no Brasil, se eu aparecesse como redator todo mundo via logo nisso, embora falsamente, o meu nome e nada mais. Me botariam chefiando vocês. O que além de ser uma injustiça repulsiva pra com vocês e um amesquinhamento infame positivamente da bonita atividade de vocês, era me dar um papel que sempre me recusei a aceitar: chefiar uma orientação." Mário de Andrade a Rosário Fusco, 08/06/1928. *Apud*: MENEZES, A. L. G. R. L. *Op. cit.*, 2013. p. 172.
[140] "O que mandei foi dado pra Verde e não pro número tal de Verde. Paguem dívidas se houver e pronto. Agora: se fizerem questão de Verde aparecer [segunda fase], conservo minha promessa, entro no número dos marchantes a 10$000, como 5 marchantes, isto é, mandarei 50$000 mensais. Agora: não me ofereço para arranjar outros. Pedir dinheiro, nem que seja pra outros e pra coisas justas, você não imagina: é intolerável pra mim. Tenho dois amigos ricaços, dona Olívia Penteado e Paulo Prado. Nunca jamais não fiz nenhum pedido pra eles. É mesmo por isso que justifico a amizade que tenho por eles.". *Apud*: MENEZES, A. L. G. R. L. *Op. cit.*, 2013. p. 173.
[141] Gente. *Verde*, n. 5, ano 1, jan. de 1928, p. 8.

que sairiam em breve, inclusive relacionando lançamentos dos próprios integrantes do grupo. Ainda que a divulgação destas obras não conferisse pagamento e sustento à revista, estas indicações de leituras, em forma de divulgação, podem ser lidas como um indício de aproximação da linha editorial de *Verde* ao vanguardismo, tal como compreendido pelos responsáveis.

**Tabela 4.** Lista dos "Livros que os leitores de *Verde* devem ler" por local e data de publicação

| | "Aparecidos" | Local e Data | "A sair" | Local e Data |
|---|---|---|---|---|
| Nº3 | *Primeiro andar*, Mário de Andrade | SP, 1926 | *O direito da família sobre o cadáver*, Ascânio Lopes | Não publicado |
| | *Amar, verbo intransitivo*, Mário de Andrade | SP, 1927 | *Catimbó*, Ascenso Ferreira | SP, 1927 |
| | *Clã do Jaboti*, Mário de Andrade | SP, 1927 | *Poemas Cronológicos*, Henrique de Resende, Ascânio Lopes, Rosário Fusco | Cataguases 1928 |
| | *Brás, Bexiga e Barra Funda*, Antônio Alcântara Machado | SP, 1927 | *Codaque*, Rosário Fusco | Não publicado |
| | *Primeiro caderno de poesias*, Oswald de Andrade | SP, 1927 | *Bambú imperial*, Achiles Vivacqua | Não publicado |
| Nº4 | *Este é o canto da minha terra*, Antonio Constantino | SP, 1927 | *O direito da família sobre o cadáver*, Ascânio Lopes | Não publicado |
| | *Poemas analógicos*, Sérgio Milliet | SP, 1927 | *Poemas Cronológicos*, Henrique de Resende, Ascânio Lopes, Rosário Fusco | Cataguases 1928 |
| | *Primeiro andar*, Mário de Andrade | SP, 1926 | *Codaque*, Rosário Fusco | Não publicado |
| | *Amar, verbo intransitivo*, Mário de Andrade | SP, 1927 | *Laranja da China*, Antônio Alcântara Machado | SP, 1928 |
| | *Clã do Jaboti*, Mário de Andrade | SP, 1927 | *Bambú imperial*, Achilles Vivacqua | Não publicado |
| | *Brás, Bexiga e Barra Funda*, Antônio Alcântara Machado | SP, 1927 | *Serenidade*, Achilles Vivacqua | BH, 1928 |
| | *Pathé Baby*, Antônio Alcântara Machado | SP, 1926 | *Álbum de vistas da cidade de Cataguases*, Francisco Inácio Peixoto | Não publicado |
| | *Primeiro caderno de poesias*, Oswald de Andrade | SP, 1927 | | |
| | *Feira Literária* | SP, 1927-? | | |

**Fonte:** *Verde*, Cataguases, 1927-1928; 1929. Elaboração da autora.

A lista das obras explicita a aproximação do grupo *Verde* com intelectuais pertencentes à vanguarda paulista ou próximos a ela. Além do valor próprio destas obras, indicações recorrentes de livros de Alcântara Machado e Mário de Andrade expressavam o reconhecimento pelo apoio que estes autores sempre deram ao grupo. Outros nomes compunham a rede de sociabilidade do modernismo em âmbito nacional, como Ascenso Ferreira, importante nome do modernismo em Recife, que teve contato com o grupo de Cataguases mediado pelos paulistas.

Surpreende a indicação da revista *Feira Literária* (SP, 1927-) entre as demais obras, ainda mais com a definição de que este é "o mensário de maior circulação no Brasil. Colaborado pelos melhores escritores modernos em evidência". *Feira Literária* foi dirigida por Herculano Vieira, que foi redator-secretário de *Novíssima* (SP, 1923-1926), o que, por sua vez, remete para Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo e Plínio Salgado.[142] Pouco estudada na história da imprensa literária, a publicação trazia em sua capa a informação de que foi laureada pela Academia Brasileira de Letras. Surpreende a definição que o grupo deu a esta revista, o que, a princípio, ao julgar pela proximidade mantida com o círculo acadêmico, não deveria ser valorizado pelos autores de *Verde*.

A menção "A Sair" figurou ao lado de futuros livros dos responsáveis por *Verde*, entretanto, de tudo o que foi anunciado, apenas *Poemas cronológicos* veio a público em 1928, pela Editora Verde, ligada ao grupo. Ainda que a indicação "Livros que os leitores de *Verde* devem ler" só tenha sido publicada nos números 3 e 4, a divulgação de livros continuou nos números sequentes, o que atesta, sob outra perspectiva, os grupos com os quais os rapazes de *Verde* se relacionavam.

**Tabela 5.** Livros e periódicos divulgados em *Verde* por local e data de publicação

| Número | Título e autor | Local e Data |
|---|---|---|
| Nº 5 | *Revista de Antropofagia* | SP, 1928-1929 |
| | *Macunaíma*, Mário de Andrade | SP, 1928 |
| | *Laranja da China*, Antônio Alcântara Machado | SP, 1928 |
| | *A boneca vestida de Arlequim*, Álvaro Moreira | RJ, 1927 |
| | *A estrela de absinto*, Oswald de Andrade | SP, 1927 |
| | *Poemas cronológicos*, Henrique, Rosário e Ascânio | Cataguases, 1928 |
| | *Cana Caiana*, Ascenso Ferreira | SP, 1939 |

[142] Segundo Guelfi, o nome de Herculano Vieira aparece como redator-secretário a partir do número treze de *Novíssima*. GUELFI, Maria Lúcia. *Op. cit.*, 1987, p. 39.

| | | |
|---|---|---|
| Nº 1 / Fase 2 | *Estudos*, Tristão de Athayde | RJ, 1928 |
| | *Meia Pataca*, Guilhermino César e Francisco Inácio Peixoto | Cataguases, 1928 |
| | *Circo*, Álvaro Moreyra | RJ, 1929 |
| | *Fruta do Conde*, Rosário Fusco | Cataguases, 1929 |
| | *Laranja da China*, Antônio Alcântara Machado | SP, 1928 |
| | *Ensaio sobre a música brasileira*, Mário de Andrade | SP, 1928 |
| | *Movimento Brasileiro*: revista de crítica e informação, Renato de Almeida | RJ, 1929-1930 |
| | *A ordem*: revista de cultura religiosa, Alceu Amoroso Lima (T. de A.) e Perillo Gomes | RJ, 1921-1990 |
| | *Espelho de loja*, Alba de Mello | SP, 1929 |
| | *Arco e Flexa*: revista de arte nova, Carlos Chiacchio, Carvalho Filho e Pinto de Aguiar | BA, 1928-1929 |

**Fonte:** *Verde*, Cataguases, 1927-1928; 1929. Elaboração da autora.

Vale apontar que as obras anunciadas não se confundem com a seção de livros recebidos, também presente na revista e que mereceu destaque nas páginas de *Verde*, tanto que a diagramação era feita com tipos de letras maiores, presentes na contracapa ou nas partes interiores das capas. Há indicação de que se pretendia destinar, pelo menos parte desse espaço, para anúncios pagos, conforme nota do último número da primeira fase da revista, na qual se lê: "– anuncie – aqui o próximo aparecimento de seu livro".

**Figura 16.** Anúncios de livros em *Verde*

**Fonte:** *Verde*, Cataguases, segunda fase, ano 1, n. 1. Acervo Digital da Biblioteca Brasiliana. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6935. Acesso em: 08 mai. 2020.

No que diz respeito ao conteúdo, o periódico tratou, basicamente, de assuntos literários e raramente tocou em questões culturais mais amplas. Mesmo o cinema teve pouco espaço, ainda que o assunto fosse de relevância, visto que a cidade foi o berço da produção cinematográfica, com o cineasta Humberto Mauro[143]. Menções ao cineasta aparecem em três momentos na revista. No primeiro número, houve crítica bastante entusiasta de "Tesouro Perdido" (1927), na qual Rosário Fusco reforça as relações entre local e nacional: "É a primeira fita nacional! Fita genuinamente cataguasense-brasileira-mineira. O sr. Humberto Mauro tá de parabéns!".[144] No suplemento do quinto número, o pioneirismo de Cataguases na cinematografia nacional foi tema do artigo "Cataguases, o cinema, a Phebo, a lei de menores, etc." [145], quando a cidade foi comparada a uma "Holywood-mirim". Por fim, já na segunda fase da revista, noticia-se que a companhia Phebo Brasil Filmes se preparava para a filmagem de seu novo filme, "Sangue Novo" (1929), com direção de Humberto Mauro.

Embora as seções fixas tenham sofrido modificações ao longo dos números, havia uma similaridade no conteúdo tratado, sobretudo de literatura e, por vezes, de outros temas ligados à produção artística de forma mais ampla. A seção "Literatura" era dedicada para comentários críticos sobre livros publicados num período em média de até dois anos. A partir do nº 3 a seção apresentou também a nota "Heróis de cinema" de Yan de Almeida Prado; crítica sobre o segundo número de *Festa* por Ascânio Lopes; além de listar alguns livros, revistas e jornais recebidos pela redação. Desta ampliação do conteúdo é que a revista modificou suas seções a partir do nº4, apresentando duas seções novas: "Notícias sobre livros e outras notícias", para comentários literários em geral, e ainda a seção de "Livros recebidos" que, na segunda fase, é alterada para "Bibliografia".

Inaugurada no nº 5, a seção "Movimento", como o próprio título sugere, apresentou notas breves e geralmente não assinadas sobre o movimento de renovação artística nacional e internacional com a vanguarda latino-americana. Traziam informações de livros a serem lançados, exposições, conferências, cinema e a publicação de outras revistas, além de comentários sobre a própria *Verde*, como algumas explicações sobre os erros tipográficos que saíram e as próximas colaborações prometidas. A seção "Feira de amostras" foi lançada com o objetivo de criar um espaço para divulgação de livros recebidos pela redação. Como apenas foi

[143] Humberto Mauro (1897-1983) foi um dos pioneiros do cinema nacional, sempre tratando de temáticas brasileiras. Com a criação da produtora Phebo Filmes em 1925, seus primeiros filmes foram contemporâneos do movimento modernista de *Verde*, com quem mantinham proximidade. Neste período, produziu os seguintes filmes: *Na primavera da vida* (1926), *Tesouro perdido* (1927), *Brasa dormida* (1928) e *Sangue mineiro* (1929).
[144] R.F. Notas de Arte – Música e Cinema: Tesouro Perdido. *Verde*, n. 1, ano 1, set/1927, p. 31.
[145] J. Martins. Cataguases, o cinema, a Phebo, a lei de menores, etc. *Verde*, n. 5, ano 1, jul/1928, p. 4.

inaugurada no último número publicado, trouxe como única colaboração a transcrição de três capítulos do livro *Estudos* (1927) de Tristão de Ataíde.

**Tabela 6.** Seções publicadas em *Verde*

| Nº | Seções da revista | | | |
|---|---|---|---|---|
| 1 | Literatura | | | |
| 2 | Literatura | | | |
| 3 | Literatura | | | |
| 4 | Notícias sobre livros e outras notícias | Livros recebidos | | |
| 5 | Notícias sobre livros e outras notícias | Livros recebidos | Movimento | |
| Suple-mento | | Livros recebidos | Movimento | |
| 1 / Fase 2 | | Bibliografia | Movimento | Feira de amostras |

**Fonte:** *Verde*, Cataguases, 1927-1928; 1929. Elaboração da autora.

Em relação aos colaboradores, *Verde* reuniu contribuições de diversos grupos das vanguardas brasileiras, com maior mobilização do grupo de *A Revista* e de Mário de Andrade. Entre os principais colaboradores estavam os próprios integrantes do grupo, com a liderança de Rosário Fusco, que assina 15% do conteúdo publicado na revista, seguido por Francisco Inácio Peixoto, Henrique de Resende, Ascânio Lopes e Guilhermino César. Com 8 textos assinados, o nome de Mário de Andrade aparece como o principal colaborador externo, contribuído a partir do segundo número (quando inicia o contato com o grupo verde) e em todos os seguintes.

**Tabela 7.** Colaboradores de *Verde* por número de contribuições e porcentagem

| **Autores** | **Contribuições por autor(a)** | **Porcentagem por autor(a)** |
|---|---|---|
| Rosário Fusco | 25 | 15,33% |
| Francisco Inácio Peixoto; Henrique de Resende | 12 | 7,36% |
| Ascânio Lopes | 11 | 6,70% |
| Guilhermino Cesar; Mário de Andrade | 8 | 4,90% |
| Martins Mendes | 5 | 3,04% |

| | | |
|---|---|---|
| Antônio de Alcântara Machado; Emílio Moura; Carlos Drummond de Andrade; Camillo Soares | 4 | 2,43% |
| Ascenso Ferreira; Edmundo Lys; Martins de Oliveira | 3 | 1,82% |
| Abgar Renault; Affonso Arinos (sobrinho); Ildefonso Pereda Valdés; Maria Clemencia; Marques Rebello; Oswald de Andrade; Oswaldo Abritta; Peregrino Junior; Ribeiro Couto; Sérgio Milliet; Yan de Almeida Prado | 2 | 1,21% |
| A. C. Couto de Barros; A. Fonseca Lobo; Albano de Moraes; Augusto Frederico Schmidt; Álvaro Moreyra; Blaise Cendrars; Carlos Chiacchio; Dolour; Fonte Boa; Godofredo Rangel; Graça Aranha; Guilherme de Almeida; Ildefonso Falcão; J. Martins; João Alphonsus; João Dornas Filho; Jorge Fernandes; José Américo de Almeida; Nicolás Fusco Sansone; Norah Borges; Marcos Fingerit; Murilo Mendes; Norah Borges; Paulo Prado; Pedro Nava; Pimenta Velloso; Prudente de Moraes Neto; Roberto Theodoro; Saúl de Navarro; Tasso da Silveira; Theobaldo de Miranda Santos; Tristão de Ataíde; Ubyratan Valmont; Walter Benevides; Wellington Brandão; Willy Levin | 1 | 0,60% |
| **Total de contribuições** | **163** | |

**Fonte:** *Verde*, Cataguases, 1927-1928; 1929. Dados gerados pela plataforma RIC. Elaboração da autora.

No primeiro número figuram entre colaboradores externos apenas alguns nomes do grupo mineiro de *A Revista*, com os poemas "Inquietação",[146] de Emílio Moura e "Sinal de Apito",[147] de Drummond. A partir do contato que os verdes estabelecem com alguns modernistas paulistas e o apoio que conquistaram para continuar a publicação, as críticas recebidas foram compreendidas e o caráter modernista da publicação foi ganhando maior consistência. Já no segundo número, recebe colaborações de Antonio Alcântara Machado, que envia o conto "O aventureiro Ulisses"[148] do livro *Laranja da China* e o poema "Rondó do Brigadeiro"[149] de Mário de Andrade.

Ao longo dos números, a revista reuniu colaboradores de vários estados do país, como Carlos Chiacchio, da Bahia, Ascenso Ferreira e Willy Levin, de Pernambuco, Jorge Ferreira, do Rio Grande do Norte, e José Américo de Almeida, da Paraíba do Norte, marcando a presença de romancistas nordestinos em *Verde*. Entre outros nomes reconhecidos no cenário literário e

[146] MOURA, Emilio. Inquietação. *Verde*, nº1, ano 1, set./1927, p. 14.
[147] ANDRADE, Carlos Drummond. Sinal de apito. *Verde*, nº1, ano 1, set./1927, p. 15.
[148] MACHADO, Antonio Alcântara. O aventureiro Ulissses. *Verde*, nº2, ano 1, out./1927, p. 08-09.
[149] ANDRADE, Mário. Rondó do Brigadeiro. *Verde*, nº2, ano 1, out./1927, p. 11.

intelectual da época, Graça Aranha e Tasso da Silveira surpreendem ao compor o rol de colaboradores de *Verde* por destoarem dos posicionamentos do grupo a respeito do movimento. De Tasso, trata-se de uma contribuição indireta, uma vez que a revista transcreve um artigo seu publicado em *Festa* em que tece comentários sobre o livro *Poemas cronológicos*.[150] Já Graça Aranha publica notas sobre o centenário de nascimento de José de Alencar e a morte de Jackson de Figueiredo.[151] Também figuram novos nomes da vanguarda mineira, caso de Murilo Mendes, João Dornas Filho e Achilles Vivacqua, estes dois últimos responsáveis pela revista *leite criôlo*.

Esta pluralidade de contribuições vindas de vários cantos e grupos demonstra parte da repercussão que *Verde* alcançou no cenário modernista nacional, dando novo fôlego e espaço para a continuidade dos ideais desse movimento. Da pequena Cataguases, o jovem grupo amadurece sua publicação, que reverbera país afora. Exemplar desta questão, o poema escrito a quatro mãos "Homenagem aos Homens que Agem" por Mário e Oswald de Andrade (que comporia o livro *Oswaldario dos Andrades*, nunca publicado), mostra como a revista teve participação notável no modernismo nacional:

Homenagem aos Homens que Agem

Tarsila não pinta mais
Com verde Paris
Pinta com Verde
Cataguases

Os Andrades
Não escrevem mais
Com terra roxa
NÃO!
Escrevem
Com tinta Verde
Cataguases

Brecheret
Não esculpe mais
Com plastilina
Modela o Brasil
Com barro Verde
Cataguases

Villa Lobos

[150] O GRUPO de "Verde" e os outros. *Verde*, nº 5 (suplemento), ano 1, jan./1928, p. 10-12.
[151] ARANHA, Graça. José de Alencar; Jackson. *Verde*, nº 1, ano 1, fase 2, mai./1929, p. 11.

Não compõe mais
Com dissonâncias
De estravinsquí
NUNCA!
Ele é a mina Verde
Cataguases

Todos nós
Somos rapazes
Muito capazes
De ir ver de
Forde Verde
Os azes
De Cataguases[152]

Antes "mocicos", agora o grupo de Cataguases é formado por homens que agem na construção do movimento nacional. A pintura de Tarsila, as letras de Mário e Oswald, a escultura de Brecheret e a música de Villa Lobos; todas as formas artísticas são influenciadas pelas ideias verdes. Os grandes nomes que representam a arte modernista, antes repletos de influências europeias, se voltam simbolicamente para o interior do Brasil, com *Verde* de Cataguases.

*Verde* reuniu algumas contribuições internacionais – todas alinhadas ao compromisso estético de renovação – como o poema de Blaise Cendrars[153] dedicado ao grupo verde e representantes da vanguarda sul-americana, caso do argentino Marcos Fingerit e dos uruguaios Nicolás Fusco Sansone e Ildefonso Pereda Valdés, além de desenhos e ilustrações de artistas argentinas. Assim, ao longo de seus números, *Verde* construiu uma ampla rede de intercâmbio cultural e social em âmbito nacional e internacional.

O material iconográfico de *Verde* é composto por cinco colaborações publicadas ao longo das duas fases. No primeiro número, há um desenho de Rosário Fusco, que ilustra o poema de "Ternura", além de lettering (técnica de desenho utilizada em letras) que indicava: "Francisco Inácio Peixoto escreveu – Rosário Fusco desenhou". Na condição de desenhista do grupo, Fusco contribuiu com outra ilustração na abertura do terceiro número que ocupava toda a página. As demais colaborações assinalaram a presença da vanguarda latina na revista, com as artistas argentinas Maria Clemencia e Norah Borges. No quinto número, Maria Clemencia contribuiu com uma paisagem de Buenos Aires e foi apresentada com entusiasmo e com a promessa de duas novas obras de sua autoria sobre temas bíblicos. Na segunda fase, o texto de

[152] MARIOSWALD. Homenagem aos Homens que Agem. *Verde*, nº 4, ano 1, dez./1927, p. 09.
[153] CENDRARS, Blaise. Aux jeunes gens de Cataguases. *Verde*, nº 3, ano 1, nov./1927, p. 11.

Mário de Andrade, “Vitoria-Regia”, foi ilustrado por uma gravura em linóleo de Maria Clemencia e, na página seguinte, há um retrato da desenhista feito por Norah Borges (irmã de Jorge Luis Borges), acompanhando texto de Drummond.

**Figuras 17, 18, 19.** Ilustrações de Rosário Fusco, Maria Clemencia e Norah Borges

Setembro 1927 VERDE 25

FRANCISCO IGNACIO PEIXOTO ESCREVEU

ROSARIO FUSCO DESENHOU

**TERNURA**

Para o João Martins de Oliveira.

No silencio do meu quarto vasio
ha um momento irreparavel
De tasidão.

A noite cáe sobre a tristeza das coisas
e eu sinto que ella cáe sobre mim tambem!

E eu a esperar, á esperar inutilmente...

Quando você morreu, mamãesinha, todos me diziam
que eu não chorasse porque você viria todas as noites
lá do outro—mundo
acalentar o somno do seu filhinho.

E até hoje você não veio...

Será porque eu deixo sempre accesa a luz do meu quarto?

Olhe: vou apagal-a e irei depois ficar na janella
para ver si vejo você chegar.

Mas os meus olhos não vêm nada...
Elles estão cançados de chorar?
Não encontrar na paisagem distante
um motivo de alegria para os meus olhos.
Sómente lá longe aquellas luminias veiadas.
—Serão luzes do quarto de um doente?

De repente
uma apagou-se:
é a Morte que faz ronda na solidão da noite.

FRANCISCO IGNACIO PEIXOTO.

“MOYSÉS SALBADO DE LAS AGUAS”
Linóleum de MARIA CLEMENCIA

MARIA CLEMENCIA, por Norah Borges

**Fonte:** *Verde*, Cataguages, 1927-1928;1929. BBM. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6935. Acesso em: 01 out. 2019.

A análise dos aspectos materiais das duas revistas mineiras demonstra que ambos os grupos não desenvolveram um projeto gráfico inovador, optando pela simplicidade que vai da capa à diagramação de textos e anúncios, além do pouco material iconográfico presente em suas páginas. O processo de produção de uma revista no início do século XX envolvia, logicamente, maiores investimentos financeiros e profissionais especializados, sobretudo na elaboração das imagens do desenhista ao gravador. Mesmo que os dois grupos contassem com integrantes que se aventuravam na arte do desenho, Pedro Nava em *A Revista* e Rosário Fusco em *Verde*, estas revistas não se destacaram por aspectos gráficos ou artísticos. Investimento diferente de outros periódicos modernistas da década, como *Klaxon* e *Novíssima*, que inovaram ao modernizar os aspectos materiais de suas publicações, ainda que caminhem para lados opostos e a classificação modernista do conteúdo da segunda tenha sido relativizada pela historiografia.[154] Revista modernista não implicava, necessariamente, em modernidade gráfica, tampouco o inverso pode ser considerado verdadeiro.

Contudo, a observação de que *A Revista* e *Verde*, publicações nomeadamente modernistas em sua literatura e não foram modernas em sua fatura, levanta uma outra questão a respeito da tipografia. Os dois grupos eram próximos da tipografia encarregada da impressão, fosse o *Diário de Minas* ou A Brasileira e, mesmo com recursos gráficos e financeiros limitados, tal proximidade conferia maior autonomia e agilidade para que os grupos se lançassem na cena literária, se comparado ao processo de produção em livro.

O suporte revista atua nesta questão, e não por acaso é tido como o porta-voz do modernismo. Com maior flexibilidade, as revistas conseguem acompanhar a mutabilidade de ideias do movimento, dado o curto prazo entre a produção e publicação de um novo número; sua agilidade permitia que estas ideias em movimento circulassem com mais facilidade, alcançando outros espaços e distâncias; sem depender de grandes investimentos e tampouco visando o lucro, já que não são empresas, por isso a relevância das revistas modernistas não é explicada pela quantidade de números publicados.

Os conselhos de Mário de Andrade aos mineiros caminhavam neste mesmo sentido e podem ser estendidos às revistas modernistas em geral. Quando do início de *A Revista*, o paulista escreve a Drummond afirmando: "[...] Isso de morrer não tem importância, o importante é viver um pouco agitando e encantando a vida.".[155] Aos verdes encaminha franca reflexão sobre aceitar as dificuldades financeiras e um possível fim da publicação:

---

[154] Cf: GUELFI, Maria Lúcia Fernandes. *Op. cit.*, 1987. p. 221-222.
[155] Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, 27/05/1925. *In*: FROTA, Lélia Coelho (Org.). *Op. cit.*, p. 125.

> *Verde* é um fruto de ilusão, como *Klaxon*, como *A Revista*, como *Estética*. Vocês carecem principiar matutando na possibilidade de matar *Verde*. Eu imagino que isto que falo vai doer feito relhada. [...] Também me doeu sangue a morte de *Klaxon*... Mas carece [encarar a coisa mais] esportivamente e menos romanticamente: se morrer a gente reconhece que morreu e pronto. Não tem nenhuma vergonha nem desastre nisso não. [...] *Verde* reconhecida como morta, vamos pensar noutra coisa, trabalhos novos, vida nova, esforço novo.[156]

As revistas modernistas diferiam de um projeto comercial, seu propósito era outro e, longe de mera "ilusão", abrigavam projetos de futuro. A "morte" de uma revista modernista não implicava seu desastre, como bem aconselhou Mário, visto que o traço construtivo do movimento permitia que seus ideais fossem renovados a cada revista inaugurada, obra ou manifesto publicados. Neste sentido, caberá analisar quais as propostas dos grupos mineiros no movimento amplo de renovação estética e cultural do Brasil, bem como o desenvolvimento destas ideias ao longo dos números.

[156] Mário de Andrade a Rosário Fusco, 08/06/1928. *Apud*: MENEZES, A. L. G. R. L. *Op. cit.*, 2013. p. 172-173.

# CAPÍTULO 3

## O modernismo em *A Revista* e *Verde*: diálogos possíveis

Ao partir da perspectiva de construção plural do movimento modernista, coube investigar as propostas com as quais as revistas mineiras se lançaram neste cenário. Assim, num primeiro momento, foram analisados os manifestos e programas de abertura destas revistas para compreender as ideias que inicialmente defendiam como contribuição própria ao movimento. Como ponto comum, estavam os debates sobre a renovação estética e intelectual brasileira, tendo como reflexão os aspectos da tradição em face ao nacionalismo e regionalismo; questões colocadas como pauta ampla no modernismo a partir da publicação do Manifesto da Poesia Pau-Brasil de Oswald de Andrade.

A seguir, delineia-se o conteúdo publicado por estas revistas ao longo dos números, com a finalidade de acompanhar como estas propostas foram desenvolvidas e/ou modificadas, questões tangenciadas por artigos, críticas e produções literárias. Faces do mesmo debate, as temáticas *Tradição, Nacionalismo e Regionalismo* foram analisadas de forma conjunta, questão que revelou tensões e interpretações distintas sobre os temas; a escolha pela forma de abordagem também foi diferente nas revistas, ora pela seriedade dos artigos e propostas, ora pela derrisão como efeito crítico.

O empenho dos grupos pela renovação estética e literária, bem como seus posicionamentos no modernismo foram investigados a partir das colaborações literárias e críticas publicadas nas revistas. A produção literária foi examinada pelo tipo de texto publicado, poesia e prosa, estabelecendo os principais colaboradores deste gênero para compreender a presença de nomes ligados ao modernismo ou não, e a quais grupos estes intelectuais pertenciam. Em combinação com a leitura das críticas, a aparente conciliação de *A Revista* em equilibrar a colaboração "passadista" revelou as estratégias do grupo para apresentar posicionamentos críticos a respeito do que acreditavam ser os caminhos da literatura nacional, assim como não se mantiveram alheios às brigas e cisões entre grupos modernistas que se desenrolavam no período. Em *Verde*, o esforço se concentrou em divulgar expressões vanguardistas manifestadas em âmbito nacional e internacional, bastante presente na revista, fato que levou a investigação de como estabeleceram contato com estes grupos. Neste sentido, foi possível acompanhar as particularidades que caracterizam os projetos de *A Revista* e *Verde*, que juntos desenharam as expressões dos modernismos mineiros e contribuíram, cada um à sua maneira, para o desenvolvimento e debate do movimento, não se esquivando de polêmicas e embates.

## 3.1 Conteúdo programático

O caráter prospectivo e programático fez do modernismo um projeto coletivo por essência. De modo geral, os movimentos de vanguarda são permeados pela noção de projeto, algo que exigia uma articulação em grupo para expressarem suas ideias e propostas por meio da publicação de seus manifestos e programas. Segundo Jorge Schwartz, "é justamente nas revistas de vanguarda que as propostas culturais podem ser percebidas com maior clareza. Devido ao seu essencial caráter contestatório, seja nas artes, seja nas questões sociais, elas mantêm uma relação pragmática com o público leitor.".[157] Neste sentido, podemos entender a importância do espaço representado por estas revistas para a expressão de seus ideais e projetos numa organização coletiva.

Tal disposição pode ser observada ainda no século XIX com o movimento Simbolista e a criação de revistas porta-vozes de suas ideias e propostas, sendo os manifestos uma forma de expressão comum desde a primeira hora simbolista com a publicação de "*Un manifeste littéraire – Le symbolisme*" de Jean Móreas.[158] No Brasil, grupos simbolistas fundaram algumas revistas que os representaram e, entre elas, podemos ressaltar os periódicos *Rio-Revista* (RJ, 1895), *Vera-Cruz* (RJ, 1896) e *Rosa-Cruz* (RJ, 1901;1904); publicações que divulgavam seus ideais, processos e métodos.[159]

Segundo Raúl Antelo, os manifestos e prefácios são uma tentativa de construir vínculos e solidariedade nesta luta por novo valores. Da mesma forma, o manifesto de um periódico assume a função de "arqui-prefácio" que, numa reflexão meta-textual, condensa rotas traçadas para obras futuras. As revistas modernistas constituíram-se neste espaço de diálogo em construção: "Ora em vertente ética ou estética, ora em função de prioridades práticas ou programáticas, as revistas literárias traçam, a partir do modernismo, uma dupla delimitação. Preservam cumplicidades compartilhadas aquém dessa linha de fratura que é o manifesto enquanto, além dela, recuam as posições residuais do campo literário.".[160] Programas em debates que se somavam à rede de revistas literárias surgidas após o evento de 1922, com estratégias que acabavam por serem combinadas.

---

[157] SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas Latino-Americanas*: polêmicas, manifestos e textos críticos. São Paulo: EDUSP/Iluminuras/Fapesp, 1995. p. 28.

[158] ILLOUZ, Jean-Nicolas. Les manifestes symbolistes. *Littérature*, n°139, 2005. Marges. pp. 93-113; doi :https://doi.org/10.3406/litt.2005.1905https://www.persee.fr/doc/litt_0047-4800_2005_num_139_3_1905.

[159] CASTELLO, José Aderaldo. Apontamentos para a história do simbolismo no Brasil. *Revista da Universidade de São Paulo,* ano I, n.1, p. 111-121, jan.-fev. 1950.

[160] ANTELO, Raúl. As revistas literárias brasileiras. *Boletim de pesquisa NELIC*. Florianópolis, UFSC, v. 01, n. 02. p. 7, 1997. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/nelic/article/view/1041. Acesso em: 12 set. 2019.

Neste sentido, mais do que seu sucesso ou fracasso, cabe analisar suas propostas iniciais, expressas em manifestos ou programas para compreender o interesse de seu surgimento no cenário em que gravitam tantas revistas literárias de curta duração. Dentre estes "elos" da corrente modernista, cada revista propõe algo novo, ao mesmo tempo que carrega as experiências de grupos anteriores a ela, numa linha de continuidade e mutação. As revistas mineiras surgiram com propósitos diferentes do cosmopolitismo paulista animado pelo espírito de 1922; tanto o cenário propõe novas ideias, quanto o próprio movimento modernista ruma para outros caminhos, sobretudo de conhecimento e valorização dos vários elementos nacionais. Antes de avaliar sucessos, repercussões ou o impacto que causaram na literatura e cultura brasileiras, cabe analisar as propostas que os grupos mineiros idealizaram neste movimento de renovação, pontos de confluência, bem como aqueles que destoam.

### 3.1.1 *A Revista*

*A Revista* não contou com um manifesto explícito do grupo, porém, as apresentações de primeira página de cada número podem ser lidas como suas propostas e posições no movimento modernista. O número de estreia se abriu com o texto "Para os céticos", não assinado, mas atribuído a Drummond. O segundo, cuja autoria foi conferida a Martins de Almeida, dava continuidade a este diálogo, agora dirigindo-se "Para os espíritos criadores". O último número não teve um texto de apresentação, mas tal função foi cumprida pelo poema "Poética", de Manuel Bandeira.

Em "Para os céticos",[161] afirmou-se que "o programa desta revista não pode necessariamente afastar-se da linha estrutural de todos os programas", evidenciando o tom manifestário deste texto, resumem-no em uma palavra "Ação", que atribuem o significado de "vibração, luta, esforço construtor, vida". De fato, tal proposta assemelha-se ao espírito vanguardista das revistas anteriores, especialmente de uma alegria combativa e construtora presente em *Klaxon*. Mas, como também alertam, era em seu cumprimento que as dificuldades começavam, já que lhes falta "desde a tipografia até o leitor".

Belo Horizonte foi descrita como uma cidade paradoxal – fruto de um desânimo injustificável –, um centro de estudos que não comportava um mensário de estudos, o que era atribuído ao ceticismo do público local, descrente das ideias novas, espécie de denúncia acerca do olhar periférico, encantado com o centro: "E como, de fato, a ideia não vinga, o ceticismo

[161] Para os céticos. *A Revista*, n°1, ano 1, jul./1925, p. 11-13.

astucioso e estéril vai comprar a sua *Revista do Brasil*, que é de S. Paulo e, por isso deve ser profundamente interessante.".

Afirmava-se a "ação jovem" pela renovação intelectual no Brasil nos campos literários, artísticos e políticos. Porém, tal renovação não descartava a tradição: "Pugnamos pelo saneamento da tradição, que não pode continuar a ser o túmulo de nossas ideias, mas antes a fonte generosa de que elas dimanem". A par desta defesa da reestruturação com base na tradição, havia também a autoafirmação de *A Revista* como "órgão político":

> Será preciso dizer que temos um ideal? Ele se apoia no mais franco e decidido nacionalismo. A confissão desse nacionalismo constitui o maior orgulho da nossa geração, que não pratica a xenofobia nem o chauvinismo, e que, longe de repudiar as correntes civilizatórias da Europa, intenta submeter o Brasil cada vez mais ao seu influxo, sem quebra de nossa originalidade nacional.

Neste momento, o nacionalismo ganhou força no movimento modernista brasileiro e gerou motivo de cisão em diferentes grupos ao longo da década. Neste primeiro texto de *A Revista*, o nacionalismo aparecia em conflito com o universal, do qual o grupo propunha uma conciliação: manter os elementos de originalidade nacional e, somente após resolver esta questão, o próximo passo seria submeter o Brasil ao influxo universal, europeu.

A República foi criticada pois, na visão do grupo, sofria de uma "crise de autoridade", tanto que no país "ninguém quer obedecer". A este problema de desobediência, caberia também entre as ações da juventude definidas pelo grupo uma outra tarefa, ainda que os planos para esta ação não fossem bem especificados neste primeiro texto: "Depois da destruição do jugo colonial e do jugo escravagista, e do advento da forma republicana, parecia que nada mais havia de fazer senão cruzar os braços. Engano. Resta-nos humanizar o Brasil.".

Depois de falar aos céticos, o texto de apresentação do segundo número dirigiu-se "Para os espíritos criadores",[162] que continuava o debate e esclarecia os posicionamentos da revista. O nacionalismo foi o ponto de partida para discutir as relações com o passado, que aparecia sob duas óticas: a princípio, negam-se as ideologias nacionalistas anteriores que desenhavam o país com "cores quiméricas", sendo o momento de aproximação com a realidade do meio, numa perspectiva construtiva; contudo, não se propunha rompimento com a tradição, mas visão crítica para edificação do novo "Não queremos atirar pedras ao passado. O nosso verdadeiro objetivo é esculpir o futuro."

[162] Para os espíritos criadores. *A Revista*, nº 2, ano 1, ago./1925, p. 11-13.

O tom conciliatório apareceu também na justificativa da variedade de ideias apresentadas entre seus colaboradores: "deixamos a cada colaborador a mais ampla liberdade de ponto de vista e de opinião". Desta forma, a responsabilidade pelo conteúdo era de cada autor, mas respondiam ao objetivo mais amplo da revista de congregar visões distintas, sob o argumento de que esta "harmonia" corresponderia a sua tendência nacionalista. Logicamente, tal liberdade concedida aos autores já seguia a seleção prévia dos nomes que integrariam o rol de colaboradores por parte dos responsáveis pela revista.

O propósito nacionalista de *A Revista* foi assim explicitado: "Procuramos concentrar todos os esforços para construir o Brasil dentro do Brasil ou, si possível, Minas dentro de Minas". Sinalizava-se para o regionalismo, que acolhiam "com simpatia" e consideravam como ponto de partida:

> Si bem que pretendamos caminhar noutro sentido: dominar pelo espírito o nosso meio e não nos escravizarmos a ele. Mas é preciso superpormos vontades idênticas para criarmos um espírito nacional. O esforço intensificado de cada um nesse mesmo sentido constitui o fecundo trabalho subterrâneo das raízes. A nacionalidade vai se formando à custa das dolorosas experiências individuais. [163]

Dentro desta tarefa construtiva, o regional era apontado como conhecimento para a afirmação nacional. Acertar Minas dentro de si era um dos pontos para a compreensão e construção da cultura brasileira, portanto, o aspecto regional defendido pelo grupo apontava para o âmbito nacional. Segundo Jorge Schwartz, esta vinculação e manutenção com a tradição deu-se também em relação à conscientização da necessidade de preservar a arquitetura barroca mineira, aspecto debatido após a caravana paulista em 1924.[164]

Ao risco do cosmopolitismo, o antídoto era a recomposição capaz de "transformar em substância própria o que nos vem de fora" e, aliado a isso, a defesa do primitivismo, por "humanizar nossa consciência intelectual". A interpretação que o grupo faz do primitivismo paulista vai ao encontro de uma defesa da tradição, chegando mesmo a afirmar que "Somos tradicionalistas no bom sentido".[165]

Tradição e ordem apareciam numa leitura próxima, reiterava-se a formação de um órgão político em defesa da centralização do poder. O cenário político, assim como o das letras, era visto sob ameaça de dissolução: "Anda por aí, em explosões isoladas, um nefasto espírito de

---

[163] *Ibid*, p. 12.
[164] SCHWARTZ, Jorge. *Op.cit.*, 1995. p. 220.
[165] Para os espíritos criadores. *A Revista*, nº 2, ano 1, ago./1925, p. 11-13.

revolta sem organização nem idealismo, que tenta enfraquecer o nosso organismo social". Frente a tal problema, defendiam a necessidade de o governo assumir uma posição forte: "Se o poder for se tornando periférico em vez de centralizar-se, teremos a dispersão das forças latentes do país. No momento atual, o Brasil não comporta a socialização das massas populares. Só uma personalidade inflexível dirigida por uma boa compreensão das nossas necessidades pode resolver os problemas máximos da nacionalidade".[166]

Por fim, elencavam alguns problemas do país face às relações exteriores. A imigração era entendida como um perigo, que poderia agravar o estado da mestiçagem psíquica e, nesse sentido, apoiavam a criação de núcleos de colonização como medida para conter o "caldeamento irregular dos tipos". Alinhados ao seu programa nacionalista, sustentavam a necessidade de uma reforma constitucional que não priorizasse os modelos estrangeiros, tampouco uma herança romântica do Segundo Império, mas sim uma constituição ancorada na realidade brasileira.

Ainda que seguissem um ideal vanguardista em sua estética, a leitura destes dois textos de apresentação deixa entrever certo posicionamento politicamente conservador da revista e de seu grupo, na medida em que defendiam valores tradicionais e acenavam para um poder centralizador, ideias essas que iam na contramão de posturas combativas próprias dos movimentos vanguardistas de rompimento com a tradição. A respeito de algumas destas convicções de juventude que o poeta Carlos Drummond de Andrade se envergonhou quando da publicação fac-símile da revista, na década de 1970. Retomando a crônica publicada no jornal *Folha de S. Paulo*, o autor esclareceu os motivos de incômodo com o "fantasma" da recolocação em circulação desses textos, sobretudo depois de o poeta vivenciar dois regimes ditatoriais no Brasil, o que reforçava ainda mais os contornos problemáticos de afirmações anteriores:

> Aí que me dói o editorial "Para os céticos", no primeiro número, tão vazio de ideias quanto farfalhante de palavras: é de minha bisonha lavra. No n.02, o co-editor Martins de Almeida, escrevendo "para os espíritos criadores", foi mais objetivo. Creio que ele não defenderia hoje a "centralização do poder", que a prática demonstrou ser tão nociva, e a ideia de que o "governo deve ser a função de uma vontade forte" precisa ser entendida em termos. Os "perigosíssimos elementos de dissolução" que nos ameaçavam "tanto na política como nas letras" revelaram-se mais saudáveis do que nefastos. Quem cortou a evolução política e social do país nos últimos tempos foi precisamente o uso e abuso de poder centralizado.[167]

[166] Para os espíritos criadores. *A Revista*, nº 2, ano 1, ago./1925, p. 11-13.
[167] ANDRADE. Carlos Drummond de. *A Revista*, de novo. Interessa? *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 21 set. 1978.

Sem um texto de apresentação, o terceiro e último número de *A Revista* trouxe, na primeira página, o poema "Poética", de Manuel Bandeira, [168] espécie de manifesto literário em defesa da renovação em face ao passadismo. Ainda que fosse uma contribuição externa, pode ser entendido como um aceno do grupo às novas linguagens literárias, rompimento com as formas estéticas anteriores que até então buscaram conciliar. Nos primeiros versos, o poeta denunciava este passadismo: "Estou farto do lirismo comedido. /Do lirismo bem-comportado". Em contraste com as apresentações anteriores, agora é tempo de um lirismo libertador em tom revolucionário que fecha o último verso do poema: "Não quero mais saber do lirismo que não é libertação".

### 3.1.2 *Verde*

Para compreender as propostas de *Verde* deve-se considerar na "Apresentação" do primeiro número, feita em nome de todo o grupo, no qual expuseram alguns de seus ideais, ao que se somam outros dois textos que complementam a apresentação: "A cidade e alguns poetas", assinado por Henrique de Resende, e "É preciso paz na arte moderna", de Rosário Fusco. Juntos, podem ser lidos como as proposições iniciais do grupo reunido em torno de *Verde*. Os rapazes chegaram a divulgar seu manifesto, publicado em folha avulsa na cor verde e com as mesmas dimensões da revista, contudo, não é possível precisar a data da publicação. Supõe-se, a partir de carta de Rosário Fusco a Mário de Andrade, datada de 07 de dezembro de 1927,[169] que tenha circulado juntamente com o terceiro número.

A "Apresentação" [170] de *Verde* iniciou-se com uma curiosa hipótese de Remy de Gourmont[171] sobre o cenário literário, apontado para as tensões que atravessavam o aparente pacífico mundo das letras. Caso as disputas interessassem o público, ele prognosticava que

[168] BANDEIRA, Manuel. Poética. *A Revista*, nº 3, ano 2, jan./1926, p. 12. Posteriormente, o poema integrará o livro *Libertinagem*, publicado pela primeira vez em 1930.
[169] Rosário Fusco a Mário de Andrade, 07/12/1927. *Apud*: MENEZES, A. L. G. R. L. *Op. cit.*, 2013. p. 83.
[170] Apresentação. *Verde*, n° 1, ano°1, set./1927, p. 09.
[171] Remy de Gourmont (1858-1915) foi poeta, romancista e crítico francês. Foi colaborador do *Mercure de France* (1890-1898) desde sua fundação, espaço no qual defendeu a corrente simbolista. Considerada uma *petite revue* simbolista, o *Mercure de France* foi espaço de defesa dos ideais simbolistas entre seus colaboradores, bem como de embates e tensões no campo literário francês. Sobre o simbolismo no *Mercure de France*, bem como a atuação de Remy de Gourmont na revista, consultar: LÓPEZ, Camila Soares. *O Simbolismo no Mercure de France (1890-1898)*. 2017. 358 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2017.

"haveria tantas guerras mortíferas – entre intelectuais, quanto as guerras civis e religiosas". A partir destas considerações, *Verde* lançou-se neste campo de batalhas:

> Somos novos. E viemos pregar as ideias novas da Nova-Arte.
> E só.
> E está acabado.
> E não precisa mais.
>
> Abrasileirar o Brasil – é o nosso risco.
> P'ra isso é que a VERDE nasceu.
> Por isso é que a VERDE vai viver.
> E por isso, ainda, é que VERDE vai morrer.

Ao iniciar sua participação no movimento modernista, orientavam-se pelo debate do nacionalismo, presente na proposta arriscada e alegórica de "abrasileirar o Brasil". A concepção de nacionalismo para o grupo não foi bem especificada e era confundida, por vezes, com a ideia de coesão da cultura brasileira por meio da unificação do movimento modernista.

Na certeza de que a inovadora revista de Cataguases seria alvo de críticas, os artigos que se seguiram à "Apresentação" esclareciam sobre as características do projeto no quadro das revistas modernistas. Em "A cidade e alguns modernistas",[172] Henrique de Resende, tratou do cenário provinciano e das leituras clássicas da Europa que predominavam no interior do grupo até conhecerem a geração modernista. O autor via no movimento uma reação vinda do remorso, no sentido em que por anos a literatura brasileira haveria imitado, copiado e decalcado seus modelos e que agora "contamos o que é nosso com palavras nossas". Contudo, o entendimento que Henrique de Resende tinha desta característica própria da literatura brasileira trazia traços de uma visão ainda idealizada e romântica: "O verde das nossas matas e o mistério das nossas selvas. O esplendor dos nossos campos e a força bruta das nossas águas. A fartura das nossas lavouras e o ouro dos nossos garimpos. O brilho metálico das nossas montanhas e o trabalho das nossas fábricas rangendo".

Na sua perspectiva, os modernistas viveriam "numa desordem ensurdecedora", mas que isso pouco importaria, sendo fundamental o "triunfo da reação" patente em vários cantos do país. Para demonstrar que Minas acompanhava os centros de São Paulo e Rio de Janeiro, retomava os grupos de Belo Horizonte e Juiz de Fora para esclarecer, por sua vez, que o modernismo mineiro não se limitava a estes, já que em Cataguases também se cultivava "a vagabundagem lírica do espírito". Assim, Henrique de Resende esclareceu como se deu a

[172] RESENDE, Henrique. A cidade e alguns modernistas. *Verde,* n° 1, ano°1, set./1927, p. 09-11.

formação do grupo Verde, e apresentou seus integrantes a fim de "[...] mostrar à intelectualidade do Brasil que também em Cataguases, pequenina cidade do interior de Minas, o espírito moderno içou a bandeira verdeamarela do reacionismo, formando ao lado daqueles que se esforçam pelo triunfo da mais linda cruzada intelectual de nossa terra".

Nota-se o uso recorrente da palavra reação para explicar o movimento modernista ao longo do artigo. Reação levava à compreensão de resposta a uma ação anterior, estimulada pelo sentimento de remorso, descrito anteriormente, que rondava a produção literária precedente. Diferente, portanto, do sentido vanguardista e revolucionário atribuído ao modernismo, como um processo de transformação, ou seja, a produção de algo novo que partia do presente em direção ao futuro.

No artigo "É preciso paz na arte moderna",[173] Rosário Fusco buscava explicar os problemas que o grupo via nas disputas no campo da arte moderna brasileira. Sem compreender, apresentava o "banzé danado" do atual cenário:

> Por exemplo: o sr. Prudente de Morais, neto, escancha com o sr. Plinio Salgado – o maravilhoso romancista de *O Estrangeiro*. O sr. Augusto F. Schmith, de outro lado, escancha o sr. Prudente, neto, porque ele escanchou o Plínio Salgado! O sr. Buarque de Holanda, por sua vez, estrila com o trio Renato de Almeida – Graça Aranha – Ronald de Carvalho! O sr. Sérgio Buarque de Holanda, com o Prudente Neto, e até com o coitado do Alcântara Machado que nada tem com isso! Por aí se vê que a gente está navegando numa incerteza danada. Ninguém sabe o que quer! Mas todo mundo quer uma coisa. E daí que nasce esse banzé de cuia.

Sem torcidas, nem política, partidos ou polêmicas; as propostas do jovem Fusco, estendidas ao grupo, acenavam para uma unificação do modernismo, pelo fim das disputas e desentendimentos – sem compreender que estas variações eram próprias de um movimento em construção – e assim aconselhava: "É preciso acabar com isso. Preciso mesmo! Na Arte Moderna não há *escolas*, nem nada. Portanto, cada um pra si. Cada um é líder de si mesmo (conforme me disse numa carta a inteligência magnífica de Martins de Almeida). Tem que ser assim e está acabado!".

Polêmicas eram um traço presente desde a primeira hora do modernismo, acompanhado também de desentendimentos entre os próprios adeptos, seguido de cisões de grupos e vertentes que se desmembraram. Na visão dos jovens modernistas mineiros, as contendas no interior do movimento tendiam a desordená-lo, sendo necessário um processo de "paz" na Arte Moderna.

---

[173] FUSCO, Rosário. É preciso paz na arte moderna. *Verde,* n°1, ano 1, set./1927, p. 11.

Num último conselho sobre a situação, Fusco retomou os versos de Austen Amaro para sugerir a união daqueles que caminhavam no mesmo rumo: "Cada um que rompa o matagal com seu machado!".[174]

No terceiro número, foi publicado o "Manifesto do grupo Verde de Cataguases", assinado por oito integrantes.[175] Para Mário de Andrade, Fusco explicou, em tom de deboche, que o manifesto "é uma porcaria danada feita especialmente para essa gente atrasada daqui".[176] Longe de tomá-lo como uma simples besteira, este manifesto remetia para outro momento do grupo Verde e sua revista, quando já haviam ganhado espaço e demarcado suas posições no modernismo.

Esclarecia-se, de início, que o manifesto não era uma explicação, visto que os críticos de sua terra não os compreendiam e, já garantiram o apoio daqueles que entenderam suas propostas. O grupo reforçou no manifesto que tampouco buscavam delimitar seus fins e processos, mas sim afirmar posição:

> Mas é uma limitação entre o que temos feito e o monte do que os outros fizeram.
> Uma separação entre nós e a rabada dos nossos adesistas de última hora, cuja adesão é um desconforto.
> Pretendemos também focalizar a linha divisória que nos põe do lado oposto ao outro lado dos demais modernistas brasileiros e estrangeiros.

O tom conciliatório dos textos de apresentação do primeiro número começou a se dissipar quando o grupo assumia posições e colocava-se "do lado oposto ao outro lado". A expressão remete a conjuntura complexa envolta pelas críticas e disputas internas no movimento modernista, sobretudo retoma indiretamente o comentado texto de Sérgio Buarque de Holanda publicado em 15 de outubro de 1926 na *Revista do Brasil*.[177] As polêmicas, debates e cisões marcaram o interior do movimento desde sua primeira hora, contudo, a divisão de

---

[174] "A sinceridade nos leva à um mesmo rumo. Que cada um rompa o matagal com seu machado", versos de Austen Amaro no livro *Juiz de Fora, poema lírico* (1926). A citação destes versos remete ao episódio de polêmicas entre João Alphonsus e Manuel Bandeira, quando este último criticou a publicação do livro de Austen Amaro e Alphonsus sai em defesa de seu conterrâneo.

[175] Sobre a redação do Manifesto, Guilhermino rememora: "Foi redigido às pressas, em Cataguases (onde eu não me achava então). Recebeu emedas de alguns colegas? Não sei responder. De mim, sei que o aprovei quase de cruz. Devo ter feito duas ou três sugestões, se tanto, pois que me fora enviado o texto por Ascânio, com o pedido de que o examinasse e lhe desse autorização para incluir meu nome entre os signatários.". CÉSAR, Guilhermino. Os Verdes da *Verde*, depoimento à edição fac-simile. *In*: *Verde.* São Paulo: Metal Leve, 1978, s/p.

[176] Rosário Fusco a Mário de Andrade, 07/12/1927. *Apud*: MENEZES, A. L. G. R. L. *Op. cit.*, 2013. p. 83.

[177] HOLANDA, Sérgio Buarque de. O lado oposto e outros lados. In: PRADO, Antonio Arnoni (Org.). *Sérgio Buarque de Holanda. O espírito e a letra.* Estudos de crítica literária (1920-1947). São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 224-228.

grupos foi se acentuando no decorrer de cada nova revista publicada na disputa pelo bastião do vanguardismo. Por este ângulo, a publicação de manifestos e artigos críticos partiram não somente daqueles que eram contrários à renovação literária, mas sim daqueles que discordavam sobre seus caminhos.[178] Neste ponto, em que o movimento se espalhava pelo interior mineiro, as aproximações intelectuais ou a escolha dos lados não se deu isenta aos debates que cercavam o cenário modernista.

O manifesto foi veiculado no terceiro número, de novembro de 1927, oportunidade em que figurou a primeira crítica à revista *Festa* e seu grupo. Em nota, Ascânio Lopes comentou: "Tasso da Silveira concorre com boas coisas para o nº. 02 dessa revista. Abre até um concurso afim de se escolher o melhor símbolo para o movimento nacionalista. Combate o carrapato e a anta. Estou apostando como Fusco vai ganhar o páreo com a araponga".[179] Ao comentar as primeiras impressões, desde logo negativas, sobre a revista carioca, Camilo Soares escreveu a Mário uma carta na qual refletia sobre esta tomada oposição: "É por tudo isso que eu fico crente [..] que a *Verde* é uma revista de peso e que somos gente de peso para fazer neste sertão incauto uma revista como *Verde*."[180]

A necessidade de delimitação se dava até para aqueles que estavam, de certa forma, do "seu lado", como o grupo de *A Revista*. Apesar de reconhecê-los como grupo forte e pioneiro no modernismo mineiro, afirmam que "Apesar de citarmos os nomes dos rapazes de Belo Horizonte, não temos, absolutamente, nenhuma ligação com o estilo de vida literária deles". Diante disso, reforçam a sua autonomia: "Somos nós. Somos VERDES".

Numa trajetória heroica descreveram a vitória de *Verde*, desde sua primeira experiência com o "jornaleco" *Jazz-Band*, rompendo as barreiras do ambiente provinciano e pouco acolhedor às suas novas ideias até ganharem terreno nas cidades "mais cultas" do Brasil, merecendo até mesmo reverências: "Considera-nos, a grande imprensa, os únicos literatos que tem coragem inaudita de manter uma revista moderna no Brasil, enquanto o público de nossa terra, o respeitável público, nos tem em conta de uns simples malucos criadores de coisas absolutamente incríveis".

Por fim, sintetizam seu manifesto em sete pontos:

> Resumindo:
> 1º) Trabalhamos independentemente de qualquer outro grupo literário.

[178] Sobre o tema, consultar LUCA, Tania Regina de. Lado oposto e outros lados: Sérgio Buarque de Holanda, a imprensa e o modernismo (1920-1926). (no prelo).
[179] LOPES, Ascânio. *Festa* (Rio – nº2). *Verde*, n°3, ano 1, nov./1927, p. 26.
[180] Camilo Soares a Mário de Andrade, 29/10/1927. *Apud*: MENEZES, A. L. G. R. L. *Op. cit.*, 2013. p. 45.

> 2º) Temos perfeitamente focalizada a linha divisória que nos separa dos demais modernistas brasileiros e estrangeiros.
> 3º) Nossos processos literários são perfeitamente definidos.
> 4º) Somos objetivistas, embora diversíssimos, um dos outros.
> 5º) Não temos ligação de espécie nenhuma com o estilo e o modo literário de outras rodas.
> 6º) Queremos deixar bem frisado a nossa independência no sentido "escolástico".
> 7º) Não damos a mínima importância à crítica dos que não nos compreendem. E é só isso.

Ainda que possua um tom despretensioso, o manifesto procurou demarcar seu lugar de independência e autonomia no modernismo. Segundo Jorge Schwartz, o Manifesto do Grupo Verde de Cataguases assumiu a forma de um "grito de rebeldia nacionalista" na rejeição de qualquer influência, o que acabou sendo até mesmo uma ingenuidade.[181]

Qualquer tentativa de pensar o modernismo brasileiro enquanto unidade cairia em definições simplistas que perderiam as particularidades da construção do movimento ao longo dos anos. Da mesma forma, não há como determinar uma identidade comum que classifique as experiências modernistas em Minas, seja com *A Revista* e *Verde* ou com os demais grupos e escritores do estado que aderiram às ideias do movimento. Já em seu conteúdo programático, exibem propostas diversas que dialogavam tanto em sua relação local (seja na capital ou no interior) como também com o momento em que se encontravam na rede de periódicos que construíram o movimento modernista na sucessão de seus diálogos, o que dificulta a comparação horizontal entre *A Revista* e *Verde*. Mas é justamente na divergência de posturas frente a temas comuns ao movimento modernista que torna oportuno refletir sobre as duas experiências que marcaram os modernismos mineiros: como cada uma delas reagiu aos problemas próprios de seu tempo e a maneira como expressaram as reflexões sobre seu âmbito local.

Em *A Revista*, a proposta central estava na construção de uma nacionalidade que passava também pela reflexão sobre o regional, mas a mineiridade aparecia como um elemento do processo maior de renovação da cultura e literatura brasileira. Para dar um passo em direção a esta renovação intelectual, propunham um acerto de contas com a tradição, não a descartando, mas numa visão crítica em que valia o diálogo com o presente, ou seja, reavaliar o passado e trazer dele o que interessava para a construção de algo novo. O local não era visto como

[181]SCHWARTZ, Jorge. *Op. cit.*, 1995. p. 231.

impasse, mas sim como paradoxo que precisava ser superado no desenvolvimento de um ambiente cultural e intelectual.

Com uma postura iconoclasta de sua juventude, os verdes destoaram do tom conciliador próprio do modernismo de *A Revista*. Como ponto comum, *Verde* inicialmente figurou no modernismo com a proposta do nacionalismo, expressa na ideia de "abrasileirar o Brasil", mas o elemento regional não era posto em questão neste primeiro momento. Ao contrário, o local e o provincianismo eram vistos como um obstáculo vencido: do lugar onde surgiram e não eram compreendidos, ganharam repercussão nacional. Se, a princípio, a proposta do grupo era a de conciliação do movimento modernista rumo a um lugar comum, o manifesto publicado no terceiro número expressava a necessidade de reivindicar sua posição, a sua independência e as distâncias com o "lado oposto".

## 3.2 Os modernismos de *A Revista* e *Verde*

### 3.2.1 Tradição, nacionalismo e regionalismo

Em manifestos ou no diálogo afetuoso mantido nas cartas, estes grupos expressaram o desejo de criar espaços de debates em prol da renovação da cultura e literatura brasileiras a partir de suas revistas, como indica o conteúdo programático desses impressos. As propostas anunciadas em manifestos e programas refletem sobre o que estes grupos esperavam de suas atuações, contudo, no conteúdo publicado é possível acompanhar como estas ideias são retomadas e em que medida se concretizam no interior das revistas.

A questão do nacionalismo literário estava envolta numa gama de outros temas, como a busca por uma identidade (ou entidade, para usar a expressão de Mário de Andrade) nacional brasileira, contraposta à influência galicista, a aproximação com a latinidade, e o paradoxos entre o regional e o cosmopolita.[182] Especialmente após a publicação do Manifesto Pau-Brasil, as noções de nacionalismo e regionalismo entraram em voga nos debates modernistas empenhados na reinterpretação das manifestações culturais tipicamente brasileiras, contribuindo para que o modernismo se constituísse num processo de "desrecalque localista",[183] como bem apontado por Antonio Candido. Tais discussões não estiveram ausentes em *A Revista* e *Verde*, e as posições assumidas nestas publicações contribuem para a compreensão da

[182]PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Vira e mexe nacionalismo*: paradoxos do nacionalismo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
[183] CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010. p. 126-129.

trajetória do movimento, assim como o entendimento dos termos nos quais a questão era colocada no período, em outras palavras, a historicidade destas revistas frente às noções de nacional, regional e tradição.

O debate a respeito do nacional e da tradição esteve bastante presente em *A Revista*, sendo estas noções discutidas de modo mais evidente no primeiro número com os textos de Emílio Moura, Carlos Drummond de Andrade, Magalhães Drummond e Gregoriano Canedo. Noções estas que ganharam um tom próprio em cada autor, nem sempre em concordância.

O diálogo sobre o nacionalismo, pautado na tradição literária, foi assunto do artigo "Renascença do nacionalismo", de Emílio Moura, [184] que tratou do questionamento sobre a existência (ou não) de uma literatura brasileira, tema que, conforme pontuou, era recorrente em nossa história. De fato, a preocupação com a construção de uma literatura nacional estava longe de ser novidade própria do movimento modernista – afinal, ela já fora trabalhada por escritores do romantismo, como José de Alencar –, a diferença residia nas diferentes percepções que essas várias gerações tinham acerca dos elementos constitutivos da nacionalidade. Ao estabelecer a ligação entre passado, presente e futuro no cenário literário brasileiro, Emílio Moura afirmou:

> Há um espírito nacional como existe uma arte e uma literatura que vivem desse espírito livre. A semente de Alencar e de Euclydes terá a glória de uma floração "brasileira". Um futuro que não está muito longe escreverá a história da nossa emancipação intelectual. O passado, é verdade, deu-nos uma lição dolorosa de uma tradição empalidecida, fruto de um academicismo que era desvio, e de um classicismo esterilizante. O presente, entretanto, é ágil e firme, na curva de sua trajetória difícil.[185]

Naquele presente, ritmado pelo movimento modernista, conferia-se à literatura o mérito de ser polifônica e de portar elementos da nacionalidade que levariam à "apoteose final de cor e de vida", em oposição à "velha toada monocórdia, do estribilho desalentado que era um eco tradicionalista". O passado representado pela tradição literária do classicismo acadêmico foi visto como mero aprendizado e criticado por seu esvaziamento de sentido na construção de uma literatura nacional efetiva. Em contraposição, evidenciava-se a novidade do olhar dos modernistas em relação ao nacionalismo literário. A ação destes jovens direcionava-se para "[...] construir um Brasil dentro do Brasil, polir e colorir a sua fisionomia e afastar, para longe, a tanga dos nossos caciques artificializados.". Nesse jogo de cena, o grupo posicionava o

[184] MOURA, Emílio. Renascença do nacionalismo. *A Revista*, n°1, ano 1, jul./1925. p. 37.
[185] *Ibid*.

nacionalismo no centro do palco, questão fundamental a ser discutida a partir deste momento no modernismo, enquanto o universalismo era relegado a segundo plano.

Emílio Moura julgava que o nacionalismo era, então, sinônimo de "sacrifício", que exigia renunciar a toda tradição construída a partir das leituras e dos valores europeus, o que incluía a civilidade e a harmonia a partir das quais se pensava o Brasil. Em troca, a geração moderna deveria servir-se do primitivismo e do heroísmo com o objetivo de dar a conhecer uma nova tradição, renascida do nacionalismo:

> [...] Ai está, por exemplo, o sr. Oswald de Andrade a dar um exemplo desse heroísmo. É bem na "Cidade maravilhosa" que viu florir o espírito anatoliano que ele sonha "abrasileirar-se". Carlos Drummond comenta o milagre: "... essa geração (a do sr. Oswald) foi a Bruges com o sr. Ronald de Carvalho, a Coimbra com o sr. Manoel Bandeira e a outros lugares menos confessáveis e mais distantes... Que importa semelhante coisa? Tais poetas embarcaram na caravela que nos leva a todos a Europa, mas voltaram de lá com os olhos puros "e viram e sentiram a verdade". É a luz dessa renascença do nacionalismo que essa geração trabalha e medita, a pôr um pouco de beleza nessa campanha renovadora. [...] [186]

Em oposição à importação servil, a geração modernista seria então capaz de observar atentamente os processos de renovação literária europeia com a sensibilidade de refletir sobre as distâncias culturais que os separam do Brasil. Esta renascença do nacionalismo, portanto, seria o fruto do trabalho e estudo dos intelectuais modernistas para (re)construir a tradição literária com elementos efetivamente nacionais e não meramente adaptados de outros países.

As reflexões sobre uma tradição literária esvaziada de sentido prosseguem no artigo "Sobre a tradição em literatura",[187] de Carlos Drummond de Andrade. Ao negar uma tradição estática e inquestionável, considerou que "[...] o próprio da tradição é renovar-se a cada época e não permanecer unificada e catalogada", ou seja, a ação do tempo transformaria as obras, que não permaneceriam as mesmas ao serem lidas por novos leitores. Ante a "falsa tradição literária", que, na sua perspectiva, atravanca a renovação da cultura em geral, era dever imperioso da sua geração desrespeitá-la, queimando, silenciosamente, seus ídolos. No caso de Drummond, a figura antes amada e que decide repudiar era Machado de Assis: "Uma barreira infinita nos separa do criador de Brás Cubas. Respeitamos a sua probidade intelectual, mas desdenhamos a sua falsa lição. E é inútil acrescentar que temos razão: a razão está sempre com a mocidade". A atitude um tanto radical de rejeitar a literatura machadiana representa, a seu momento, o símbolo de negação à ideia de tradição estabelecida. Drummond defendia que a

---

[186] *Ibid.*
[187] ANDRADE. Carlos Drummond de. Sobre a tradição em literatura. *A Revista*, n°1, ano 1, jul./1925. p. 32-33.

verdadeira tradição era aquela que sobreviveu e dialogou com seu tempo e não os cânones imortalizados pela academia. Eram eles, os jovens modernistas, os responsáveis por julgar e decidir o que deveria ser mantido nesta literatura tradicional. Para tanto, era necessário que a obra em questão fosse dotada de sentido no momento então vivido, em outras palavras, a tradição literária deveria ser regularmente questionada e posta à reflexão no presente.

Ainda no número inaugural, o tema do nacionalismo em face à tradição foi debatido de forma bastante diversa por Gregoriano Canedo. Em "A situação", o autor considerou que a chave para a "posteridade de um amanhã luminoso" estaria na construção da nacionalidade ancorada no mais firme patriotismo e no amor à tradição. Para a construção do Brasil futuro, Canedo defendeu que se seguisse "às normas do verdadeiro nacionalismo" em oposição ao "nacionalismo moderno que enche revistas, livros e jornais, avassalando displicentemente o espírito do nosso povo, em que a exclusiva finalidade aviltante é 'desportugalizar' a Pátria...".[188] Neste sentido, o nacionalismo argumentado por Canedo pautava-se pelo respeito à tradição, aos poderes constituídos e por um nacionalismo que não se fechasse ou repudiasse influências vindas da Europa, inclusive as correntes imigratórias, vistas como benfazejas para a prosperidade do país. Este texto de Gregoriano Canedo deixa evidente a disparidade com que os temas do nacionalismo e tradição foram debatidos em *A Revista*. Não por acaso, ele era o integrante que mais se distanciava dos ideais do grupo, tanto que o seu texto mantinha diálogo tenso com outros escritos deste número, assinados pelos colegas Drummond e Emílio Moura.

O tema não reapareceu de forma tão evidente nos números seguintes, com exceção do extenso ensaio de Magalhães Drummond, publicado ao longo dos três números da revista.[189] Parente distante de Carlos, como o sobrenome anuncia, Magalhães foi diretor do jornal *Diário de Minas*[190] e seu reconhecimento na sociedade belo-horizontina também deveu-se à carreira de professor catedrático na Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais e à atuação na política estadual.[191] Na primeira parte de "O Momento Brasileiro", o autor contradiz o

---

[188] CANEDO, Gregoriano. A situação. *A Revista*, n°1, ano 1, jul./1925. p. 22.

[189] DRUMMOND, Magalhães. Momento Brasileiro. *A Revista*, n°1, ano 1, jul./1925. p. 17-18; n°2, ano 1, ago./1925. p. 43-46; n°3, ano 1, jan./1926. p. 32-34.

[190] A relação de Carlos e Magalhães Drummond não era tão próxima, sobretudo quando o poeta assume o cargo de redator no *Diário de Minas* e surgem desentendimentos no trabalho do jornal, como demonstra em carta: "Você elogiou o *Diário de Minas*... Mário, há três meses que estou no *Diário de Minas* e isto só serviu para ficar conhecendo de perto o meu ilustre parente longe e nosso prezado diretor Magalhães Drummond. Não aceito os elogios porque tenho certeza que o *Diário* não merece elogios. O Magalhães nunca teve colhões para dirigir um jornal, nem mesmo na roça, e o *Diário* é uma prova disso. Eu me mato de trabalhar nele pra sair aquela porcariazinha de quatro páginas mal impressas e em mau papel." Carlos Drummond de Andrade a Mário de Andrade, 07/02/1927. *In*: FROTA, Lélia Coelho (Org.). *Op. cit.*, p.270.

[191] José de Magalhães Drummond nasceu em 1883 na cidade de Ouro Preto. Formou-se em Direito na Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais, onde lecionou como professor de Direito Penal. Na carreira política foi eleito vereador da câmara municipal de Belo Horizonte e deputado estadual. Para saber mais sobre a carreira,

pensamento sociológico que afirmava a incapacidade do brasileiro em construir sua nacionalidade, ao argumentar que os esforços deveriam se concentrar no reconhecimento das características da "sinergia nacional construtiva". Empenhou-se em provar a existência de um "critério brasileiro", noção que Magalhães atribuía a uma "ideia", "pensamento" e "espírito" que perpasse de forma generalizada, unificada e harmoniosa a consciência dos brasileiros. Este "critério" seria, na sua visão, a resposta à questão da nacionalidade: "Ver-se-á que esse grande problema é – precisamente – o da *organização do Brasil para durar como Estado e como nacionalidade*".[192]

No número seguinte, Magalhães Drummond discutiu as manifestações culturais brasileiras, momento em que expressou, de forma mais direta, sua compreensão acerca dos movimentos culturais de renovação. De saída, reconheceu as peculiaridades do português falado no Brasil, os "modismos" que bem fizeram à língua, tornando-a mais humana e bela; defendeu estas mudanças na prosódia e na ortografia que a gramática "intransigente" por tanto tempo havia condenado. O idioma seria, então, expressão do pensamento, do emocional e do ideológico: "Já não se pensa em *português*, pensa-se em *brasileiro*",[193] e este pensar brasileiro prepondera nas manifestações artísticas. De forma pontual, as questões colocadas aqui vão, em certa medida, ao encontro dos esforços modernistas de compreender as expressões populares como culturas devidamente nacionais, sobretudo das pesquisas de Mário de Andrade a respeito da fala brasileira para composição de sua *Gramatiquinha*, mas esta possível proximidade não é defendida pelo autor no texto.

Magalhães avaliou as artes de seu tempo – o "momento brasileiro" – pelo viés do assunto nacional, o "brasileirismo". Na esteira da literatura, a expressão nacional não era mais vinculada ao indianismo de José de Alencar ou de Gonçalves Dias: "[...] aquele brasileirismo postiço, inoportuno, *temporão*, anacrônico, porque apenas retrospectivo[...]", mas no diálogo com a mentalidade do brasileiro de então. Como exemplos de autores que dialogam com este brasileirismo do momento, destacou: Euclides da Cunha, Olavo Bilac, Afonso Arinos e Catullo da Paixão Cearense, Lima Barreto, Ronald de Carvalho, Mario Sette, Olegário Mariano, Paulo Barreto, ou ainda, o que o autor denominou de "nova escola paulista". Reunindo nomes associados a estilos variados, o autor chegava ao "brasileirismo literário", cuja característica

atuação política e a admiração conquistada por seus pares ver: CASASSANTA, Mário. Crônica Universitária Magalhães Drummond. *Revista da Faculdade de Direito*, v. 2, out. 1950. p. 151-161.

[192] Drummond, Magalhães. Momento Brasileiro. *A Revista*, n°1, ano 1, jul./1925. p.18. [grifo no original]

[193] DRUMMOND, Magalhães. Momento Brasileiro. *A Revista*, n°2, ano 1, ago./1925. p. 43.

comum era o olhar sobre a vida de sua gente em seu tempo. Sobre o movimento modernista, afirmou:

> Há na arte dos Guilherme de Almeida, dos Mário de Andrade e do grupo juvenil d'*Estética*, principalmente esse grito instintivo, irreprimível, de almas felizes por se sentirem em harmonia com os seus patrícios, do seu tempo. Há quem combata a chamada "escola paulista" e a toda a nova corrente, e há mesmo quem vaticine vida efêmera. Eu, ao contrário, creio que ela vai durar, e penso que dela passarão apenas os exageros de técnica. Dela caducará somente o que haja de artificioso. Mas, na sua essência e nas suas intenções fundamentais ela ficará, porque, enquanto a isso, se erradica algo de muito estável e que é a constituição íntima da *psyché* nacional e porque procura servir algo de muito real, ou seja, as aspirações e anseios do Brasil atual.[194]

Fica claro por este trecho que Magalhães Drummond não se opunha à renovação estética empenhada pelo modernismo e que, nas devidas proporções, julgava o movimento como construtor do nacionalismo literário do qual defendia, visto que se pautavam pelo ideal comum de reconhecimento dos anseios e aspirações do Brasil naquele momento. Por certo, deve-se considerar que esta fala estava inserida num veículo de comunicação do movimento modernista, questão que certamente mensurou parte de suas opiniões, já que Magalhães não adotava uma postura aberta a renovações, como fica evidente no texto seguinte.

Na última parte do seu ensaio, Magalhães tratou dos obstáculos para que o Brasil se firmasse enquanto nação, a começar o preconceito de se atribuir ao mundo urbano a causa dos males econômicos do país, argumento que ele inverte atribuindo ao rarefeito desenvolvimento das cidades os nossos males, questão que acresce às relações entre Estado e religião católica. Magalhães Drummond, na contramão dos que defendiam a separação entre essas instituições, tal como consagrado na Constituição de 1891, julgava que o catolicismo era um elemento integrante da consciência coletiva, do "critério brasileiro", e que era imprescindível adotar um ideal católico nacionalista para que se alcançasse o objetivo de um Estado duradouro.[195] Este último texto de Magalhães Drummond descortina o veemente conservadorismo de suas ideias e sai em defesa da manutenção dos poderes da igreja católica nos assuntos institucionais. Na definição de um "critério brasileiro", o autor ignora a polifonia cultural pulsante no Brasil e entende o nacional como elemento unificante e homogeneizador da nação; diálogo em desacordo com os ideais de renovação propostos pela revista.

---

[194] *Ibid*., p. 44-45.
[195] DRUMMOND, Magalhães. Momento Brasileiro. *A Revista*, n°3, ano 1, jan./1926. p. 32-34.

No que concerne aos debates sobre o nacional e a tradição, *A Revista* apresentou uma tensão entre estas noções, que manifestaram sentidos distintos entre os artigos publicados. De saída, a tradição foi vista por uma perspectiva de revisão para que fosse construída uma nacionalidade que se pautasse em respostas ao presente, sobretudo na questão literária; em contrapartida, houve a defesa do nacionalismo patriótico de respeito à tradição e da educação religiosa em comunhão com o Estado. Portanto, valores de posturas conservadoras ao lado de um empenho de renovação da tradição por meio da reflexão sobre o que é o nacional.

Em *A Revista* as discussões sobre o nacional em paralelo à tradição foram desenvolvidas em artigos e debatidas com seriedade por seus autores ao defender seus pontos de vista e oferecer saídas para a (re)construção da nacionalidade e da literatura nacional. Já os rapazes de *Verde* optaram por uma outra abordagem desta questão, ao ser inserida em diferentes abordagens para criticar o nacionalismo vazio e institucional, como fica evidente nos poemas de Rosário Fusco e Ascânio Lopes. Pelo viés da risibilidade reprovavam o nacionalismo retórico e laudatório das festividades cívicas e da formação escolar, como neste poema de Rosário Fusco dedicado a Mário de Andrade:

Festa da Bandeira

Depois que os meninos cantaram
o "salve lindo pendão da esperança"
o professor doutor Arlindo França
descobriu o retrato de Camões e disse
que ele foi um grande poeta português
autor do URUGUAY – o mais belo
poema da língua portuguesa

Meninos bateram palmas e o coronel Sinfrônio
elogiou o "estilo quente" do orador...

Seu Nicólas farmacêutico falou com titio
que o seu França é um homem "preparado"
– a mais viva esperança do Brasil...[196]

O Hino à Bandeira (1906), com letra de autoria de Olavo Bilac e música de Antônio Francisco Braga, era entoado nas escolas e fazia referência a um dos símbolos nacionais mais difundidos, o pavilhão nacional. Um excerto do refrão serviu como ponto de partida para a ironia de Fusco frente ao nacionalismo vazio, perpetuado por doutores e professores ignorantes, como fica evidente na errônea atribuição de autoria. A graça fica por conta dos aplausos e da

[196] FUSCO, Rosário. Festa da Bandeira. *Verde*, nº 3, ano 1, nov./1927, p. 18.

admiração basbaque dos alunos, do coronel e do farmacêutico, blague que desnudava as nossas fraquezas.

Por esta mesma lógica de criticar o alvoroço das festividades que se revelam vazias de sentido, Ascânio Lopes publicou o poema anedótico sobre a comemoração do descobrimento:

> Descoberta do Brasil
>
> Programa:
> 1) Foguetões.
> 2) Alvorada pela Banda Musical 3 de maio.
> 3) Missa com sermão obrigatório e leilão no final para as obras da igreja.
> 4) Passeata do batalhão escolar e sessão cívica no grupo local.
> 5) À noite, na sede do Grêmio Literário Cultores das Letras, o sr. Pacífico Montes discorrerá eruditamente sobre o acaso da descoberta.
> 6) Fogos de artifício. Nota: Haverá foguetes de lágrimas[197]

Toda a tradição e formalidade foram ironizadas por Ascânio na descrição esquemática da programação oficial determinada por um roteiro que, embora tente demonstrar alguma alegria festiva com a participação da banda e fogos, deixa de lado a participação popular nesta comemoração alheia a toda superficialidade desta cultura formal. A ironia em colocar o "sermão obrigatório" e o "leilão" na mesma sequência reforça o esvaziamento das celebrações, nesse caso, em especial, as religiosas. Assim como os foguetórios, as comemorações acabam sem consequências; o que sobra é apenas a formalidade de uma cultura vazia e distante da realidade nacional. Em *Verde*, o debate sobre o tema ganhou corpo ao criticar as comemorações vazias de um nacionalismo institucional que se prende à bela fala, mas que pouco ou nada permite inspirar reflexões sobre os problemas nacionais. Distanciando-se da seriedade com que o tema foi abordado em *A Revista*, os jovens de *Verde* optam pelo viés da derrisão para desempenhar este papel crítico e demonstrar indiretamente suas posturas.

O tema do nacionalismo foi tratado de forma mais séria no artigo "A hora presente" publicado no segundo número de *Verde* por Ascânio Lopes, que apresentou suas impressões a respeito da raça e imigração na unificação do país como questões para se pensar, a longo prazo, sobre a construção de uma nação longeva. Ascânio pontuou que, no contexto pós-guerra, a palavra "estrangeiro" foi frequentemente associada à figura do inimigo, seguindo o ideal

[197] LOPES, Ascânio. Descoberta do Brasil. *Verde*, nº 3, ano 1, nov./1927, p. 22.

romântico de defesa da sua terra e sua gente. Em sua opinião, em países novos e de imigração, como o Brasil, os aspectos do nacional ainda não eram estabilizados e, desta forma, mais do que assumir certas correntes nacionalistas de combate ao estrangeiro, tratava-se de:

> [...] na hora presente, de formar um espírito nacional, um critério nacional, para a solução dos problemas nacionais; luta-se pela formação da nacionalidade, pela conservação em estado de pureza ou pela criação dos elementos que são indispensáveis a ela; trata-se de absorver o estrangeiro, sem ser absorvido por ele.[198]

As questões raciais no Brasil acompanham um longo debate desde o final do século XIX, fortalecido pelas teorias evolucionistas do pensamento científico da época, que colocavam em jogo a definição do brasileiro sob o princípio de uma raça em formação.[199] No concerto de teorias raciais, a ideia do "Brasil-cadinho" era construída e posta como um tema de reflexão sobre o nacional, do qual a imigração era pauta, sobretudo o ideal de imigrante a ser acolhido no território. Neste contexto de debates intelectuais sobre questões raciais e o papel da mestiçagem na construção nacional, Ascânio Lopes não via negativamente o processo geral de imigração no Brasil, contudo, fica latente o pensamento racial em sua argumentação. Para ele, a construção da nação deveria ser pautada na "unidade de raça", processo pelo qual era preciso conduzir com inteligência dois aspectos que poderiam ameaçar esta unidade: as questões raciais em matéria de imigração e a busca por uma unidade dos elementos brasileiros dentro do vasto território. Como exemplo, citou a ameaça de movimentos como o de Canudos na formação da nacionalidade e concluiu:

> [...] Porque a nação só o é de fato, sem medo de separatismos e desuniões. Quando há uma afinidade profunda ou uma igualdade de raça entre os elementos que formam o povo; quando a língua, os costumes, a literatura, o passado, o ideal futuro, prendem, enlaçam esses elementos para um destino comum.[200]

Naquele contexto, a "hora presente" clamava por uma análise profunda da sociedade brasileira para enfrentar o problema da existência e, sobretudo, duração do país como povo e como nação. O modo defendido para dar segurança a este processo foi a unificação dos elementos nacionais, pondo fim ao "mesquinho sentimento bairrista" que o intimida. Para tanto, argumenta pelo estudo e conhecimento dos elementos nacionais para a construção de uma

---

[198] LOPES, Ascânio. A hora presente. *Verde*, nº 2, ano 1, out./1927, p. 17.
[199] SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
[200] *Ibid.*

língua, literatura, legislação e até mesmo rodovias que iriam ligar as diferentes unidades da federação; tudo para que os interesses fossem levantados à conservação da coletividade nacional. Nestes termos, a unidade de elementos difusos era a pauta principal defendida por Ascânio Lopes a respeito do nacionalismo, caminho pelo o qual guiaria o país enquanto nação duradoura.

Nos debates sobre a nação e seu futuro, a questão apareceu em *A Revista* e *Verde* por diferentes ângulos e abordagens, por vezes na seriedade para elencar problemas e discutir suas saídas ou pela linha do riso afim de desnudar as superficialidades com que o tema era tratado, colocaram em diálogo estas questões e contribuíram com suas maneiras para responder esta demanda do movimento modernista. A reflexão sobre o nacional colocou em perspectiva a (re)construção da literatura brasileira em diálogo tenso com a tradição, assim como as questões raciais e da língua, tudo isto presente na pauta ampla de (re)conhecimento do Brasil e do brasileiro. Faces da mesma moeda, as discussões do nacional colocam em cenário o regionalismo, tema que, nestas revistas, não escapou de pensar o papel de Minas no Brasil, sobretudo a visão que ambos os grupos tinham das cidades a que pertenciam, questão latente desde os manifestos e programas destes periódicos, sendo abordada também ao longo dos números.

Em *A Revista*, as discussões a respeito do nacionalismo que sempre ocorriam em paralelo ao regional, foram desenvolvidas no artigo não assinado "Do bairrismo ao nacionalismo", portanto atribuído à redação. Neste texto foi retomada a interpretação que atribuía à Minas Gerais o papel de manutenção da unidade nacional, reforçada pela imagem do mineiro como simples, solidário e alheio às emoções políticas, ou seja, talhados para assumir a direção do país: "A simplicidade no nosso povo e a sua natural aversão ao malabarismo político vão preparando o terreno para que aí se agite, em plena liberdade, a ação dos nossos dirigentes.". Caberia a Minas um importante papel de união nacional pelo viés político, e esta seria, portanto, sua grande colaboração para o desenvolvimento da nação, motivo de orgulho regional:

> [...] E se Minas colabora tanto no destino de toda a nacionalidade, ai está uma justificativa gloriosa para o aumento de nossa esperança, um motivo de alegria diante do espetáculo do nosso momento, que é construtor e fecundo. No fundo do nosso bairrismo há, portanto, um robusto nacionalismo. Não é Minas somente que se agita na nossa preocupação rigorosa; é o Brasil; ágil e grande, a olhar-se demoradamente, na sua energia em potência.[201]

[201] Do bairrismo ao nacionalismo. *A Revista*, n°1, ano 1, jul./1925. p. 43.

A capital era retratada na perspectiva de uma cidade jovem, mas provinciana e que aspirava exercer posição de cidade administrativa e intelectual de destaque nacional. Na crônica "A cidade verde", Y. (pseudônimo utilizado por Drummond) compara Belo Horizonte a uma imagem feminina, dotada de uma beleza que salta aos olhos. O cronista retoma a figura do Rio de Janeiro como a "cidade-mulher" (encantadora desde a primeira vista) descrita por Álvaro Moreyra e, em termos de comparação, traça a Belo Horizonte o qualificativo de "cidade verde", na tentativa de descrever figurativamente a sua juventude e timidez, que demandaria maior atenção para que fossem desveladas suas qualidades. Descrevendo a capital tal qual uma jovem mulher, demonstrou o processo de desenvolvimento e assim, mesmo que permanecesse um "provincianismo teimoso", Belo Horizonte já vislumbrava novos tempos:

> "[...] O movimento social anima-se com traços de requintes admiráveis. Mesmo a vida intelectual já é outra em B. Horizonte, vida de pensamento e cultura, que harmoniza o ambiente transfigurado, a criar uma elite que já se nota. A nossa capital é bem, nesse sentido, uma cidade talhada para refúgio de um intelectualismo robusto, que se penetre de elegância e vitalidade, que saiba ser uma força disciplinada. Num futuro que não será longe? A cidade que nos responda..."[202]

Desta "cidade verde" destacaram o cenário cultural que se fortalecia com a possibilidade de vir a ocupar, num futuro não distante, o papel central na intelectualidade brasileira, caminho no qual *A Revista* certamente estaria contribuindo. Em "Nós"[203], esta ideia da cidade-verde foi retomada para reafirmar o crescimento urbano e populacional de Belo Horizonte, sustentado pela cultura e civilização. Devido à presença da burocracia administrativa a nova capital do estado era conhecida, no início do século XX, como a cidade dos funcionários. Para se desvencilhar desta imagem, o autor contrapõe pela ideia da "urbs universitária mineira", portanto, seu crescimento se amparava no mundo intelectual da juventude universitária.

O moralismo da sociedade belo-horizontina foi exposto no texto "Em defesa da moda", problemática analisada sob o prisma da liberdade feminina. Contrariando a leitura social de que as novidades do século no âmbito da moda atentam à moral, entendiam que estas mudanças no vestiário – menos camadas de roupas ou um pouco menos de cabelos – não exprimiam indecência e, sim, libertaram os corpos femininos tanto das amarras dos espartilhos quanto da opressão patriarcal:

---

[202] Y. A "cidade verde". *A Revista*, n°1, ano 1, jul./1925, p. 40.
[203] Nós. *A Revista*, n°1, ano 1, jul./1925, p. 43.

> [...] a mulher de hoje, liberta dos espartilhos barbatânicos, das longas tranças desairosas das carpideiras, das desengonçadas saias de balão, livre assim das investiduras que lhe oprimiam o corpo e da coação e do pavor paterno ou marital, é a pioneira de uma nova moral e combatente desassombrada pelo levantamento do nível e decoro sociais femininos.[204]

A moda feminina foi vista pelo grupo como um aspecto de modernização e civilização em Minas Gerias, da qual prestaram suas homenagens:

> A elas, que tanto deve o surto do nosso progredimento social e que nós tanto acatamos e prezamos, oferecemos em homenagem modestas, os protestos que reafirmamos nesta página d'*A Revista* que lhe dedicamos, de mais respeitosa solidariedade e inequívoca incondicionalidade de admiração.[205]

A abordagem adotada pela revista é interessante visto o contexto da época e ainda mais por assumir a direção contrária ao discurso sustentado pelo jornal *Diário de Minas*, do qual eram colaboradores. Segundo Maria Zilda Cury:

> O jornal se refere à crescente influência da moda norte-americana no Brasil, muitas vezes com uma preocupação moralizante, a marcar que a cidade não se encontrava preparada para receber grandes novidades nos trajes. Por exemplo, um cronista se escandaliza com a nova moda parisiense que, sob alegação de economia, suprimia mangas, ampliava decotes, substituía meias e borzeguins por simples sandálias. Conclama os pais de família a não permitirem a sua adoção.[206]

Se, de um modo geral, Belo Horizonte foi retratada em *A Revista* como uma cidade em crescimento, sobretudo cultural e intelectual, Cataguases era vista, a princípio, como um obstáculo a ser superado para o reconhecimento do trabalho de vanguarda desempenhado pelo grupo. É de se levar em conta que uma revista aos moldes de *Verde* não encontrasse bom número de leitores entusiastas na pequena Cataguases, mesmo passados alguns anos do modernismo em Minas. Por seu caráter irreverente e com a apresentação de uma literatura nova, pode-se supor que a revista não foi tão compreendida pelo público local. Diante das críticas que receberam, o segundo número inicia com o artigo "Literatura de Brinquedo", em que Henrique de Resende tece comentários irônicos sobre a recepção da revista:

> *Verde* constituiu um delicioso escândalo na sua cidadezinha – de – interior. E não era pra menos. Ninguém esperava que a anunciada revista surgisse como surgiu. [...] Qual revista qual coisa nenhuma! Um mero folheto com sonetos

[204] Em defesa da moda. *A Revista*, n°1, ano 1, jul./1925, p. 42.
[205] *Ibid*.
[206] CURY, *Op. cit.*, 1998. p. 44.

> futuristas, como o do sr. Carlos Drummond de Andrade, que não passa de um ridículo plágio do Regulamento Interno da Inspetoria de Veículos.
> E a "Viagem sentimental" do ser. Edmundo Lys? Uma bambochata, com mistura de canivetes, Código Civil, tenentes e laranjas. Depois o sr. Martins de Oliveira, com uns negócios complicados de palhaço de circo, - tudo sem rima e de pé quebrado.
> E o sr. Theobaldo! Cruz credo! Um verdadeiro escândalo é que é. Todos malucos. Todos com macaquinhos no sótão. E o sr. Fusco fingindo que não sabe grafar direito. O sr. Camilo com um Xixi incompreensível. O sr. Peixoto, o sr. Ascânio. Etc. Etc. Uma boa corja com tendências para o 70 Sul.
> E triunfantemente o respeitável público se delicia: ora, os futuristas...[207]

Uma revista sem fotografias, sem elogios às ordens públicas ou comentários comezinhos sobre o cotidiano da cidade; foram estes os aspectos que Henrique utilizou para demonstrar a oposição destoante entre *Verde* e as leituras que aqueles cidadãos estariam acostumados. Soma-se a este "escândalo" relatado o fato de que muitos destes artigos são assinados por nomes conhecidos na região, por suas carreiras ou famílias. Ora, o futurismo então chegava a Cataguases: "E a cidadezinha *culta* e *progressista* – como o são, no geral, as cidadelas do interior, segundo os seus hebdomadários, – enrubesceu todinha com a publicação de *Verde*.". Para o efeito de contraposição ao alvoroço visto no interior, passou a comentar como *Verde* foi recebida com "altas honrarias" entre grandes jornais e nomes consagrados no cenário literário nacional. Não são colocadas em questão as limitações do desenvolvimento urbano, mas a denúncia constante da incultura e da manutenção da tradição em cidades pequenas como Cataguases. Henrique de Resende terminou o artigo dizendo que uma das tentativas de *Verde* era a de fazer com que os leitores locais se abrissem a novas experiências ao deixar de lado aos poucos o apego a tradição: "E se isso não der o público continuará a ter a mesma pena de nós e nós continuaremos a ter esta mesma imensa piedade pela ignorância do público".

Conforme a revista foi ganhando maior repercussão, com colaboradores de vários estados e países, o tom a respeito da cidade foi se alterando no periódico e Cataguases passou a ser referência para o movimento. Em "*Verde*, poemas cronológicos e outros poemas", artigo de abertura do quarto número da revista, Henrique de Resende volta a comentar sobre a cidade ao narrar a história do grupo, desde sua ideia inicial à publicação do primeiro livro produzido pelos verdes. Nas palavras do autor, a cidade de Cataguases passou de "pobre cidadela" a promoção de "centro intelectual", isto às custas do desempenho de *Verde* que congregou modernistas de peso no país.

---

[207] RESENDE, Henrique. Literatura de brinquedo. *Verde*, nº2, ano 1, out./1927, p. 07.

Perpassa a ideia de que o grupo era responsável por acertar os pontos e colocar Cataguases no rumo e até mesmo no mapa: "Todo o Brasil está surpreso: existe Cataguases", disse assim Ribeiro Couto[208] ao comentar sobre o modernismo de *Verde*. Ao falar sobre o "descobrimento" da cidade mineira, retoma a indiferença com que a intelectualidade brasileira tratava as diversas regiões do país que, presos às influências estrangeiras partilhadas na Rua do Ouvidor do início do século, chegam a duvidar das cidades do país: "Mas onde é Cataguases?".[209]

A curiosidade pela cidadezinha do interior mineiro de onde surgem foi despertada pelas criações, quase simultâneas, de uma revista de renovação literária e o cinema nacional com Humberto Mauro. Se antes os atrativos de cidades do interior eram a banda musical, o fogueteiro, as atividades políticas e religiosas, em Cataguases o espaço foi modificado pela chegada da modernidade, do jazz-band, do Ford e do cinema: "Em Cataguases, hoje centro adiantado, não mais sofremos o pipocar dos foguetes, nem o pam-pam-pam-pum, das bandas de música. Tudo passou e há muito tempo. Ficou-nos o cinema.".[210] Em certo sentido, a imagem de Cataguases em *Verde* se altera ao passo que a revista ganha reconhecimento nacional e não necessitam mais das opiniões compartilhadas pelo público local. Cataguases passa a símbolo de renovação literária e cultural.

Dos ângulos expostos, fosse pela seriedade ou na opção jocosa, *A Revista* e *Verde* debateram as questões amplas em pauta no modernismo daquele momento, que estavam articuladas entre si; a saber, as discussões sobre a tradição em face ao nacionalismo e ao regionalismo. Invariavelmente, por serem estas revistas porta-vozes do movimento modernista brasileiro, tais questões estavam diretamente ligadas ao debate maior de renovação da literatura nacional, o que leva a uma análise pormenorizada de sua produção crítica e do conteúdo literário publicado nestes periódicos.

### 3.2.2 Literatura e crítica

Publicações nomeadamente modernistas, *A Revista* e *Verde* comprometeram-se em seus programas com a renovação estética e cultural brasileira e evidentemente o modernismo era a questão predominante. Todavia, ao acompanhar os debates, as críticas e a produção literária nelas presentes é possível compreender a articulação entre os ideais de renovação e os

[208] COUTO, Ribeiro. A descoberta de Cataguases. *Verde*, nº5, ano 1, jan./1928, p. 10.
[209] *Ibid.*
[210] MARTINS, J.. Cataguases, o cinema, a Phebo, a lei de menores, etc. *Verde*, nº5, ano 1, jan./1928, p. 4.

ambientes cultural e intelectual no qual surgiram. Neste sentido, entender as particularidades da literatura publicada nos periódicos, como apontado por Roxana Patiño: "Os textos publicados em revistas têm uma produtividade diferente e essa distinção aponta para uma qualidade crucial de uma revista literária: é o registro mais próximo do presente da escrita de um momento de cultura."[211]

No que respeita a produção literária, *A Revista* publicou 27 colaborações, sendo 52% em prosa, 44% poesias e 4% texto dramático. Já em relação à autoria, predominaram os mineiros, cabendo ressaltar a diversidade em termos de filiação estética. Os integrantes do grupo Estrela responderam por dez textos que, em graus diversos, guardavam proximidade com as experimentações modernistas. Outras doze colaborações foram assinadas por nomes conhecidos no circuito cultural de Belo Horizonte, mas que não compartilhavam do mesmo entusiasmo pelas novidades que moviam os responsáveis pela revista. No que concerne às contribuições fora de Minas Gerais, *A Revista* recebeu produções em prosa e poéticas, de nomes reconhecidos no cenário modernista nacional, que conferiram legitimidade à publicação, pelo menos no interior dos que debatiam o movimento.

Assim, cabe destacar a publicação de um trecho do romance *Amar, verbo intransitivo*, de Mário de Andrade,[212] colaboração que abriu o primeiro número e que já apontava para a vinculação com o grupo reunido em torno do poeta paulista.[213] Em carta, Drummond agradeceu-lhe o envio: "Teu magnífico 'Capítulo' salvou a nossa honra literária, comprometida pelo inevitável passadismo de alguns colaboradores".[214] Além de Mário, a missiva faz alusão à presença neste primeiro número de Austen Amaro[215] e Alberto Deodato[216] que estampou trecho de seu romance, ainda inédito, *Flor do cardo*.

Um olhar mais atento revela que, mesmo entre os vanguardistas do grupo do Estrela, que dominaram, do ponto de vista quantitativo, a produção literária na edição inaugural, alguns assinavam textos que se afastavam dos novos parâmetros, a exemplo do poema "Ingenuidade",

---

[211] PATIÑO, Roxana. América Latina: literatura e crítica em revista(s). *In*: SOUZA, Eneida Maria de; MARQUES, Reinaldo. (Orgs.). *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: Editora Ufmg, 2009. p. 459.
[212] ANDRADE, Mário. Capítulo. *A Revista*, n°1, ano 1, jul./1925, p. 14-16.
[213] Em carta a Martins de Almeida, Ribeiro Couto critica a prosa modernista de Mário neste texto: "Aquela página do Mário sobre o garçon alemão é detestável. 'Saí, Acendi um cigarro. Me diga uma coisa. Que marca de cigarro é essa?' Essa coisa assim feita, com essa trepidação, esse ar sincopado, me aporrinha. Não que eu seja solidário com o fraseado parabólico, que faz uma curva arco-íris e, começando aqui, vai acabar duas léguas de distância. Isso também não. Eu gosto do que é natural. Aquela página é típica desse escrito cortadinho." *Apud*: FROTA, Lélia Coelho. (Org.). *Op. cit.*, 2002. p. 133.
[214] Carlos Drummond de Andrade a Mário de Andrade, 19/07/1925. *In:* FROTA, Lélia Coelho. (Org.). *Op. cit.*, 2002. p. 133.
[215] AMARO, Austen. Irarigoan. *A Revista*, n°1, ano 1, jul./1925, p. 20; 57.
[216] DEODATO, Alberto. A sede da comarca de Gorutuba. *A Revista*, n°1, ano 1, jul./1925, p.30-31.

de Abgar Renault, escrito em setembro de 1924, portanto antes do lançamento da revista, e que possui traços de um lirismo melancólico, próximo da produção literária de movimentos estéticos anteriores:

> [...]
> E si meu vulto desencantado
> enchesse, como um grande sonho triste,
> o noturno mistério desse olhar?...
>
> E si a minha alma de incontentado
> da Beleza, e do Ideal pudesse, um dia,
> para tua alegria,
> se espetalar
> serenamente, luminosamente,
>
> E si tuas mãos líricas de fada
> viessem, num gesto simples de milagre,
> redimir e sagrar meu Destino indiferente?...
> [...][217]

No segundo número, com exceção do poema de Carlos Drummond, "Meus versos,"[218] e do texto em prosa "A pesca da baleia", de João Alphonsus, [219] todas as demais colaborações literárias foram de mineiros que não se aproximavam dos ideias estéticos do modernismo, ou seja, provinham daqueles que o próprio grupo denominava de "passadistas", caso dos poemas de A. J. Pereira da Silva[220] e Onestaldo Pennafort,[221] e das prosas de Alberto Deodato,[222] Carlos Góes,[223] Godofredo Rangel,[224] Mario Ruiz,[225] Orosimbo Nonato[226] e Wellington Brandão.[227]

Mesmo que distante dos ideais estéticos propostos pelos modernos, Godofredo Rangel mantinha diálogo amistoso com o grupo Estrela e colaborou com as prosas "O Carteiro" e "Os caprichos da sorte"[228], respectivamente no segundo e terceiro números. Em "Traços de Godofredo Rangel" – texto publicado no *Correio da Manhã* após sua morte, em 1951 – Drummond referiu-se às relações mantidas com conterrâneos e as diferenças que os separavam: "Não teria [Rangel] motivos para gostar de nós, rapazes modernistas. Tentávamos uma expressão literária em conflito com a sua, e se não podia mesmo viver o nosso estado de espírito,

---

[217] RENAULT, Abgar. Ingenuidade. *A Revista*, n°1, ano 1, jul./1925, p. 24.
[218] DRUMMOND, Carlos. Meus versos. *A Revista*, n°2, ano 1, ago./1925, p. 23-24.
[219] ALPHONSUS, João. A pesca da baleia. *A Revista*, n°2, ano 1, ago./1925, p. 29-33.
[220] SILVA, A. J. Pereira da. Mulheres... *A Revista*, n°2, ano 1, ago./1925, p.26.
[221] PENNAFORT, Onestaldo. Natal. *A Revista*, n°2, ano 1, ago./1925, p. 28.
[222] DEODATO, Alberto. Uma paixão extemporânea. *A Revista*, n°2, ano 1, ago./1925, p. 36-38.
[223] GÓES, Carlos. A montanha azul. *A Revista*, n°2, ano 1, ago./1925, p. 42; 55.
[224] RANGEL, Godofredo. O carteiro. *A Revista*, n°2, ano 1, ago./1925, p. 25.
[225] RUIZ, Mario. Nocaute. *A Revista*, n°2, ano 1, ago./1925, p. 27.
[226] NONATO, Orosimbo. Cabral e seus precursores. *A Revista*, n°2, ano 1, ago./1925, p. 39-42.
[227] BRANDÃO, Wellington. O poema maior. *A Revista*, n°2, ano 1, ago./1925, p. 34-35.
[228] RANGEL, Godofredo. Os caprichos da sorte. *A Revista*, n°3, ano 1, jan./1926, p. 29-31; 58.

era natural que o desdenhasse ou pelo menos o ignorasse.”. Para evidenciar possíveis desavenças, o poeta reforçou a influência intelectual que Monteiro Lobato, com seu declarado desinteresse pelo movimento, teria sobre Rangel:

> Seu amigo Monteiro Lobato, que, a julgar pelas cartas, exerceria sobre ele uma docência intelectual meio tirânica, tomara posição contra os moços, e era sublime de incompreensão. Na realidade, e com a força dos tímidos, Rangel não se deixa imbuir dos preconceitos do outro: aceitou o modernismo de seus coestaduanos jovens, com uma simpatia bem humorada.[229]

O mesmo respeito e compreensão foram observados na crítica de Emílio Moura sobre o livro de Godofredo Rangel, *Vida ociosa*, publicado em 1920 pela editora de Lobato. Moura elogiou a obra sem deixar, contudo, de ponderar sobre as escolhas estéticas do autor, distintas das suas:

> Não havendo sentido contatos renovadores continuou a ser o que sempre fora. [...] Nós, de certo desejaríamos mais. Mas essa distância entre dois pontos de vista, entre duas filosofias, porque, afinal, toda maneira de perspectiva pode ser entendida por uma filosofia, nada destrói da beleza dessa obra. Olhamos a figura desse escritor sem pretender enquadrá-la numa época ou numa escola.[230]

Foi no último número que *A Revista* acentuou seu caráter vanguardista; tanto que a edição abriu-se com “Poética”, de Manuel Bandeira, que expressava o programa da revista, expresso no verso “Não quero mais saber do lirismo que não é libertação”. [231] Com exceção de Godofredo Rangel e Mário Casassanta,[232] as demais colaborações literárias foram de autores envolvidos no movimento modernista. O grupo do Estrela esteve presente com poemas de Abgar Renault[233] e Pedro Nava,[234] além de Drummond que, utilizando-se do pseudônimo Antonio Chrispim, publicou um texto dramático em três atos, satirizando os poetas líricos.[235] Guilherme de Almeida e Ronald de Carvalho também colaboram neste número, respectivamente com os poemas “Pyjama”[236] e “Broadway”[237], o que aponta para o alcance da

[229] ANDRADE, Carlos Drummond de. Traços de Godofredo Rangel. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, ano LI, n. 17.920, 19 ago./1951.
[230] MOURA, Emilio. Vida ociosa. *A Revista*, n°3, ano 1, jan./1926, p. 20-22.
[231] BANDEIRA, Manoel. Poética. *A Revista*, n°3, ano 1, jan./1926, p. 12.
[232] CASASSANTA, Mario. Pobres dos pobres que amam!. *A Revista*, n°3, ano 1, jan./1926, p. 42-43.
[233] RENAULT, Abgar. Sabedoria. *A Revista*, n°3, ano 1, jan./1926, p. 41.
[234] NAVA, Pedro. Alegria. *A Revista*, n°3, ano 1, jan./1926, p. 35.
[235] CHRISPIM, Antonio. Faze da tua dor um poema. *A Revista*, n°3, ano 1, jan./1926, p. 36-37.
[236] ALMEIDA, Guilherme de. Pyjama. *A Revista*, n°3, ano 1, jan./1926, p. 14.
[237] CARVALHO, Ronald. Broadway. *A Revista*, n°3, ano 1, jan./1926, p. 15.

revista, que não limitava às fronteiras mineiras, conforme destacado. Já Mário de Andrade enviou o poema "Sambinha" [238] , cuja temática é a miscigenada cultura popular brasileira.

O texto "Os nossos colaboradores" chamou a atenção dos leitores para a qualidade que se estampava no número, além de retomar a trajetória da revista:

> Parecia difícil, senão impossível dotar Minas com uma publicação que, conservando o máximo de cor local, refletisse nitidamente as aspirações coletivas da nova intelectualidade brasileira. *A Revista* não é mais que uma tentativa neste sentido. E uma tentativa feliz, ousamos afirmar agora, recapitulando a nossa atividade nos primeiros meses de existência. Agradam-nos os resultados obtidos. Porém não nos satisfazem. Pretendemos trabalhar ainda mais [...][239]

Findada a publicação após este recado, não tiveram tempo de trabalhar mais em *A Revista*, mas certos de que a atuação do grupo pela literatura brasileira ganharia espaço percorrendo outros caminhos, que não demoraram muito a surgir. Desdobraram-se em outras revistas modernistas para assim construir a renovação coletiva do modernismo, como no caso da conterrânea *Verde*.

Tomados o conjunto de dados, em *A Revista* as colaborações literárias de mineiros, ou dito passadistas, somam 46%, número que foi praticamente equivalente à quantidade de escritores ligados ao modernismo se somados à produção do grupo Estrela, 35%, com outros nomes do cenário modernista que correspondem a 19%. Contudo, a análise individual dos números publicados revela predomínios diferentes entre estas filiações estéticas: em *A Revista* nº1 a presença marcante foi dos próprios integrantes do grupo (57%), o restante corresponde a duas colaborações de mineiros (29%) e ao capítulo enviado por Mário de Andrade (14%); esses dados tiveram uma alteração expressiva no segundo número, em que massivamente foram publicados autores mineiros (80%), com pouca presença do próprio grupo (20%); já no último número publicado, a revista acentuou sua linha editorial em direção à renovação estética, fato que refletiu na escolha de seus colaboradores, com diversos nomes do cenário modernista nacional (45%) e do próprio grupo (33%), em contraponto à presença de apenas dois nomes mais tradicionais da sociedade mineira (22%).

Se em *A Revista* esta conciliação com intelectuais não adeptos da renovação modernista era uma questão fundamental para manutenção da publicação, o mesmo não ocorre com *Verde*,

[238] ANDRADE, Mário. Sambinha. *A Revista*, n°3, ano 1, jan./1926, p. 13.
[239] Os nossos colaboradores. *A Revista*, n°3, ano 1, jan./1926, p. 53-54.

que se concentrou em publicar autores modernistas em sua maioria, ainda que outras questões precisaram ser enfrentadas pelo grupo em matéria de colaboração literária.

Nas páginas de *Verde* encontram-se colaborações hoje consagradas pela história do modernismo, como trechos de *Laranja da China*,[240] de Antonio Alcântara Machado, *Macunaíma*,[241] de Mário de Andrade, *Serafim Ponte Grande*,[242] de Oswald de Andrade, *Retrato do Brasil*,[243] de Paulo Prado, ou a primeira versão do poema "Quadrilha",[244] de Carlos Drummond de Andrade.

Ao todo, foram 95 textos literários e, entre estes, 79% correspondem à poesia, 16% à prosa e outros 5% eram textos memorialísticos em homenagem ao poeta Ascânio Lopes. Diferentemente do conteúdo literário de *A Revista*, no qual a quantidade de prosa e poesia era praticamente equivalente, predominou a poesia em *Verde*, tanto em termos de colaboradores do grupo como externos a ele. Em carta, Mário de Andrade comentou sobre a qualidade da prosa em *Verde* e pediu colaborações do grupo belo-horizontino:

> Acho também, Carlos, que você devia de mandar alguma prosa pra *Verde*. E o Nava também. E o João Alphonsus também. E o Martins de Almeida (que é feito dele!) também. A prosa de *Verde* está intolerável de fraca. Positivamente muito ruim. Não só pela pobreza de técnica, o que é desculpável em mocicos, como pela ausência de ideias de deveras ideias. São umas sensações impressionistas duma fraqueza e dum passadismo, às vezes original, porém não deixa de ser passadismo.[245]

Dirigindo-se a Henrique de Resende, Mário reforçou suas críticas à prosa presente na revista, quando comentou sobre a quarta edição: "Primeiro: fraqueza formidável da prosa. Mas FORMIDÁVEL. Com exceção do Alcântara, o resto da prosa não vale nada.".[246] Adiante, Mário assumiu postura de orientador e explicitou suas impressões ao "mocicos" e aconselhou:

> Mas voltando à prosa. O que mais me fatiga nela é a técnica aparente por demais e curtíssima, sem recursos nem nenhuma verdadeira liberdade, enfim falta quase total de técnica. E uma ausência também quase total de ideias interessantes, quero dizer, fecundas, passíveis de pensamento e discussão. Vocês têm que estudar muito e refletir mais.[247]

---

[240] MACHADO, Antonio Alcântara. O aventureiro Ulissses. *Verde*, nº2, ano 1, out./1927, p. 08-09.
[241] ANDRADE, Mário. O caso da Cascata. *Verde*, nº 3, ano 1, nov./1927, p. 12.
[242] ANDRADE, Oswald. Os esplendores do Oriente. *Verde*, nº 3, ano 1, nov./1927, p. 14.
[243] PRADO, Paulo. Do *Retrato do Brasil*. *Verde*, nº 5, ano 1, jan./1928, p. 02.
[244] ANDRADE, Carlos Drummond de. Quadrilha. *Verde*, nº 3, ano 1, nov./1927, p. 15.
[245] Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, 21/01/1928. *In:* FROTA, Lélia Coelho. (Org.). *Op. cit.*, 2002. p. 310.
[246] Mário de Andrade a Henrique de Resende, 01/1928. *In:* MENEZES, A. L. G. R. L. *Op. cit.*, 2013. p. 108.
[247] *Ibid.*, p. 109.

As colaborações dos próprios verdes representaram 43% de todo conteúdo literário publicado na revista (33 poemas, 4 textos em prosa e 4 memórias), número expressivo que atesta a presença do grupo em sintonia com a proposta de Mário, que desde o início insistia: "A respeito da colaboração da gente, nunca me recusarei para vocês porém não acho que vocês devem se sacrificar. Primeiro vocês.".[248] Pode se afirmar que eram, portanto, um grupo de poetas, haja vista a predominância deste tipo em suas produções literárias, com destaque para Henrique de Resende, com seis poemas publicados em *Verde*, seguido por Ascânio Lopes, Francisco Inácio Peixoto e Rosário Fusco, com cinco poemas cada.

Os modernistas do Estrela, anteriormente responsáveis por *A Revista*, aderiram à nova revista desde o princípio e, com exceção da quinta edição, enviaram textos literários em todos os números de *Verde*. Logo na primeira publicação, Emílio Moura e Carlos Drummond de Andrade com os poemas "Inquietação"[249] e "Sinal de apito";[250] nos subsequentes, Pedro Nava e Abgar Renault, além João Alphonsus que envia o conto "Oxianureto de Mercúrio".[251] Drummond foi o mais ativo e, além do já citado poema, remeteu evocação memorialística sobre "Ascânio Lopes na Rua da Bahia"[252] e outros dois poemas: a primeira versão de "Quadrilha",[253] em que Lili não termina com J. Pinto Fernandes, mas casa-se com Brederodes; e "Convite ao suicídio"[254] dedicado a Mário de Andrade que, contudo, não agradou ao poeta paulista por seu tom "desenganado e perverso".[255]

Além destes, outros mineiros foram responsáveis pela literatura presente em *Verde* e, se não eram adeptos do modernismo, ao menos simpatizavam com a movimentação literária vinda do interior mineiro, como era o caso de Edmundo Lys, Oswaldo Abritta, Theobaldo de Miranda Santos, Affonso Arinos (sobrinho), todos com poemas, além de, mais uma vez, Godofredo Rangel, com o breve conto "A síncope".[256] Murilo Mendes, por seu turno, figurou com o poema

---

[248] Mário de Andrade a Rosário Fusco, 11/1927. *In:* MENEZES, A. L. G. R. L. *Op. cit.*, 2013. p. 65.
[249] MOURA. Emilio. Inquietação. *Verde*, nº1, ano 1, set./1927, p. 14.
[250] ANDRADE, Carlos Drummond. Sinal de apito. *Verde*, nº1, ano 1, set./1927, p. 15.
[251] ALPHONSUS, João. Oxyanureto de mercúrio. *Verde*, nº 3, ano 1, nov./1927, p. 8-10.
[252] ANDRADE, Carlos Drummond. Ascanio Lopes na rua da Bahia. *Verde*, nº 1, ano 2, mai./1929, p. 4.
[253] ANDRADE, Carlos Drummond. Quadrilha. *Verde*, nº 3, ano 1, nov./1927, p. 15.
[254] ANDRADE, Carlos Drummond. Convite ao suicídio. *Verde*, nº 4, ano 1, dez./1927, p. 16-17.
[255] Os versos iniciais do poema: "Vamos dar um tiro no ouvido, / Vamos? / Largas essa vida / Largar esse mundo [...]. Em carta, Mário comenta suas impressões sobre o poema: "[...] positivamente estou numa incapacidade completar de gostar desse poema, você deve bem imaginar. Inda se fosse no tempo em que gritei as 'Danças' bem possível que gostasse. Agora já não posso mais, tanto sarcasmo ironia desengano e perversidade juntos!... Fiquei assim como quem comeu e não gostou, desiludido." Carta de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, 21/01/1928. Em nota à edição da coletânea de cartas, Drummond avalia este desgostar de Mário: "Natural que MA não tenha gostado: exprimia o contrário do vitalismo apaixonado que ele praticava como norma existencial. Não me lembra mais se a dedicatória foi fruto de ingenuidade de minha parte, ou se brincadeira de mau gosto. *In*: FROTA, Lélia Coelho. (Org.). *Op. cit.*, 2002. p. 309; 313.
[256] RANGEL, Godofredo. A síncope. *Verde*, nº 3, ano 1, nov./1927, p. 17.

"Canto novo".[257] Mais diretamente ligados ao modernismo eram Roberto Theodoro (pseudônimo de Achilles Vivacqua) e João Dornas Filho, cujos poemas encontraram abrigo nas páginas de *Verde*. Vale lembrar que, juntamente com o verde Guilhermino César, Dornas e Vivacqua foram responsáveis pela criação de *leite criôlo*, outra publicação de caráter modernista com sede em Minas.

De São Paulo, não só os nomes de Mário de Andrade e Alcântara Machado – grandes motivadores do projeto – estiveram presentes em *Verde*, mas também Sérgio Milliet, Oswald de Andrade e Guilherme de Almeida figuraram a partir do segundo número, enquanto do Rio de Janeiro cabe citar Prudente de Moraes, neto, Marques Rebelo (pseudônimo de Edi Dias da Cruz)[258] e Augusto Frederico Schmidt. Colaboraram também os escritores pernambucanos Ascenso Ferreira, Willy Levin e o potiguar Jorge Fernandes; os dois últimos assinaram, respectivamente, os poemas "Infância"[259] e "Canção ao sol"[260]. Com o título de "Camelots", [261] a primeira colaboração de Ascenso em *Verde* foi encaminhada a Fusco por Mário de Andrade: "Mando aqui um poema de Ascenso Ferreira, um baita dum poeta do Recife que está publica não publica um livro chamado *Catimbó.*"[262]. Do mesmo poeta, foram publicados os poemas "Mula do padre"[263] e "O 'Verde'"[264], além de críticas sobre seu livro *Catimbó* (1927) assinadas por Fusco e Peixoto.[265]

Em *Verde*, houve maior diversidade de colaborações provenientes de outros estados e grupos modernistas se comparada com *A Revista*. Esforço do grupo em conseguir novas colaborações assim como o empenho de Mário de Andrade em colocar os poetas mineiros em contato com escritores que conhecia e admirava. Vale destacar as "viagens etnográficas" que Mário realizou ao Norte e Nordeste do país em dois momentos próximos a este período: a primeira delas entre maio e agosto de 1927 acompanhado de D. Olívia Guedes Penteado e as jovens Mag (Margarida Guedes Nogueira, sobrinha de D. Olívia) e Dolur (Dulce do Amaral Pinto, filha de Tarsila); retornou sozinho em novembro de 1928 e permaneceu em viagem até

[257] MENDES, Murilo. Canto novo. *Verde*, nº 1, ano 2, mai./1929, p. 8.
[258] Rebelo foi diretor do jornal carioca *Atlântico* e, em *Verde* nº04, Rosário Fusco assinou uma crítica sobre os colaboradores do jornal.
[259] LEVIN, Willy. Infância. *Verde*, nº 5, ano 1, jan./1928, p. 17.
[260] FERNANDES, Jorge. Canção ao sol. *Verde*, nº 5, ano 1, jan./1928, p. 20.
[261] FERREIRA, Ascenso. Camelots. *Verde*, nº 3, ano 1, nov./1927, p. 15.
[262] Mário de Andrade a Rosário Fusco, 11/1927. *In:* MENEZES, A. L. G. R. L. *Op. cit.*, 2013. p. 65.
[263] FERREIRA, Ascenso. Mula-de-padre. *Verde*, nº 5, ano 1, jan./1928, p. 9.
[264] FERREIRA, Ascenso. O "verde". *Verde*, nº 1, ano 2, mai./1929, p. 9.
[265] F. Ascenso Ferreira – Catimbó. *Verde*, nº 4, ano 1, dez./1927, p. 23.; PEIXOTO, F. Ascenso Ferreira – Catimbó. *Verde*, nº 4, ano 1, dez./1927, p. 26.

fevereiro de 1929.[266] Nestas oportunidades, o "turista aprendiz" pôde realizar pesquisas, coletar informações sobre as manifestações populares que tanto lhe interessavam e conhecer pessoalmente alguns destes escritores presentes em *Verde*, sendo recepcionado, entre outros nomes, por Câmara Cascudo, Jorge de Lima, Ascenso Ferreira e sua esposa Stella Griz Ferreira.[267]

O poeta franco-suíço Blaise Cendrars, próximo dos modernistas paulistas, homenageou a atuação do grupo verde com os versos:

> Aux Jeunes Gens de Catacazes
>
> Tango vient de tanguer
> Et jazz vient de jaser
> Qui importe l'etymologie
> Si ce petit klaxon m'amuse?[268]

Publicado em *Verde* nº3, este poema de Cendrars é um indício importante da repercussão conquistada pelo grupo; a surpresa pelo envio do poema foi grande, como relatou Henrique de Resende:

> Eis que um dia, porém, houve uma desconfiança. Foi quando recebemos coisa de Blaise Cendrars e um bilhetinho sujo do Milliet. Eu falei pro Fusco: isto é trote. Trote do Alcântara, do Mário, de todos. O Cendrars não está no Rio, e, mesmo que estivesse, não nos mandaria verso. Quanto ao Milliet é um safadão de marca. Eles querem é ridicularizar a gente. E danamos a procurar o nome do Cendrars nos jornais. Estavamos abatidos com a desconfiança. Seria uma vergonha. No dia seguinte veio o Rosário, com as suas pernas quilométricas, trazendo uma página do *Correio da Manhã*, onde vermelhava um traço marcando a notícia. Cendrars no Rio! Que alívio! Acreditávamos então na autenticidade do verso do francês, no bilhete do Sérgio e retiramos em seguida o adjetivo com que ultrajávamos este último. [269]

Foi também a partir do terceiro número que *Verde* passou a trazer colaborações da vanguarda latino-americana, com o poema "A germana Bittencourt", do uruguaio Ildefonso Pereda Valdés. O contato ficou a cargo de Fusco, que resultou em gentil acolhida, com envio

---

[266] Os registros destas viagens foram publicados em formato de crônicas no *Diário Nacional* e, em 1976, uma edição destes textos foi realizada por Telê Ancona Lopez. Cf. ANDRADE, Mário. *O turista aprendiz*. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Telê Ancona Lopez, Tatiana Longo Figueiredo; Leandro Raniero Fernandes, colaborador. Brasília: Iphan, 2015.

[267] A correspondência de Mário de Andrade com Ascenso Ferreira e Stella Griz Ferreira reunidas na pesquisa de Ana Luisa Dubra, Cf. LESSA, Ana Luisa Dubra. *Edição da correspondência Mário de Andrade & Ascenso Ferreira e Stella Griz Ferreira*: 1926-1944. 2012. Dissertação (Mestrado em Culturas e Identidades Brasileiras) - Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

[268] CENDRARS, Blaise. Aux jeunes gens de Catacazes. *Verde*, nº 3, ano 1, nov./1927, p. 11. Posteriormente este poema dedicado aos verdes foi incluído em *Du monde entier* (1957), coletânea de poesias do autor.

[269] RESENDE, Henrique. Verde, poemas cronológicos e outros poemas. *Verde*, nº 4, ano 1, dez./1927, p. 7.

de colaboração, livros e a indicação de outro poeta, o que atesta a importância das redes constituídas pela correspondência:

> Recebi sua carta. É uma feliz coincidência um dos mais amados de meus amigos chama-se Fusco também – ele é um dos poetas novos do Uruguai – minha terra. [...] Tenho muito prazer de enviar a *Guitarra de los negros* para você, é um único exemplar, não posso enviar a Camilo Soares um exemplar por ter esgotado – então dedico aos dois – e remeto um exemplar de *Cinq poèmes nègres* [...] Remeto ao *Verde* – o poema "Germana Bittencourt" poema que eu creio muito [brasileiro].[270]

Ao final da missiva, Valdés elogiou *Verde*: "É verdadeiramente notável que numa cidadezinha provinciana, floresça um movimento literário de tão boa orientação. Obrigado por *Verde* a melhor revista do interior do Brasil – a mais nova e mais moça.". No número seguinte, encontra-se "Josefina Baker", do argentino Marcos Fingerit, acompanhado de breve apresentação do autor e aproximação entre as vanguardas dos dois países: "*Verde* se sente feliz de unir ao canto brasileiro uma nota pura da Argentina".[271] Nicolás Fusco Sansone, poeta uruguaio mencionado na carta de Valdés, publicou em *Verde* nº 5 o poema "El nocturno de los cuerpos anhelantes"[272] pertencente ao livro *El viento del mar*, com breve apresentação do autor, suas obras e atuações em revistas.

O empenho em obter colaborações de vários lugares do país, assim como do exterior foi muito maior em *Verde* se comparada com *A Revista*, dados os motivos de uma aparente conciliação de conflitos estéticos entre modernismo e passadismo na publicação da capital. Questão que adequaram sem perder a característica de uma publicação porta-voz da renovação estética em Minas, fator acentuado em seu último número, quando anunciam o desgaste do "lirismo comedido" e dão maior espaço e visibilidade aos autores diretamente ligados ao movimento. Como demonstrado, em *Verde* os debates a respeito da tradição já não ocuparam o mesmo espaço que na publicação anterior, o esforço do grupo esteve concentrado em dar visibilidade às suas próprias produções literárias e em divulgar diversas vertentes do modernismo. Assim, o grupo reuniu colaboradores de peso no cenário modernista nacional e internacional, contudo, enfrentou outros problemas a respeito da sua produção literária em prosa, mais escassa e fraca, segundo opinião de Mário de Andrade, o que resultou num número mais expressivo de poesias publicadas na revista.

No que concerne à produção crítica, pela sua própria natureza opinativa, contribui para esclarecer sobre a literatura publicada no período, uma vez que grande parte delas são assinadas

---

[270] Ildefonso Pereda Valdés a Rosário Fusco, 10/1927. *In:* MENEZES, A. L. G. R. L. *Op. cit.*, 2013. p. 72.
[271] FINGERIT, Marcos. Josefina Baker. *Verde*, nº 4, ano 1, dez./1927, p. 8.
[272] SANSONE, Nicolás Fusco. El nocturno de los cuerpos anhelantes. *Verde*, nº 5, ano 1, jan./1928, p. 8.

por integrantes do grupo. A análise das críticas permite a observação de duas questões: a escolha das obras que decidem criticar, levando em consideração o universo de livros publicados no período, ou seja, a seleção dos títulos que lhes interessam já indica uma tomada de posição; e o que dizem sobre estas obras escolhidas, se expressam um tom elogioso ou combativo.

A produção crítica em *A Revista* concentrava-se, em maior parte, na seção "Os livros e as ideias", presente nos seus três números, e na qual as obras eram ordenadas pela nacionalidade do autor. Sempre assinada por integrantes do grupo, a seção também conciliou produções vanguardistas com outras mais associadas à tradição ou, para usar o termo da época, ao passadismo; contudo, as posições assumidas colaboram para compreender o posicionamento da revista frente às produções distintas do ponto de vista estético.

Logo no primeiro número, comentaram-se lançamentos recentes dos modernistas, a saber: *Meu*, de Guilherme de Almeida, *Espírito Moderno*, de Graça Aranha, *A Escrava que não é Isaura*, de Mário de Andrade, todas elas do ano de 1925, e *Memórias sentimentais de João Miramar*, de Oswald de Andrade de 1924. Os comentários celebraram a técnica e reflexão de Guilherme de Almeida acerca da paisagem brasileira e, de forma contundente, Martins de Almeida afirmou: "*Meu* é um grande livro do nosso momento construtivo".[273] Já Emílio Moura considerou *A Escrava* obra sem precedentes no meio literário do momento, por dar nova diretriz à crítica, distanciada do impressionismo e diletantismo dominantes nas avaliações, sem poupar elogios a Mário:

> O seu autor é uma das mais belas vitórias do espírito moderno. Está muito longe de ser aquilo que uma crítica birrenta imaginou descobrir na alma inquieta e, lembremo-lo com simpatia, renovadora da *Pauliceia desvairada*. Penetrou em todas as províncias do pensamento moderno; ouviu com sabedoria o ritmo desse polifonismo de agora; fez experiências e comparações; estudou, com cuidado, todas as diretrizes que atraem a sensibilidade e a inteligência dos nossos dias... E como é poeta e crítico, deu-nos esse estudo sobre poesia moderna.[274]

Coube também a Emílio Moura comentar *Memórias sentimentais*, oportunidade em que revelou ter travado conhecimento do escritor a partir da resenha de *Os condenados*, assinada por Drummond no *Diário de Minas*. Valeu-se do adjetivo "curioso" para salientar os usos da linguagem e da técnica e elogiou as imagens literárias criadas pelo autor, sem, contudo, deixar de fazer observações críticas:

> Miramar, como toda a literatura recente do sr. Oswald de Andrade, lembremo-lo em tempo, não vai além de uma tentativa. Ele podia colocar, naquele

[273] M. de A.. *Meu*, Guilherme de Almeida. *A Revista*, n°1, ano 1, jul./1925, p. 49.
[274] E. M.. Mário de Andrade, *A Escrava que não é Isaura*. *A Revista*, n°1, ano 1, jul./1925, p. 50.

> prefácio de Machado Penumbra, a sinceridade da *Pauliceia desvairada*: "Aliás muito difícil nesta prosa saber onde termina a blague, onde principia a seriedade. Nem eu sei".[275]

Bem mais dura foram as observações de Martins de Almeida acerca do livro *Espírito Moderno* que, na sua opinião, era destituído de espírito crítico e de poder analítico. Sem meias palavras, Graça Aranha teria errado em suas intenções:

> Assim Graça Aranha nas suas considerações sobre a arte moderna foi arrastado por entre a complexidade de moldes sem substância e formas sem fundo. Construiu no vazio. É inútil contradizer o seu "objetivismo dinâmico" já tão debatido. É uma fórmula rígida. É uma receita indeterminada e vaga. É a expressão congelada de uma ideia geral que não sintetiza os múltiplos aspectos da arte moderna.[276]

Vale lembrar que desde a publicação do número de *Klaxon* dedicado a Graça Aranha, polêmicas e embates foram manifestados entre o autor e outros nomes do modernismo. No período em que esta resenha foi publicada em *A Revista*, a situação já demonstrava certas dissidências e tomadas de posições que ficariam mais evidentes dali a poucos meses, com o rompimento oficial de Mário com Graça na carta aberta publicada em 12 de janeiro de 1926 no jornal carioca *A Manhã*. Nesta carta, inclusive, Mário retoma esta crítica de Martins de Almeida sobre *Espírito Moderno*: "Você não sabe criar aquelas perspectivas críticas de que falava com razão Martins de Almeida impõe como objeto de julgamento não a coisa a julgar propriamente, porém as teorias de você."[277] Neste sentido, as críticas publicadas esclarecem o posicionamento do grupo diante das tensões internas do movimento, ainda que não estivessem diretamente ligados nestes conflitos.

No segundo número de *A Revista*, Drummond (assinando com a inicial C.) escreveu ácida crítica em relação ao poeta Ronald de Carvalho. Passados três anos da publicação de *Epigramas irônicos e sentimentais* (1922), a crítica de Drummond desconsiderava esta das obras modernistas produzidas no período, e disparou:

> O classicismo para Ronald de Carvalho é um modo de ser. O poeta nasceu clássico. Desviou-se para o simbolismo (o que no seu tempo, era a melhor maneira de ser inteligente, mas logo voltou à sua legitima paisagem espiritual. Um equívoco muito desculpável em país de crítica pobre e mal aparelhada transformou os *Epigramas* em livro revolucionário. Julgamento das aparências, confusão da forma com o fundo. Pois eu vejo nesse delicioso *Epigramas* o livro de versos mais clássico até hoje aparecido no Brasil.[278]

---

[275] E. M.. *Memórias sentimentais de João Miramar*, Oswald de Andrade. *A Revista*, n°1, ano 1, jul./1925, p. 54.
[276] M. de A.. *Espírito Moderno*, Graça Aranha. *A Revista*, n°1, ano 1, jul./1925, p. 49.
[277] ANDRADE, Mário. Carta aberta a Graça Aranha. *A Manhã*, 12 jan. 1926.
[278] C.. *Epigramas irônicos e sentimentais*, Ronald de Carvalho. *A Revista*, n°2, ano 1, ago./1925, p. 49.

Estas críticas a Ronald de Carvalho e Graça Aranha em *A Revista* antecedem a polêmica que o texto de Sérgio Buarque de Holanda[279] trouxe ao movimento, ao distinguir os lados opostos do modernismo que acabou por inserir um debate tenso entre o que era ou não a literatura moderna no Brasil, questão da qual o trio "da mesa"[280] – formado por Graça, Ronald e Renato de Almeida – ficaram do lado de fora. Desta forma, as críticas em *A Revista* deram corpo ao conflito que começou a ser gestado no número final de *Klaxon* e seguiu com os responsáveis de *Estética*.

O único periódico comentado na seção foi o terceiro número de *Estética* (publicado meses antes, em junho de 1925) por Martins de Almeida, que elogiou a produção como representante do espírito moderno e da intelectualidade brasileira. Vale lembrar que neste número houve colaboração de Drummond, assim como a publicação do poema "Noturno de Belo Horizonte", de Mário de Andrade, ou seja, de alguma forma mostrava a relação entre o grupo carioca e mineiro, assim como os desdobramentos a partir da expansão do movimento em Minas.

Além de comentários a respeito de *Estética*, Martins de Almeida assina crítica do livro *Paulística* (1925) de Paulo Prado. A propósito da história paulista, o crítico mineiro retomou certos mitos da paulistanidade,[281] ao traçar uma linha evolutiva do tipo ideal bandeirante ao industrialismo:

> [...] é preciso dizer que o dinamismo da natura íntima do bandeirante não desapareceu da constituição subconsciente do paulista. Estruturou o tipo atual. E a prova está nos empreendimentos do seu brilhante industrialismo e nos esforços libertadores de seu intelectualismo.[282]

A argumentação elogiosa da história paulista reforça certo discurso da época que coloca São Paulo como estado à frente dos rumos intelectuais e econômicos do país, enquanto o movimento modernista tratava de rever esta suposta centralidade no estudo da cultura popular de outras regiões do Brasil. Além disto, por si só, a escolha desta obra destoava das demais críticas presentes na seção, uma vez que se trata de uma obra do campo da história, e ainda concentrada na história paulista, que não possuía uma aproximação direta com a vanguarda.

---

[279] HOLANDA, Sérgio Buarque de. O lado oposto e outros lados. In: PRADO, Antonio Arnoni (Org.). *Op.cit.*, p. 224-228.

[280] Referência a foto que reuniu os três escritores ao redor de uma mesa, publicada na *Revista da Semana* em 18 de março de 1922.

[281] Sobre a construção da identidade paulista apoiada na narrativa mitológica da história dos bandeirantes, ver: FERREIRA, Antonio Celso. *A epopeia bandeirante*: letrados, instituições e invenções históricas (1870-1940). São Paulo: Editora Unesp, 2002.

[282] M. de A.. *Paulística*, Paulo Prado. *A Revista*, n°3, ano 1, jan./1926, p. 45.

Contudo, vale lembrar o envolvimento e amizade de Paulo Prado com a intelectualidade modernista, bem como o incentivo financeiro que deu a vários eventos, a citar a própria Semana de Arte Moderna ou viagens de (re)descoberta do país, como a caravana de 1924, motivada pelo autor, seja pela presença de sua esposa D. Olívia, ou pelo patrocínio que trouxe o poeta Blaise Cendrars ao Brasil nesta ocasião. Não distante, convém pontuar o período em que Paulo Prado esteve na direção da *Revista do Brasil*, de janeiro de 1923 a maio de 1925, no qual houve uma considerável alteração da linha editorial da revista, haja vista a presença de vários escritores modernistas em suas páginas.[283] Dentro de todo este conjunto de influências, uma aproximação com o autor de *Paulística* não seria irrelevante aos jovens mineiros.

As obras de caráter modernista escolhidas para serem comentadas na seção "Os livros e as ideias" deu corpo ao debate sobre o que era ou não o moderno em matéria de literatura. Ainda que de forma indireta, o grupo de *A Revista* se posicionou frente aos embates travados no campo intelectual modernista, sobretudo na polêmica entre Mário de Andrade e Graça Aranha, latente neste período.

Para além destas obras, mais diretamente ligadas à renovação estética, foram comentados títulos de autores não modernistas, sobretudo daqueles de origem mineira. A escolha em comentar estas obras se coloca como uma questão, já que a revista se propunha a divulgar a literatura moderna, ainda assim, o ambiente intelectual em que estavam inseridos foi um fator de interferência na inclusão de alguns nomes entre os colaboradores da revista, como demonstrado, e que continuam presentes na seção "Os livros e as ideias". Contudo, a natureza crítica da seção permite compreender as visões do grupo sobre esta produção.

Sobre o livro *Rosas de Sangue* de Octavio de Oliveira, publicado pela Imprensa Oficial de Belo Horizonte, Drummond iniciou sua crítica questionando os desgastes da estética poética no Brasil: "a lentidão com que se processa a evolução da poesia brasileira" repleta ainda de "quinquilharia pseudo-lírica e pseudo-parnasiana". Ao se concentrar na obra, reconhece no autor o talento para rimas, métricas e harmonias que seguem os parâmetros da fatigada "geração bilaqueana", todavia, julga preferível que o poeta rimasse mal e enfim rompesse com a preocupação técnica. Dissimulando a pretensão de dar conselhos, dirige-se à Octavio de Oliveira recomendando: "[...] lembro ao autor a necessidade de reformar-se. Nem será mesmo uma reforma: ele é novo, e ainda não se formou totalmente. Será antes a adaptação de suas reais qualidades poéticas ao espírito moderno da literatura brasileira.".[284]

---

[283] LUCA, Tania Regina de. *Op. cit.*, 2011, p. 20-36.
[284] C.. *Rosas de Sangue*, Octavio de Oliveira. *A Revista*, n°1, ano 1, jul./1925, p. 51.

Neste tom crítico, Drummond tomou a postura de orientador da literatura moderna e compôs sua crítica ao livro *Seara de Emoção* (1925) do mineiro Wellington Brandão, autor que colaborou com um poema em *A Revista* nº 2. Ao levantar de forma positiva a delicadeza e doçura do livro não deixou de julgar a técnica usada na poesia do autor, que não era adepto da campanha modernista, mas que "louvado Deus, não é a indefensável técnica parnasiana". Drummond aproveitou a oportunidade para falar sobre os usos do *verso livre* que, a sua impressão, esgotou-se pelo manejo de autores como Mário Pederneiras e Ronald de Carvalho; não ao acaso, estes nomes são citados para dialogar com o próprio movimento modernista, e mais uma vez se posicionar frente ao embate de grupo que se dividiam, a saber, Ronald e sua proximidade com Graça Aranha. Portanto, de uma forma aparentemente despretensiosa, alargaram o debate da poesia em desgaste no passadismo e no modernismo. Antes de concluir, Drummond expressou seu desejo de que Brandão aderisse aos preceitos da poesia moderna: "Ah! Como eu gostaria de ver o sr. Wellington desenvolvendo seu legítimo temperamento poético num campo mais vasto e mais arejado! A poesia modernista, já o disse alguém, é a poesia do ar livre. Proponho este conceito à sua meditação."[285] A orientação do que consideram o "certo" em matéria literária é novamente exposta.

De forma semelhante, Martins de Almeida lastimava que Paulo da Silveira, autor de *Azas e Patas* (1924), não tenha se comprometido com o movimento de renovação intelectual, e seu anti-academicismo se limitasse ao espírito demolidor:

> É o diabo o sr. Paulo Silveira não querer se compenetrar das conquistas do espírito moderno entre nós. Que pena! É um rapaz tão interessante. Lá vai indo de confusão em confusão. Atrapalha tudo. Continua a levar susto dos espantalhos acadêmicos. Insiste em apedrejar. Pensa que a destruição tem seu fim nela mesmo. Está perdendo um tempo precioso. A maior luta que ele tem a realizar é contra ele próprio. O anti-academicismo pode ser um academismo às avessas. Para o sr. Paulo Silveira o "moderno" é uma atividade retorcida do espírito e não uma disposição da inteligência e sensibilidade.[286]

Postos lado a lado – modernos e passadistas – as intenções da seção, no que concerne às obras nacionais, podem ser entendidas por dois ângulos: tanto um espaço de conciliação entre estéticas tão distintas para se manterem no cenário intelectual belo-horizontino, como pôde revelar-se uma estratégia do grupo para sutilmente transmitir suas opiniões sobre o que era ou não favorável em termos literários. No debate sobre estas obras não modernas, lamentaram que estes autores não acompanhassem as modificações estéticas e ainda sugeriram que os autores

[285] D.. *Seara de Emoção*, Wellington Brandão. *A Revista*, n°2, ano 1, ago./1925, p. 51.
[286] M. de A.. *Azas e Patas*, Paulo Silveira. *A Revista*, n°3, ano 1, jan./1926, p. 45-46.

levassem em consideração os novos debates estéticos em suas futuras produções. Ao leitor atento, a seção "Os livros e as ideias" passou a mensagem sobre as opiniões estéticas do grupo, que caminhava com passo firme no modernismo, assim como esclareceu seus posicionamentos internos no movimento ao criticar nomes como Ronald de Carvalho e Graça Aranha em defesa do grupo paulista liderado por Mário de Andrade.

Conforme já afirmado, a seção foi organizada pela separação dos títulos de acordo com seus países de origem, fato que, no conjunto das obras comentadas ao longo dos números, a França foi o país predominante entre as obras estrangeiras. Sobre esta questão, vale pontuar que a formação literária do grupo do Estrela muito deveu-se aos clássicos franceses e com frequência apareciam nas memórias de seus integrantes; deste modo, muitas de suas referências de estilo e escrita se valiam desta literatura francesa. Sua adesão ao modernismo, no entanto, exigia que estas referências estrangeiras fossem repensadas, uma vez que, nesta altura, o movimento caminhava em direção a uma literatura nacional nos pressupostos da poesia pau-brasil. Neste sentido, a França é o país referência da tradição literária para o grupo, sendo a ela dedicada uma parte especial na seção "Os livros e as ideias", ainda que nestas críticas procurassem romper com esta influência presente. A exemplo, a crítica de Drummond do livro de entrevistas *Une heure avec...* de Frédéric Lefèvre demonstra sua visão de desgaste da literatura francesa:

> Mais uma vez, a literatura francesa nos dá uma fascinante impressão de movimento, espantando o brasileiro incauto, que confunde movimento com vitalidade. É fato que, em França, um homem de letras representa pelo menos uma ideia, e que o choque de princípios e postulados tem aí um alcance incalculável. Porém não é menos certo que o espírito francês esgotou as suas reservas, e agora está batendo a portas estrangeiras, a busca de material para a sua produção. Prova: o exotismo, ou melhor, o cosmopolitismo, tão do gosto de Labard, Marc Orlan, Giraudoux, etc. Nada de menos compatível com as tradições do chamado gênio francês. Aliás, este gênio de há muito é coisa morta: um dos seus últimos representantes, Anatole France, viu sua obra morrer antes de si mesmo.[287]

Acolheram positivamente a vanguarda francesa, sobretudo o nome de Blaise Cendrars, devido à relação próxima mantida com o grupo após o encontro durante a visita da caravana paulista em 1924. E justamente o livro escrito por inspiração desta viagem, *Feuilles de route* (1924), que foi comentado na seção por Martins de Almeida, em que destaca o despertar do artista plástico na poesia de Cendrars, motivada pelas paisagens brasileiras.[288] Por outro lado,

[287] C. Frédéric Lefèvre, *Une heure avec.... A Revista*, n°1, ano 1, jul./1925, p. 55-56.
[288] M. de A.. *Feuilles de route* – Blaise Cendrars. *A Revista*, n°1, ano 1, jul./1925, p. 54.

o comentário crítico de Drummond ao segundo livro de *Em busca do tempo perdido* desnuda as ressalvas com que o autor via as obras modernas que eram então produzidas na França, opinião que certamente se alterou na maturidade do poeta: [289]

> Eu também tenho uma opinião sobre Proust. Dois pontos: é o autor mais difícil do século 20. Não que ele seja obscuro, malarmêsco, isso não. Mas escreve mal. Os períodos não acabam nunca; arrastam-se por entre um cipoal de conjunções preposições pronomes pessoais o diabo. Vocês já leram "À l'ombre des jeunes filles en fleurs"? Um sacrifício. O resultado paga o sacrifício. Mas este em si é duro demais [...].[290]

Os livros franceses comentados na seção "O livro e as ideias" reduziram-se ao longo dos números: no primeiro foram comentadas três obras, das quais *Feuilles de route* (1924), de Blaise Cendrars, *Une heure avec...* (1924), de Frédéric Lefèvre, e *Anatole France em pantoufles* (1924), de Jean-Jacques Brousson; no segundo apresentaram resenhas das obras *XXe Siécle* (1924), de Benjamin Crémieux, e *L'Europe galante* (1925), de Paul Morand; já o último número da revista trouxe apenas uma obra francesa na seção de crítica, trata-se do livro *Au coeur de Verlaine et de Au coeur de Verlaine et de Rimbaud* (1925), de Marcel Coulon.

Foi neste último número que a seção apresentou crítica de dois livros do uruguaio Ildefonso Pereda Valdés, a propósito dos quais Emílio Moura questionou o desconhecimento em relação às literaturas não europeias: "[...] Vamos à Europa com mais facilidade. [...] Ninguém quer se dar ao trabalho de procurar e de examinar, no seio de outras literaturas, obras que mereçam o carinho de nossa admiração."[291] Os livros *El arquero* (1924) e *La casa iluminada* (1920) do uruguaio Pereda Valdés são a exceção na crítica feita pelo grupo, como bem admite Emílio Moura e comprovado pela ausência da citação a outros escritores latino-americanos, mantendo, portanto, a referência europeia com predomínio na revista. Contudo, o fato de admitirem esta fragilidade demonstra uma mudança em suas perspectivas literárias: o referencial estrangeiro, sobretudo europeu, não seria mais suficiente para colocar questões à literatura brasileira e repensar o lugar da cultura nacional.

Como contraponto, em *Verde* a presença da vanguarda latino-americana ganhou destaque e, além disso, os nomes ligados ao "passadismo" não são mais presentes como se observou em relação à *A Revista.* O empenho dos verdes se deu em comentar e divulgar o

---

[289] Anos depois, em 1956 é publicada a tradução do penúltimo livro da coleção *Em busca do tempo perdido* na tradução de Carlos Drummond de Andrade com o título de *A Fugitiva.* Tal fato contrapõe-se a esta crítica negativa escrita pelo poeta em sua juventude.
[290] C. *XXe Siècle*, Benjamin Crémieux. *A Revista*, n°2, ano 1, ago./1925, p. 52-53.
[291] E. M.. *El arquero* e *La casa iluminada*, Ildefonso Pereda Valdés. *A Revista*, n°3, ano 1, jan./1926, p. 50.

modernismo em matéria de suas novidades e andamentos, preocupação que os colocou em conexão com uma variada rede de autores, grupos e revistas em âmbito nacional e internacional.

Se, em *A Revista*, o referencial internacional restringia-se à autores europeus, *Verde* deu repercussão à vanguarda latino-americana. Além das contribuições das artistas Maria Clemencia e Norah Borges e dos escritores Ildefonso Peréda Valdés, Marcos Fingerit e Nicolás Fusco Sansone, a aproximação com as vanguardas que atuavam nos países vizinhos era acompanhada e admirada nas páginas de *Verde*, que frequentemente traziam notícias de toda a sorte presente em várias partes da revista, como exposições, publicações em livros e revistas. A título de exemplo, na seção "Movimento" informaram seus leitores sobre alguns acontecimentos, como a exposição patrocinada por Ildefonso Pereda Valdés dos trabalhos dos artistas Norah Borges, Maria Clemencia e Xul Solar, a realizar-se em Montevidéu. Anunciavam o recebimento de livros, revistas e jornais uruguaios e argentinos, cortesia que indicava estreitamento de relações, além do envio de futuras colaborações, sempre comunicadas com grande entusiasmo. Da mesma forma, uma notícia demonstra a acolhida do modernismo brasileiro pelo colega uruguaio Ildefonso Pereda Valdés, que comenta a publicação do livro dos jovens de Cataguases em conferências realizadas em Montevidéu: "Estudando os nossos poetas, desde o Brasil colônia até agora, Ildefonso incluiu entre eles o nome dos rapazes que fizeram *Poemas cronológicos*.".[292]

Em matéria de crítica literária, esta relação com a vanguarda latina também se fez presente. Na seção "Notícias sobre livros e outras notícias" foram publicados os comentários de Henrique de Resende a respeito do livro *Cinq Poèmes Nègres* de Ildefonso Pereda Valdés, enviado ao grupo pelo autor em resposta à missiva de Fusco. De início, contou a história de como se deu o contato entre os verdes e o poeta uruguaio, com tantos passos que lembrou uma "quadrilha": "Explicação: O Fusco escreveu pro Idelfonso (cônsul). O cônsul escreveu pro Ildefonso (Pereda). E nesse vai-vem o Pereda mandou uns troços pro cônsul e, num passo direto, o cônsul mandou pra *Verde* os referidos.". Entre os "troços" encaminhados estava *Cinq Poèmes Nègres* (1927), livro curto que tem como tema central a questão do negro no período da escravidão. Sobre o poeta, Henrique de Resende pontua: "Ildefonso, muito mais normal e equilibrado, em comparação com os modernistas brasileiros, não deixa por isso de ser encantador na sua modernidade.".[293]

---

[292] Movimento. *Verde*, Suplemento, nº 5, ano 1, jan./1928, p. 5.

[293] H.R.. *Cinq Poèmes Nègres*, Ildefonso Pereda Valdés. *Verde*, nº 4, ano 1, dez./1927, p. 25. O consul citado na história é Ildefonso Falcão que também colaborou em *Verde* com o artigo "Singerman, Stolek, etc. etc.", publicado em partes nos nºs 3, 4 e 5 da revista.

Cabe pontuar a presença comum de Ildefonso Pereda Valdés nas duas revistas mineiras, o que representava, de um lado, o interesse em conhecer mais da literatura latina posto como questão por Emílio Moura em *A Revista* e, de outro, a relação que passou a se estreitar entre vanguardas vizinhas com o empenho de *Verde*.

O conteúdo relativo às críticas literárias foi publicado na revista *Verde* em sua maioria nas seções "Literatura", que a partir do quarto número passou a se chamar "Notícias sobre livros e outras notícias", ao incluir comentários sobre revistas. Assinadas sobretudo por integrantes do grupo, foram comentadas diversas obras, com predomínio daquelas de caráter mais propriamente modernista, o que incluía uma variedade de autores: mineiros, de outros estados, estrangeiros e até mesmo algumas críticas referentes aos livros de autoria dos próprios verdes.

Logo no primeiro número, Martins Mendes comentou sobre a futura publicação de um livro de poemas de Rosário Fusco, que se intitularia, assim como a revista, *Verde*, obra esta que não chegou a ser lançada. Desta projetada obra transcreveu um de seus poemas, "Janeiro", sobre o qual se lê: "Este poema basta. Ele define bem o poeta que ainda é criança 10 e 7 anos apenas. Já é muita coisa. Promete muito. Esperamos o *Verde* que é cheio de frutos maduros e saborosos. Frutos brasileiros".[294] Ainda sobre a produção do grupo, Edmundo Lys comenta sobre a carreira literária de Henrique de Resende, que, antes de se comprometer com o modernismo, já havia publicado o livro *Turris Erbuena* (1923) pela Monteiro Lobato & Cia. Lys reconheceu em Henrique a presença do simbolismo de Alphonsus de Guimarães em sua formação literária, mas que por ora rumava pelos caminhos da poesia moderna; questão que o levou pontuar o que julga ser duas verdades sobre o autor: "a) é um poeta *modernizado* que / b) *foi* simbolista".[295] Neste sentido, as críticas que faziam referências aos próprios verdes procuraram demonstrar uma grande expectativa de sua produção literária futura, que haveria de ser grande contribuição à poesia moderna, independentemente de sua pouca idade ou de um passado literário formado em outras estéticas.

Assim como em *A Revista,* foram comentados alguns livros de autores mineiros não diretamente ligados ao modernismo, contudo, essa presença na seção de críticas foi muito menos evidente se comparado à revista belo-horizontina. A crítica sobre *Francisco de Assis e as aves* (1926), de Mário Casassanta, foi feita por Emílio Moura, [296] integrante do grupo de Belo Horizonte; escolha que não partiu diretamente do grupo verde. De Wellington Brandão

[294] MENDES, Martins. "Verde" Rosário Fusco. *Verde*, nº 1, ano 1, set./1927, p. 29.
[295] LYS, Edmundo. Edmundo Lys a Henrique de Resende, O Poeta das emoções suavíssimas. *Verde*, nº 2, ano 1, out./1927, p. 24.
[296] MOURA, Emílio. *São Francisco de Assis e as aves*, Mário Casassanta. *Verde*, nº 1, ano 1, set./1927, p. 28.

foram comentados seus livros *O homem inquieto* (1926) e *Bonecos de Pano* (1926), a cargo de Fusco e Ascânio, respectivamente. Do autor, que em *A Revista* foi lhe pedido que levasse em consideração as disposições da poesia moderna, Fusco disse que Wellington Brandão constituía então um nome na geração moderna brasileira, com pontos de contato com Tasso da Silveira. As críticas a estes autores distantes do modernismo foram duramente apontadas, sem poupar o autor, como no caso dos comentários sobre *Crepusculares*, livro do cataguasense Oswaldo Abritta, no qual Fusco lastima desde o título, julgando-o fora de época e irrelevante. Todavia, pontua: "Os seus defeitos são justificados com a pouca idade do poeta que vive até agora – enterrado no fundo de um quarto com figuras de Bilac e Raimundo Corrêa, pelas paredes, quarto de ginasiano farrista";[297] curioso notar como Fusco devolve a crítica sobre a "pouca idade" que tantas vezes foi ele mesmo alvo. Ainda pela pena crítica do jovem Fusco, saiu em *Verde* suas impressões do livro *Juiz de Fora* (1926) de Austen Amaro: "Um poema lírico – moderno cheio de rastros parnasianos e uma bruta influência de Mário. Acho até que se Austen Amaro não lesse o *Noturno de Belo Horizonte* não escreveria aquilo.".[298]

Embora Fusco não tenha explicado os pormenores do que entendia desta presença de Mário de Andrade na poesia de outros autores, a questão foi retomada por Guilhermino César ao comentar sobre o livro *Festa Verde* (1928) de Caio Freitas, mineiro de Ponte-Nova. Antes de tecer suas impressões sobre o livro, Guilhermino fez uma breve introdução sobre o desenvolvimento do modernismo em Minas Gerais. Nela avaliou que os poetas mineiros estavam pouco a pouco aparecendo na moderna corrente, com a preocupação de olhar seu ambiente com certa alegria criadora. Em comparação ao movimento manifestado nos estados vizinhos, diz:

> Em Minas o modernismo tem sido encarado de modo mais frio. Resultado da distância que vai das montanhas ao mar. Distância que dificulta a ação civilizadora do homem do litoral sobre o homem do interior. Olhemos Rio e São Paulo: por lá o trabalho moço tem sido mais sério. (Convenhamos: essa distância dá ao mineiro certa serenidade na discussão dos assuntos).[299]

A interpretação de Guilhermino partiu da ideia de difusão geográfica sobre o desenvolvimento intelectual e literário visualizado em Minas em detrimento de São Paulo e Rio. Neste mesmo sentido, declara uma influência do modernismo paulista:

> Até ontem vínhamos fazendo poesia de continuação. Sem a procura incessante do *original* que caracteriza as produções surpreendentes dos Andrades.

[297] R.F.. Crepusculares. *Verde*, nº 3, ano 1, nov./1927, p. 24.
[298] AMARO, Austen. Juiz de Fora. *Verde*, nº 3, ano 1, nov./1927, p. 24.
[299] CESAR, Guilhermino. Arraiada Mineira: a propósito de *Festa Verde*. *Verde*, nº 5, ano 1, jan./1928, p. 25.

> Razões: muitas. Uma delas: o pudor natural de parecer extravagante aventurando formas e concepções novas. Assim tem sido. Não sei si para fortalecer ou atrofiar as nossas letras.[300]

Publicada no quinto número de *Verde*, é surpreendente que Guilhermino mantivesse estas opiniões sobre o movimento modernista em Minas como desdobramento paulista. Ao reconhecer esta continuidade – ou dependência – do movimento mineiro com relação aos paulistas, Guilhermino entrou em confronto com as ideias sustentadas no manifesto do grupo verde, veiculado junto a este número, no qual defenderam sua independência intelectual frente a qualquer outro grupo do movimento.[301]

Foi justamente neste momento em que *Verde* circulava que a cisão entre grupos do modernismo foi se acentuando, e a definição de "lados opostos"[302] escancarou as diferenças e tensões internas no movimento, questão que levava ao esclarecimento e defesa dos grupos por seus lugares no modernismo. Na argumentação sobre o livro *A iluminação da vida* (1927) de Murilo Araújo, Henrique de Resende falou sobre o desvio do autor do "eito claro" e, assim, o crítico traçou certa linha evolutiva dos rumos tomados pelo modernismo:

> Os modernos, avançando sempre, largaram um dia de lado o sr. Graça e o sr. Ronald, dois admiráveis dos grandes precursores. Desembestaram uns tempos sem um cabeça, sempre mais novos, mais outros, mais diferentes, se bem que mais desorientados. Depois aceitaram a verdadeira expressão: Mário de Andrade, que é, no dizer de não sei quem, "a receita que não falha nunca".[303]

O espaço para a discussão do livro de Murilo Araújo tomou outra dimensão, tornando-se uma oportunidade de debater os rumos do movimento e esclarecer seus lados. A posição tomada pelo grupo verde neste debate não deixa dúvidas, ao citar de forma clara os nomes que julgam ser a verdadeira expressão do modernismo, e aqueles que desviaram no percurso.

Para encerrar esta questão, Henrique destacou um suposto caráter democrático e camarada do movimento, que não exclui sexo, raça ou classe; a fragilidade desta informação já se desnuda com a contradição que segue em sua argumentação, uma vez que lembra aos interessados em se aventurar no modernismo da necessidade de levar uma ferramenta: "o tal do machado para cortar o mato. Aquele que não o tiver bem afiadinho e bem encabado vai ficando

---

[300] *Ibid*.
[301] Manifesto do Grupo Verde de Cataguases.
[302] HOLANDA, Sérgio Buarque de. O lado oposto e outros lados. *In*: PRADO, Antonio Arnoni (Org.). *Op. cit.*, p. 224-228.
[303] RESENDE, Henrique. *A iluminação da vida*, Murilo Araújo. *Verde*, nº 3, ano 1, nov./1927, p. 25. O conselho sobre Mário de Andrade foi enviado por Drummond a Rosário Fusco. "Vou lhe dar uma receita que é infalível nessas noutras aperturas: Use Mário de Andrade. É o melhor remédio do mundo. E não falha nunca." Carlos Drummond de Andrade a Rosário Fusco, 12/5/1927. *In:* MENEZES, A. L. G. R. L. *Op. cit.*, 2013. p. 373.

para trás até se perder de vista e às vezes de memória."[304] A expressão é de Austen Amaro para refletir sobre a vastidão do modernismo brasileiro, em que cada um precisa conquistar seu espaço, foi usada também por Fusco no artigo "É preciso paz na arte moderna", logo na estreia de *Verde*.

Dos livros de Mário de Andrade, sempre muito citados na revista, *Clã do Jabuti* (1927) foi comentado por Rosário Fusco, que aí identificou inspiração regionalista:

> O "regionalismo" de Mário não é uma preocupação, tomada a palavra no seu primitivo sentido de significação verdadeira. Porém sim uma consequência. Espanto maravilhado do poeta pelas coisas ingênuas da terra. Espanto este motivado pelo espírito terra-a-terra – e, portanto, uma consequente influência dele, na razão direta do jeito ou sentido com que o encaro e compreendo.[305]

Para Fusco, Mário de Andrade destacava-se como "A mais clara inteligência da moderna geração brasileira", que o distinguia dos demais poetas por seu "super-espírito". Com admiração declarada pelo poeta paulista, lamentou que não tenha até aquele momento um estudo consistente sobre sua obra e se arriscou a tecer algumas considerações sobre suas fases poéticas. Para Fusco, em sintonia com o prefácio de *Clã do Jabuti*, a primeira fase da poesia de Mário de Andrade teria sido marcada pelo "desvairismo" de *Paulicéia*, rompida com *Losango Cáqui*, na fase "pau-brasileirismo". Já a publicação de *Clã do Jabuti* sinalizava um novo ciclo na prosa poética de Mário de Andrade:

> [...] enfeixando poemas como: *Brigadeiro Jordão, Côco do Major, Toada do pai do mato, Lenda do céu, Moda dos quatro rapazes, Moda da cama de Gonçalo Pires e etc.*, marca o início de sua terceira fase. Fase esta que chamaremos, mais por "comodismo" que por outra coisa, de "regionalista" mesmo.[306]

Dentre os autores ligados ao modernismo paulista, os livros de Alcântara Machado, ainda que bastante citados, não foram resenhados nas seções relativas à crítica literária na revista. Recebido como um dos melhores livros do modernismo, *Poemas análogos* (1927) de Sérgio Milliet foi comentado por Rosário Fusco[307] e, de maneira igualmente apreciada, o livro de contos *Baianinha e outras mulheres* (1927) de Ribeiro Couto teve crítica assinada por Gilhermino César.[308] A estreia de *A Estrela de Absinto* (1927) teve boa acolhida na revista pela ousadia e blague de sua narrativa:

---

[304] RESENDE, Henrique. *Op. cit.*, p. 25.
[305] F. Notas sobre *Clã do Jabuti* (poesia). *Verde*, nº 5, ano 1, jan./1928, p. 24.
[306] *Ibid*.
[307] FUSCO, Rosário. Sergio Milliet, *Poemas Análogos*. *Verde*, nº 2, ano 1, out./1927, p. 26.
[308] CESAR, Guilhermino. *Baianinha e outras mulheres*. *Verde*, nº 5, ano 1, jan./1928, p. 24.

> E aí o autor se afirma mesmo um dos melhores prosadores nacionais. Entre antigos e modernos.
> Um livro como este vale por duas vezes. Pela originalidade única de seu autor. E pelo traço forte com que ele marcará, pras gerações vindouras, a espaventada atitude de ousada independência espiritual de Oswald de Andrade.[309]

A obra *Paulística*, resenhada por Martins de Almeida em *A Revista*, recebeu nova crítica em *Verde*, desta vez pelas mãos de Ascânio Lopes. A questão bandeirante, vista de forma tão heroica por Martins de Almeida, foi também admirada por Ascânio Lopes, ainda que de maneira mais ponderada: "O fato é que as bandeiras – predadoras de índios, descobridoras de ouro devassaram o Brasil, aumentaram prodigiosamente os sertões. Eu continuo por isso a admirar os bandeirantes. E pelo que passaram também.".[310] De saída, a discussão que deu corpo à crítica concentra-se na vinculação ou não do autor no movimento modernista, da qual Ascânio assevera: "Martins de Oliveira chamou Paulo Prado de moderno. Não concordo. Para mim Paulo Prado não tem essa ânsia de novo, essa procura e essas tendências gerais que caracterizam o moderno. É apenas um espírito equilibrado, um observador curioso do movimento geral das ideias novas.".[311] De fato, a mediação dos universos da tradição e do modernismo em Paulo Prado é uma questão que motiva pesquisadores a buscar respostas.[312] Em carta a Rosário Fusco, Alcântara Machado reforça a opinião de Ascânio Lopes sobre o historiador:

> Paulo Prado é uma das primeiras forças da inteligência brasileira de hoje. Mas nunca foi moderno ou antes vanguardista. E um historiador de visão moderna sem dúvida. E um dos brasileiros mais modernos no gosto e no juízo. Em literatura é um simpatizante. Não quer ser e não é outra cousa. Tem um lugar apartado no movimento. Não deve ser posto ao lado de Mário e Oswaldo por exemplo no [torvelinho] da luta.[313]

Apesar do posicionamento contundente sobre uma personalidade tão respeitada no círculo modernista, a crítica foi elogiada por Mário de Andrade que incentivou Ascânio a escrever mais textos do gênero, opinião reforçada com a notícia de que o próprio Paulo Prado recebeu bem as impressões do verde: "Acho que você deve escrever críticas para *Verde*. A que você fez sobre Paulo Prado é uma das coisas mais legíveis da prosa de *Verde* 4. E o próprio Paulo Prado estando aqui me falou que gostou muito.".[314] Sem ressentimentos a esta

---

[309] F. Oswald de Andrade, *A Estrela de Absinto*. *Verde*, nº 5, ano 1, jan./1928, p. 23.
[310] LOPES, Ascânio. Paulo Prado, *Paulística* e várias coisas. *Verde*, nº 4, ano 1, dez./1927, p. 24.
[311] *Ibid*.
[312] WALDMAN, Thaís Chang. Espaços de Paulo Prado: tradição e modernismo, *In*: Dossier thématique: Brésil, questions sur le modernisme. *Artelogie*, n° 1, Septembre 2011.
[313] Alcântara Machado a Rosário Fusco, 5/12/1927. *In:* MENEZES, A. L. G. R. L. *Op. cit.,* 2013. p. 53.
[314] Mário de Andrade a Ascânio Lopes, 21/01/1928. *In:* MENEZES, A. L. G. R. L. *Op. cit.,* 2013. p. 119.

classificação de "não moderno", Paulo Prado enviou como colaboração um trecho de *Retrato do Brasil*,[315] que saiu no número seguinte à crítica de Ascânio.

Do vanguardismo, que a esse tempo se fazia presente no Nordeste, sobretudo com a ligação que se estreitava após a viagem de Mário à região, *Verde* apresentou os livros dos poetas Ascenso Ferreira e Jorge de Lima. Sobre *Poemas* (1927), de Jorge de Lima, Fusco elogia o estilo poético do autor e sua capacidade em transformar a realidade dura em beleza, transcrevendo o poema "Oração" para conhecimento do público. Ao recomendar o poeta alagoano na conclusão da crítica, Fusco deixou entrever uma visão estereotipada da história e vivência nordestina:

> Poeta do Norte Jorge de Lima botou muito de sua terra nos seus versos. (E essa é outra grande, grandérrima qualidade que lhe reconheço). Não o sertão dos jagunços e bandoleiros safados. Não o sertão perigoso das secas e pragas de gafanhotos. Mas o sertão lendário do "moço do ponche-bala". Terra de poetas batutas como ele só![316]

A respeito do poeta Ascenso Ferreira, foram publicadas duas críticas no quarto volume de *Verde* sobre o livro *Catimbó*, assinadas por Rosário Fusco e Francisco Inácio Peixoto. Em ambas o livro e seu poeta são acolhidos como representantes do movimento modernista a marcar na história, sobretudo pela maneira como trabalhou as questões culturais e folclóricas; entretanto, levantaram pontos que julgaram negativos em sua obra. A musicalidade rítmica na obra de Ascenso incomodou Fusco: "Raramente o poeta se esquece da rima [...] Suas poesias foram feitas pro ouvido. Cantantes. Pena que assim, toda igualzinha, toda direitinha, se torne monótona, às vezes, caindo numa vulgaridade intolerável."[317]. Já Peixoto julga que o deslize do livro está em certo sentimentalismo exagerado: "Tem horas que o poeta descamba para um terreno perigoso. Torna-se ridiculamente intolerável. Intoleravelmente ridículo. O poema *Bebados* é um exemplo. Aí ele arranca a todo momento *ais* profundos do fundo do peito. [...]".[318] Em carta a Francisco Inácio Peixoto, Ascenso discordou das críticas que recebeu dos verdes; em resposta à Fusco disse: "[...] eu não tenho preocupação de rimas, que muitas vezes nos meus poemas são apenas toantes, mas sendo a minha poesia muito aproximada das fórmulas populares, cujas expressões pitorescas me atraem, não posso deixar de rimar [...]" e emendou à Peixoto: "A minha poesia sendo uma coisa profundamente sentida não pode ter a preocupação de fugir por completo à tristeza, que também é um estado d'alma?[...]".[319] A despeito da queixa,

---

[315] PRADO, Paulo. Do *Retrato do Brasil*. *Verde*, nº 5, ano 1, jan./1928, p. 02.
[316] F. Jorge de Lima, Poemas. *Verde*, nº 5, ano 1, jan./1928, p. 26.
[317] F. Ascenso Ferreira, *Catimbó*. *Verde*, nº 4, ano 1, dez./1927, p. 23.
[318] PEIXOTO, F.. Ascenso Ferreira, *Catimbó*. *Verde*, nº 4, ano 1, dez./1927, p. 26.
[319] Ascenso Ferreira a Francisco Inácio Peixoto, 19/01/1928. *In:* MENEZES, A. L. G. R. L. *Op. cit.*, 2013. p. 66.

a relação de admiração entre os verdes e Ascenso se manteve, inclusive colaborando nos números seguintes da revista.

Com a modificação da seção "Literatura" para "Notícias sobre livros e outras notícias" a partir do quarto número, o espaço passou a abrigar mais críticas sobre jornais e revistas literárias publicadas no período, sejam elas brasileiras ou estrangeiras. É preciso pontuar que, para além da seção de crítica, *Verde* desenvolveu em suas páginas intenso diálogo com outras publicações e os grupos por elas responsáveis.

**Tabela 8.** Periódicos mais citados em *Verde*

| Títulos | Ocorrências |
|---|---|
| *Verde: revista mensal de arte e cultura* | 38 |
| *Festa* | 7 |
| *Elétrica; Martín Fierro* | 4 |
| *A Revista; Revista de antropofagia* | 3 |
| *A ordem: revista de cultura religiosa; Arco e flexa: revista de arte nova; Feira literária; Movimento brasileiro: revista de crítica e informação; Para todos; Proa; Revista Atlântico* | 2 |
| *A Época; Aconcagua: revista continental; El Camino; Ilustração Paranaense; Klaxon: mensário de arte moderna; La Gaceta Literaria; La Sierra: organo de la juventud renovadora andina; Raça: revista moderna; Revista da cidade* | 1 |
| **Total de ocorrências** | **82** |

**Fonte:** *Verde*, Cataguases, 1927-1928; 1929. Dados gerados pela plataforma RIC. Elaboração da autora.

A análise do conteúdo publicado nas duas revistas permitiu visualizar a condução de temas caros ao movimento modernista em seus respectivos períodos de publicação, o que poderíamos chamar, em certa medida, de modernismo mineiro, sem perder de vista que estavam alinhados a fornecer respostas às questões do movimento em âmbito nacional. Ficou evidente que estas revistas mantiveram intenso diálogo com questões e embates internos do movimento, não se eximindo de tomar um lado nestas lutas e defender suas posições no cenário modernista. A aparente conciliação que seria característica de *A Revista* ao estabelecer um diálogo com autores mais tradicionais da sociedade mineira, se mostrou atenta e crítica às posturas de autores no movimento modernista, sobretudo na briga que se evidenciava entre o grupo capitaneado por Mário de Andrade e aquele formado à "mesa" de Graça Aranha. É importante ressaltar que a circulação de *A Revista* coincide com o segundo ano de *Novíssima*, publicação nomeadamente modernista, mas que se revelou contrária a pontos de renovação debatidos no movimento,

sobretudo na oposição marcada ao Manifesto da poesia pau-brasil; não por acaso, os responsáveis por este periódico não estão presentes na revista mineira.

De modo semelhante, *Verde* manteve ampla rede intelectual e diálogo com outros grupos e publicações, seja na conciliação de ideias e projetos para articulação dos rumos do movimento, ou nos debates acalorados para manutenção de seu lugar no modernismo, à medida que outros grupos questionaram suas posições, cabendo destacar a polêmica de *Festa*. Assim, acompanhar o diálogo das revistas mineiras com outras publicações de seu período permitirá visualizar os debates empreendidos por elas para defesa de suas posições, bem como o silêncio frente a algumas questões.

# CAPÍTULO 4

## Revistas mineiras e suas contemporâneas em perspectiva sincrônica

Este último capítulo teve como objetivo nuançar a articulação dos grupos mineiros na construção do movimento modernista, assim a análise de *A Revista* e *Verde* avançou para uma visão ampla e sincrônica com as demais publicações contemporâneas do gênero. Nesta ótica, foi possível observar que ambas as revistas desempenharam papel chave na trajetória do movimento.

*A Revista* deve ser remetida ao contexto pós-publicação do "Manifesto Pau-Brasil", que insere o movimento no (re)conhecimento e valorização da cultura nacional, além de marcar a projeção do modernismo para além de São Paulo e Rio de Janeiro, ou seja, tratou-se de um novo espaço de integração entre intelectuais locais e os ideais iniciados pela vanguarda paulista de 1922. Contudo, este período é marcado pelo início da cisão de grupos no movimento, tanto o rompimento dos intelectuais ligados à Mário de Andrade com Graça Aranha, como o desentendimento de Oswald de Andrade e Menotti del Picchia – questão que envolve a publicação do "Manifesto pau-brasil" e a oposição de Hélios (pseudônimo de del Picchia) com o "Manifesto anti-pau-brasil". Neste contexto, soma-se a resposta de alguns intelectuais ao propor outro viés de renovação, mais moderada, como exemplifica o caso da revista *Novíssima*, dirigida por Cassiano Ricardo e Francisco Patti. Para além de seu periódico, o grupo do Estrela se fez presente em outras revistas e no evento do "Mês Modernista", articulação que lhes permitiu uma maior repercussão no cenário modernista, questão pela qual também estiveram envolvidos nas polêmicas e críticas que marcaram o período.

Esta trajetória do modernista mineiro incorpora o grupo responsável por *Verde* e se desdobra em outra série de atuações e conflitos na rede modernista. *Verde* circulou num momento em que a leitura paulista era contestada pelo grupo de *Festa*, questão que diretamente afetava o grupo de Cataguases que aglutinava os outros núcleos ligados à vanguarda paulista de Mário de Andrade. Embate evidente que teve como palco as páginas de ambas as revistas. Além de *Festa*, o grupo verde manteve debate com outras revistas publicadas em seu período, como *Arco e Flexa*, as mineiras *Eléctrica* e *leite criôlo*, ou ainda a *Revista de Antropofagia*, que marcou nova cisão no modernismo com o desentendimento de Mário e Oswald.

Como demonstrado no capítulo anterior, os grupos mineiros do Estrela e Verde não deixaram de se posicionar frente às polêmicas e, neste sentido, as revistas ocuparam o lugar central dos debates, disputas e lutas travadas no interior do movimento. Assim, este capítulo objetiva analisar as revistas em sincronia para compreender como se deram estes debates entre grupos e a forma como as publicações mineiras defenderam suas posições no cenário modernista. Visando trazer estas respostas, coube a análise comparativa dos diálogos presentes

em *A Revista* e *Verde*, bem como as cartas trocadas por estes intelectuais, a respeito das revistas, artigos e manifestos publicados no período.

### 4.1. O grupo Estrela entre as experiências de *Estética e Novíssima*

A análise sincrônica de construção coletiva do modernismo brasileiro ao longo desta primeira década indica que os grupos mineiros responsáveis pelas publicações de *A Revista* e *Verde* não deixaram de se posicionar frente às polêmicas e, neste sentido, estes periódicos ocuparam o lugar central dos debates, disputas e lutas travadas no interior do movimento. As revistas foram, indiscutivelmente, as porta-vozes dos ideais de vanguarda e lugar de expressão dos vários grupos formados pelo caminho, mas, para que a reconstrução deste caleidoscópio de ideias possa ser nuançado, é preciso ampliar a visão individual destes periódicos e grupos para compreender suas atitudes em resposta a eventos e conflitos esboçados em outros espaços, como também a rede de amizades e intrigas, retomada parcialmente pelas memórias e cartas destas personagens.

Após a emblemática viagem da Caravana Paulista em 1924, a relação direta do grupo Estrela com publicações modernistas teve seu início antes mesmo de lançarem sua revista em território mineiro. A estreia de Drummond e Nava no cenário literário de vanguarda se deu com colaborações em *Estética*, publicação carioca dirigida pelos jovens Prudente de Morais, neto e Sérgio Buarque de Holanda.

Datada de anos anteriores, foi ainda no internato do Colégio Pedro II que Nava e Prudente se conheceram, suas histórias de juventude foram contadas pelo memorialista em *Chão de Ferro*.[320] Com o ingresso nas universidades, os amigos se afastaram; Nava seguiu para Belo Horizonte cursar medicina e Prudente permaneceu na capital frequentando o curso de direito. Alguns anos depois, o contato entre eles foi retomado pela relação de ambos com o movimento modernista, poucos meses antes do lançamento de *Estética*.

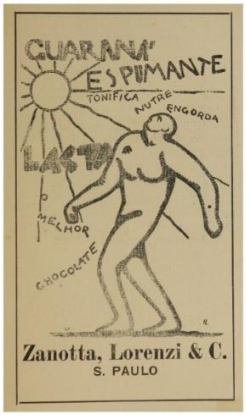
A tarefa de Pedro Nava em *Estética* foi de conseguir assinaturas para a revista em Belo Horizonte, em troca do envio de livros como forma de pagamento. Em entrevista, Nava contou que não obteve boa receptividade com as vendas da revista no meio belo-horizontino, vista pela elite intelectual local como "agressiva demais", e o resultado foi: conseguiu vender cerca de

[320] Este terceiro volume contempla as memórias do autor no período inicial de sua juventude no Colégio Pedro II de 1916 a 1921, quando ingressa na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte. São diversas as passagens em que narra histórias de sua amizade com Prudente de Moraes, neto. Cf. NAVA, Pedro. *Chão de Ferro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

dez exemplares, agradou somente a seis e outros nem ao menos o pagaram.[321] Ainda que a recepção tenha sido pequena, o fato de *Estética* ter sido distribuída em Belo Horizonte marca que o movimento modernista na região mineira estava melhor articulado, já que a antecessora *Klaxon* não chegou a ser vendida na cidade.

Além de distribuir *Estética* na capital mineira, Pedro Nava foi o responsável pelo desenho das propagandas do Guaraná Espumante e do Chocolate Lacta, publicado nos três exemplares da revista. O pedido para ilustrar o anúncio veio do amigo Prudente, que tomou como exemplo as propagandas desenhadas por Guilherme de Almeida em *Klaxon*. Como bem notou Mario Camarinho, é curioso o fato destes anunciantes figurarem em *Estética* depois da "antipropaganda"[322] dos klaxistas contra a marca por terem suspendido a publicidade na revista paulista.[323] Contou Pedro Dantas (pseudônimo de Prudente de Moraes, neto), em depoimento para a edição fac-símile da revista, que a propaganda destes produtos foi conquistada por Carlos de Morais Barros (primo de Prudente) na Zanotta, Lorenzi & Cia por 500$000, garantindo ainda a liberdade para criar os desenhos, que ficou a cargo de Pedro Nava, dada sua "vocação para as artes plásticas".[324]

**Figura 20.** Desenho de Pedro Nava para publicidade em *Estética*




**Fonte:** *Estética*, Rio de Janeiro. BBM-USP. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/view/?45000033182&bbm/6515#page/132/mode/1up. Acesso em: 25 nov. 2020

[321] LEONEL, Maria Celia de Moraes. Entrevista com Pedro Nava. *Estética e o Modernismo*: revista trimensal. São Paulo: Hucitec, 1984. p. 190.

[322] No primeiro e segundo número de Klaxon são veiculadas, respectivamente, os anúncios dos produtos Lacta e Guaraná Espumante; ambos assinados por Guilherme de Almeida com padrões bastante modernos para a publicidade da época, o que desagradou o anunciante a ponto de retirar o patrocínio da revista. Em contrapartida, os klaxistas organizaram no quarto número da revista sua "anti-propaganda" com protesto jocoso, que dizia: "[...] NÃO COMAM LACTA NEM BEBAM GUARANÁ enquanto essas marcas não nos derem anúncios. E publicaremos mesmo, prazerosamente, qualquer comunicação de enfermidades de qualquer natureza, provocada por esses ingratos ingredientes." *Klaxon*, São Paulo, nº 4, ago./1922, p. 17.

[323] CAMARINHO, Mário. Glossário de Homens e coisas da Estética. Edição comemorativa fac-símile de *Estética.* Rio de Janeiro: Gernsasa/Prolivro, 1974. p. XLII.

[324] DANTAS, Pedro. Vida da Estética e não Estética da vida. Apresentação à edição fac-símile de *Estética*. *Ibid.,* p. IX-X.

Drummond estreou em revistas modernistas com sua colaboração em *Estética*, para a qual contou com o apoio de Mário de Andrade, que, desde o início da correspondência, recebia e orientava o amigo mineiro em suas produções literárias. Impressionado com a qualidade de sua prosa poética, encarregou-se de selecionar contribuições para a revista carioca:

> [...] Gosto francamente dos seus versos. Alguns dos poemas que tenho aqui acho muito bons de verdade. [...] Vou mandar os poemas que prefiro pros diretores de *Estética* que escolherão um ou dois ou três, não sei, pra publicar, você deixa? Mando "Construção", "Orozimbo", "O vulto pensativo das Secretarias", "Sentimental", "Raízes e caramujos". Não mando "No meio de caminho" porque tenho medo de que ninguém goste dele. E porque tenho o orgulhinho de descobrir nele coisas e coisas que talvez nem você tenha imaginado por nele."[325]

A resposta do jovem poeta, como era de se esperar, foi assertiva: "Pode mandar à *Estética* os versos que entender publicáveis. Só tenho que lhe agradecer esse gesto. [...]",[326] apontando apenas alguns ajustes antes da possível publicação. Em carta a Prudente de Moraes, neto, Mário recomendou o amigo mineiro ao grupo de *Estética*: "E me diga uma coisa: vocês aí conhecem o Carlos Drummond, de Minas? É um rapaz inteligentíssimo e de grande valor. Tenho dele aqui uns versos que valem bem a pena. Se vocês quiserem tiro cópia e mando pra escolherem".[327]

No terceiro número de *Estética*, foram publicados os poemas "Construção", "Sentimental" e "Raízes e caramujos", de Carlos Drummond, que a esta época ainda não assinava Andrade. Como já havia comentado, o poema "No meio do caminho" não foi encaminhado por Mário para o grupo carioca e permaneceu inédito até a publicação em outro periódico modernista em 1928.

Este último número de *Estética* foi significativo para o modernismo mineiro também por outros motivos. Além dos poemas publicados, Drummond foi comparado, por Mário de Andrade, a Blaise Cendrars, por ocasião da crítica ao livro *Feuilles de Route* (1924): "O livro do Cendrars é um princípio. Mas Cendrars não é o Verbo não. A humildade bonita em que desembocou é a mesma de Sérgio Milliet no *Mil-réis a Dúzia*, de Oswald com os poemas de *Pau-Brasil* e outros mais novos como o mineiro Carlos Drummond."[328] É inegável que ter o nome incluído neste rol seleto de modernistas era um reconhecimento e tanto, e Drummond

---

[325] Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, 18/02/1925. *In:* FROTA, Lélia Coelho. (Org.). *Op. cit.*, 2002. p. 102.
[326]Carlos Drummond de Andrade a Mário de Andrade, 03/1925. *In:* FROTA, Lélia Coelho. (Org.). *Op. cit.*, 2002. p. 107.
[327] Mário de Andrade a Prudente de Morais, neto, s/d. *Apud*: FROTA, Lélia Coelho. (Org.). *Op. cit.*, 2002. p. 111.
[328] ANDRADE, Mário. Blaise Cendrars. *Estética*, nº 03, ano I, abr./jun. 1925, p. 326.

agradeceu ao amigo: “Por falar na *Estética*: muito obrigado pela referência camarada que você fez de meu nome no artigo sobre Cendrars. À parte o elogio, creio que você me compreendeu, ver em meus versos uma “humildade bonita.”.[329]

Por fim, ainda no terceiro número de *Estética*, a publicação do poema “Noturno de Belo Horizonte”, de Mário de Andrade, colocou em evidência a cidade mineira e trouxe novo olhar para as manifestações culturais brasileiras. Inspirado nas novas perspectivas sobre a cultura nacional após a viagem de 1924 às cidades históricas mineiras e em sintonia com as propostas da poesia Pau-Brasil de Oswald de Andrade, o “Noturno” representou um marco no debate acerca da estética nacional no modernismo ao versificar suas propostas de nacionalismo universalista, segundo as quais a grande contribuição da arte nacional para a humanidade estava na descoberta de “ser brasileiro”.[330] O longo poema, composto por cinquenta estrofes, tomou quatorze páginas da revista e figurou como uma das principais colaborações em prosa poética de *Estética*, segundo Maria Célia Leonel, por notabilizar os debates promovidos pelo movimento modernista acerca do nacionalismo no texto literário:

> Canto de amor a Minas Gerais e ao Brasil, aprofunda-se a um tempo nos aspectos tradicionais da vida do país e na exploração poética do cotidiano [...] O tom terno e bem-humorado do início, entretanto, na parte final, cede espaço ao ufanismo *kitsh*, dentro do espírito *Clã do Jabuti*.[331]

Mário encaminhou o “Noturno” a Drummond antes mesmo de sua publicação, como forma de aprofundar a discussão sobre sua perspectiva de nacionalismo. Em resposta, o poema foi bastante elogiado e, mesmo que lhe desagradassem os trechos sobre o nacionalismo universalista, foi uma surpresa para o poeta mineiro a experiência de redescoberta de Minas:

> É poesia, e da melhor qualidade. Só não é poesia (pelo menos assim o creio) o trecho em que você prega o nacionalismo universalista, e que podia figurar dignamente num discurso de 15 ou 19 de novembro. Mas o resto, quero dizer, quase todo o poema é esplêndido. Quantas coisas descobriu você em Minas,

---

[329] Carlos Drummond de Andrade a Mário de Andrade, 6/10/1925. *In*: FROTA, Lélia Coelho. (Org.). *Op. cit.*, 2002. p. 144.

[330] A Drummond, Mário de Andrade comentou sobre estes pressupostos nacionalistas presentes no poema: [...] E agora reflita bem no que eu cantei no final do “Noturno” e você compreenderá a grandeza desse nacionalismo universalista que eu prego. De que maneira nós podemos concorrer pra grandeza da humanidade? É sendo franceses ou alemães? Não, porque isso já está na civilização. O nosso contingente tem de ser brasileiro. O dia em que nós formos inteiramente brasileiros e só brasileiros a humanidade estará rica de mais uma raça, rica duma nova combinação de qualidades humanas.”. Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, s/d. *In:* FROTA, Lélia Coelho. (Org.). *Op. cit.*, 2002. p. 70.

[331] LEONEL, Maria Celia de Moraes. Mário, Klaxon, Estética e Terra Roxa. *Itinerários*: Revista de Literatura, n. 7, 1994, p. 108. Disponível em: http://hdl.handle.net/11449/107303. Acesso em: 01 dez. 2020.

> numa viagem de poucos dias! Tenho 22 anos mineiros e quase nada sabia disso. Bandeirante![332]

Este terceiro número de *Estética* foi significativo para o grupo do Estrela por colocá-los em evidência no cenário vanguardista. Fato que, mesmo passados meses após o fim de *Estética*, quando *A Revista* era a porta-voz do movimento e já estava em seu último número, Martins de Almeida publicou nesse periódico uma crítica sobre o terceiro número da revista carioca. Em suas impressões, destacou o impacto que a publicação do "Noturno" teve no curso do movimento modernista, com as discussões de Mário sobre o aspecto do nacionalismo na literatura, o que, para Martins de Almeida, foi expressivo de uma "fase inteiramente nova da nossa poesia", afirmação que, indiretamente, coloca os mineiros no centro das alterações no campo do modernismo, atestando que estavam em curso resultado de efetivas trocas intelectuais.

Sem perder a oportunidade, Martins de Almeida usou o espaço para comentar a colaboração de Drummond em *Estética* enquanto exemplar da "geração nova mineira". Sobre o poema "Construção", destacou: "Indica bem uma frescura primitiva de sensações, uma abundância de elemento lírico, uma originalidade nativa. Drummond chega quase a definir um sentimento mineiro com a sua ingenuidade maliciosa e sua 'humildade bonita'."[333] O emprego deste último termo demonstra que sua crítica se apoiou nos elogios de Mário de Andrade à poética de Drummond veiculados no mesmo número de *Estética*, mas Martins de Almeida avançou ao sinalizar a aproximação de um "sentimento mineiro" na poesia do colega, o que poderia sugerir, em certos aspectos, o lugar do modernismo mineiro na literatura nacional.

Os projetos de *Estética* e *A Revista* podem ser entendidos enquanto continuidade pela ocorrência de que uma é sucedida pela outra na corrida modernista, embora com características particularmente distintas entre estes periódicos. Anos depois, ao avaliar este diálogo entre revistas, Pedro Nava disse em entrevista: "A *Estética* exerceu grande influência para o aparecimento de *A Revista,* que contou com colaboradores do grupo paulista, também presentes em *Estética*. O grupo do Rio foi muito ligado ao de São Paulo e ao de Minas".[334] De fato, *Estética* foi a primeira revista modernista a abrigar colaborações do grupo mineiro e este apoio foi fundamental, mas a relação de colaboradores não foi recíproca, já que em *A Revista* apenas houve a colaboração de Manuel Bandeira vinda do grupo carioca, ficando ausentes do periódico mineiro os ex-diretores Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Morais, neto. Contudo, como

---

[332] Carlos Drummond de Andrade a Mário de Andrade, 30/12/1924. *In*: FROTA, Lélia Coelho. (Org.). *Op. cit.*, 2002. p. 80.
[333] M. de A. Estética, nº3. *A Revista*, nº 03, ano I, jan./1926, p. 47-49.
[334] LEONEL, Maria Celia de Moraes. Entrevista com Pedro Nava. *Op. cit.*, 1984. p. 191.

bem apontado por Nava, o elo destas revistas foi o grupo de São Paulo capitaneado por Mário de Andrade, que, juntos, partilhavam do ideal comum do vanguardismo brasileiro quando outras iniciativas trilhavam rumos distintos, como é o caso de *Novíssima.*

A revista *Novíssima* (São Paulo, 1923-1924; 1925-1926), dirigida por Cassiano Ricardo e Francisco Patti, circulou entre dezembro de 1923 a julho de 1926, sendo, portanto, contemporânea dos debates proporcionados pelo Manifesto Pau-Brasil e a sequente entrada de Minas no movimento, com a publicação de *A Revista*. Dada a ordem cronológica, *Novíssima* poderia ser considerada a segunda a figurar no quadro de revistas modernistas, já que antecedeu a carioca *Estética*. Não obstante, sua linha editorial foi construída na defesa da renovação moderada e com posições político-ideológicas baseadas no nacionalismo de exaltação da pátria, sendo interpretada pela história literária enquanto projeto dissidente do modernismo iniciado em 1922.[335] A dificuldade de acesso ao seus exemplares é outro fato, somado ao lugar secundário dado a *Novíssima* no cenário da história modernista, já que o projeto não contou com nenhuma edição fac-símile, nem está disponível em hemerotecas digitais, e mesmo alguns de seus exemplares não foram mais encontrados.[336]

*Novíssima* figurou no modernismo como defensora dos valores de Beleza e Nacionalismo,[337] ideais bastante restritos de renovação literária, o que lhe garantiu o jocoso apelido de "Velhíssima".[338] Entre seus colaboradores, contou com intensa participação de Menotti del Picchia, Plínio Salgado, Alfredo Ellis Júnior e diversos nomes vinculados ao modernismo gaúcho[339] que reforçavam os pressupostos da revista. Por outro lado, *Novíssima* teve capas assinadas por artistas vanguardistas como Paim, Belmonte, Lasar Segal e ainda publicou inéditos de Oswald de Andrade, o que demonstra a natureza híbrida deste cenário modernista.

O início das cisões no grupo paulista, que à primeira hora estavam reunidos na idealização da Semana de 1922, foi marcado no desentendimento entre Oswald e Menotti, que

---

[335] PRADO, Antonio Arnoni. *Op. cit.*, 2010.

[336] *Novíssima* foi objeto de pesquisa de Maria Lúcia Fernandes Guelfi em sua dissertação de mestrado, que integrava o projeto de estudos do IEB. A dificuldade de acesso aos exemplares e a incompletude de sua coleção são destacados pela pesquisadora. Cf. GUELFI, Maria Lúcia F. *Novíssima*: Contribuição para o Estudo do Modernismo. São Paulo: IEB/USP, 1987.

[337] Em projeto anterior, Cassiano Ricardo dirigiu, junto com Pereira Duprat, a revista *Panóplia*: mensário de Arte, Ciência e Literatura (São Paulo, 1917-1918), que antecedeu em alguns aspectos as ideias defendidas por Novíssima, da mesma forma em que coincidem os aspectos gráficos e o rol de colaboradores. Cf. GUELFI, Maria Lúcia F. *Op. cit.*,1987. p. 154.

[338] GARIBALDI, Sady. Modernismo em pratos limpos. *O Globo*. Rio de Janeiro, 9 fev. 1926.

[339] Foram colaboradores de *Novíssima* Paulo Arinos (pseudônimo de Moisés Vellinho), André Carrazzoni, Fernando e Roque Callage, entre outros. Sobre o modernismo gaúcho, ver: LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *Modernismo no Rio Grande do Sul*: materiais para o seu estudo. São Paulo: IEB/USP, 1972.

discordavam sobre o aspecto do nacionalismo e do ideal de brasilidade no movimento,[340] polêmica acirrada com a publicação do "Manifesto anti-pau-brasil" no *Correio Paulistano* pelo cronista Hélios, conhecido pseudônimo de Menotti del Picchia. Neste texto, o autor criticou certa necessidade do futurismo paulista em sempre produzir "escândalos", e via o interesse de Oswald em criar escola estética no Manifesto Pau-Brasil. Em oposição já clara no título, Hélios escarneceu o manifesto oswaldiano ao compará-lo com o herói de Alphonse Daudet: "Faço esta declaração porque não há nada de mais pouco brasileiro e antimoderno que o 'pau-brasil', madeira hoje tão lendária como o baobá de Tartarin de Tarascon... [...]".[341]

Opondo-se ao primitivismo de Mário e Oswald, *Novíssima* definiu sua linha no modernismo ao aproximar-se do "Verde-amarelismo", corrente com forte caráter nacionalista que teve diversos desdobramentos políticos e ideológicos ao longo da década, como o Integralismo de Plínio Salgado.[342] Em sua análise, Guelfi reforçou que o nacionalismo de *Novíssima* não foi apenas um fator estético:

> [...] o nacionalismo leva os seus colaboradores à teorização com que *Novíssima* ingressou no Movimento Modernista por meio do "Verde-Amarelismo". Sem dúvida, entre a concepção estética típica do Parnasianismo e a ideologia nacionalista do Integralismo de Plínio Salgado, temos o "Verde-Amarelismo", ponto de união entre uma estética da harmonia e do bom-gosto (culto à beleza) e de uma ideologia de exaltação da grandeza da pátria amada, cuja primeira manifestação parece ter sido a revista *Novíssima*.[343]

Nesta esteira do nacionalismo, a dissidência de *Novíssima* aproximou-se da política fascista de Mussolini. O quarto número da revista foi todo dedicado à colônia italiana com evidente propaganda fascista intensificada com visita da "nave Itália" que aportou no Rio com sua exposição flutuante em 1924, parte da sua campanha por cidades latino-americanas:

> Em editorial, a revista *Novíssima* exalta a filosofia do poder, lembrando a nova espiritualidade a ser explorada através da aliança entre a poesia e a força, de que D'Annunzio seria o melhor exemplo. A admiração pelo ritmo nacional italiano e pela grandiosidade de seu espírito vê no fascismo a matriz da síntese procurada pelos novos intelectuais brasileiros: concentrar no "surto da vida contemporânea, todo o tesouro do seu presente, toda a sabedoria do seu passado, toda a imortalidade de sua glória".[344]

---

[340] GUELFI, Maria Lúcia F. *Op. cit.*,1987. p. 131.
[341] HÉLIOS. Manifesto anti-pau-brasil. *Correio Paulistano*. São Paulo, 13 abr. 1924.
[342] Sobre a vertente "verde-amarela", consultar: VELLOSO, Mônica Pimenta. A brasilidade verde-amarela: nacionalismo e regionalismo paulista. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, p, 89-112, 1993.
[343] GUELFI, Maria Lúcia F. *Op. cit.*,1987. p. 123.
[344] PRADO, Antonio Arnoni. *Op. cit.*, 2010. p. 164.

Oswald chegou a declarar, anos depois na *Revista de Antropofagia*, que o movimento verde-amarelista se assemelhava a um "Fascismo literário"[345] graças a esta relação evidente de apoio ao fascismo de Mussolini e ao envolvimento sequente com o Integralismo de Plínio Salgado.

Em 1925, *Novíssima* anunciou a fundação da editora Hélios, que seria responsável pela publicação da revista. Além disso, informaram o lançamento de uma série de obras "modernistas", visadas à constituição de sua "brasiliana" e fundamentadas, como se pode esperar, nos ideais compartilhados pelo grupo. A editora foi fundada por Cassiano Ricardo e os irmãos Del Picchia em fusão com a Novíssima Editora, localizada na Rua Astrúbal do Nascimento, 98-100 em São Paulo, mesmo endereço da redação e administração da revista. A fortuna crítica a respeito da Editorial Hélios na história editorial brasileira é escassa, embora tenha sido responsável pela publicação de diversas obras "dissidentes" do modernismo que reverberavam o discurso partilhado pelo grupo verde-amarelo.[346] Foram publicados pela editora livros como *A outra perna do saci* (1926), de Menotti del Picchia, *Introdução ao Estudo do Pensamento Nacional* (1926), de Cândido Mota Filho, *Raça de Gigantes* (1926), de Alfredo Ellis Júnior, *O Estrangeiro* (1926), de Plínio Salgado, *Borrões de Verde e Amarelo* (1926) e *Vamos caçar papagaios* (1926), de Cassiano Ricardo, e a obra que expõe os ideais do grupo *O Curupira e o Carão* (1927), de Menotti, Plínio e Cassiano. Por outro lado, foram publicados títulos que saíam desta esteira como *Martim Cererê* (1928), de Alcântara Machado, que recebeu ilustrações de Di Cavalcanti; embora não tenha recebido o mesmo selo "Edições Novíssimas", a publicação de um autor diretamente ligado ao círculo oposto ao verde-amarelo é um dos indícios de que nem todas as divisões entre grupos no período eram estáticas como se pode imaginar.

A cisão entre os grupos no movimento modernista foi acompanhada de polêmicas em âmbito pessoal e público. Em *Novíssima*, foi publicada uma nota no nº11 que acabou por provocar estas querelas: "Andam alvoroçados os arraiais literários da Paulicéia com os manifestos de 'Pau-Brasil' e 'Verde-amarelo'".[347] Vale ressaltar que este nº11 de *Novíssima* conferia aos meses de agosto e setembro de 1925, sequente portanto, a estreia de *A Revista* em Belo Horizonte. Mesmo sendo publicada no calor destes debates, *A Revista* não registra tal polêmica ou emite opinião sobre o verde-amarelismo, fato curioso, já que, mesmo não adotando

[345] PORONOMINARE. Uma adesão que não nos interessa. *Revista de Antropofagia*, 2ª dentição, nº 10, *Diário de São Paulo,* 12 jun. 1929, p. 10.
[346] Na obra de Hallewell há apenas uma menção à editora, Cf. HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*: sua história. São Paulo: Edusp, 2017. p. 363.
[347] GUELFI, Maria Lúcia F. *Op. cit.*,1987. p. 123.

uma postura combativa, a revista se posicionava frente a outros embates do movimento, sobretudo utilizando-se do espaço da crítica literária para exprimir seus pontos de vista. Contudo, há de se notar a ausência de colaboradores ligados ao grupo verde-amarelo em *A Revista* e tampouco os mineiros se fizeram presentes *Novíssima*. Da mesma forma, os novos números de *Novíssima* não foram anunciados em *A Revista*, que, sequer destinou comentários sobre obras publicadas pela Editorial Hélios em sua seção de crítica. Este silêncio indica o lado escolhido pelos intelectuais mineiros na polarização dos grupos, como era de se esperar, dado o apoio que receberam de Oswald e Mário de Andrade desde a primeira hora.

### 4.2 Para além de Minas

A rede tecida entre modernistas mineiros e Mário de Andrade foi se fortalecendo por meio das trocas intelectuais, alianças e amizades que se consolidam pelas cartas. Exemplar desta relação foi o envolvimento que tiveram na organização do "Mês Modernista" no jornal *A Noite*. O convite partiu de Viriato Correia, um dos redatores do jornal carioca que foi à São Paulo entrevistar Mário de Andrade a respeito de sua liderança no "futurismo" brasileiro, e propôs que o poeta, na companhia de Prudente de Morais, neto, organizassem uma sessão com contribuições diárias de autores ligados ao movimento no mês de dezembro de 1925.[348]

Ao vislumbrar a possibilidade de ocupar o espaço público com a divulgação de ideias e desmistificação do movimento, Mário tratou de reunir e convencer os amigos a participar. A propósito da orientação dos redatores do jornal, a oferta gerou desconfiança por parte de alguns, questão a qual Mário interviu em suas relações para levar a cabo o projeto de vulgarizar as ideias modernistas para um público mais amplo que não era leitor das revistas que publicavam. Ao saber do projeto, Manuel Bandeira escreve a Mário sobre suas suspeitas:

> [...] Não vão apresentar a gente como bicho ensinado, não? Esse Viriato detesta modernismo, incluindo a rubrica futurismo até a ausência de rima. Se a *Noite* vai fazer esse mês, serão unicamente por ordem do Geraldo Rocha, influenciado pelo Oswald, pois todos os redatores do jornal são adversários do nosso grupo. Não farão sacanagem?[349]

Mesmo hesitante, Bandeira aceitou integrar o grupo de colaboradores do jornal no "Mês". O convite foi estendido ao grupo mineiro, representado por Carlos Drummond e Martins de Almeida. As condições foram expostas: "artiguete" de meia coluna, variando entre poesia,

[348] O "Mês Modernista" foi publicado no período de 12 dez. 1925 a 12 jan. 1926.
[349] Manuel Bandeira a Mário de Andrade, 23/11/1925. *In*: MORAES, Marcos Antonio de (Org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira.* São Paulo: Edusp/IEB, 2001. p. 255.

crítica ou prosa, a que se pagariam 50$ "bagarotes" por colaboração semanal. Acrescentou a recomendação expressa de que "*O importante é tomar absolutamente a sério*".[350] No curto prazo de dois dias, Drummond encaminhou uma carta-bilhete comunicando que os mineiros aceitavam com bom gosto a empreitada. Acertaram a programação do "Mês": as segundas para Drummond, terças para Milliet, quartas para Bandeira, quintas para Martins, sextas para Mário e aos sábados encerraria a programação semanal com Prudente; assim, mesclavam-se as idades e regiões entre os dias.

O jornal anunciou aos seus leitores a nova programação, deixando clara a confusão com os termos que definiam o movimento: "Não pretendíamos dar ao 'mês modernista o qualificativo de 'modernista'. Qualificamo-lo de 'futurista'. O engraçado, no caso, é que os futuristas se chocaram e repeliram o qualificativo."[351] O tom provocativo do jornal apareceu também na manchete veiculada com a entrevista de Mário, que estreava o "Mês", intitulada "Assim falou o Papa do Futurismo: como Mário de Andrade define a escola que chefia".[352]

**Figura 21.** Cabeçalho de lançamento do "Mês Modernista" em *A Noite*

O mez modernista
que ia ser futurista
A NOITE contratou seis escriptores futuristas para escreverem durante um mez
A coisa começará segunda-feira

**Fonte:** *A Noite*, Rio de Janeiro, ano XV, 11 dez. 1925, p. 01. HDBN. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=348970_02&pasta=ano%20192&pesq=o%20mez%20modernista%20que%20ia%20ser%20futurista&pagfis=16047. Acesso em: 08 dez. 2020.

Se Mário era nomeado o Papa do movimento, o jornal apresentou Drummond como "um dos generais do futurismo em Minas" e, assim, mais uma vez, insistiam em usar a terminologia errada como maneira de atiçar os ânimos dos envolvidos. Na estreia do "Mês", já

[350] Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, 18/11/1925. *In*: FROTA, Lélia Coelho. (Org.). *Op. cit.*, 2002. p. 159.
[351] O mês modernista que ia ser futurista. *A Noite*, Rio de Janeiro, ano XV, 11 dez. 1925.
[352] A entrevista foi publicada no dia 12 de dezembro de 1925.

que a segunda-feira cabia a sua alçada, Drummond preparou a crítica "O homem do Pau-Brasil", com comentários afiados sobre a poesia e manifesto de Oswald de Andrade. Entre os trechos, lê-se:

> A grande tolice do meu amigo Oswald de Andrade é imaginar que descobriu o Brasil. Absolutamente não descobriu tal. [...] A poesia dele peca por pobreza de processos. É tecnicamente mal construída. [...] Sua poesia é o próprio Brasil. Dizer mal dela, em bloco, é não compreender o Brasil. Agora é urgente que ele se desbaste essa matéria tão densa, lhe filtre o lirismo, se comova mais. Menos caricatura e trabalho mais profundo da realidade. Arte. Ainda tenho fé de vê-lo escrevendo como todos nós, nem os neologismos absurdos de Miramar nem os balbuciamentos do Pau-Brasil. Com simplicidade simples.[353]

O texto faz crítica segura a um nome central do movimento, contudo, antes da publicação, o jovem mineiro já temia que seu texto fosse mal interpretado: "[...] Brinquei um pouco com o Osvaldo; diga se fui injusto. Não quis sê-lo, isso não. O povo talvez não compreenda, mas ele, você, alguns mais compreenderão."[354] A Mário, Bandeira confessou que o texto lhe desagradou: "[...] Começou o 'Mês'. O mineiro achei fraco, uma maneira de dizer muito influenciada por você e um tonzinho um pouco *conceited*."[355] Na mesma semana, a colaboração de Martins de Almeida manteve como tema a poesia de Oswald de Andrade. Sua crítica "Pau-Brasil"[356] foi mais generosa com o poeta, tratando de destacar os pontos altos das ideias do primitivismo de Oswald para o movimento.

Nas semanas seguintes, Drummond colaborou com "Poemas: Nota Social; Sabará",[357] arriscou nova crítica sobre o aspecto da tradição no movimento modernista brasileiro em "Ta'i!"[358] e encerrou sua participação com a seleção de poemas "Bucólica no Caminho do Pontal; Política; Itabira",[359] diversificando suas contribuições conforme conselho de Mário. Martins de Almeida se manteve nos textos críticos, que lhe eram de costume, como "Meus pontos de vista"[360] e "Sobre Belo Horizonte",[361] mas também se aventurou na prosa com "Capítulo Antigo: De uma novela inacabada".[362] A participação dos mineiros no "Mês" foi completada com Nava, que, embora não tivesse sido escalado na programação, publicou

---

[353] DRUMMOND, Carlos. O Homem do Pau-Brasil. *A Noite*, Rio de Janeiro, ano XV, 14 dez. 1925.
[354] Carlos Drummond de Andrade a Mário de Andrade, s/d. *In*: FROTA, Lélia Coelho. (Org.). *Op. cit.,* 2002. p. 165.
[355] Manuel Bandeira a Mário de Andrade, 16/12/1925. *In*: MORAES, Marcos Antonio de (Org.). *Op. Cit.*, 2001. p. 263.
[356] ALMEIDA, Martins. Pau-Brasil. *A Noite*, Rio de Janeiro, ano XV, 17 dez. 1925.
[357] DRUMMOND, Carlos. Poemas. *A Noite*, Rio de Janeiro, ano XV, 21 dez. 1925.
[358] DRUMMOND, Carlos. Ta'i!. *A Noite*, Rio de Janeiro, ano XV, 29 dez. 1925.
[359] DRUMMOND, Carlos. Poemas. *A Noite*, Rio de Janeiro, ano XV, 5 jan. 1926.
[360] ALMEIDA, Martins. Meus pontos de vista. *A Noite*, Rio de Janeiro, ano XV, 24 dez. 1925.
[361] ALMEIDA, Martins. Sobre Belo Horizonte. *A Noite*, Rio de Janeiro, ano XV, 8 jan. 1926.
[362] ALMEIDA, Martins. Capítulo Antigo. *A Noite*, Rio de Janeiro, ano XV, 01 jan. 1926.

desenho de Drummond para ilustrar a presença do amigo junto ao artigo "O homem do Pau-Brasil".[363] Em carta, Mário elogia o desenhista:

> [...] estou pra escrever pra você faz uma semana dando os parabéns pelo retrato do Drummond que *A Noite* publicou. Gostei deveras. Muita energia no traço, uma energia impressionante mesmo, viril. Coisa forte que comove a gente. Acho que você no preto e brando já está batuta.[364]

**Figura 22.** Carlos Drummond retratado por Pedro Nava para o "Mês Modernista"

**Fonte:** *A Noite*, Rio de Janeiro, ano XV, 14 dez. 1925, p. 01. HDBN. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=348970_02&pasta=ano%20192&pesq=o%20mez%20modernista%20que%20ia%20ser%20futurista&pagfis=16047. Acesso em: 08 dez. 2020.

Em síntese, a participação dos mineiros foi bastante positiva ao grupo, que pôde figurar ao lado de grandes nomes do modernismo para divulgação do movimento, fazendo frente ao embate de ideias com os diretores do jornal e das demais figuras envolvidas, o que acabou por reforçar o vínculo de amizade e parceria entre eles. Nas palavras de Mônica Pimenta Velloso: "O episódio do jornal *A Noite* revela negociações sutis, envolvendo dias de conversas que resultaram em reforço de egos, invenção de apelidos, troca de palavrões, pactos de cumplicidade e as mais variadas performances. Ao fim, o grupo consegue marcar espaço na

[363] Todas as colaborações publicadas pelo "Mês Modernistas" foram reunidas no livro: BATISTA, Marta Rossetti; LOPES, Telê Porto Ancona; LIMA, Yone Soares de. *Brasil*: 1º tempo modernista – 1917/1929 documentação. São Paulo: IEB, 1972. p. 232-279.

[364] Mário de Andrade a Pedro Nava, 23/12/1925. *In:* ANDRADE, Mário. *Correspondente Contumaz*: cartas a Pedro Nava (1925-1944). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p. 61.

arena pública.".[365] Neste sentido, a realização do "Mês" permitiu aos mineiros, que já haviam encerrado sua revista, participar de forma efetiva do movimento que ocupava a cena literária brasileira. Em outras palavras, a atuação do grupo não estava mais circunscrita as fronteiras mineiras, eram, enfim, literatos com repercussão e estatuto nacional. Ao comandar a escolha dos autores que figuraram o "Mês Modernista", Mário de Andrade selecionou aqueles que então julgava legítimos representantes do movimento e os mineiros tiveram seu lugar assegurado, sinal do reconhecimento que haviam conquistado.

A realização do "Mês" aumentou os atritos entre Mário de Andrade e Graça Aranha, que não foi chamado para colaborar na seção. Entre os boatos, Bandeira alertou Mário de que Graça Aranha teria questionado o diretor de *A Noite*, Geraldo Rocha, por achar ridículo o envolvimento do jornal com o modernismo.[366] Nas entrelinhas, o motivo do protesto teria sido a entrevista de Mário de Andrade que atribuía sua chefia ao movimento. A "anedota" foi narrada para Drummond:

> De tudo isso ficou porém uma anedota pândega verdadeiramente impagável, é que o Graça Aranha foi na redação da *Noite* protestar contra a chefia que me deram porque a "chefia era dele"!!! Isso ao menos é o que me contou Viriato e me parece verdade porque isso se parece muito com o Graça. Agora estou decidido a esculhambar o Graça. Não por causa da "chefia", é lógico, isso é só ridículo, porém uma frase de você sobre ele me convenceu imensamente quando você falou que ele "estava pesando demais sobre nós",[367] se lembra? Antes de saber da anedota da chefia já tinha escrito uma quadrinha forte[368] contra ele e que sairá na terceira semana da *Noite*. Tenho também um artigo em perspectiva sobre "Graça Aranha e a chefia do Modernismo" que talvez eu escreva pro *Correio da Manhã*. Carece de documentar um pouco. Se tiver paciência, faço.[369]

Esta história correu solta no círculo modernista a ponto de a redação do jornal emitir uma nota, no encerramento do "Mês", que desmentia o ocorrido e saía em defesa de Graça, alegando que esta não era a postura de um intelectual "de bela linha de discrição e elegância de espírito".[370] O caso seria apenas pilhéria que surgia "nas rodas literárias e das muitas que

---

[365] VELLOSO, Mônica Pimenta. Entre o sonho e vigília: o tema da amizade na escrita modernista. *Tempo*, Niterói, v. 13, n. 26, p. 221, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042009000100011&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 09 dez. 2020.

[366] Manuel Bandeira a Mário de Andrade, 18/12/1925. *In*: MORAES, Marcos Antonio de (Org.). *Op. Cit.,* 2001. p. 265.

[367] "Estou convencido de que o Graça nem mais decorativo é. Ele sentou em cima de nós, e está pesando muito." Carlos Drummond de Andrade a Mário de Andrade, s/d. *In*: FROTA, Lélia Coelho. (Org.). *Op. cit.*, 2002. p. 166.

[368] Em sua colaboração do dia 02 jan. 1926, Mário assina pós escrito com os seguintes dizeres com o trocadilho que remetia à Graça Aranha: "Bem considerando, os sonetos já lidos valem bem os cinquenta bagarotes porém como me simpatizo com os leitores da *Noite* resolvo mandar mais um de graça./ ALEGRIA ... DE CHORO/ Sábio grosso em ciência magriça,/ Tardonho egresso de Sankara,/ Por integrar-se no Infinito/ Ficou o infinitesimal!".

[369] Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, 22/12/1925. *In*: FROTA, Lélia Coelho. (Org.). *Op. cit.*, 2002. p. 170-171.

[370] Nota da redação. *A Noite*, ano XV, 12 jan. 1926.

surgiram com a criação do 'Mês Modernista' feita por nós.".[371] Como sugere a nota, a repercussão do "Mês" organizado pelo jornal *A Noite* intensificou as rodas literárias do modernismo. De um lado, aproximou a ligação dos mineiros com o grupo vinculado a Mário de Andrade e, de outro, o efeito desta relação acentuou definitivamente as diferenças entre o poeta da *Paulicéia* e o autor de *Canaã*. O artigo comentado por Mário na missiva acima foi levado a cabo e publicado no jornal *A Manhã* sob o título "Carta aberta a Graça Aranha"[372] no mesmo dia em que se encerrava a programação do "Mês". O episódio marcou o rompimento categórico destes dois intelectuais.

Poucos dias após o fim do "Mês" no jornal carioca *A Noite*, em São Paulo, começou a circular um novo periódico modernista que, novamente, seria palco de polêmicas entre adeptos do movimento. O quinzenário *Terra Roxa e outras terras*, em formato de pequeno jornal literário, foi publicado entre 20 de janeiro a 17 de setembro de 1926 e contabilizou sete números editados. A direção foi dividida por Couto de Barros e Antônio de Alcântara Machado, e Sérgio Milliet ocupou os cargos de secretário e administrador da revista. Segundo Cecília de Lara, uma das preocupações centrais de *Terra Roxa* foi a discussão sobre o nacionalismo, denominado na revista de "brasileirismo". Contudo, este aspecto nacional se distancia do caráter ufanista que era apresentado e defendido pelo grupo verde-amarelo, portanto, embora concordassem na importância desta pauta, discordavam os grupos na forma de sua condução.[373]

O embate entre estes grupos foi evidente em *Terra Roxa* nº 2, quando a revista estampou em colunas lado a lado artigos de Menotti Del Picchia e Mário de Andrade que avultaram a querela.[374] Menotti rasgou dura crítica ao lançamento de *Losango Cáqui* (1926), de Mário de Andrade, a que resumiu logo nas primeiras linhas como "Livro absurdo, injustificado, irritante e pedante". A desaprovação seguiu ao seu autor, que Menotti definiu pela figura do "cigano mental" (aquele que se perdeu em sua própria inteligência) e também marcou a oposição ao círculo intelectual ligado ao poeta de *Losango*, ou, nas palavras do crítico: "a ninhada futurista que se acocora em torno de Mário e cacareia sistemáticos aplausos [...]". Em "Feitiço contra feiticeiro", Mário deu sua resposta no mesmo tom de ataques pessoais. Neste texto, a personalidade de Menotti foi delineada como egoísta e vaidosa, onde se lê, entre muitas

[371] *Ibid*.
[372] ANDRADE, Mário de. Carta Aberta a Graça Aranha. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 12 jan. 1926.
[373] LARA, Cecília de. *Klaxon & Terra Roxa e outras terras*: dois periódicos modernistas de São Paulo. São Paulo: IEB, 1972. p. 222.
[374] Artigo de Menotti del Picchia, Resposta de Mário de Andrade. *Terra Roxa*, São Paulo, nº 02, ano I, 3 fev./1926, p. 04.

provocações, a seguinte afirmação: "É uma gangorra de interesses pessoais. Pende pra banda que lhe dá elogios líricos, movido pela sua visão fraca de espírito inculto".

A troca de provocações ocorridas em *Terra Roxa* demonstra o clima de pessoalidade que o movimento tomava. Esta questão também pode ser acompanhada pelas cartas trocadas entre parceiros desta jornada. A este tempo, mais do que concordantes com os aspectos do modernismo, Drummond já era também uma grande amizade considerada por Mário, com quem compartilhava destas desforras:

> Pela segunda *Terra Roxa* você verá que mandei à fava também o Menotti. Questão de higiene. O diabo esperneou que não foi vida. Dias houve em que o *Correio Paulistano* vinha com dois artigos e até três contra mim. Insultos de toda casta, você nem imagina. Menotti e sequela perderam totalmente a compostura.[375]

Em contrapartida às dissidências, as relações de grupos próximos se mantiveram estreitas, e Mário de Andrade, mesmo não ocupando cargos de direção em *Terra Roxa*, convidou o grupo mineiro a mais uma vez contribuírem com a nova porta-voz do movimento. O convite surgiu logo quando a revista ainda era uma ideia a ser executada, com a garantia de que Mário iria se empenhar para que as colaborações do grupo fossem integradas. Como os últimos desenhos de Nava em *Estética* e no "Mês Modernista" haviam sido bem recebidos, Mário sugeriu que enviasse colaborações do tipo para o novo periódico que, a princípio, planejava publicar ilustrações. O pedido se deu por intermédio de Drummond, com quem se correspondia com maior frequência e era o responsável por angariar as colaborações dos mineiros:

> Olhe, insista pro Nava me mandar dois ou três desenhos modernos dele, dos menos decorativos. Aqui vai sair um jornalzinho quinzenal moderno e sei que publicará um desenho em cada número. Como sou amigo dos redatores embora não faça parte da redação mostrarei os trabalhos pra que algum saia. Sei que vocês vão ser convidados pra colaboração.[376]

Contrariando a ideia inicial, *Terra Roxa* não chegou a veicular material iconográfico e Nava não enviou contribuições de outros tipos à revista, ficando de fora do rol de colaboradores. Aos demais mineiros, o pedido foi de que encaminhassem prosa de todo tipo (ficção ou crítica), e as colaborações variaram dentro deste espectro, começando a aparecer a partir do quarto

---

[375] Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, 18/02/1926. *In*: FROTA, Lélia Coelho. (Org.). *Op. cit.*, 2002. p. 194.
[376] Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, s/d. *In*: FROTA, Lélia Coelho. (Org.). *Op. cit.*, 2002. p. 180.

número da revista. Em "Conversa com Prado Kelly",[377] Drummond respondeu ao artigo do autor veiculado no jornal *A Noite* em que expressou suas ideias sobre o "futurismo" de Belo Horizonte,[378] aludindo ao grupo reunido em *A Revista*. Drummond contrariou estas opiniões, alegando a incompreensão de Kelly sobre o movimento que insiste em nominá-lo de futurista. Continuando sua defesa, rejeitou que os modernistas brasileiros fossem "iludidos pelas promessas de Cendrars", esclarecendo a particularidade do movimento no Brasil. Digno de se observar que este artigo foi publicado logo abaixo de uma breve nota de *Terra Roxa* que tece comentários elogiosos ao terceiro número de *A Revista*, sem mencionar o fato de que o periódico mineiro já havia deixado de ser editado.[379] A escolha editorial de veicular estes textos próximos acabou por reforçar as afirmações expressas por Drummond na defesa do modernismo mineiro.

O destaque das colaborações de Drummond na revista paulista foi com o gênero crônica, que, segundo Cecília de Lara, apontam para características que marcaram a prosa e poesia drummondiana nos anos seguintes.[380] Nessa matéria ficcional, Drummond publicou a crônica humorística "O melhor dentrifício do mundo",[381] em que narra as peculiaridades da fala e costumes de um camelô espanhol, e duas minicrônicas: "Primeiro veículo"[382] e "Descoberta",[383] respectivamente dedicadas a Oswald e Mário de Andrade. Por fim, sua última colaboração na revista foi a poesia "Jardim da Praça da liberdade",[384] gênero que apareceu em menor número na revista.[385]

Vale lembrar que, no âmbito pessoal, as publicações em *Terra Roxa* coincidem com o momento em que Drummond saiu de Belo Horizonte após sua formação de farmacêutico para assumir o comando de uma fazenda da família em Itabira, sua terra natal. Esse período é particularmente conturbado na vida do poeta, com a complicação da gravidez de sua esposa Dolores, que desenvolveu uma gestação tubária. Contudo, o poeta manteve-se ligado à rede modernista por meio das cartas trocadas, sobretudo com Mário e com os amigos de Belo Horizonte; era Drummond o responsável por reunir as colaborações aos periódicos, intermediando o contato.

---

377 DRUMMOND, Carlos. Conversa com Prado Kelly. *Terra Roxa,* São Paulo, nº 04, ano I, 3 mar./1926, p. 03.
378 KELLY, Prado. Na cidade das ruas retas. *A Noite*, nº 5.107, ano XVI, 8 fev. 1926, p. 06.
379 *A Revista. Terra Roxa,* São Paulo, nº 04, ano I, 3 mar./1926, p. 04.
380 LARA, Cecília de. *Op. cit.*, 1972. p. 199-200.
381 DRUMMOND, Carlos. O melhor dentrifício do mundo. *Terra Roxa*, São Paulo, nº 04, ano I, 3 mar./1926, p. 01.
382 DRUMMOND, Carlos. Primeiro veículo. *Terra Roxa,* São Paulo, nº 06, ano I, 6 jul./1926, p. 02.
383 DRUMMOND, Carlos. Descoberta. *Terra Roxa,* São Paulo, nº 06, ano I, 6 jul. 1926, p. 02.
384 DRUMMOND, Carlos. Jardim da Praça da Liberdade. *Terra Roxa,* São Paulo, nº 07, ano I, 17 set. 1926, p. 01.
385 LARA, Cecília de. *Op. cit.*, 1972. p. 223.

Em *Terra Roxa*, Martins de Almeida assinou dois textos em que desenvolveu a linha de crítico literário que já havia desempenhado desde *A Revista*, acentuando um olhar fino para as questões estéticas do movimento modernista. Sobre sua participação no periódico paulista, Cecília de Lara afirmou: "Martins de Almeida revela-se crítico bastante lúcido baseando suas afirmações em processos de análise que atingem o nível da linguagem e dos processos de construção para demonstrar aí as diversificações de autor a autor, embora todos modernistas.".[386] Foram resenhados por Martins de Almeida em "Sobre a expressão técnica",[387] os livros *Raça*, de Guilherme de Almeida, *Losango Caqui*, de Mário de Andrade e *Toda América*, de Ronald de Carvalho e, no sétimo e último número da revista, escreveu crítica sobre *O homem na Multidão*, de Ribeiro Couto.[388]

João Alphonsus, com "Galinha cega",[389] completa o quadro de autores mineiros em *Terra Roxa*, conto este que ganhou destaque em sua obra, dando título ao seu futuro livro de estreia publicado no início década seguinte. Assim, é possível perceber o envolvimento dos mineiros com colaborações consistentes em *Terra Roxa*, tanto em matéria de crítica como na prosa, já apresentando traços que seriam característicos na obra destes autores ao longo de suas carreiras literárias. Da mesma forma, o chamado grupo do Estrela manteve-se ligado à rede modernista mesmo após o fim de *A Revista*, tanto que foram chamados a colaborar a cada nova empreitada do movimento.

A relação amistosa dos modernistas mineiros com os demais grupos foi brevemente conturbada com o episódio de desentendimento entre João Alphonsus e Manuel Bandeira. A rusga teve início com uma crítica de Bandeira publicada em 30 de setembro de 1926 na *Revista do Brasil* sobre o livro de poemas *Juiz de Fora* (1926), de Austen Amaro, na qual pontuou os aspectos negativos de sua poesia, mas que, entretanto, deixou um tom afável ao poeta mineiro.[390] Discordando do peso crítico de Bandeira, João Alphonsus saiu em defesa do colega conterrâneo no suplemento mineiro do jornal carioca *A Manhã*, acusando-o de não agir com "simpatia", o que inviabilizaria uma crítica justa. Para Alphonsus, o motivo era a desconfiança em ceder lugar aos novos: "[...] Ele [Bandeira] sabia que tratava-se de um novo muito mais

[386] *Ibid*., p. 148.
[387] ALMEIDA, Martins de. Sobre a expressão técnica. *Terra Roxa*, São Paulo, nº 05, ano I, 27 abr. 1926, p. 04.
[388] ALMEIDA, Martins de. Um homem na multidão. *Terra Roxa*, São Paulo, nº 07, ano I, 17 set. 1926, p. 03.
[389] ALPHONSUS, João. Galinha cega. *Terra Roxa*, São Paulo, nº 04, ano I, 3 mar. 1926, p. 04.
[390] Na crítica de Bandeira, lê-se: "[...] Isto cheira a futurismo do brabo... Há, como essa, muita coisa ruim nesta brochura, estiradas do palavreado sem substância de pensamento ou sensibilidade, um mau gosto horroroso. Apesar de tudo esta poesia é simpática, insinua-se, interessa. Tem ingenuidade e força. [...]". BANDEIRA, Manuel. Austen Amaro: Juiz de Fora. *Revista do Brasil*, 30 set. 1926. *In*: BANDEIRA, Manuel. Um livro e duas cartas. *Andorinha, Andorinha*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966. p. 189-191.

novo do que ele. Sua atitude se parece com a de certos passadistas que, na gata-parida das letras, não querem ceder nem uma beiradinha para os novo que vêm vindo.”.[391]

A repercussão ganhou proporção de polêmica, visto o aspecto pessoal das acusações. Em “Carta aberta a João Alphonsus”,[392] Bandeira voltou à *Revista do Brasil* para responder as acusações e reiterar os pontos de sua crítica anterior, assumindo um tom amistoso que ao final declarava: “Me queira bem, João Alphonsus”. Em carta a Mário de Andrade, Bandeira demonstrou seu descontentamento com o mineiro, opinião partilhada por Ribeiro Couto e outros do mesmo círculo intelectual: “Mando-lhe também um artiguinho do João Alphonsus pra você entender a minha carta aberta na *Revista do Brasil*. Couto e os outros aqui tiveram má impressão dele. Eu não, tanto que respondi fagueiro; mas agora com estas opiniões estou mudando.”.[393]

A situação gerou desconforto na relação até então partilhada com reciprocidade entre mineiros e os demais intelectuais modernistas. A proximidade tão estreita de Mário de Andrade com Manuel Bandeira poderia ser um ponto de discórdia no apoio e amizade que traçava o grupo mineiro com o poeta paulista, caso este tomasse partido contrário a Alphonsus nesta contenda. Em carta a Mário, Drummond tratou de esclarecer seu posicionamento no debate e evitar que os mal-entendidos se propagassem:

> Preciso dizer a você uma palavrinha sobre o caso João Alphonsus – Manuel Bandeira. Aliás, não tem mais caso, porque a “Carta aberta” do Manuel é de jeito a desarmar o maior bruto do mundo, e o João não é nenhuma fera, é apenas um excelente rapaz que numa hora escura escreveu uma burrice de que não imaginou as consequências, e que hoje – não me falou, mas eu sei – está arrependidíssimo de tudo isso. [...][394]

No artigo sequente, também publicado na *Revista do Brasil*, João Alphonsus deixou evidente que a carta de Bandeira de fato o desarmou: “Sua carta me machucou mais do que se você se tivesse queimado”. Alphonsus esclareceu suas intenções, demonstrou arrependimento e, para enfim finalizar os mal-entendidos, despediu-se com afetuosidade “Disponha do meu coração”.[395] Com Drummond, Mário comemorou a resolução da rusga, ponderando suas

---

[391] ALPHONSUS, João. *Juiz de Fora* – poema lírico. *A Manhã*, suplemento de Minas Gerais, 24 out. 1926. *In*: BANDEIRA, Manuel. *Op. cit.*, 1966. p. 191-194.
[392] BANDEIRA, Manuel. Carta aberta a João Alphonsus. *Revista do Brasil*, 30 out. 1926. *In*: BANDEIRA, Manuel. *Op. cit.*, 1966. p. 194-195.
[393] Manuel Bandeira a Mário de Andrade, 31/10/1926. *In:* MORAES, Marcos Antonio de (Org.). *Op. Cit.*, 2001. p. 316.
[394] Carlos Drummond de Andrade a Mário de Andrade, 07/11/1926. *In*: FROTA, Lélia Coelho. (Org.). *Op. cit.*, 2002. p. 252-253.
[395] ALPHONSUS, João. Resposta a Manuel Bandeira. *Revista do Brasil*, 08 nov. 1926. *In*: BANDEIRA, Manuel. *Op. cit.*, 1966. p. 195-197.

impressões de que o amigo também havia se excedido em suas palavras: "O caso Manu-Alphonsus resolveu-se da melhor maneira e estou contente. A carta do Alphonsus na *Revista do Brasil* está bonita e não cai em pieguismo amoroso coisa de que eu tinha medo devido ao exagero da carta do Manuel."[396] Findo o evento, a parceria entre mineiros e os demais modernistas continuou sólida e, ainda que houvesse crescentes desentendimentos no interior do grupo, nos quais os mineiros não deixaram de se posicionar, há que se notar a crescente visibilidade por eles desfrutada no debate literário nacional.

Paralelo ao episódio Manu-Alphonsus, outra polêmica foi gestada na *Revista do Brasil*, desta vez tendo como motivador a publicação do texto "O lado oposto e outros lados", de Sérgio Buarque de Holanda, em 15 outubro de 1926.[397] No meio intelectual da época, o clima de controvérsias no movimento modernista já era evidente pelas intrigas e ataques pessoais a grupos estampados na imprensa. Contudo, a publicação desse polêmico artigo rasgou estas e outras fissuras ao separar o modernismo em faces distintas e definir aquele que verdadeiramente carregava a flâmula do moderno na literatura brasileira.

Numa espécie de balanço sobre a literatura brasileira em dois tempos, 1916 e 1926, o mote do artigo era o combate à "atrofia" do movimento modernista que limitava a busca por uma expressão de arte nacional. A ação proposta por Sérgio Buarque era a seguinte: "É indispensável para esse efeito romper com todas as diplomacias nocivas, mandar pro diabo qualquer forma de hipocrisia, suprimir as políticas literárias e conquistas uma profunda sinceridade para com os outros e pra consigo mesmo".[398] Nesse sentido, sua proposta de combate não era mais com o grupo literato que ocupava a cena intelectual de 1916, do qual já havia sido extinto; o ataque pretendido devia ser interno, entre os próprios membros do modernismo.

Eis os lados escancarados pelo olhar crítico de Sérgio Buarque: o primeiro, que se distinguia por seu "academicismo modernizante", foi apontado como o grupo "da mesa", formado por Graça Aranha, Ronald de Carvalho e Renato de Almeida, incluído junto a esses o nome de Guilherme de Almeida.[399] Na outra face, com o que chamou de "atitude intelectualista", foram postos Tristão de Athaíde, o grupo mineiro de *A Revista* e, curiosamente,

---

[396] O "exagero" comentado por Mário é pelo fato de que em sua "Carta aberta", Manuel Bandeira expôs os sofrimentos que o abatiam por conta dos problemas de saúde que enfrentou desde juventude. Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, 23/11/1926. *In*: FROTA, Lélia Coelho. (Org.). *Op. cit.*, 2002. p. 259.

[397] HOLANDA, Sérgio Buarque. O lado oposto e outros lados. *In:* PRADO, Antonio Arnoni. *Op. cit.*, 1996. p. 224-228.

[398] *Ibid*, p. 224.

[399] "[...] o academicismo do grupo Graça Aranha-Ronald-Renato Almeida, mesmo o academicismo de Guilherme de Almeida – já não é mais um inimigo, porque ele se agita num vazio e vive à custa de heranças.". *Ibid*, p. 224.

Mário de Andrade, que não foi poupado nesta fina apuração do crítico.[400] Em contrapeso a esta balança, Sérgio listou aqueles que tinham, no seu ponto de vista, a aprovação sem ressalvas: Oswald de Andrade, Prudente de Morais, neto, Coutro de Barros e Antônio de Alcântara Machado.[401] Ao final do texto, talvez buscando retratar-se, reconheceu a força da poesia de Manuel Bandeira, Mário de Andrade e Ribeiro Couto para o modernismo.[402]

A repercussão deste artigo em âmbito público e privado foram inúmeras,[403] justamente pela coragem de Sérgio em escancarar estas diferenças sem reservas a nomes consagrados no meio intelectual, rompendo definitivamente a aparente unidade do movimento. Não por acaso, Sérgio colocou os mineiros ao lado de Mário de Andrade, que, desde *A Revista*, mantinham-se muito próximos. O simples fato de serem citados na polêmica evidencia o quanto haviam se tornado incontornáveis para o movimento.

Na outra direção desta nova contenda, Prudente saiu em defesa do amigo no jornal *A Manhã*: "[...] E muito mais do que uma opinião isolada, ele traduz alguma coisa que andava no ar, o descontentamento visível ainda que impreciso de todos os que não consentem em ficar parados.".[404] Mário de Andrade não foi a público manifestar seu descontentamento, mas esta questão foi revelada e debatida nas cartas trocadas com Bandeira.[405] Esse ressentimento permaneceu latente no poeta paulista mesmo passados alguns anos, quando escreveu a Drummond em 1928:

> [...] ninguém não conseguirá neste mundo fazer que eu recuse sob ponto de vista de modernice, a obra de Ronald e Guilherme e creio que você nisso concorda comigo. Eu era incapaz de botar eles "do outro lado" só porque são totalmente diferentes da gente. É uma contribuição diferente e, meu Deus"! talvez mais humana.[406]

---

[400] Sobre Mário de Andrade, diz: "[...] Essa falha tem uma compensação nas estupendas tentativas para a mobilização da fala brasileira. Repito entretanto que a sua atual atitude intelectualista me desagrada." *Ibid*, p. 227.
[401] "Nesse ponto prefiro homens como Oswald de Andrade, que é um dos sujeitos mais extraordinários do modernismo brasileiro; como Prudente de Morais, neto; Couto de Barros e Antônio de Alcântara Machado. Acho que esses sobretudo representam o ponto de resistência necessário, indispensável contra as ideologias do construtivismo." *Ibid*, p. 227.
[402] "[...] Manuel Bandeira, por exemplo, que seria para mim o melhor poeta brasileiro se não existisse Mário de Andrade. E Ribeiro Couto que com *Um homem na multidão* acaba de publicar um dos três mais belos livros do modernismo brasileiro. Os outros dois são *Losango cáqui* e *Pau-Brasil*." *Ibid*, p. 228.
[403] Para mais detalhes sobre a repercussão deste artigo, ver: LUCA, Tania Regina de. Lado oposto e outros lados: Sérgio Buarque de Holanda, a imprensa e o modernismo (1920-1926). [no prelo].
[404] MORAIS NETO, Prudente. O lado oposto e outros lados. *A Manhã*, Rio de Janeiro, n. 262, ano II, p.3, 30 out. 1926. O texto foi reproduzido, junto a outros que retomam esta polêmica no número especial dedicado à Sérgio Buarque de Holanda que vale ser conferido na íntegra: *Revista do Brasil*, ano 3, n. 06, 1987.
[405] O assunto ocupou a cena de várias cartas trocadas entre os amigos, conferir missivas do período de 03 nov. 1926 a 13 nov. 1926. *In:* MORAES, Marcos Antonio de (Org.). *Op. Cit.*, 2001. p. 318-327.
[406] Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, 21/11/1928. *In*: FROTA, Lélia Coelho. (Org.). *Op. cit.*, 2002. p. 311.

A polêmica dos lados não ficou circunscrita ao calor do momento de sua publicação, tendo reverberado de diversas formas nos anos sequentes. Na configuração do campo literário modernista, a defesa por seu posicionamento, ou seja, o seu "lado", passou a ser cada vez mais acirrada. Foi neste "matagal" que *Verde* precisou aprender a usar seu machado, para retomar a expressão de Austen Amaro, que serve de alegoria para a articulação dos grupos no modernismo brasileiro.

### 4.3 *Verde* no campo de disputas

Ao levar em conta a configuração da chamada "fase heroica" do modernismo, *Verde* ocupou o posto único no ano de seu surgimento que, por sua vez, a levaria a congregar diferentes grupos em suas páginas, articulação que seria sucedida pela *Revista de Antropofagia* na corrida modernista.[407] Contudo, numa ótica ampliada, *Verde* foi contemporânea de outras revistas aliadas ao ideal renovador do movimento, embora estes projetos pudessem variar em suas vertentes, o que não as exclui deste jogo de títulos que disputavam seu lugar na arena modernista, pelo contrário, é justamente estas tomadas de posição que auxiliaram a constituição da memória heroica do movimento ao aquilatar a autenticidade e dissidência dos projetos.

O caso da revista *Festa* é exemplar desta questão ao ser lida em perspectivas distintas pela análise acadêmica ao longo dos anos.[408] Anos após o fim da iniciativa de *Festa*, Andrade Murici concedeu entrevista a Neusa Pinsard Caccese, pesquisadora responsável pela monografia referente à revista no projeto coordenado pelo IEB nos anos 1970.[409] O relato deixou transparecer o desconforto com as avaliações postas pela pesquisa em questão e sua tentativa em rever a memória da revista. Em defesa de *Festa*, Murici procurou demonstrar que a oposição entre os grupos modernistas não era tão divisada quanto se supunha a crítica. Com desaprovação, citou diversos estudos que questionavam o vanguardismo do grupo, em especial

[407] "*Verde* foi um elo de transição da corrente Pau-Brasil para a Antropofagia e se não teve substância maior, para deixar como legado, seu papel na época foi marcante. Por ter sido a única revista do movimento no ano de 1927 mobilizou os grupos anteriores, e polarizou os novos que surgiam em outras partes do Brasil.[...]". LARA, Cecília de. *Op. cit.*, 1978, s/p.

[408] A pesquisadora Luciana Lilian Miranda fez um balanço sobre as diferentes linhas interpretativas de estudos sobre o grupo envolvido com *Festa*. Cf. MIRANDA, Luciana Lilian. O modernismo do grupo *Festa* e a defesa de uma brasilidade universalista, 1919-1929. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, vol. 12, n. 1, p. 232-249, jan.-jul., 2019. p. 235-236.

[409] A pesquisadora conseguiu realizar entrevistas com Andrade Murici e Murilo Araújo, ambas estão transcritas em anexo no livro resultante deste estudo: CACCESE, Neusa Pinsard. *Festa*: contribuição para o estudo do Modernismo. São Paulo: IEB, 1971.

o trocadilho "Uma *Festa* mal-humorada"[410] dado por Wilson Martins em seu livro sobre o movimento. Ao falar dos antigos companheiros de revista já falecidos, rebateu estas críticas:

> [...] É do irremediável vácuo que se me fez em torno, - apesar da sobrevivência felicíssima de outros -, que me senti forçado a dar este insuficiente depoimento, que me foi generosamente solicitado, - obrigando-me a contrapor-me a julgamentos drásticos como o que o meu camarada Wilson Martins, de Bopp, de Bosi, e de outros. É tarde demais, porém, para calar-me ante a injustiça. Apesar do risco e do antipático de todo polemismo, aliás avesso ao meu feitio.[411]

A origem destas críticas foi pautada em boa medida nas posturas ideológicas assumidas pela revista *Festa* e seu grupo, bem como a relação de oposição que estabeleceu com outros círculos intelectuais de seu período. Neste caso, o diálogo nem sempre amistoso com os jovens envolvidos na produção de *Verde* é de especial atenção, já que ambas circularam contemporaneamente, com propostas distintas na construção do movimento.

A revista *Festa* teve duas fases, sendo a primeira delas de outubro de 1927[412] (um mês após a estreia de *Verde* no cenário modernista) a setembro de 1928, e a segunda, já na década seguinte, entre julho de 1934 a agosto de 1935. Publicada na cidade do Rio de Janeiro, *Festa* contou com a liderança de Tasso da Silveira e Andrade Murici, dividindo a responsabilidade com outros dez nomes que figuraram entre seus diretores ao longo dos números; entre esses, cabe destacar a presença de dois mineiros: Wellington Brandão e Abgar Renault, sendo o primeiro deles colaborador de *A Revista* e o segundo membro do grupo do Estrela.

O diferencial de *Festa* foi pautar seu modernismo na proximidade estética com o simbolismo e, do lado ideológico, alinhou seus ideais à vertente do espiritualismo católico[413] e ao nacionalismo integralista de Plínio Salgado, colaborador presente na revista. Desta forma, as propostas de renovação empenhadas por *Festa* eram salvaguarda dos valores tradicionais sem grande empenho reformista, distinguindo do ideário paulista de Mário e Oswald, partilhado também pelos grupos mineiros.

Mais do que mera oposição de círculos intelectuais por conflitos estéticos e ideológicos, a grande polêmica gestada em *Festa* consiste na reivindicação de uma nova genealogia para o modernismo brasileiro ao questionar o papel fundador da vanguarda paulista, de suas realizações e dos demais grupos ligados a ela. Esta disputa se amparou em algumas questões: a

---

[410] MARTINS, Wilson. Uma *Festa* mal-humorada. *Modernismo* (1916-1945). São Paulo: Editora Cultrix, 1965.
[411] CACCESE, Neusa Pinsard. *Op. cit.*, 1971. p. 237.
[412] Embora na capa conste a inscrição de agosto de 1927, Caccese explica que seu início data de outubro. *Ibid*, p. 13.
[413] Sobre a vertente espiritualista do grupo, consultar: MIRANDA, Lilian. *Op. cit.*, 2019.

primeira delas teve como chave a publicação do livro *Estudos*, 1ª série (1927) de Tristão de Ataíde.[414] Na leitura proposta pelo crítico, a arte moderna brasileira encontrava-se dividida em duas tendências: o "dinamismo objetivista" de Graça Aranha e o chamado "primitivismo" paulista de Mário e Oswald de Andrade; faltando, em sua opinião, outra corrente que fosse norteada por uma "mística criadora". Em *Festa*, Tasso da Silveira escreveu a crítica "Renovação. A propósito de um livro de Tristão de Ataíde"[415] em que elenca uma série de nomes que pertenciam ao seu rol de colaboradores para sugerir que estes se adequavam aos requisitos deste novo viés de renovação da arte, alinhado ao espiritualismo discutido na revista. Mesmo que implícita, a conclusão era evidente: o grupo reunido em torno de *Festa* seria a nova liderança do movimento, com a proposta de uma nova linha estética e ideológica.

Em *Festa*, nº6, foi republicado um artigo de Tristão de Ataíde sobre as tendências do modernismo brasileiro, no qual concordava sobre posicionamento da revista como representante desta terceira corrente com seu espiritualismo, caracterizando uma proposta de modernismo continuador amparado na tradição. Assim, Tristão concedeu o aval às ideias de Tasso da Silveira para que *Festa* assim fosse denominada enquanto nova vertente.[416] Não por acaso, este artigo foi veiculado em "O grupo de *Festa* e sua significação" junto à transcrição da crítica assinada por Mário de Andrade sobre os primeiros números da revista. Na análise do paulista, *Festa* soube esperar o momento de aparecer em cena, quando as iniciativas precedentes iniciadas por *Klaxon* já haviam aberto os caminhos:

> [...] se *Festa* aparecesse de sopetão no Brasil, antes de *Klaxon*, de *Estética* (tão livre que acolheu gente de *Festa*) de *Terra Roxa* e de *Revista*, de Minas, havia de causar escândalo e tomava pancadaria na certa. Mas, como houve tudo o que houve antes de *Festa*, ela está sendo acolhida com simpatia e interesse.[417]

A provocação de Mário deu o tom acusatório da falta de originalidade do grupo, que convenientemente teria ficado "nas sombras" no período em que outros grupos estavam na vanguarda, aparecendo na arena no momento oportuno. Em contrapartida, a atitude de Tasso da Silveira foi a de radicalizar as críticas que recebeu, apresentando uma nova cronologia para o movimento, que não só antecedia *Klaxon*, como colocava no centro do ímpeto renovador o grupo articulado por Tasso e Murici:

---

[414] O livro foi lançado em fins de 1927, mas os textos reunidos foram publicados anteriormente em *O Jornal*.
[415] SILVEIRA, Tasso da. Renovação. A propósito de um livro de Tristão de Ataíde. *Festa*, Rio de Janeiro, nº2, ano I, nov. 1927, p. 6-8.
[416] ATAÍDE, Tristão. Gente de amanhã. *Festa*, Rio de Janeiro, nº6, ano I, mar. 1928, p. 14.
[417] ANDRADE, Mário. *Festa* nº 1, 2 e 3 – Rio de Janeiro. *Festa*, Rio de Janeiro, nº6, ano I, mar. 1928, p. 12.

> O grupo de *Festa* foi, antes, o grupo de *América Latina*,[418] o grupo de *Árvore Nova*,[419] o grupo de *Terra do Sol*[420] menos característico do que hoje, como não poderia deixar de acontecer. Menos afirmativo de si mesmo. Mas já dentro do rumo largo que se abriu a golpes fundos de tenacidade espiritual.[421]

Figurando um novo tempo modernista, a linhagem apresentada por Tasso da Silveira tomava como ponto de partida a publicação de *América Latina*, em 1919, e teria como expressão máxima do modernismo a revista *Festa*, atravessando toda a década de 1920 com estes ideais do grupo. Uma polêmica que rompe com a construção do movimento que elegia como marco disparador o evento de 1922 arranjado pelo grupo paulista, deslocando o cenário vanguardista para o Rio de Janeiro de 1919. Segundo Angela de Castro Gomes, o grupo de *Festa* manifestou intenso esforço de demarcação de seu espaço intelectual na interlocução Rio-São Paulo sobre a liderança das manifestações artísticas e culturais modernizantes no país:

> Se até meados da década eram os paulistas, sobretudo através do *Correio Paulistano*, que cantavam as virtudes do modernismo e descaracterizavam o Rio como "passadista" política e culturalmente, nas páginas de *Festa*, já na segunda metade da década são os cariocas que assumem um discurso que reivindicava tanto a precedência na introdução das inovações artísticas, quanto seu caráter "verdadeiramente" conforme à nacionalidade brasileira, como alterativa às propostas paulistas.[422]

Uma disputa simbólica sobre a genealogia e o andamento do movimento que repensava os projetos de nacional e regional centralizados entre os polos São Paulo – Rio de Janeiro. Paralelamente a essa disputa pela matriz do movimento, outros projetos modernistas foram atingidos e se posicionaram a favor ou contra os núcleos de *Festa* e Mário de Andrade. No caso desse último, foi *Verde* quem assumiu as provocações e usou suas páginas para combate das críticas.

A primeira fase de *Festa*, de outubro de 1927 a janeiro de 1929, é considerada a mais polêmica, justamente por ter se colocado como a verdadeira vanguarda do movimento. As datas de publicação da revista carioca coincidem em proximidade com os números publicados em

---

[418] *América Latina*: Revista de Arte e Pensamento (Rio de Janeiro), teve 6 números publicados entre agosto de 1919 a fevereiro de 1920.
[419] *Terra do Sol*: Revista de Arte e Pensamento (Rio de Janeiro), teve 12 números publicados entre janeiro a dezembro de 1924.
[420] *Árvore Nova*: Revista do Movimento Cultural do Brasil (Rio de Janeiro), teve 4 números publicados entre agosto de 1922 a janeiro de 1923.
[421] SILVEIRA, Tasso. Cateretê nº5 para sanfona e violão. *Festa*, nº 9, ano I, jun. 1928, p. 5-8.
[422] GOMES, Angela de Castro. *Essa gente do Rio...* Modernismo e Nacionalismo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999. p. 68. Também partilha destas análises sobre a visão do Rio de Janeiro como centro "passadista" pelos modernistas paulistas o texto de VELLOSO, Mônica Pimenta. A "cidade-voyeur": o Rio de Janeiro visto pelos paulistas... *Revista Rio de Janeiro* (Memórias), nº 8, p. 83-100, set./dez. 2002.

*Verde*, por isso, interessa acompanhar o debate realizado entre elas e com outros mineiros alinhados ao modernismo.

No caso de Wellington Brandão e Abgar Renault (que a este tempo morava no Rio de Janeiro), é indiscutível a sua proximidade desde o início de *Festa*. Estes dois não apenas constam como diretores da revista, como também figuram entre os principais colaboradores.[423] Ao lado desses mineiros, Carlos Drummond de Andrade publicou um único poema em *Festa*, que saiu no terceiro número da revista.[424]

As primeiras impressões do grupo *Verde* sobre *Festa* podem ser acompanhadas em carta de Camilo Soares a Mário de Andrade, onde demonstra sua desaprovação com o conteúdo publicado no periódico:

> "Recebi estes dias uma macetíssima revista carioca do tamanho de um bonde de cantareira. *Festa* é uma revista do Tasso. Porcaria. O Muricy chato como um chato sai a toda hora como número obrigatório para encher buraco[...] Você já viu a revista, não viu? É [droga]. Se não viu não perdeu nada. Salvando um conto do Ribeiro Couto, algumas notas do Tasso, o resto é pura [droga]. Um verso do Abgar Renault fedendo a quinhentismo. É por isso tudo que eu fico crente nos [ilegível] que a *Verde* é uma revista de peso e que somos gente de peso para fazer neste sertão incauto uma revista como *Verde*. [...]."[425]

É interessante como, desde a primeira leitura, Camilo viu a distância com o modernismo que pregavam em *Verde*, e esta reflexão lhe deu maior convicção sobre a qualidade da revista que produziam. Nessa mesma carta, contou que Murilo Araújo pediu colaboração para *Festa* e que, por amizade, não recusou o convite: "[...] Mandei dois troços meus e mais colaborações do Henrique de Resende, do Fusco e do Ascânio Lopes. Espero que isto saia no número de dezembro.".[426] Contudo, neste número previsto só foi publicado o poema de Drummond. As colaborações dos rapazes de *Verde* não chegaram a ser incluídas nesta primeira fase de *Festa*.

A primeira menção à revista carioca em *Verde* ocorreu em seu terceiro número, com comentários de Ascânio Lopes sobre o segundo número da respectiva publicação: "Tasso da Silveira concorre com boas coisas para o nº2 dessa revista. Abre até um concurso afim de escolher o melhor símbolo para o movimento nacionalista. Combate o carrapato e a anta.[427] Estou apostando como Fusco vai ganhar o páreo com a araponga.[428]". Uma brincadeira que

---

[423] Uma tabela com os principais articulistas de *Festa* em suas duas fases foi elaborada por GOMES, Angela. *Op. cit.*, 1999. p. 64.
[424] ANDRADE, Carlos Drummond de. Sweet Home. *Festa*, nº 3, ano I, dez. 1927, p. 11.
[425] Camilo Soares a Mário de Andrade, 29/10/1927. *In*: MENEZES, A. L. G. R. L. *Op. cit.*, 2013. p. 45-46.
[426] *Ibid*, p. 45.
[427] A respeito do artigo "A Anta e o Carrapato" de Tasso da Silveira, publicado em *Festa* nº 2.
[428] Provavelmente a figura foi tirada do poema "Inscrição", de Rosário Fusco: "Poeta moreno! Poeta tropical! Que apareces como um grito estridente de araponga metálica na tarde da América! [...]". O manuscrito do poema, enviado a Mário de Andrade, pode ser consultado em: MENEZES, A. L. G. R. L. *Op. cit.*, 2013. p. 111.

entreviu as concorrências dos dois grupos. Esse tom de comparação se manteve ao comentar sobre as colaborações do número, em especial sobre o poema "E a vida sorriu" de Abgar Renault: "um poema velho, distanciado do delicioso "Felicidade" (v. *Verde*, nº. 2)." Neste paralelo proposto por Ascânio, ainda que as criações derivassem do mesmo poeta, a seleção feita por *Verde* era vista como mais interessante do que a de *Festa*. Ao finalizar seu comentário, Ascânio deixou uma alfinetada ao diretor da revista: "O melhor da revista é o título que ocupa uma página inteirinha, livrando-nos de muita prosa macete do sr. Andrade Muricy."[429]

Na edição seguinte, foi Fusco o responsável por comentar o terceiro número de *Festa*, dedicado ao romancista José de Alencar, fato que não passou livre de troça ao apontar que esse é o fato importante e, ao mesmo tempo, desimportante da revista. Fusco deu destaque ao poema do conterrâneo Drummond, avaliando como a melhor entre as colaborações do número. Em comparação à nota anterior, de Ascânio, esta levantou alguns aspectos positivos da publicação, sem deixar de lado um parecer mais crítico: "*Festa* veio bem melhorzinha desta vez. Noto porém nos escrevinhadores da revista aquela preocupação velhíssima de mostrar que já leram muitos senhores de nomes encrencados. A eterna mania de arrotar cultura, com citações paulificantes de sujeitos mais paulificantes ainda."[430]

Se até o momento as relações entre as revistas eram de relativa cordialidade, já que Murilo Araújo havia convidado os rapazes de Cataguases para colaborar em *Festa*, esta situação foi alterada com a provocação direta ao grupo de *Verde*, visível no artigo "A enxurrada" de Tasso da Silveira.[431] Ao fazer um levantamento sobre a "alegria criadora" que dominou o cenário literário do momento, critica a "enxurrada de bestices" que veio atrás, com "4.529 meninos a dizerem bobices" pelo país. Ainda que não sejam citados nomes, não há dúvidas sobre a identidade dos "meninos" a quem Tasso dirige algumas orientações de poesia modernista, ainda mais pela "Antologia" que reúne versos dos integrantes de *Verde*.

Nesse mesmo artigo, ao elencar os nomes que comporiam a "verdadeira onda renovadora", Tasso listou diversos escritores que faziam parte do círculo de contribuintes de *Festa*, como aqueles que faziam parte do grupo verde-amarelo, mas também inclui Manuel Bandeira, Emílio Moura, Mário e Oswald de Andrade neste elenco. Explica que não pretendeu fazer divisões de grupos, nem uma lista de gênios, no entanto, disse que em um "exame de grande arte", alguns seriam avaliados com 10 e outros com "9, 8, 7/12...", reticências que abriram margem para questionamentos sobre a avaliação de alguns dos nomes citados. Se estes

[429] A. L. *Festa* (Rio – nº 2). *Verde*, nº 3, ano I, nov. 1927, p. 26.
[430] F. *Festa* (Rio – Novembro 927). *Verde*, nº 4, ano I, dez. 1927, p. 25.
[431] SILVEIRA, Tasso. A Enxurrada. *Festa*, nº 4, ano I, jan. 1928, p. 4-7.

eram os que integravam o repertório da verdadeira renovação, do outro lado estavam aqueles da "enxurrada":

> E, contudo, – meninos! – vocês, com o incontido desejo de arte que é, no fundo, comovente sentimento que os agita, poderiam prestar a este nosso caro Brasil um relevantíssimo serviço. Vocês poderiam constituir um público! Um vasto público! – esclarecido e freguez dos bons livros. Contanto que aprendessem alguma coisa. Que meditassem um pouco. E se habituassem a distinguir melhor os valores, de maneira a não caírem na esparrela das blagues ignóbeis. E quem sabe, até quantos de vocês, com uma rigorosa eugenia espiritual, não viriam engrossar pelo menos a reserva daquele magro pelotão de heróis da primeira linha?
> Mas vocês de nada disto querem saber. Querem escrever, "apenasmente". Botar o nomezinho por baixo... Por baixo de que? De qualquer bestidadezinha que saia impressa nas páginas das revistas que vocês mesmo fundaram para tal fim.
> Sou, todavia, um otimista impenitente. E desde que estou com a mão na massa, por que não hei de fazer uma tentativa de incutir nessas cabecinhas algumas noções essencialíssimas acerca do maravilhoso momento de gênese a que vocês assistem, sem atingir-lhe a significação profunda?[432]

Diante da posição de "otimista impenitente", Tasso passa algumas lições que os meninos deveriam aprender. Para tanto, separou quatro palavras e fez uma espécie de "vocábulo" literário: Velocidade, Totalidade, Brasilidade e Universalidade. Um tom bastante professoral que menosprezava a produção ativa do grupo em *Verde*.

Tal atitude incomodou o grupo de Cataguases, como se pode notar em carta de Rosário Fusco a Mário: "Leu Festa número quatro? O Tasso da Silveira passou uma baita esculhambação na turma verde. Estou puto da vida com ele. Mas ele me paga. Você vai ver só."[433] A opinião de Mário sobre o assunto foi dada a Henrique de Resende em carta onde o paulista criticava a "fraqueza" da prosa publicada em *Verde* nº4: "[...] Vocês tem que estudar muito e refletir mais. A coisa vai indo afobada por demais e no fundo o Tasso da Silveira tem razão. Embora o artigo dele seja de tipo ciumento e despeitado, sem grandeza de alma nenhuma, carece refletir sobre o que ele falou. É com franqueza a minha opinião."[434] Mesmo que as críticas do artigo de Tasso fossem indiretamente dirigidas a sua orientação ao grupo, o assunto fez com que Mário ponderasse sobre os comentários expostos de *Festa*, afirmando aos rapazes que usassem o artigo para reflexão.

---

[432] SILVEIRA, Tasso. *Op. cit.*, 1928, p. 5.
[433] Rosário Fusco a Mário de Andrade, 08/01/1928. *In*: MENEZES, A. L. G. R. L. *Op. cit.*, 2013. p. 106.
[434] Mário de Andrade a Henrique de Resende, 01/1928. *In*: MENEZES, A. L. G. R. L. *Op. cit.*, 2013. p. 109.

A resposta, direta e provocativa, saiu alguns meses depois, no quinto número de *Verde*,[435] com o artigo "Mestre Tasso, otimista impenitente" assinado por Francisco Inácio Peixoto.[436] Esclareceu logo de início que não responde em nome dos "4528 colegas que foram alvos de suas inomináveis sandices", ou seja, a réplica não era do grupo verde em si, mas pessoalizado, o que não deixava de abarcar a opinião dos demais amigos. O ponto de partida de sua argumentação foi a exposição da polêmica dos grupos, que, para Peixoto, foi o motivador do texto de Tasso publicado em *Festa*: "Não se pode negar que, si você escreveu esse artigo foi para colocar em evidência, chamando sobre si a atenção dos outros, e para passar também um baratíssimo elogio na gente e na sua turma, na sua *panelinha literária".*

Diante desta "panelinha", os aliados e combatentes foram apresentados. Peixoto citou a proximidade de Tasso com o grupo envolvido na produção da revista mineira *Elétrica* e, como era de se esperar, questionou a qualidade da publicação e o suposto oportunismo do autor carioca: "Com todo o seu pedantismo bocó, você tem coragem de deixar que o seu ilustre nome figure na lista dos colaboradores de *Elétrica* (órgão de propaganda das lâmpadas Osram-Mazda) revista que tem como diretor o pomposo poeta Heitor Alves [...]". Exposto o lado contrário, indaga com provocação sobre as atitudes de Tasso sobre a figura de Mário de Andrade: "[...] é por medo ou por que é que você se mantém numa situação tão duvidosa em face de Mário?". Se o artigo de Tasso da Silveira em *Festa* apelava para a imaturidade intelectual dos verdes, Peixoto, por sua vez, utilizou-se da revista porta-voz do grupo para contra-atacar as acusações de rivalidade ciumenta por parte do autor carioca.

A seu modo e utilizando do mesmo artifício de que foram alvo, Peixoto reuniu uma antologia de versos e prosa de colaboradores de *Festa*, mas desta vez identificando a autoria em notas zombeteiras que repetem os elogios dados por Tasso a estes literatos em seu artigo. Por fim, o verde encerrou sua resposta em tom bastante afrontoso: "Terminarei agora, meu insigne crítico jovem. De você nada mais direi. Basta que eu fale somente isto: você é o T da FESTA. Procure no dicionário e veja quantas palavras bonitinhas começam por essa letra. Por exemplo: tolo, trouxe, tabaréu, e etecetera.". Apesar da provocação aberta e pessoal, o texto não teve grande repercussão, muito provavelmente pela distância temporal que separou a publicação do primeiro e sua resposta, arrefecendo os ânimos.

---

[435] Este quinto número da revista, com datação inscrita de janeiro de 1928, só chegou a circular meses depois, provavelmente em julho. Em carta a Mário de Andrade, Peixoto explicou sobre a demora: "Eu não fiquei pensamentando muito não conforme você disse pra dar uma resposta pro Tasso. Escrevi o artigo logo logo, mas a *Verde* não houve meio de sair e eu não tinha adonde publicar o dito. O remédio que tem é ele sair agora mesmo.". *In*: MENEZES, A. L. G. R. L. *Op. cit.,* 2013. p. 161.

[436] PEIXOTO, Francisco Inácio. Mestre Tasso, otimista impenitente. *Verde,* nº 5, ano I, jan./1928. p. 18.

Neste mesmo quinto número de *Verde*, outro artigo publicado questionava indiretamente o grupo chefiado por Tasso da Silveira. Assinado pelo crítico carioca Peregrino Júnior, o texto "El vanguardismo en el Brasil",[437] escrito em espanhol para a revista argentina *Martin Fierro*, foi encaminhado por Ildefonso Falcão aos verdes, com a recomendação de que o transcrevesse na revista caso lhes fosse interessante.[438] O artigo era particularmente vantajoso para endossar a oposição ao grupo de *Festa*, já que questionava a distinção sugerida por Tasso, que posicionava *Festa* como a terceira corrente do modernismo brasileiro.

Por dirigir-se ao público estrangeiro, o texto de Peregrino retomava aspectos gerais do movimento como os eventos da Semana de 1922, seus personagens, o rompimento de Graça Aranha com a Academia Brasileira de Letras, a "multiplicação" dos grupos pelo país, entre outros pontos do modernismo brasileiro. Mas a questão que despertou o interesse do grupo foi a discussão a respeito da crítica literária sobre o movimento elaborada por Tristão de Ataíde em seu *Estudos* e a atitude reivindicatória de Tasso sobre a terceira corrente. De seu ponto de vista, Peregrino afirma que a quem concordar com a designação proposta por Tasso, deveria portanto acrescentar um novo viés, composto pelo grupo de *Verde* como a quarta corrente do movimento, com a justificativa de que: "El personal de la *Verde* está dotado de más alegría, de más vivacidade, de más entusiasmo que el grupo de la *Fiesta*.". Outro aspecto levantado pelo crítico, é que o grupo de Cataguases se encontrava "menos atados a los prejuicios partidários" e, mesmo que vinculados ao grupo paulista de Mário de Andrade, os verdes proclamavam sua independência intelectual no manifesto.

Este quinto número de *Verde*, ao veicular a impressão de Peregrino Júnior junto ao artigo resposta de Francisco Inácio Peixoto, não representou um mero ataque ao grupo de Tasso da Silveira, mas buscou demonstrar que suas opiniões estavam erradas ao julgar a imaturidade do grupo, que, avaliado por outras pessoas, foi considerada uma expressão mais entusiasta do que o modernismo praticado por *Festa*. Seria uma estratégica virada de jogo favorável aos verdes, mas a distância de meses sobre o artigo de Tasso em *Festa* fez com que o debate perdesse o seu impacto no círculo literário. Outro fato é que o quinto número de *Verde* encerrou sua primeira fase, voltando à cena apenas no ano seguinte, quando as questões já eram outras.

Anos depois, na já citada entrevista, Andrade Murici tentou relativizar as polêmicas em que o grupo de *Festa* se envolveu, negando qualquer hostilidade pessoal dos integrantes da revista com outros núcleos literários, ao que afirma ter mantido relações de troca com as revistas

[437] PEREGRINO JUNIOR. El vanguardismo en el Brasil. *Verde*, nº 5, ano I, jan./1928. p. 15.
[438] Cf. MENEZES, A. L. G. R. L. *Op. cit.*, 2013. p. 71.

paulistas *Terra Roxa* e *Antropofagia*, ou ainda com *Verde*. Sobre esta última, Murici procurou esclarecer os bastidores do artigo em que Tasso provocou o grupo de Cataguases:

> [...] perante cujo imoderado uso Tasso da Silveira teve um momento e um gesto de impaciência no artigo "A enxurrada", que lhe valeu implacáveis odiosidades, mantidas até hoje vivazes por certos críticos, porém que os moços por ele principalmente visados, os admiráveis "meninos" do *Verde* fácil e cordialmente esqueceram (e que gente boa: Guilherme [Guilhermino] César, Ernani [Henrique] de Resende!).[439]

É evidente que, ao tentar minimizar os aspectos polêmicos apontados pela crítica dos anos que seguiram ao movimento, Andrade Murici recorreu a contar sobre a relação amistosa que mantiveram com o grupo *Verde*, dos quais citou com afeição alguns integrantes (embora tenha confundido os nomes), criando assim uma narrativa que tentava defender a memória do grupo *Festa*. Por outro lado, é preciso reconhecer que as cisões não eram assim tão rígidas, e na segunda fase da revista *Festa* foi registrada a presença de alguns nomes destes seus "oponentes". Foram publicados poemas de Mário de Andrade,[440] Rosário Fusco,[441] Camilo Soares[442] e ainda uma crítica elogiosa à recente publicação do livro "Brejo das almas" (1934) de Carlos Drummond de Andrade.[443]

Em síntese, mesmo que as posições dos envolvidos tenha se alterado nas décadas seguintes, *Verde* foi alvo de diversos ataques dirigidos por *Festa*. Esta disputa, contudo, ganha dimensão mais ampla quando se tem em vista que estava em questão a liderança do movimento e a luta em relação à gênese da renovação, que contrapunha paulistas e cariocas, posições protagonizadas por Mário de Andrade e Tasso da Silveira.[444] Estava em questão a linhagem que *Verde* se vinculava, naquele momento, enquanto núcleo aglutinador do modernismo em sua versão paulista e acabava por atuar enquanto porta-voz dos que estavam reunidos em torno de Mário de Andrade. Por isso, muito mais do que em *A Revista*, o grupo verde foi atacado, uma vez que teve que enfrentar um inimigo declarado e que desfiava uma dada leitura do moderno que, consciente ou inconscientemente, eles subscreviam.

Das outras publicações coevas à *Verde*, o modernismo mineiro registrou outra iniciativa na cidade de Itanhandu, ao sul do estado. A revista *Elétrica* foi fundada por Heitor Alves e Heli

---

[439] CACCESE, Neusa Pinsard. *Op. cit.*, 1971. p. 233.
[440] Na segunda fase de *Festa*, foram registradas três colaborações de Mário de Andrade: os poemas "Toada", no nº1 e "Mãe", no nº 8; e o artigo "Rimbaud", no nº 7.
*Festa*, 2ª fase, nº 1, ano I, jul./1934, p. 3. e Mãe. *Festa*, 2ª fase, nº 8, ano I, mai./1935, p. 11.
[441] FUSCO, Rosário. Poema. *Festa*, (2ª fase), nº 7, ano I, mar./1935, p. 5-6.
[442] SOARES, Camilo. Instante. *Festa* (2ª fase), nº 8, ano I, mai./1935, p. 12.
[443] *Brejo das almas*, Carlos Drummond de Andrade. *Festa* (2ª fase), nº 3, ano I, set./1934, p. 16.
[444] LUCA, Tania de. *Op. cit.*, 2011. p. 83.

Menegale em maio de 1927, quatro meses antes da estreia do grupo de Cataguases, com a presença dos poemas "Ventania", de Pedro Nava, e "Infância", de Carlos Drummond de Andrade.[445] Os verdes não foram publicados na revista, embora Guilhermino tenha pretendido integrar entre os colaboradores, conforme demonstra em carta a Peixoto: "Olha, me manda alguns poemas seus. Hei-de arranjar alguma coisa para nós. O Ascânio me apresentou a um rapaz representante da *Elétrica* (revista moderna do Sul de Minas) e eu vou mandar um poema.".[446]

Em 1928 teve início uma segunda fase de *Elétrica*, que se estendeu até o ano seguinte, com 10 edições publicadas. Neste período a revista se aproximou do grupo de *Festa*, dando coro às críticas de Tasso aos verdes, tanto que neste número de estreia da nova fase (relativo aos meses de janeiro e fevereiro) foram transcritos trechos do artigo "A enxurrada". Em *Festa*, além de registrar colaborações de Heitor Alves, o modernismo de *Elétrica* foi recebido com boas notas e comentários sobre sua produção, anunciada como "o puro milagre de Itanhadu".[447] Em março de 1935, por ocasião da morte de Heitor Alves, *Festa* comentou sobre a figura do poeta e sua atuação no modernismo mineiro com *Elétrica*, cabendo a comparação com *Verde*:

> *Verde* e *Elétrica* foram dois lindos fenômenos jovens na arisca Minas Gerais. O *Verde*, de adolescentes, arranhava um pouco, tinha atitudes adolescentes e era fartamente apadrinhado pela "antropofagia" paulista. *Elétrica*, feita em Itanhandu, Minas, por um moço dorido de experiências, era mais puramente ingênua, de menos reserva mental, duma abundância gesticuladora teatral.[448]

A predileção ao periódico de Heitor Alves se manteve mesmo passados alguns anos, assim como a crítica sobre as "atitudes adolescentes" dos verdes, sempre relacionados ao grupo paulista. Ao seu tempo, *Verde* também manifestou impressões sobre *Elétrica*, embora com opiniões distintas publicadas no mesmo número. Em crítica ao livro *Passa Quatro* (1928), de Ricardo Martins, Rosário Fusco elogia o autor e o grupo a que fazia parte:

> Aliás, toda a rapaziada nova de Itanhandu, tendo a frente o entusiasmo contagioso de Heitor Alves, já não era pra nós somente uma promessa não – depois do vitorioso aparecimento de *Elétrica* – porém sim uma realidade moça na qual a gente poderia botar – sem susto nenhum – a maior das confianças.[449]

---

[445] O periódico não pode ser consultado, mas reproduções destes poemas podem ser acessadas na matéria: "O Nava e o Andrade, modernistas do Caminho Novo" do site *Vila de Utopia*. Disponível em: http://www.viladeutopia.com.br/o-nava-e-o-andrade-modernistas-do-caminho-novo/ Acesso em: 26 dez. 2020.
[446] Guilhermino César a Francisco Inácio Peixoto, 10/11/27. *In*: MENEZES, A. L. G. R. L. *Op. cit.*, 2013. p. 219.
[447] Ver noticiários de *Festa*: Revistas e Jornais. *Festa*, nº 7, ano I, 15 abr. 1928, p. 20./ Notas do Instante. *Festa*, nº 11, ano I, 15 ago. 1928, p. 24.
[448] Heitor Alves. *Festa* (2ª fase), nº 7, ano I, mar. 1935, p. 07.
[449] R.F. *Passa Quatro*, Ricardo Martins. *Verde* (suplemento), nº 5, ano I, jan./1928. p. 06.

Já Peixoto, que havia criticado a presença de Tasso da Silveira em *Elétrica* no seu artigo resposta, apresentou em outra nota um parecer mais negativo sobre a estreia da segunda fase da revista de Itanhandu, que, de sua perspectiva, era "cheia de infantilidades", com muitos reclames e de péssima feitura do serviço tipográfico.[450] Seguramente, o principal aspecto para desagrado do grupo *Verde* era a proximidade mantida com *Festa*, em especial com a figura de Tasso, na atitude de *Elétrica* em republicar os trechos críticos do artigo "A Enxurrada", reforçando o questionamento sobre a imaturidade intelectual dos verdes.

Outra publicação congênere a circular no período de *Verde* foi *Arco & Flexa*: Mensário de Cultura Moderna, primeira representante do modernismo na região baiana, tendo como idealizador Carlos Chiacchio e Pinto Aguiar na direção.[451] Fundada em novembro de 1928, a revista teve outros dois números duplos (2/3, 4/5) publicados em 1929. Em seu manifesto, assinado por Chiacchio,[452] o grupo propunha como ideário estético o que chamavam de "tradicionismo dinâmico", corrente que conciliaria as relações entre renovação, tradição e cultura brasileira. Uma variante de modernismo moderado que se colocava em oposição ao primitivismo e a antropofagia paulista.[453] A postura contrária ao modernismo paulista, notadamente a Mário de Andrade, foi manifestada anteriormente por Chiacchio no jornal *A Tarde* em que assinava a seção "Homens & Obras" como crítico literário.[454] Em conversa com Fusco sobre um artigo de Chiacchio publicado no jornal *O Globo* sobre *Clã do Jaboti*, Mário expressou aversão sobre as opiniões do crítico a ele dirigidas:

> [...] Outro dia você me falou que quase que gostou dum artigo do Chiacchio sobre o *Clã do Jaboti*. Não houve engano de você? Não é sobre *Escrava* o artigo? Se é sobre o *Clã* me mande pra eu ler porque não conheço ele. Quem sabe se nesse artigo eu levantarei um bocado a opinião que tenho sobre esse sujeito. Você me conhece pra saber que não zango com quem me ataca. Não tenho tempo pra isso. Mas esse Chiacchio me repugnou, pela barafunda nojenta de mentiras, de falsificações, que não deixam de ser conscientes que ele fez me atacando. Me parece um indivíduo sem nobreza moral. Os artigos dele me repugnaram simplesmente. [...]"[455]

---

[450] PEIXOTO. *Elétrica* – 2ª fase – Revista do sul de Minas. *Verde*, nº 5, ano I, jan./1928. p. 26.

[451] Sobre os periódicos culturais de renovação literária na Bahia ao longo das décadas, consultar: OLIVEIRA, Olivia Fernandes. Notas sobre algumas páginas mais ou menos modernas. O "modernismo" na Bahia através das revistas. *Revista de Urbanismo e Arquitetura (RUA)*, v. 5, n. 1, p. 12-23, 1999.

[452] CHIACCHIO, Carlos. Tradicionismo dinâmico. *Arco & Flexa*, nº 1, ano I, nov. 1928, p. 3-8.

[453] Questões apresentadas na conclusão da monografia de Ivia Alves, pesquisadora responsável pelo estudo de *Arco & Flexa* no projeto do IEB/USP, publicada em livro. Cf. ALVES, IVIA. *Arco & Flexa*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978. p. 75.

[454] Uma relação dos artigos de Chiacchio nesta seção a respeito das obras de Mário de Andrade pode ser consultada em Alves, Ivia. *Op. cit.*, 1978, p. 63.

[455] Mário de Andrade a Rosário Fusco, 21/09/1928. MENEZES, A. L. G. R. L. *Op. cit.*, 2013. p. 199-200.

Como a oposição era marcada com as figuras paulistas, a proximidade entre o grupo articulado em *Arco & Flexa* foi mantida com *Festa*, revista chamada por Ramayana de Chevalier de "nossa irmãzinha de luta e de ideia",[456] opinião reforçada por Cavalcanti Freitas que pediu a "benção" de Tasso da Silveira.[457] No último número da primeira fase de *Festa*, o grupo baiano esteve bastante presente, confirmando a relação amistosa entre as duas revistas. Neste número, foram publicados "Moema", de Eugenio Gomes[458] com breve apresentação do poeta, a transcrição do manifesto de Chiacchio[459] sobre a vertente do tradicionismo dinâmico e, por fim, *Festa* noticiou a estreia de *Arco & Flexa* com grande prestígio ao afirmar que a revista "veio para lutar ao nosso lado, pelo mesmo comovido pensamento construtor que nos orientou e amparou desde o primeiro instante de ânsia renovadora."[460]

Apesar de *Arco & Flexa* adotar este posicionamento dentro do cenário modernista, ou seja, contrário a Mário de Andrade e favorável ao grupo de Tasso da Silveira, sua relação com *Verde* se manifestou com algumas trocas intelectuais. No único volume da segunda fase de *Verde*, Carlos Chiacchio publicou o artigo "O mal do parnasianismo: três poetas", em que traçou uma análise evolutiva da poesia brasileira ao tomar como exemplo a lírica de Roberto Gil, Ernesto de Albuquerque e Rosário Fusco.[461] Além desta colaboração, foi publicada uma breve nota na seção "Movimento" em que comentam a publicação do número duplo (2/3) de *Arco & Flexa*, com destaque às contribuições dos próprios integrantes do grupo baiano, mas sem grande entusiasmo.[462]

Já nas páginas da revista baiana, embora não tenha figurado nenhuma colaboração assinada pelo grupo de *Verde*, estes foram citados em diversas notas da seção "Noticiário" de *Arco & Flexa.* A primeira delas descreveu a realização de um evento organizado por Henrique de Resende e Delfino Júnior no Clube Comercial de Cataguases, e, com grande satisfação pela iniciativa, os saudaram com "um abração nos irmãos de lá".[463] Outra, ao retomar o movimento modernista em seus diversos grupos formados pelo país, inclui os rapazes de *Verde* como "a inteligência valorosa do Brasil".[464] Também anunciaram a publicação da segunda fase de *Verde*, que inclui colaboração de Chiacchio e, sem poupar elogios, afirmava que este era "um dos mais

[456] CHEVALIER, Ramayana de. Quando se quer lutar. *Arco & Flexa*, nº 1, ano I, nov. 1928, p. 22-23.
[457] FREITAS, Cavalcanti de. De como me integralizei no ritmo novo. *Arco & Flexa*, nº 1, ano I, nov. 1928, p. 30-31.
[458] GOMES, Eugenio. Moema. *Festa*, nº 13, ano II, jan. 1929, p. 03.
[459] CHIACCHIO, Carlos. Tradicionismo dinâmico. *Festa*, nº 13, ano II, jan. 1929, p. 09-11.
[460] *Arco & Flexa*. *Festa*, nº 13, ano II, jan. 1929, p. 16.
[461] CHIACCHIO, Carlos. O mal do parnasianismo: três poetas. *Verde* (2ª fase), nº1, ano I, mai. 1929, p. 16-17.
[462] Movimento. *Verde* (2ª fase), nº1, ano I, mai. 1929, p. 23.
[463] Festa Verde. *Arco & Flexa*, nº 2/3, ano I, dez. 1928/ jan. 1929, p. 61.
[464] Os Novos da Bahia. *Arco & Flexa*, nº 4/5, ano I, s/d, p. 69.

belos periódicos da América".[465] Nesta mesma seção, sem assinatura, foi publicada uma crítica ao livro *Fruta do Conde*, de Rosário Fusco, exaltando a sensibilidade artística do poeta, considerado o "menino de ouro da poesia de Cataguases".[466] Diante destas palavras, é possível avaliar a cordialidade dirigida aos verdes em *Arco & Flexa*, que, por sua vez, não encontrou a mesma receptividade nas páginas de *Verde*.

### 4.4 "Literatura será questão de amizade?"

Em outro canto do país, São Paulo voltava a cena modernista como sede de novo periódico vanguardista, desta vez com a *Revista de Antropofagia*, projeto idealizado por Oswald de Andrade, mas que teve como seu diretor Antônio de Alcântara Machado, com a gerência de Raul Bopp. Dividida em duas fases, a revista apresentou características distintas entre elas, que merecem uma avaliação em partes. Em formato de revista e com periodicidade mensal, a publicação alcançou dez edições entre maio de 1928 a fevereiro de 1929.

Logo na estreia da revista, a colaboração de Oswald de Andrade com o "Manifesto Antropófago"[467] serviu como norteador dos ideais da publicação, com propostas que reforçavam o aspecto do nacionalismo no movimento, mas com características bastante peculiares ao tomar como símbolo os rituais antropofágicos. Ao lado de Alcântara e Oswald, Mário de Andrade figurou como um dos principais adesistas da antropofagia nesta primeira fase da revista, assinando colaboração em diversos números. Os mineiros também tiveram intensa participação na *Revista de Antropofagia*, muito motivada pela presença e liderança de Alcântara e Mário.[468]

De Belo Horizonte, assinaram colaborações Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Pedro Nava, Abgar Renault, Wellington Brandão (sob pseudônimo de Fidelis Florêncio), Aquiles Vivacqua e João Dornas Filhos, estes dois últimos que adiante fundariam sua própria revista modernista. De Cataguases, compareceram os verdes Rosário Fusco, Henrique de Resende, Guilhermino César, Ascânio Lopes e Camilo Soares. Dentre estas colaborações, a título de exemplo, cabe destacar o desenho de Rosário Fusco para o texto

[465] *Verde*. *Arco & Flexa*, nº 4/5, ano I, s/d, p. 77.
[466] *Fruta do Conde*. *Arco & Flexa*, nº 4/5, ano I, s/d, p. 76.
[467] ANDRADE, Oswald. Manifesto Antropófago. *Revista de Antropofagia*, nº 1, ano I, mai. 1928, p. 03; 07.
[468] Em carta a Mário, Henrique de Resende comenta o convite de Alcântara para que o grupo colaborasse na *Revista de Antropofagia*. Cf. Henrique de Resende a Mário de Andrade, 04/1928. *In*: MENEZES, A. L. G. R. L. *Op. cit.*, 2013. p. 158.

"Convite aos antropófagos" de Manuel Bandeira,[469] e o emblemático poema "No meio do caminho" de Drummond,[470] que tanto agradou Mário de Andrade quando o recebeu do poeta mineiro em 1925[471] e permaneceu inédito até o momento da *Antropofagia*.

Os verdes também estiveram presentes na revista em referências nos textos de Alcântara Machado publicados na *Antropofagia*. Logo no primeiro número, Alcântara teceu considerações críticas a respeito do livro *Poemas cronológicos*, de Henrique de Resende, Rosário Fusco e Ascânio Lopes, texto que foi reproduzido em *Verde*.[472] Também no último número desta primeira fase, em fevereiro de 1929, foram publicados outros artigos do escritor paulista sobre o grupo verde. Na primeira página, Alcântara comunicou com pesar o falecimento de Ascânio Lopes ocorrido no dia 10 do mês anterior, oportunidade em que prestou homenagem ao "menino-poeta que tinha futuro garantido".[473] Na seção de crítica literária, resenhou os livros de poemas *Meia-Pataca*, de Guilhermino César e Francisco Inácio Peixoto, e *Fruta do Conde*, de Rosário Fusco.[474]

Tal qual visualizado em *Verde*, esta primeira fase da *Revista de Antropofagia* congregou colaborações de diversos estados brasileiros, assim como a presença de artistas latino-americanos que figuraram na congênere mineira, como Nicolás Fusco Sansone e Maria Clemencia. Até este momento, as relações entre mineiros na *Revista de Antropofagia* foram próximas, registrando diversas colaborações dos grupos de Belo Horizonte e Cataguases. Ao entrar na segunda fase da revista paulista, a situação foi desestabilizada pela radicalização sobre alguns aspectos críticos ao próprio movimento, bem como as provocações e desentendimentos de Mário e Oswald que tiveram como palco a *Revista de Antropofagia*.

A segunda fase da revista foi jocosamente apelidada por seus editores de "dentição", prenunciando as críticas afiadas que iriam deglutir toda recessão manifestada no movimento. Com periodicidade semanal, a revista ganhou novo formato e foi publicada junto ao *Diário de S. Paulo*, característica que lhe permitiu uma circulação sem precedentes entre outras

---

[469] Segundo Menezes, possivelmente este desenho foi repassado por Mário à revista, suposta pela descrição da ilustração enviada ao poeta. Cf. MENEZES, A. L. G. R. L. *Op. cit.*, 2013. p. 110. BANDEIRA, Manuel. Convite aos antropófagos. *Revista de Antropofagia*, nº 3, ano I, jul. 1928, p. 03.

[470] ANDRADE, Carlos Drummond. No meio do caminho. *Revista de Antropofagia*, nº 3, ano I, jul. 1928, p. 01.

[471] "No meio do caminho" integrava uma série de poemas encaminhados por Drummond a Mário de Andrade para que os avaliasse, dentre estes, o poeta paulista selecionou alguns que apareceram em *Estética*. Contudo, o célebre poema que marcou a carreira de Drummond não foi publicado de imediato por orientação de Mário: "[...] Não mando [para *Estética*] "No meio do caminho" porque tenho medo de que ninguém goste dele. E porque tenho orgulhinho de descobrir nele coisas e coisas que talvez nem você tenha imaginado pôr nele.". Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, 18/02/1925. *In*: FROTA, Lélia Coelho. (Org.). *Op. cit.*, 2002. p. 102.

[472] MACHADO, Antônio de Alcântara. Seis poetas. *Revista de Antropofagia*, nº 1, ano I, mai. 1928, p. 04. Em *Verde*, o texto foi transcrito no artigo "O grupo de *Verde* e os outros", no suplemento do nº 5, p. 12.

[473] MACHADO, Antônio de Alcântara. Ascânio Lopes. *Revista de Antropofagia*, nº 10, ano I, fev. 1929, p. 01.

[474] MACHADO, Antônio de Alcântara. 4 poetas. *Revista de Antropofagia*, nº 10, ano I, fev. 1929, p. 04.

publicações vanguardistas. A alteração foi noticiada em *Verde* com alguns meses de atraso, quando esta também se encontrava em sua segunda fase: "A *Revista de Antropofagia* aparece agora às quartas-feiras como suplemento literário do *Diário de S. Paulo*".[475] Com estreia em 17 de março de 1929, a revista somou 16 novas edições até seu encerramento, em 1º de agosto deste mesmo ano.

Como bem apontado por Eucanaã Ferraz, Oswald de Andrade nesta segunda dentição ganhou uma força que não teve na fase anterior, e manifestou nela seus traços fortes de personalidade como "polemista, demolidor, irônico, intuitivo, ousado, mas também volúvel e intrigante".[476] Também por estas particularidades é que Mário e Alcântara Machado se afastaram do projeto antropófago. De maneira semelhante, os mineiros, que estavam tão presentes na primeira fase da *Antropofagia*, se ausentam quase que por completo deste novo encaminhamento da revista.

Ao empregar suas críticas ao que acreditava ser um recuo da revolução modernista, Oswald dirigiu suas provocações ao grupo verde-amarelo, Cassiano Ricardo e Tasso da Silveira, a Graça Aranha e todo passadismo entre modernistas que travava o avanço do movimento segundo os ideais antropófagos. As ofensivas foram também apontadas a Mário de Andrade, abusando das ridicularizações de sua personalidade. Em "Os três sargentos",[477] utilizando o pseudônimo de Cabo Machado,[478] Oswald questionou a falta de originalidade de Mário, Alcântara e Yan de Almeida Prado em suas últimas produções literárias. Para zombar de Mário de Andrade, se referia a ele como "o nosso Miss São Paulo traduzido em masculino" e outras formas efeminadas.[479] As críticas, carregadas do teor zombeteiro, foram estendidas aos mineiros:

> As cartinhas de amor para Cataguases já vão arrepiadas como freiras durante a invasão militar. Aliás, os meninos de Minas precisam se decidir. Literatura será questão de amizade? Não haverá entre eles um Tiradentinhos ao menos que tenha a coragem de conspirar contra esse reinado de Dona Maria, em que se estava transformando a ofensiva modernista?[480]

---

[475] Movimento. *Verde* (2ª fase), nº 1, ano I, mai. 1929, p. 23.
[476] FERRAZ, Eucanaã. Notícia (quase) filológica. Introdução a edição fac-similar da *Revista de Antropofagia*. *In*: PUNTONI, Pedro; TITAN JR. Samuel (Org.). *Revistas do Modernismo 1922-1929.* São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin, 2014. p. 18.
[477] MACHADO, Cabo. Os três sargentos. *Revista de Antropofagia* (2ª dentição), nº 5, ano I, 14/04/1929.
[478] Alude ao poema "Cabo Machado" de Mário de Andrade publicado em *Clã do Jaboti* que supostamente sugeria uma declaração de homossexualidade. A questão foi retomada no número seguinte da revista, na seção "Moquem" assinada por Tamandaré (pseudônimo de Oswald) em que se dirige a Mário "[...] Queremos amor. Aquele amor gostosíssimo que você botou nas estrofes de CABO MACHADO.".
[479] O contexto de críticas a personalidade de Mário foi analisado em: VERGARA, Jorge. Homofobia e efeminação na literatura brasileira: o caso Mário de Andrade. *Revista Vórtex*, Curitiba, v. 3, n. 02, 2015, p. 98-126.
[480] MACHADO, Cabo. Os três sargentos. *Revista de Antropofagia* (2ª dentição), nº 5, ano I, 14/04/1929.

Sob a indagação "Literatura será questão de amizade?", a cobrança se deu para um posicionamento dos mineiros, entre verdes e Drummond, sobre a adesão ou ao movimento antropofágico ou ao lado dos "três sargentos". Em "Clube de antropofagia de Minas Gerais", a revista anunciou o lançamento, em maio, de uma nova publicação modernista no estado, a *leite criôlo* de João Dornas Filho, Aquilles Vivacqua e o ex-verde Guilhermino César. Na revista paulista, o projeto foi comemorado como um veio da corrente antropófaga, em oposição à dependência dos demais mineiros a Mário: "Pura antropofagia! Isso é a prova de que Minas não é só Cataguases. E em Belo Horizonte, ninguém olha com simpatia para estes transbordamentos líricos de Mário de Andrade pela meninada serelepe."[481] Esta correlação entre "criolismo" e "antropofagia" foi sugerida anteriormente por Vivacqua no sétimo número da revista com o texto "Especial para nós: - da Sucursal da 'Antropofagia' em Minas Gerais", o que reforçava essa suposta adesão do novo grupo mineiro ao projeto da *Antropofagia*.

Estas ofensivas não foram comentadas diretamente nas missivas de Carlos e Mário. Deste último, há apenas uma menção que demonstra o ressentimento de ter perdido a única "cartada" que jogou.[482] O amigo compreendeu o caso e colocou suas impressões, garantindo sua admiração por Mário:

> [...] Continuo tendo uma serena confiança em você e no que você fará ainda, e continuo a achar você o homem essencial no nosso momento intelectual. À proporção que cresce o meu nojo por esses filhos-da-puta que descobriram um rótulo novo para mascarar uma coisa tão antiga como o mundo, que é a falta de caráter, dando-lhe apenas uma nova aplicação: a literária [...] Estou farto de modernismo, de nacionalismo, de antropofagismo, de crioulismo, de burrismo, de tudo que enodoa a nossa época e dá aos espectadores insuspeitos uma triste impressão de canalhice ou de burrice, quando não das duas coisas ao mesmo tempo.[483]

Posteriormente, o rompimento de Drummond com Oswald e a antropofagia se tornou público em carta transcrita no nº 11 da revista com o título: "Cartas na mesa: os Andrades se dividem".[484] Nesta, o principal motivo colocado para não aderência do mineiro ao movimento antropofágico era a contradição de manter como colaborador o poeta Álvaro Moreira e não "jantar" o surrealista francês Benjamin Péret e, diante disso, declarou: "A antropofagia não é um movimento decente. Nem é uma blague. Sinto muito mas não posso aderir." Segundo

---

[481] Expansão Antropofágica – Clube de antropofagia de Minas Gerais". *Revista de Antropofagia* (2ª dentição), nº 10, ano I, 12/06/1929.
[482] Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade. 19/05/1929. *In*: FROTA, Lélia Coelho. (Org.). *Op. cit.*, 2002. p. 350.
[483] Carlos Drummond de Andrade a Mário de Andrade, s/d. *In*: FROTA, Lélia Coelho. (Org.). *Op. cit.*, 2002. p. 351.
[484] Cartas na mesa: os Andrades se dividem. *Revista de Antropofagia* (2ª dentição), nº 11, ano I, 19/06/1929.

Ferraz, a questão posta da presença de Álvaro Moreira não deve ser lida como central para a "desadesão" de Drummond ao movimento:

> O mais certo será reconhecer que as proposições estéticas e ideológicas do movimento chocavam-se contra o temperamento e as convicções de Drummond. Tão decisivo quanto isso, ou talvez de peso maior, era o fato de a publicação ter se tornado, inequivocamente, uma trincheira de ataque a vários escritores modernistas, principalmente Mário de Andrade [...][485]

Sem dúvida, a questão da amizade teve peso significativo para a decisão de Drummond, já que o poeta não se esquivou em responder a indagação de Oswald: "Num dos últimos números da revista v. escreve que 'os meninos de Minas precisam se decidir, literatura será questão de amizade? etc. etc.' Para mim toda a literatura não vale uma boa amizade. Mas aqui não se trata de amizade, é pura literatura." De certo, Drummond esclareceu seus desacordos com a antropofagia ao garantir que não poderia aderir aos pressupostos do projeto, mas estava implícito também sua opção pelo lado do amigo Mário de Andrade nesta trincheira das letras. Por fim, esclareceu que sua postura era individual e não responderia pelos outros colegas mineiros: "Quanto aos outros 'meninos' de Minas, cada um decidirá por si. O João Alphonsus concorda comigo e o João Dornas fundou o criolismo, cujo órgão oficial sairá no dia 13 deste".

Ao lado da carta de Drummond foi publicada uma entrevista com João Dornas Filho sobre o movimento de *leite criôlo* em Minas e, nos comentários da redação que a acompanharam, traçavam novamente uma comparação com os ideais antropófagos: "Concluindo. A finalidade do criolismo é mais ou menos a mesma da antropofagia. É a mesma de todos os movimentos nacionalizadores. Talvez o caminho é que tenha umas pequenas variantes, que absolutamente não nos desviarão do fim desejado [...]".[486] No nº 13, ao traçar a repercussão do movimento antropofágico pelo país por entre seus estados, divide o modernismo mineiro em dois: "[...] Em Minas, o modernismo se cinde. O *Correio de Mineiro* dirigido por Paulo Silveiras, escancarou uma página semanal para a 'Antropofagia'. *leite criôlo*, a parte boa, se confessa simpático ao nosso movimento. (A parte podre diz que toda literatura não vale uma boa amizade)."[487] Neste sentido, ao questionar a vinculação de Drummond e dos verdes a intelectualidade de Mário de Andrade, a *Revista de Antropofagia* adotou *leite criôlo* como a verdadeira representante do modernismo mineiro na descida antropofágica do movimento.

---

[485] FERRAZ, Eucanaã. *Op. cit.*, 2014. p. 20.
[486] A propósito do movimento criôlo: Entrevista com o escritor mineiro João Dornas Filho. *Revista de Antropofagia* (2ª dentição), nº 11, ano I, 19/06/1929.
[487] Desde o Rio Grande ao Pará!. *Revista de Antropofagia* (2ª dentição), nº 13, ano I, 04/07/1929.

Os rapazes de *Verde* não chegaram a se posicionar sobre as provocações a Mário de Andrade, nem sobre os questionamentos a eles dirigidos na *Antropofagia* sobre suas adesões. Ainda por volta do mês de maio, no início das polêmicas, os verdes procuraram se inteirar do ocorrido na revista com Mário de Andrade entre os assuntos abordados nas cartas. Rosário Fusco o questionou: "Repito: o que aconteceu com V. Alcântara, Oswald, *Antropofagia* etc? Por favor, mande contar qualquer coisa, se está zangado conosco, por quê etc. Enfim, escreva!".[488] Guilhermino César, como elo sensível por participar diretamente da *leite criôlo*, procurou esclarecer seu ponto de vista com Mário de Andrade:

> [...] me escreveu o Peixoto e o Fusco teve um jeitinho de perguntar o que eu acho da *Antropofagia* agora. Francamente que não penso nada e só sei dizer que a rapaziada de Minas não está querendo aderir, embora já tenha havido até promessa de escanchar, em público e por carta, se a adesão não brotar de qualquer maneira. A gente acha isso feio à beça e fica de lado espiando.[489]

Nas respostas, Mário não tocou no assunto central, mas a afetividade de sempre demonstrou que não estava particularmente zangado com o grupo. Embora não tenham se posicionado abertamente em favor a Mário, há de se reconhecer que os verdes não colaboraram nesta segunda dentição da *Revista de Antropofagia*.

Na análise do crítico Augusto de Campos, a *Revista de Antropofagia* foi responsável por colocar o dedo na ferida do modernismo ao expor suas controvérsias e por mostrar que o conflito entre Mário e Oswald não pode ser reduzido a questões pessoais, mas sim de distinção de projetos, os quais Oswald e os antropófagos compreenderam como uma descaracterização do projeto modernista revolucionário.[490] A julgar as deserções e exageros do momento, fato é que a *Revista de Antropofagia* foi palco da última grande polêmica do modernismo na década, separando dois grandes aliados desde a primeira hora vanguardista em disputa pela liderança do movimento. Como nas cisões anteriores, explicitou novos lados a serem aderidos e os mineiros mais uma vez se mantiveram próximos a Mário de Andrade, seja por amizade ou por decisões literárias.

A questão que atravessou a publicação de *leite criôlo* foi sua associação com o projeto antropofágico apontado por seus contemporâneos, perpetuada por alguns estudiosos do modernismo.[491] Mas o novo projeto modernista de Belo Horizonte teve características

---

[488] Rosário Fusco a Mário de Andrade, 10/05/1929. *In*: MENEZES, A. L. G. R. L. *Op. cit.*, 2013. p. 215.
[489] Guilhermino César a Mário de Andrade, 15/05/1929. *In*: MENEZES, A. L. G. R. L. *Op. cit.*, 2013. p. 126.
[490] CAMPOS, Augusto de. Revistas re-vistas: os antropófagos. *Revista de Antropofagia*. Edição fac-similar. São Paulo: Abril, Metal Leve S.A., 1975.
[491] Antônio Sérgio Bueno retomou alguns estudos críticos que afirmaram a ligação de *leite criôlo* com a *Antropofagia*. Cf. BUENO, Antônio Sérgio. *Op. cit.*, 1982. p. 167-1968.

particulares que possuíam aproximações e distanciamentos com outros grupos e personalidades do período.

A estreia de *leite criôlo* foi intencionalmente escolhida na data de 13 de maio de 1929, em comemoração à abolição da escravatura. Em formato de tabloide, este primeiro número foi distribuído em praça pública. Em seguida, a revista passou a circular semanalmente aos domingos como suplemento literário do jornal *Estado de Minas* e registrou neste suporte um total de 18 edições, publicadas no período de 02 de junho a 29 de setembro. Portanto, coexistiu junto a ela o único número da segunda fase de *Verde*, de maio, e a segunda dentição da *Revista de Antropofagia*. Dirigida por João Dornas Filho, Aquilles Vivacqua e Guilhermino César, *leite criôlo* figurou no modernismo com o ideário do "criolismo" que tratou do nacionalismo pelo viés do problema racial. Contudo, essa linha não deixou evidente seu posicionamento sobre a questão, como apontado por Gilberto Mendonça Teles: "[...] constitui dentro das aberturas do modernismo uma das primeiras preocupações com o negro, preocupação aliás que não fica muito clara, se contra ou a favor".[492]

Sua repercussão, como visto anteriormente, foi relacionada com a antropofagia oswaldiana em oposição à liderança de Mário de Andrade, questionada neste momento. Adesão insinuada pelo artigo de Vivacqua[493] na *Antropofagia* e replicada outras vezes pela própria revista paulista para demonstrar a expansão do movimento antropófago em Minas. Como demonstrado na pesquisa de Miguel de Ávila Duarte, esta aproximação não se sustentava no interior da publicação mineira, embora os antropófagos paulistas constantemente intentassem fazer de *leite criôlo* uma "subsidiária local" da *Revista de Antropofagia*.[494]

Há de se considerar que Guilhermino César, embora envolvido em novo projeto modernista, se solidarizasse com as frequentes ridicularizações dirigidas a Mário de Andrade na *Antropofagia*, dada a ligação íntima dos verdes com o poeta paulista desde 1927. Como procurou esclarecer na carta de 15 de maio, Guilhermino não compactuava com a adesão à antropofagia e nesta mesma carta enviou *leite criôlo* para Mário, na tentativa de aproximá-lo da nova revista mineira:

---

[492] TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e Modernismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1976. p. 308.
[493] A respeito do artigo "Especial para nós: - da Sucursal da 'Antropofagia' em Minas Gerais", publicado no nº 7 da *Revista de Antropofagia* (2ª dentição).
[494] DUARTE, Miguel de Ávila. *leite criôlo*: da rede modernista nacional à memória monumental do modernismo. 2011. 224 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. A questão da relação de *leite criôlo* com outros grupos e correntes modernista foi especialmente tratada no capítulo 2, intitulado "Cavando um lugar de modernista: *leite criôlo* e a rede modernista nacional".

> aí vai o primeiro número da *leite criôlo* pra V. ler e mandar a opinião. Não se descuidando de uma coisa: nós todos fazemos questão (se V. não se envergonha de nos ter ao seu lado no jornal) de auxílio, em prosa ou em um verso, o que V. entender, pro número de junho. Podemos esperar e eu tenho esperança em V. e Alcântara.[495]

Ao procurar esclarecer qualquer mal-entendido, Guilhermino certificou a importância da presença e avaliação de Mário e Alcântara Machado em sua nova aventura modernista, assim como em *Verde* puderam contar com o apoio destes dois intelectuais. Para *leite criôlo*, Mário enviou uma única colaboração publicada na edição de 23 de junho, o poema inédito "Assustado" escrito em 1922.[496] Com a mesma finalidade, Guilhermino escreveu a Alcântara Machado, que lhe deu uma resposta direta sobre a situação com conselhos de que se afastassem dos antropófagos:

> Recebi sua carta – e o jornalzinho. Já já não posso enviar cousa alguma. Nem tempo nem veia. A que existe mal chega para o gasto obrigatório. A iniciativa está claro que a aplaudo vivamente. Mas peço a você o favor de não mexer com os antropófagos do *Diário de S. Paulo*. Deixe os tais apodrecerem sozinhos. O que há de melhor a fazer é conjuração de silêncio. Ataque literário a gente contraria. Expressão de mau caráter não. Faça como lhe digo e não se arrependerá [...][497]

Como exposto na carta, Alcântara não colaborou diretamente com *leite criôlo*, embora tivesse acolhido a iniciativa. Dos modernistas em cena no *Diário de S. Paulo*, apenas Raul Bopp figurou na publicação mineira, assinando três colaborações sob o pseudônimo de Jacob Pim-Pim.

Em relação aos modernistas mineiros antes articulados na publicação de *A Revista*, estiveram presentes Carlos Drummond de Andrade e João Alphonsus, o que coincide com o período em que viviam em Belo Horizonte. Mesmo sem aderir ao programa criolista, apoiaram o projeto logo em seu início, no tabloide de 13 de maio, onde João Alphonsus assinou o poema "Desejo lírico" e Drummond figurou com o trecho em prosa "Conheço um país" e a "Quadrinha sobre o regresso de Pedro Nava", que foi publicada com seu já conhecido pseudônimo Antonio Crispim. Apesar de divergirem sobre as questões do movimento, a presença dos colegas do Estrela foi saudada por João Dornas em entrevista no *Correio de Minas*: "[...] o Carlos Drummond e o João Alphonsus divergem de muita coisa que pensamos. E estão aí firmes conosco, prestigiando o nosso jornal com colaboração de primeiríssima. E Deus nos livre se

---

[495] Guilhermino César a Mário de Andrade, 15/05/1929. *In*: MENEZES, A. L. G. R. L. *Op. cit.*, 2013. p. 216.
[496] ANDRADE, Mário. Assustado. *leite criôlo*, nº III (4º), ano I, 23 de jun. 1929.
[497] Alcântara Machado a Guilhermino César, 20/05/1929. *In*: MENEZES, A. L. G. R. L. *Op. cit.*, 2013. p. 216-217.

não estivessem."[498] Além dessas colaborações no tabloide de estreia, ambos os poetas assinaram apenas uma nova colaboração cada dentro do novo formato de suplemento.[499]

Possivelmente pela adesão conjecturada nas páginas da *Revista de Antropofagia*, Drummond e Alphonsus não chegaram a colaborar mais diretamente em *leite criôlo*, mas estes não chegaram a repudiar a iniciativa do grupo. Apenas João Alphonsus chegou a tratar abertamente desta polêmica ligação com os antropófagos:

> [...] Sinto uma certa náusea em falar em coisas deploráveis, do mesmo passo que sinto necessidade de esclarecer essas coisas, não para mim, mas para meus camaradas "leite criolistas" por exemplo, rapazes estimáveis mas que andara metidos por querer no meio do "movimento antropofágico".[500]

O assunto foi abordado na seção "Crônica Literária" mantida por Alphonsus no jornal *Estado de Minas* em 28 de julho, oportunidade em que era resenhada a obra *Estudos* (2ª série) de Tristão de Athaíde, também alvo de críticas dos antropófagos. Ao narrar os conflitos gestados na *Antropofagia*, João Alphonsus indiretamente orientava os rapazes de *leite criôlo* a se afastarem da polêmica antropofágica.[501]

Em companheirismo com Guilhermino César, os colegas de *Verde* abraçaram a publicação de *leite criôlo* e colaboraram em peso na revista. De acordo com Duarte, há uma certa correlação de continuidade entre as duas publicações mineiras: "textos publicados na *Verde* são republicados em *leite criôlo*, séries de poemas que começaram a ser publicadas na revista tem sua continuidade no suplemento, as homenagens ao poeta do grupo de Cataguases Ascânio Lopes [...] são constantes na publicação de Belo Horizonte.".[502] Fato que leva a concordância de outra análise deste mesmo pesquisador:

> A orientação do suplemento, no geral, estava mais próxima, apesar das diferenças de formato, do ecumenismo modernista de publicações como *Verde* e da primeira dentição da primeira dentição da *Revista de Antropofagia*, do que da estridência da segunda dentição desta última.[503]

Assim como Drummond e Alphonsus, os verdes não declararam a adesão ao programa criolista defendido pela revista belo-horizontina, mas foram bem mais presentes e constantes nas colaborações. De Cataguases, com participação em *Verde*, estiveram em *leite criolo* além

---

[498] Entrevista de julho de 1929 no *Correio de Minas* citada por BUENO, Antônio Sérgio. *Op. cit.*, 1982. p. 104.
[499] ANDRADE, Carlos Drummond de. Artistas bonitas de cinema. *leite criôlo*, nº 2, 9 jun. 1929. ALPHONSUS, João. Poema Honesto. *leite criôlo*, nº III (4º), 23 jun. 1929.
[500] *Apud* DUARTE, Miguel de Ávila. *Op. cit.*, 2011. p. 78.
[501] O episódio foi também analisado por DUARTE, Miguel de Ávila. *Op. cit.*, 2011. p. 78-81.
[502] *Ibid*, p. 68-69.
[503] *Ibid*, p. 76.

de Guilhermino César a frente do projeto, Oswaldo Abritta que liderou com maior número de contribuições (10), seguido de Cristóphoro Fonte-Boa (5), Rosário Fusco (4), Francisco Inácio Peixoto (2) e Ascânio Lopes com outras duas colaborações póstumas. Os verdes que ficaram de fora da nova publicação modernista foram Martins Mendes, Camilo Soares e Henrique de Resende. Última a aparecer no quadro de revistas modernistas da década de 1920, *leite criôlo* foi palco da congregação final dos mineiros no movimento modernista; ali se reuniram pela última vez alguns nomes representantes dos projetos anteriores de *A Revista* e *Verde*, ao fechar o ciclo desta jornada vanguardista que marcou o início de suas carreiras.

A opção pela análise sincrônica das revistas permitiu acompanhar a participação dos grupos mineiros na rede modernista nacional, que teve seu início logo após a famosa viagem de 1924. Daí até o final da década, os responsáveis pelos projetos de *A Revista* e *Verde* não só se valeram do periodismo para divulgar sua produção literária e sugerir caminhos para o movimento de renovação da cultura nacional, como também posicionarem-se diante dos debates então em curso.

Assim, os modernistas mineiros, por um lado, alcançaram reconhecimento nacional e, por outro, foram enredados nas disputas internas do movimento e viram-se na contingência de tomar posições. Se *Verde* é tida como mais combativa, há que se considerar que foi diretamente atacada pelo grupo de *Festa*, que, ao questionar a genealogia da vanguarda paulista capitaneada por Mário de Andrade, dirigiu seus ataques à publicação que naquele momento agregava os seus inimigos. A resposta do grupo de Cataguases foi incisiva, sem esquecer que teve na linha de frente a voz potente de Mário de Andrade, que saiu em defesa dos rapazes. Já *A Revista* não foi confrontada com tal oposição, pois, embora fosse contemporânea do projeto dissidente de *Novíssima*, a disputa acerca do debate nacional no movimento esteve polarizada entre os grupos de Oswald e Mário de Andrade em oposição a Menotti del Picchia. Isso não significa, porém, que o grupo de *A Revista* se manteve alheio às disputas, como evidencia a cisão dos Andrades durante a segunda dentição da *Revista de Antropofagia*, ocasião em que Drummond abertamente tomou o lado de Mário e questionou as incongruências dos antropófagos. Mais do que uma mera questão de amizade, a recusa em colaborar com o projeto de Oswald evidencia o grau de divergência na compreensão do que deveria ou não ser considerado moderno.

A perspectiva sincrônica revela as disputas, aproximações e distanciamentos delas resultantes. Em vez de situações com posições bem definidas, o que se observa é um jogo complexo, que envolveu a articulação destes intelectuais, expressa em revistas amigas/inimigas e a recorrente menção a grupos opostos. Importa destacar a circulação dos ideais modernistas e

como foram hábeis em explorar as polêmicas, arma de luta em torno da (re)construção da literatura brasileira e da própria noção de nacionalidade.

A análise evidenciou que a participação dos mineiros não se resumiu às suas revistas, ou seja, os responsáveis por *A Revista* e *Verde* não ficaram circunscritos à geográfica (Minas Gerais) e temporalidade (período de circulação de suas publicações), uma vez que participaram de outras revistas e eventos, ao que se soma a disputa em torno do seu apoio em momentos de disputa e tensão. A definição de modernismo(s) mineiro(s) é, portanto, insuficiente para dar conta das suas iniciativas, mais correto é chamá-los de integrantes do movimento modernista.

# CONCLUSÃO

A fortuna crítica a respeito do modernismo brasileiro consolidou as publicações mineiras de *A Revista* e *Verde* no chamado quadro "heroico" do movimento, dividindo a cena com outros títulos centrados no eixo São Paulo-Rio de Janeiro e legitimados na genealogia paulista do movimento, que toma a emblemática Semana de Arte de 1922 como o despertar vanguardista no país, em oposição a outras narrativas dissidentes. A consistente bibliografia sobre as revistas modernistas constituiu-se a partir de uma longa trajetória de estudos, cujo ponto de inflexão foi a década de 1960 com o projeto do Professor Aderaldo Castello, no qual *A Revista* e *Verde* foram individualmente objetos de pesquisa. Desde então, o mercado editorial também se empenhou em publicar edições fac-similares destas revistas, além do conjunto de cartas e memórias dos intelectuais envolvidos no movimento, o que contribuiu para avivar e instigar a compreensão do público em geral sobre este momento de renovação dos valores literários. Próximo ao seu centenário, o modernismo permanece como um assunto sempre em tela, ao mesmo tempo em que o papel das revistas na articulação de ideias foi reconhecido.

Neste sentido, (re)tomar *A Revista* e *Verde* como fonte de estudos teve como primeiro desafio o esforço em configurar uma problemática histórico-literária diante da extensa literatura especializada acerca das publicações e do contexto em que estão inseridas. Assim, a proposta foi a de examinar essas revistas mineiras na dupla perspectiva da diacronia e sincronia: a princípio, uma análise sistemática e comparada das publicações para compreender as aproximações e singularidades que caracterizaram seus projetos e grupos no período em que circularam, e, num segundo momento, ampliar o olhar para o quadro de revistas congêneres publicadas ao longo da década de 1920, com vistas a acompanhar os diálogos e tensões que estabeleceram entre si, entendendo a articulação destes intelectuais na rede modernista para além dos periódicos que fundaram. Tarefa que exigiu a leitura das várias revistas modernistas que circularam no período e seus respectivos estudos, as cartas trocadas entre os envolvidos e, no jogo de temporalidades, as memórias e entrevistas publicadas décadas após o fim do movimento, que trouxeram novas visões sobre esse passado. Com auxílio da tecnologia,[504]

[504] Nesta empreitada, foi fundamental contar com a disponibilidade do sistema de indexação de revistas elaborado pelo *Portal Revistas de Ideias e Cultura (RIC).* O projeto RIC é desenvolvido na Universidade Nova de Lisboa sob coordenação do Professor Luís Manuel Crespo de Andrade e tem por objetivo a construção de um website, destinado à divulgação e pesquisa de revistas culturais portuguesas, publicadas ao longo do século XX. Uma nova fase do projeto foi iniciada em 2019 com o intuito de abrigar algumas das revistas modernistas brasileiras. Este espaço em construção foi aberto dentro do site RIC, nomeado *Portal Revistas de Ideias e Cultura - Revistas Modernistas Brasileiras*, e reúne um grupo de pesquisadores de diferentes instituições em convênio da Biblioteca Brasiliana Mindlin Guita e José Mindlin (BBM)/ Universidade de São Paulo (USP). Na condição de pesquisadora participante do projeto, fui responsável pela indexação das publicações mineiras *A Revista* e *Verde* na base de dados RIC, o que permitiu extrair uma série de dados e informações sobre os periódicos, não dedutíveis pela leitura individual. A previsão é de que o site que abrigará as revistas modernistas brasileiras estará disponível para acesso no ano de 2022, em comemoração ao Centenário da Semana de Arte Moderna. Já o site português, *Revistas de*

aliada às sugestões metodológicas dos recentes estudos sobre revistas, novas perspectivas de análise a respeito das revistas modernistas permitiram recolocar questões a estes objetos.

Em relação às publicações de *A Revista* e *Verde*, a pesquisa permitiu rever o papel das mesmas na construção do movimento e questionar a própria noção de modernismo mineiro que lhes têm sido atribuída. Tomadas como representantes mineiras no vanguardismo literário, convencionou-se diferenciar as duas revistas, caracterizando-as de maneira simplista: a seriedade e prudência de *A Revista* em oposição a ousadia e combatividade de *Verde*. A questão foi reforçada por Mário de Andrade, em crônica publicada no *Diário Nacional* em 1932: "[...] A *Verde* chamava às armas, ao passo que *A Revista* nomeava generais."[505] De fato, as revistas se apresentaram de maneiras distintas ao público, mas a investigação pormenorizada demonstrou que as singularidades destes projetos foram além desta dualidade estática.

O embate direto de *Verde* com Tasso da Silveira marcou, definitivamente, uma postura defensiva sobre a primeira dissensão que estourou a cronologia do modernismo e, em resposta, foram alvos de pancadas críticas na tentativa de deslegitimar seu vanguardismo por vias da juventude do grupo e da dependência intelectual por Mário de Andrade. Frente às questões colocadas a seu tempo, *Verde* foi o alvo, mas também palco de defesa do vanguardismo não dissidente. Se comparadas pela atuação em seus periódicos por estrito, *A Revista* apresentou um modernismo mais contido, que precisou dividir seu espaço com o tradicionalismo vigente na sociedade belo-horizontina da época. Contudo, a proposta de estender o envolvimento modernista dos grupos para além de suas revistas permitiu averiguar a consagração de alguns destes intelectuais no movimento, participando de outros projetos e publicações, o que, consequentemente, os colocou em foco de debates e críticas. Mais ativo e presente em todos as revistas e eventos expressivos do período, Carlos Drummond de Andrade já à época se consolidava no campo literário brasileiro e, junto aos demais colegas, não se restringiram ao período de publicação de *A Revista*. Neste sentido, o modernismo construído pelo grupo de Belo Horizonte não se resumiu à prudência inicial de sua revista, já os verdes não mantiveram a postura ativa e combativa ao fim de sua revista. Com efeito, o modernismo dos grupos de *A Revista* e *Verde* demonstraram outros contornos quando analisados além da baliza temporal de suas publicações.

---

*Ideias e Cultura* (RIC), permanece em constante elaboração e inclusão de novos periódicos selecionados, reunindo o trabalho de diversos pesquisadores, com acesso aberto, onde constam mais informações sobre o projeto e as revistas disponíveis: http://ric.slhi.pt/ Acesso em: 11 jan. 2021.

[505] ANDRADE, Mário. *Táxi e outras crônicas no Diário Nacional*. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades/Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976. p. 220.

Assim como o tempo, o aspecto espacial foi repensado frente à historiografia do tema. Numa trajetória consolidada de estudos, a cidade de São Paulo foi tomada como símbolo do modernismo no país e, nas últimas décadas, pesquisadores repensaram o papel do vanguardismo carioca no movimento. Leituras que, por vezes, silenciaram outras manifestações figuradas no país como provincianas e paralelas ao espaço central de debate. No entanto, o esforço do movimento se deu no avanço da compreensão das culturas brasileiras e sua conexão pelo vanguardismo, sobretudo com o empenho de Mário de Andrade, do qual foi emblemática a criação de *Macunaíma* como alegoria do processo de "desgeografização" para conhecimento da "entidade brasileira" em sua diversidade regional. Tempos depois, na conhecida conferência de 1942, Mário retomou a ideia ao afirmar que uma das conquistas magníficas do movimento modernista brasileiro foi justamente a descentralização intelectual, por permitir que outras regiões do país tivessem o mesmo peso intelectual dos grandes centros; em suas palavras: "O movimento modernista, pondo em relevo e sistematizando uma 'cultura' nacional, exigiu da Inteligência estar ao par do que se passava nas numerosas Cataguases."[506], o que teve como consequência direta a descoberta de nomes significativos de nossa literatura. Portanto, o processo de modernização das ideias não esteve subjugado ao elemento urbano. Sob esta perspectiva desregionalizada, o movimento modernista pode ser compreendido de maneira mais complexa por suas singularidades e as diversas contribuições de grupos que compuseram este movimento amplo e coletivo.

Em suas particularidades, as publicações de *A Revista* e *Verde* desenharam as expressões mineiras na construção coletiva do movimento modernista no Brasil. A análise sistemática e comparativa destas revistas possibilitou averiguar que a afirmação de "modernismo mineiro", constituído por *A Revista* e *Verde*, é limitante, visto que cada uma delas respondeu, com características próprias, aos impasses e tensões que atravessaram o campo modernista no momento em que circularam, levando em consideração o quadro sucessivo de revistas congêneres publicadas ao longo da década de 1920. Entre os vários modernismos que marcaram o processo de renovação literária no país, coube aos grupos responsáveis pelos projetos de *A Revista* e *Verde* participar ativamente nos debates então em curso no campo das vanguardas e manter estreita relação com outros núcleos da rede modernista, assim, não ficaram circunscritos ao território mineiro, e o envolvimento nestas empreitadas alcançou uma repercussão que vai além do período de circulação de cada uma das revistas.

[506] ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. O movimento modernista. São Paulo: Martins, 1974. p. 240.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Periódicos

*A Manhã* (Rio de Janeiro, 1925)
*A Noite* (Rio de Janeiro, 1911-1957)
*A Revista* (Belo Horizonte, 1925-1926)
*América Latina* (Rio de Janeiro, 1919-1920)
*Arco e Flexa* (Salvador, 1928-1929)
*Árvore Nova* (Rio de Janeiro, 1922-1923)
*Correio da Manhã* (Rio de Janeiro, 1901-1974)
*Correio Paulistano* (São Paulo, 1854-1930)
*Diário de Minas* (Belo Horizonte, 1899-1931)
*Eléctrica* (Itanhandu, 1927)
*Estética* (Rio de Janeiro, 1924-1925)
*Feira Literária* (São Paulo, 1927-)
*Festa* (Rio de Janeiro, 1927-1928; 1934-1935)
*Folha de S. Paulo* (São Paulo, 1921-)
*Jaz-Band* (Cataguases, 1927)
*Klaxon* (São Paulo, 1922-1923)
*La Révolution Surrealiste* (Paris, 1924-1929)
*Lanterna Verde* (Rio de Janeiro, 1934-1938; 1943-1944)
*leite criôlo* (Belo Horizonte, 1929)
*Madrugada* (Porto Alegre, 1926)
*Mercure de France* (Paris, 1890-1898)
*Montanha* (Ubá, 1928)
*Novíssima* (São Paulo, 1924-1926)
*O Globo* (Rio de Janeiro, 1925)
*Revista de Antropofagia* (São Paulo, 1928-1929; 1929)
*Revista do Brasil* (São Paulo, 1916-1925; 1926-1927; 1938-1944; 1984-1999)
*Rio-Revista* (Rio de Janeiro, 1895)
*Rosa Cruz* (Rio de Janeiro, 1901-1904)
*Terra do Sol* (Rio de Janeiro, 1924)
*Terra Roxa e outras terras* (São Paulo, 1926)

*Vera-Cruz* (Rio de Janeiro, 1896)

*Verde* (Cataguases, 1927-1928; 1929)

**Instituições (endereços eletrônicos)**

Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin (BBM/USP) – Acervo Digital - https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1

Biblioteca Digital da Unesp (Bibdig) – https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/26338.

Biblioteca Nacional Digital – Hemeroteca Digital Brasileira (BND-HDB) - https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/

Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa da Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis (Cedap-Unesp/Assis) - https://www.assis.unesp.br/#!/pesquisa/cedap

Portal de Revistas Ideias e Cultura (RIC) - http://ric.slhi.pt/

**Fac-similares**

*Estética* (Rio de Janeiro, 1924-1925). Edição fac-similar comemorativa. Rio de Janeiro: Gernasa/Prolivro, 1974.

*Revista de Antropofagia* (São Paulo, primeira dentição, 1928-1929; São Paulo, segunda dentição, 1929). Edição fac-similar. São Paulo: Abril Cultural/Metal Leve S/A, 1975.

*Klaxon* (São Paulo, 1922-1923). Edição fac-similar de *Klaxon*. São Paulo: Martins/ Secretaria da Cultura Ciência e Tecnologia, 1976.

*Terra Roxa e outras terras* (São Paulo, 1926). Edição fac-similar. São Paulo: Martins/ Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977.

*A Revista* (Belo Horizonte, 1925-1926). Edição fac-similar. São Paulo: Metal Leve S/A, 1978.

*Verde* (Cataguases, primeira fase, 1927-1928; Cataguases, segunda fase, 1929). Edição fac-similar. São Paulo: Metal Leve S/A, 1978.

*Arco e Flexa* (Salvador, 1928-1929). Edição fac-similar. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978.

*Festa* (Rio de Janeiro, primeira fase, 1927-1929). Edição fac-similar. Rio de Janeiro: PLG-Comunicações/Inelivro, 1980.

*Madrugada* (Rio Grande do Sul, 1926) – Edição fac-similar. RAMOS, Paula (Org.) A Madrugada da Modernidade (1926). Porto Alegre: Editora UniRitter, 2006.

*leite criôlo* (Belo Horizonte, 1929). Edição fac-similar. MARTINS FILHO, Amilcar Vianna; CABRAL, Cleber Araújo (Orgs.). Belo Horizonte: Instituto Cultural Amílcar Martins, 2012.

*Coleção Revistas do Modernismo (1922-1929)*. (Orgs.) PUNTONI, Pedro; TITAN Jr., Samuel. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin, 2014.

**Bibliografia**

ALAMBERT, Francisco. A fantasmagoria da Semana. *In*: FREITAS, Artur; KAMINSKI, Rosane (Orgs). *História e Arte:* encontros interdisciplinares. São Paulo: Intermeios, 2013, p. 177-200.

ALVES, IVIA. *Arco & Flexa*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978.

AMARAL, Aracy A. Pintura: "Tudo era revolucionário, tudo diferente". *Artes plásticas na Semana de 22*. São Paulo: Editora 34, 2010.

AMARAL, Aracy A. Pau-brasil na pintura de Tarsila. *Tarsila*: sua obra e seu tempo. São Paulo: Editora 34; Edusp, 2010.

AMARAL, Aracy A. A imagem da cidade moderna: o cenário e seu avesso. In: FABRIS, Annateresa (Org.). *Modernidade e modernismo no Brasil*. Porto Alegre: Zouk, 2010.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Aqueles rapazes de Belo Horizonte. *Correio da Manhã*, 12 jul. 1952.

ANDRADE. Carlos Drummond de. "*A Revista*, de novo. Interessa?". *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 21 set. 1978.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Anúncios, ideias, nomes em *A Revista*. *Folha de S. Paulo*, 23 set. 1978.

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. O movimento modernista. São Paulo: Martins, 1974. p. 231-255.

ANDRADE, Mário de. *Táxi e outras crônicas no Diário Nacional*. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades/Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

ANDRADE, Mário de. *Correspondente Contumaz*: cartas a Pedro Nava (1925-1944). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Telê Ancona Lopez, Tatiana Longo Figueiredo; Leandro Raniero Fernandes, colaborador. Brasília: Iphan, 2015.

ANTELO, Raúl. As revistas literárias brasileiras. *Boletim de pesquisa NELIC*. Florianópolis, UFSC, v. 01, n. 02. p. 7, 1997. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/nelic/article/view/1041. Acesso em: 12 set. 2019.

BANDEIRA, Manuel. Um livro e duas cartas. *Andorinha, Andorinha*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.

BATISTA, Marta Rossetti; LOPES, Telê Porto Ancona; LIMA, Yone Soares de. *Brasil*: 1º tempo modernista – 1917/1929 documentação. São Paulo: IEB, 1972.

BOMENY, Helena. *Guardiães da razão*: modernistas mineiros. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Tempo Brasileiro, 1994.

BOTELHO, André. O modernismo barroco de Pedro Nava. *In*: NAVA, Pedro. *Beira-mar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 13-31.

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. Belo Horizonte entre palavras e formas: o que restou da modernidade?. DRUTRA, Eliana de Freitas; BOSCHI, Caio C. (Orgs.). *Estudos sobre Belo Horizonte e Minas Gerais nos trinta anos do BDMG Cultural*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2018. p. 21-40.

BUENO, Antonio Sérgio. *O modernismo em Belo Horizonte*: década de 20. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982.

CACCESE, Neusa Pinsard. *Festa*: contribuição para o estudo do Modernismo. São Paulo: IEB/USP, 1971.

CAMARINHO, Mário. Glossário de Homens e coisas da Estética. Edição comemorativa fac-símile de *Estética*. Rio de Janeiro: Gernsasa/Prolivro, 1974.

CAMPOS, Augusto de. Revistas re-vistas: os antropófagos. *Revista de Antropofagia*. Edição fac-similar. São Paulo: Abril, Metal Leve S.A., 1975.

CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CASASSANTA, Mário. Crônica Universitária Magalhães Drummond. *Revista da Faculdade de Direito*, v. 2, out. 1950. p. 151-161.

CASTELLO, José Aderaldo. Apontamentos para a história do simbolismo no Brasil. *Revista da Universidade de São Paulo,* ano I, n.1, p. 111-121, jan.-fev. 1950.

CASTELLO, José Aderaldo. A pesquisa de periódicos na literatura brasileira. *In*: NAPOLI, Roselis Oliveira de. *Lanterna Verde e o Modernismo*. São Paulo: IEB, 1970. p. 3-7.

CÉSAR, Guilhermino. Os Verdes da *Verde,* depoimento à edição fac-simile. In: *Verde.* São Paulo: Metal Leve, 1978, s/p.

CURY, Maria Zilda. *Horizontes Modernistas:* o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

DANTAS, Pedro. Vida da Estética e não Estética da vida. Apresentação à edição fac-símile de *Estética*.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo.* Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DIAS, Fernando Correia. *O Movimento Modernista em Minas:* uma interpretação Sociológica. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1971.

DOYLE, Plínio. *História de revistas e jornais literários*. Rio de Janeiro: MEC/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1976, vol. I.

DUARTE, Miguel de Ávila. *leite criôlo*: da rede modernista nacional à memória monumental do modernismo. 2011. 224 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

EMÍLIO, Paulo. *Humberto Mauro, Cataguases, Cinearte.* São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

EXPOSIÇÃO de Tarsila do Amaral no Masp bate recorde histórico. *Exame*, São Paulo, 30 jul. 2019. Disponível em: https://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/exposicao-de-tarsila-do-amaral-no-masp-bate-recorde-historico/. Acesso em: 25 out. 2019.

FERRAZ, Eucanaã. Notícia (quase) filológica. Introdução a edição fac-similar da *Revista de Antropofagia*. *In*: PUNTONI, Pedro; TITAN JR. Samuel (Org.). *Revistas do Modernismo 1922-1929.* São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin, 2014.

FERREIRA, Antonio Celso. *A epopeia bandeirante*: letrados, instituições e invenções históricas (1870-1940). São Paulo: Editora Unesp, 2002.

FROTA, Lélia Coelho. (Org.). *Carlos & Mário*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi Produções Literárias, 2002.

GOMES, Angela de Castro. *Essa gente do Rio...* Modernismo e Nacionalismo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. *Verde* uma revista e arredores, prefácio a edição fac símile. *Verde*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin, 2014.

GUELFI, Maria Lúcia F. *Novíssima*: Contribuição para o estudo do Modernismo. São Paulo: IEB/USP, 1987.

HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*: sua história. São Paulo: Edusp, 2017.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. O lado oposto e outros lados. *In*: PRADO, Antonio Arnoni (Org.). *Sérgio Buarque de Holanda. O espírito e a letra.* Estudos de crítica literária (1920-1947). São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 224-228.

ILLOUZ, Jean-Nicolas. Les manifestes symbolistes*Littérature*, n°139, 2005. Marges. pp. 93-113; doi: https://doi.org/10.3406/litt.2005.1905 https://www.persee.fr/doc/litt_0047-4800_2005_num_139_3_1905.

JULIÃO, Letícia. Belo Horizonte: Itinerários da cidade moderna (1891-1920). *In*: DUTRA, Eliana de Freitas. *BH*: horizontes históricos. Belo Horizonte: C/Arte, 1996.

LARA, Cecília de. *Klaxon & Terra Roxa e outras terras*: dois periódicos modernistas de São Paulo. São Paulo: IEB, 1972.

LARA, Cecília de. *A Revista*: um novo elo na cadeia de periódicos modernistas, prefácio à edição fac-símile. In: *A Revista.* São Paulo: Metal Leve S/A, 1978.

LARA, Cecília de. A "alegre e paradoxal" revista *Verde* de Cataguases, prefácio à edição fac-símile. In: *Verde.* São Paulo: Metal Leve S/A, 1978, s/p.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *Modernismo no Rio Grande do Sul*: materiais para o seu estudo. São Paulo: IEB/USP, 1972.

LEONEL, Maria Celia de Moraes. Entrevista com Pedro Nava. *Estética e o Modernismo*: revista trimensal. São Paulo: Hucitec, 1984.

LEONEL, Maria Celia de Moraes. Mário, Klaxon, Estética e Terra Roxa. *Itinerários*: Revista de Literatura, n. 7, 1994, p. 108. Disponível em: http://hdl.handle.net/11449/107303. Acesso em: 01 dez. 2020.

LESSA, Ana Luisa Dubra. *Edição da correspondência Mário de Andrade & Ascenso Ferreira e Stella Griz Ferreira*: 1926-1944. 2012. Dissertação (Mestrado em Culturas e Identidades Brasileiras) - Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

LIMA, Yone Soares. *A ilustração na produção literária:* São Paulo – década de vinte. São Paulo: IEB/USP, 1985.

LÓPEZ, Camila Soares. *O Simbolismo no Mercure de France (1890-1898)*. 2017. 358 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2017.

LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1926-1944)*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

LUCA, Tania Regina de. A construção do ideal modernista: o lugar das revistas. *In*: FLORES, Maria Bernadete Ramos; PIAZZA, Maria de Fátima Fontes. (Orgs.) *História e Arte:* movimentos artísticos e correntes intelectuais. Campinas: Mercado de Letras, 2011, p. 221-235.

LUCA, Tania Regina de. Impressos periódicos: percursos de pesquisa. *In:* ISAIA, Artur César; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes (Orgs.). *Memória e identidade*: entre oralidade e escrita. Canoas: Editora Unisalle, 2018.

LUCA, Tania Regina de. Lado oposto e outros lados: Sérgio Buarque de Holanda, a imprensa e o modernismo (1920-1926). [no prelo].

MARQUES, Ivan. *Cenas de um modernismo de província:* Drummond e os rapazes de Belo Horizonte. São Paulo: Ed. 34, 2011.

MARQUES, Ivan. *Modernismo em revista:* estética e ideologia nos periódicos dos anos 1920. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013

MARQUES, Fabrício. A realidade que emerge da avalanche de dados. *Pesquisa Fapesp*, São Paulo, edição 255, mai.2017. Disponível em: https://revistapesquisa.fapesp.br/2017/05/23/a-realidade-que-emerge-da-avalanche-de-dados/. Acesso em: 22 out. 2019.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista*: Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: EDUSP/Fapesp, 2008.

MARTINS, Wilson. Uma *Festa* mal-humorada. *Modernismo* (1916-1945). São Paulo: Editora Cultrix, 1965.

MENEZES, Ana Lúcia G. R. L. *Amizade "carteadeira":* o diálogo epistolar de Mário de Andrade com o Grupo Verde de Cataguases. 2013. 433 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

MICELI, Sergio. *Vanguardas em retrocesso: ensaios de história social e intelectual do modernismo latino-americano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MILLIET, Sérgio. *Diário Crítico I*. São Paulo: Martins, 1981.

MINDLIN, José. Apresentação. *A Revista* (Belo Horizonte, 1925-1926). Edição fac-similar. São Paulo: Metal Leve S/A, 1978.

MIRANDA, Luciana Lilian. O modernismo do grupo *Festa* e a defesa de uma brasilidade universalista, 1919-1929. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, vol. 12, n. 1, p. 232-249, jan.-jul., 2019. p. 235-236.

MIRANDA, Wander de Melo. Linhas de um projeto. *In*: SOUZA, Eneida Maria de (org.). *Modernidades tardias.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. p. 11-18.

MOISÉS, Massaud. Modernismo. *Dicionário de termos literários.* São Paulo: Cultrix, 1988.

MORAES, Marcos Antonio. *Orgulho de jamais aconselhar:* a epistolografia de Mário de Andrade. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2007.

MORAES, Marcos Antonio de (Org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira.* São Paulo: Edusp/IEB, 2001.

MORAES, Marcos Antonio de. Edição da *Correspondência Reunida* de Mário de Andrade: histórico e alguns pressupostos. *Patrimônio e Memória*, Cedap – Unesp/Assis, v.4, n.2, p. 115-128, jun. 2009.

NAVA, Pedro. Recado de uma geração. *A Revista*. São Paulo: Metal Leve S/A, 1978, s/p.

NAVA, Pedro. *Chão de Ferro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NAVA, Pedro. *Beira-Mar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

OLIVEIRA, Olivia Fernandes. Notas sobre algumas páginas mais ou menos modernas. O "modernismo" na Bahia através das revistas. *Revista de Urbanismo e Arquitetura (RUA)*, v. 5, n. 1, p. 12-23, 1999.

PANICHI, Edina. *Processos de construção de formas na criação*: o projeto poético de Pedro Nava. Londrina: Eduel, 2016.

PATIÑO, Roxana. América Latina: literatura e crítica em revista(s). In: SOUZA, Eneida Maria de; MARQUES, Reinaldo. (Orgs.). Modernidades alternativas na América Latina. Belo Horizonte: Editora Ufmg, 2009. p. 456-470.

PAULA, Marcus Vinicius de. *Klaxon*: um percurso de leitura. 2000. 138 f. Dissertação (Mestrado em História e Crítica da Arte) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Vira e mexe nacionalismo*: paradoxos do nacionalismo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PETRY, Fernando Floriani. *O cão e o frasco, o perfume e a cruz*: arquivo *Rosa-Cruz* revisitado. 2011. 229 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

PETRY, Fernando Floriani. Arquivando conceitos: metodologias em revista. *Patrimônio e Memória*, Cedap – Unesp/Assis, v.7, n.2, p. 250-275, dez. 2011.

PRADO, Antonio Arnoni. *1922 – Itinerário de uma falsa vanguarda*: os dissidentes, a Semana e o Integralismo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

RESENDE, Henrique. *Pequena história sentimental de Cataguases*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1969.

ROMANELLI, Kátia Bueno. *A revista Verde:* contribuição para o estudo do modernismo brasileiro. 1981. 265 f. (Dissertação de Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1981.

SALGUEIRO, Heliana Angotti. La pensée française dans la fondation de Belo Horizonte : des représentations aux pratiques. In: *Revue de l'Art*, 1994, n°106. p. 85-96.

SAMPAIO, Márcio. Arte mineira: raízes e atualidades. *In*: DUTRA, Eliana de Freitas; BOSCHI, Caio C. (Orgs.). *Estudos sobre Belo Horizonte e Minas Gerais nos trinta anos do BDMG Cultural*. Belo Horizonte: Edições BDMG Cultural, 2018

SANT'ANA, Rivânia M. T., *O Movimento Modernista Verde, de Cataguases* – MG: 1927-1929. Cataguases: Instituto Francisca Inácio Peixoto, 2008.

SANTOS, Rodrigo Afonso Nogueira; KYRILLOS NETO, Fuad. Os primeiros tempos da psicanálise em Minas Gerais: a difusão das ideias freudianas na década de 1920 *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, [S.l.], v. 31, p. 80–106, 2017. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6430. Acesso em: 12 mar. 2021.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas Latino-Americanas*: polêmicas, manifestos e textos críticos. São Paulo: EDUSP/Iluminuras/Fapesp, 1995.

SILVA, Margaret Abdulmassih Wood. O Projeto de Estudos de Periódicos do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. *Revista do IEB*, n. 21, 1979, p. 117-122.

SILVA, Margaret Abdulmassih Wood. W. *A Revista:* contribuição para o estudo do modernismo em Minas Gerais. 1984. 325 f. (Dissertação de Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Orientação: Profª Drª Cecília de Lara. São Paulo, 1984.

SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. O sonho de uma *petite Paris*: os cafés no cotidiano da capital. *In:* DUTRA, Eliana de Freitas. *BH*: horizontes históricos. Belo Horizonte: C/Arte, 1996. p. 119-182.

SOUZA, Eneida Maria de. Nacional por abstração. *In*: MIRANDA, Wander Melo de (org.). *Narrativas da modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e Modernismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1976.

THÉRENTY, Marie-Éve. Pour une poétique historique du support. *Romantisme*, 2009/1 (n° 143), p. 109-115. DOI 10.3917/rom.143.0109.

VELLOSO, Mônica Pimenta. A brasilidade verde-amarela: nacionalismo e regionalismo paulista. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, p, 89-112, 1993.

VELLOSO, Mônica Pimenta. A "cidade-voyeur": o Rio de Janeiro visto pelos paulistas... *Revista Rio de Janeiro* (Memórias), nº 8, p. 83-100, set./dez. 2002.

VELLOSO, Mônica Pimenta. Entre o sonho e vigília: o tema da amizade na escrita modernista. *Tempo*, Niterói, v. 13, n. 26, p. 221, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042009000100011&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 09 dez. 2020.

VELLOSO, Monica Pimenta. *História e Modernismo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

VERGARA, Jorge. Homofobia e efeminação na literatura brasileira: o caso Mário de Andrade. *Revista Vórtex*, Curitiba, v. 3, n. 02, 2015, p. 98-126.

WALDMAN, Thaís Chang. Espaços de Paulo Prado: tradição e modernismo, *In*: Dossier thématique: Brésil, questions sur le modernisme. *Artelogie*, n° 1, Septembre 2011.

WERNECK, Humberto. Do alto de um viaduto. In: *O desatino da rapaziada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

# ANEXOS

## **I.** Nomes mais citados em *A Revista*

| **Nomes mais citados** | Ocorrências por nome |
|---|---|
| Mário de Andrade | 10 |
| Ronald de Carvalho | 8 |
| Guilherme de Almeida | 7 |
| Anatole France; Graça Aranha; Manuel Bandeira | 5 |
| Remy de Gourmont; Oswald de Andrade | 4 |
| Oscar Wilde; Arthur Rimbaud; Afonso Arinos; Jean Giraudoux; Max Jacob; António Gonçalves Dias; Jean Cocteau; Euclides da Cunha; Olavo Bilac; Jules Romains; Tarsila do Amaral; Paul Verlaine | 3 |
| **Total** | **37** |

**Fonte:** *A Revista*, Belo Horizonte, 1925-1926. Dados gerados pela plataforma RIC. Elaboração da autora.

## **II.** Nomes mais citados em *Verde*

| **Nomes mais citados** | Ocorrências por nome |
|---|---|
| Mário de Andrade | 29 |
| Rosário Fusco | 21 |
| Ascânio Lopes Quatorzevoltas | 20 |
| Antônio de Alcântara Machado | 19 |
| Tristão de Ataíde; Henrique de Resende | 13 |
| Carlos Drummond de Andrade | 12 |
| Oswald de Andrade | 11 |
| Rui Ribeiro Couto; Francisco Inácio Peixoto | 10 |
| Tasso da Silveira; Cândido Martins de Oliveira Júnior | 9 |
| Guilhermino César da Silva; Ascenso Ferreira; Ildefonso Pereda Valdés; Graça Aranha; Sérgio Milliet; Roberto Theodoro | 8 |
| **Total** | **152** |

**Fonte:** *Verde*, Cataguases, 1927-1928; 1929. Dados gerados pela plataforma RIC. Elaboração da autora.

**III.** Obras mais citadas em *A Revista*

| Obra citada | Ocorrências |
|---|---|
| *A Revista* (BH, 1925-1926) | 16 |
| *Paulicéia desvairada* – Mário de Andrade(1922) | 4 |
| *Meu* – Guilherme de Almeida (1925) | 4 |
| *A escrava que não é Isaura* – Mário de Andrade (1925) | 2 |
| *Memórias sentimentais de João Miramar* – Oswald de Andrade (1925) | 2 |
| *Septenário das dores de Nossa Senhora* – Alphonsus de Guimarães (1899) | 2 |
| *Estética* (RJ, 1924-1925) | 2 |
| *Anatole France em pantoufles* – Jean Jacques Brousson (1924) | 2 |
| *Flor do cardo* – Alberto Deodato | 2 |
| Demais obras com apenas 1 ocorrência | 109 |
| **Total** | **145** |

**Fonte:** *A Revista*, Belo Horizonte, 1925-1926. Dados gerados pela plataforma RIC. Elaboração da autora.

**IV.** Livros mais citados em *Verde*

| Livros citados | Data de publicação | Ocorrências |
|---|---|---|
| *Poemas cronológicos* - Henrique, Rosário e Ascânio | 1928 | 7 |
| *Estudos* - Tristão de Athaíde | 1927 | 6 |
| *Catimbó* - Ascenso Ferreira | 1927 | 5 |
| *Laranja da China* - Alcântara Machado | 1928 | 5 |
| *Brás, Bexiga e Barra Funda* - Alcântara Machado | 1927 | 5 |
| *Fruta do conde* - Rosário Fusco | 1929 | 4 |
| *Clã do Jaboti* - Mário de Andrade | 1927 | 4 |
| *Pátria Morena* - Martins de Oliveira | 1928 | 4 |
| *Codaque* - Rosário Fusco | não publicado | 4 |
| *Macunaíma* - Mário de Andrade | 1928 | 3 |
| *Turris Eburnea* - Henrique de Resende | 1923 | 3 |
| *Amar, verbo intransitivo* - Mário de Andrade | 1927 | 3 |
| *Primeiro andar* - Mário de Andrade | 1926 | 3 |
| *Serenidade* - Acquiles Vivacqua | 1928 | 3 |
| *O direito da família sobre o cadáver* - Ascânio Lopes | não publicado | 3 |
| *Meia Pataca* - Guilhermino César e F. Inácio Peixoto | 1928 | 3 |
| Demais livros com 2 ou 1 ocorrências | - | 107 |
| **Total** | | **172** |

**Fonte:** *Verde*, Cataguases, 1927-1928; 1929. Dados gerados pela plataforma RIC. Elaboração da autora.

**V.** Geográficos mais citados nas revistas

| **Geográficos em *A Revista*** | **Ocorrências por local** | **Geográficos em *Verde*** | **Ocorrências por local** |
|---|---|---|---|
| Brasil | 14 | Brasil | 29 |
| Minas Gerais | 12 | Rio de Janeiro; São Paulo | 25 |
| Belo Horizonte; São Paulo | 11 | Cataguases | 20 |
| Rio de Janeiro | 10 | Minas Gerais | 14 |
| França | 7 | Belo Horizonte | 9 |
| Paris | 6 | Buenos Aires; Pernambuco; Recife | 6 |
| Grécia | 4 | Montevidéu | 5 |
| Belo Horizonte (Avenida João Pinheiro) | 3 | Amazonas; França; Paris | 4 |
| Essen; Estados Unidos da América; Rio de Janeiro (Pão de Açúcar); Roma; Tejuco | 2 | Bahia; Itália; Juíz de Fora | 3 |
| Demais com apenas 1 ocorrência | 59 | Outros com 2 ou 1 ocorrências | 93 |
| **Total de ocorrências** | **147** | **Total de ocorrências** | **267** |

**Fonte:** *A Revista*, Belo Horizonte, 1925-1926; *Verde*, Cataguases, 1927-1928; 1929. Dados gerados pela plataforma RIC. Elaboração da autora.